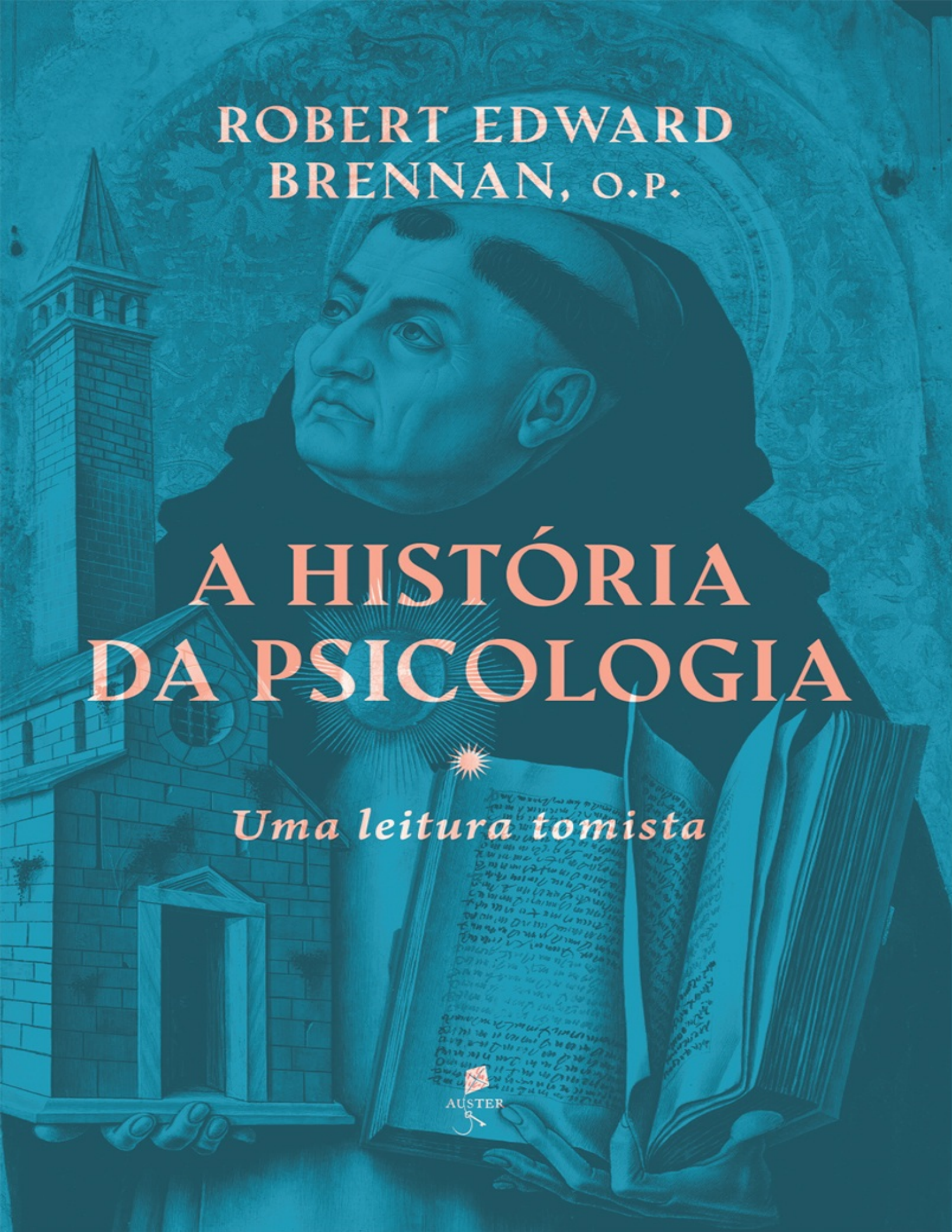




ROBERT EDWARD  
BRENNAN, O.P.

# A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

*Uma leitura tomista*

AUSTER

Robert Edward Brennan, O.P.

A história da psicologia:  
uma leitura tomista

Tradução de  
Fabio Florence



# Sumário

Capa

Folha de Rosto

## CAPÍTULO I

### **Prólogo**

1. Uma breve introdução
2. O patrimônio do conhecimento humano
3. Os momentos do conhecimento humano
4. O papel da filosofia
5. A tarefa especial da psicologia

## CAPÍTULO II

### **A antiga sabedoria e a nova ciência**

1. As metas do conhecimento humano
2. Como ciência e filosofia se relacionam entre si
3. Tipos de experiência
4. Duas maneiras de considerar a natureza humana
5. O que é a psicologia?

## CAPÍTULO III

### **Os pioneiros da psicologia**

1. O animismo do homem primitivo
2. As causas do animismo primitivo
3. As origens orientais
4. Os primeiros pensadores gregos
5. Uma grande verdade em germe
6. O caráter múltiplice da natureza
7. A tradição de Demócrito

8. Psicólogos da Escola Sofística
9. Sócrates
10. A tradição de Platão

#### CAPÍTULO IV

##### **A síntese aristotélica**

1. A fundação de uma nova tradição
2. A abordagem psicossomática na psicologia
3. O problema alma-corpo
4. O retrato dinâmico da vida
5. Fenômenos vitais
6. A vida do sentido
7. A vida da razão
8. A natureza das faculdades intelectuais
9. O significado da síntese de Aristóteles
10. A filosofia separada da superstição

#### CAPÍTULO V

##### **O declínio da sabedoria antiga**

1. Os psicólogos ecléticos
2. Um psicólogo médico da antiguidade
3. Filo, o Judeu
4. Plotino, o Místico
5. A grande transição
6. No ano do Senhor

#### CAPÍTULO VI

##### **Agostinho e os Padres**

1. A psicologia paulina
2. O gênio de Agostinho
3. A natureza da alma

4. O homem agostiniano
5. A doutrina da reminiscência
6. A liberdade humana
7. O homem prático
8. A doutrina da iluminação
9. A influência de Agostinho
10. A trajetória da psicologia patrística

#### CAPÍTULO VII

##### **Os escolásticos**

1. A renovação do ensino
2. O encontro de Oriente e Ocidente
3. O florescimento do movimento escolástico
4. Precursores da ciência moderna

#### CAPÍTULO VIII

##### **A síntese tomista**

1. Fontes de inspiração
2. O âmago da psicologia tomista
3. A verdadeira natureza do homem
4. O que é a alma?
5. A escala da vida
6. Como surge o nosso conhecimento
7. O que os sentidos conhecem
8. O surgimento das nossas ideias
9. A ordem do conhecimento humano
10. A vida do desejo e a ação
11. Como aperfeiçoamos nossas potências
12. A pessoa humana
13. O espírito do homem
14. Apelo à experiência

## 15. A filosofia separada da revelação

### CAPÍTULO IX

#### **O declínio da sabedoria medieval**

1. A oposição a Tomás de Aquino
2. Um conhecimento incompleto[5]
3. A psicologia de Ockham
4. Os frutos da incompreensão

### CAPÍTULO X

#### **O desenvolvimento da filosofia moderna**

1. Um divisor de águas
2. A filosofia cartesiana da natureza humana
3. O começo do caos
4. Tal pai tal filho
5. O amável panteísta
6. Os empiristas britânicos e franceses
7. Um interlúdio frenológico
8. Os idealistas
9. Um elogio ao processo
10. Resumo e transição
11. O sábio de Königsberg
12. A luz que definhou
13. Depois de Kant
14. Psicólogos da Escola Escocesa
15. A psicologia francesa no século xix
16. Campeões do associacionismo
17. Evolução e psicologia
18. Um olhar retrospectivo

### CAPÍTULO XI

## **O surgimento da psicologia científica**

1. A psicologia e as outras ciências naturais
2. Fatos e descobertas
3. O início do período experimental
4. O enfoque genético
5. O problema da hereditariedade
6. Diferenças individuais

### **CAPÍTULO XII**

## **O estabelecimento da psicologia como ciência**

1. A tradição Wundtiana
2. Outras tendências no campo experimental
3. Como aprendemos
4. Interesse e apatia

### **CAPÍTULO XIII**

## **A psicologia do ato**

1. Um novo ângulo de visão
2. O fracasso da psicologia do conteúdo
3. Atividades mentais superiores
4. O pensamento desprovido de imagens e a doutrina tomista
5. Estudos sobre a volição

### **CAPÍTULO XIV**

## **A mente como estrutura**

1. Um fervoroso discípulo de Wundt
2. Átomos de consciência
3. O problema da atenção
4. O campo da orexis
5. Pomos da discórdia
6. Outras descobertas dos introspecionistas

## CAPÍTULO XV

### **A perspectiva do funcionalismo**

1. O decano dos psicólogos americanos
2. O problema da emoção
3. O fluxo de consciência
4. O valor da atuação
5. O interesse pela adolescência
6. O naturalismo em psicologia
7. O ideal funcionalista

## CAPÍTULO XVI

### **A psicologia e seus parentes próximos**

1. A ligação da psicologia com outras ciências
2. Outras contribuições dos fisiologistas
3. Funções do sistema nervoso autônomo
4. A fisiologia cerebral
5. Experimentos com animais
6. A contribuição dos psicopatologistas

## CAPÍTULO XVII

### **O âmbito da psicometria**

1. Os testes mentais e o método experimental
2. Os pioneiros dos testes mentais
3. Os primeiros pesquisadores americanos
4. Os testes chegam à maioridade
5. A psicologia fatorial
6. O que é a inteligência?
7. A psicometria e a doutrina das faculdades
8. A fecundidade da pesquisa psicométrica

## CAPÍTULO XVIII

## **A psicologia behaviorista**

1. O espírito de rebelião
2. O pai do behaviorismo
3. O modo exterior de considerar o interior
4. O princípio da ação reflexa
5. O comportamento intelectual
6. Discípulos de Watson
7. A batalha acerca dos instintos
8. Os aspectos progressistas do behaviorismo
9. Omissões da técnica watsoniana
10. A consciência motorizada
11. A psicologia da resposta
12. O fracasso do behaviorismo como sistema de psicologia

## **CAPÍTULO XIX**

### **A psicologia da Gestalt**

1. O retorno do pêndulo
2. Antecedentes históricos
3. O fenômeno Phi
4. Desenvolvimentos ulteriores
5. Um voto de desconfiança
6. Avaliação

## **CAPÍTULO XX**

### **A psicologia psicanalítica**

1. Os enfoques empíricos em psicologia
2. A gênese da psicologia freudiana
3. A função dos símbolos
4. Um caso paradigmático
5. A onipotência do sexo
6. O sentinela que nunca dorme

7. A técnica psicanalítica

8. Dissidentes

9. Avaliação

#### CAPÍTULO XXI

### **Tendência atuais**

1. Novas terras por explorar

2. A investigação psíquica

3. Em terras anglófonas

4. A psicologia da totalidade

5. A psicologia do entendimento

6. A psicologia eidética

7. A psicologia personalista

8. O funcionalismo europeu

9. A pesquisa na Itália

10. O progresso na França

11. A psicologia russa

12. O panorama de setenta anos

#### CAPÍTULO XXII

### **Balanço geral desde um ponto de vista tomista**

1. As principais correntes

2. O estudo da natureza humana

3. Questões modernas

4. Dificuldades do cientista

5. A abordagem antropológica

6. Onde as coisas degingolaram

7. O homem em verdade e em realidade

### **Bibliografia**

**Nihil Obstat**

Charles Jerome Callan, O. P., S. T. M.

John Ambrose McHugh, O. P., S. T. M.

**Imprimi Potest**

Terence Stephen McDermott, O. P., S. T. LR.

**Nihil Obstat**

Ceslaus Maria Forest, O. P., S. T. M.

*Censor deputatus*

**Imprimatur**

+ Joseph Charbonneau, D. D.

*Arcebispo de Montréal*

*Tenebras illuminare, vias dirigere, latibula manifestare,  
differentias rerum ostendere.*

— Tomás de Aquino

Ao Senhor Olivier Maurault, Sacerdote de São Sulpício e Prelado doméstico, magnífico Reitor da Universidade de Montréal, dedico este volume em testemunho de minha profunda gratidão por sua inesgotável bondade para comigo e para com todos os outros professores que encontram em sua sorridente acolhida e em seu benevolente encorajamento uma fonte permanente de inspiração.

## Prólogo

### *1. Uma breve introdução*

Se alguém disser ao homem médio que é um psicólogo, as chances de que ele peça para ter sua mente lida ou para ser psicanalisado serão de dez contra uma. É improvável que a primeira dessas duas tarefas tenha qualquer relação com a psicologia; mas é certo que a segunda diz respeito apenas a um pequeno segmento do âmbito total da ciência da mente. Em nenhum desses dois casos é possível dizer que a leitura da mente ou o ato de psicanalisar é equivalente ao estudo da natureza humana que é a verdadeira tarefa da psicologia. Se a história contada nas páginas seguintes tiver o efeito de corrigir noções como essa, ela terá cumprido um dos seus propósitos.

Mas ela também possui outras ambições. A história da psicologia já foi contada. É possível indicar numerosos volumes robustos que fornecem relatos de como esse vasto e intrigante corpo de conhecimentos — que estuda a natureza humana a partir de tantos ângulos diferentes e frequentemente opostos — cresceu até sua estatura presente. Até onde sei, o livro agora oferecido ao estudante é o único que busca relatar a história da psicologia de uma maneira estritamente tradicional. Com isto quero dizer uma interpretação ou um ponto de vista que Aristóteles e Tomás de Aquino poderiam ter apresentado, caso pudessem, como nós, lançar um olhar retrospectivo sobre um panorama de aproximadamente três mil anos de desenvolvimento.

Ademais, a história da psicologia possui um pano de fundo tanto filosófico quanto científico. Com efeito, ela possui uma história bem mais filosófica do que científica. Não obstante, este fato seria dificilmente constatável pela leitura das crônicas que sobre ela são escritas hoje em dia. Estou bem seguro de que isso decorre de um preconceito positivista; vale dizer, a uma atitude consciente ou inconsciente, da parte de determinados cientistas, que pressupõe que a filosofia não tem nada com que contribuir para o âmbito da psicologia. Para tais homens, a

filosofia da natureza humana é algo completamente alheio à realidade, um conjunto de princípios etéreos que não possuem uma relação maior com a vida do que a Via Láctea ou os Jardins Suspensos da Babilônia. Se o presente volume despertar a mais tênue dúvida quanto à razoabilidade de tal atitude, ele terá realizado outra das suas ambições.

Por fim, devo dizer que não tenho ilusão alguma acerca das deficiências do meu trabalho. Seria loucura pensar que uma história tão longa pode ser adequadamente narrada num espaço tão pequeno. Tudo o que desejo fazer aqui é manifestar minha insatisfação com a maneira como a história da psicologia tem sido contada até agora, e pôr em evidência a possibilidade de uma nova maneira de abordar seu conteúdo. Seja-me permitido dar um passo a mais e dizer que todos os dados factuais que se acumularam nos laboratórios e consultórios clínicos ao longo dos últimos cinquenta anos podem ser alocados unicamente em uma tradição, no que diz respeito ao significado filosófico deles, e essa é a tradição de Aristóteles e de Tomás de Aquino. Posso estar equivocado neste juízo, mas meu livro é uma tentativa de provar que estou correto.

Seguindo o conselho de autoridades competentes, esforcei-me por ser breve, e, ao fazê-lo, indubitavelmente caí no vício da obscuridade. Há pontos obscuros nos retratos de algumas das grandes figuras da psicologia tais como as retratei. Há linhas deixadas de fora que completariam o retrato e que haveriam de torná-lo o interessante espetáculo que a história da psicologia deveria ser. Por outro lado, se o estudante for diligente para dominar os conteúdos deste livro, ele terá, atrevo-me a dizer, uma ideia razoavelmente boa das linhas gerais da ciência e da filosofia da natureza humana. A partir desse ponto, ele mesmo deve preencher as lacunas por uma leitura mais aprofundada dos textos.

## *2. O patrimônio do conhecimento humano*

No drama da história intelectual do homem, três conhecimentos desempenharam um papel significativo, correspondendo aos três períodos do desenvolvimento da experiência humana. Esses conhecimentos são a filosofia, a teologia e a ciência. As idades são a antiga, a média e a moderna. No primeiro período, que alcançou o seu apogeu com as sabedorias de Platão e de Aristóteles, a filosofia se separou da superstição. No segundo período, representado da maneira mais perfeita na obra

de Tomás de Aquino, a filosofia se desvinculou da teologia. No terceiro período, a idade na qual atualmente vivemos, a filosofia se distinguiu da ciência.

A glória dos antigos foi ter aperfeiçoado o conhecimento filosófico; a dos medievais, ter conduzido o conhecimento teológico ao mais elevado grau de excelência; a dos modernos, ter cultivado e aplicado a ciência tendo em vista os interesses da humanidade. Cada um desses conhecimentos, a filosofia, a teologia e a ciência, é herdeiro legítimo do patrimônio do progresso humano. Cada um deles fez uma profunda contribuição ao avanço da cultura e felicidade humana. Assim como o nascimento e o crescimento da teologia não implicou a espoliação da filosofia, assim também o surgimento da ciência não deve significar a espoliação nem da filosofia nem da teologia.

### *3. Os momentos do conhecimento humano*

No mundo antigo, praticamente não havia distinção entre filosofia, teologia e ciência. Se for o caso de apontar uma diferença, será em termos de orientação. Dessa maneira, a sabedoria de Demócrito e dos primeiros cosmólogos se concentrava na matéria. Ela era dotada de um direcionamento fenomênico e de uma perspectiva científica. A sabedoria de Platão e dos Acadêmicos se fixava na forma. Ela dirigia seu olhar para o Céu e era teológica em sua meta final. A sabedoria de Aristóteles e dos Peripatéticos era filosófica, mas dotada de uma visão oscilante: ora dirigida para a matéria e a ciência, ora para a forma e a teologia. Foi em seus aspectos aristotélicos que o conhecimento dos antigos alcançou a maior maturidade. Isso significa, evidentemente, que a filosofia foi a forma mais aperfeiçoada de conhecimento humano antes do surgimento da erudição cristã. Podemos de fato dizer que a filosofia desse primeiro momento discerniu bastante bem as três diferentes direções pelas quais a mente humana podia se desenvolver.

O mundo medieval e sua cultura representaram um período altamente polarizado do progresso humano. Sua polarização adveio da influência religiosa exercida pelas verdades da revelação. O conhecimento humano, em seus aspectos filosóficos, possuía uma função apenas incidental por desempenhar; mas, tendo alcançado um estatuto independente no mundo antigo, ele estava obrigado a reafirmar sua personalidade própria, a despeito das reivindicações da teologia patrística e medieval. Durante aproximadamente os primeiros mil anos de sua

coexistência com a revelação, ele vestiu uma máscara platônica, pois esta parecia ser mais adequada às demandas do ascetismo cristão. Mas a filosofia não poderia continuar submersa no vasto oceano do conhecimento teológico. Aristóteles foi recordado e ressuscitado no Ocidente. O final feliz dessa história foi alcançado quando Tomás de Aquino, no século XIII, cristianizou Aristóteles e realizou a perfeita distinção entre filosofia e teologia. Independentemente da sua atitude para com a ciência, ficava agora bastante claro que a sabedoria filosófica dos gregos era um ramo separado dos estudos humanos, que poderia ser cultivado de maneira autônoma em relação à sabedoria teológica dos Padres. Agora, como nunca antes, as duas disciplinas se compreendiam reciprocamente; e, a partir dessa distinção acentuada, adveio uma união e uma compatibilidade que nunca antes haviam sido possíveis. Se a glória do primeiro momento foi, assim, a glória de Platão e de Aristóteles, a glória do segundo momento foi claramente a do Doutor Angélico. A síntese tomista foi de fato um avanço no conhecimento humano, pois, por ter operado essa separação entre filosofia e teologia, ela possibilitou que aquela alcançasse uma maturidade que outrora havia sido impossível.

No mundo moderno, a ciência ocupa o centro do palco. As dádivas dos filósofos e dos teólogos não foram esquecidas; mas a ciência abre novos panoramas de mundos nunca antes vistos e nem sonhados por conquistar. Agora, a filosofia está dividida entre a teologia e a ciência. Em seu esforço para resolver o dilema, ela tenta ser todas as coisas a um só tempo. Ela está novamente em busca da sua máscara, mas, dessa vez, é uma máscara antes democriteana do que platônica, pois esse é o disfarce sob o qual ela mais facilmente se reconcilia com as reivindicações da ciência. A filosofia cometeu um erro desse tipo antes, quando cortejou as boas graças da teologia e assumiu uma perspectiva idealista. Agora, a tentação vem da outra direção — do altar do progresso científico e do culto do que é material. Caso não volte o olhar para a rocha aristotélica a partir da qual foi talhada, a filosofia ficará novamente prisioneira nas mãos do positivismo.

#### *4. O papel da filosofia*

Na síntese alcançada por Tomás de Aquino, filosofia e teologia ficaram bem unidas porque foram bem distinguidas. Assim, na síntese que a mente moderna há de realizar, as mesmas tarefas críticas de união e distinção devem ser operadas no

campo da filosofia e da ciência. Na escala ascendente do conhecimento humano, a sabedoria da filosofia ocupa uma posição intermediária, e, portanto, estratégica. Ela olha para baixo, percorrendo os vastos limites da matéria com a qual a ciência se ocupa, e para cima enquanto vislumbra os ilimitados confins do espírito com os quais a teologia em especial se ocupa. Assim ampliando sua visão de mundo, ela alcançará uma melhor compreensão de si mesma.

A ascensão da ciência multiplicou as tarefas que a filosofia é agora chamada a desempenhar. Os frutos da sabedoria podem ser conduzidos a uma maturidade mais completa pela própria existência dos erros contra os quais ela deve combater, tais como o positivismo dos cientistas, precisamente da mesma maneira como o conhecimento teológico se tornou mais perfeito pela presença de doutrinas que militam contra o depósito da fé. O conhecimento da teologia trouxe uma melhor compreensão da filosofia de Aristóteles. De maneira semelhante, o conhecimento da ciência há de resultar numa melhor compreensão da filosofia de Tomás de Aquino.

### *5. A tarefa especial da psicologia*

Dentre todos os ramos da filosofia, o da psicologia possui, quiçá, as tarefas mais cruciais por desempenhar. Para começar, o homem deve compreender a si mesmo, o seu próprio espírito e a maneira pela qual seu intelecto opera antes de poder esperar corrigir os erros que o idealismo e o positivismo impuseram ao seu pensar. Se a filosofia da psicologia não for sólida e reconfortante, a ciência da psicologia não pode ter esperança de nenhum progresso real. Infelizmente, muito do que hoje é proclamado como psicologia científica não tem pretensão alguma ao título de ciência. A desgraça não seria aqui tão grande se as falsidades e as presunções infundadas se limitassem ao âmbito da teoria pura. Mas elas não se limitam! A psicologia, com efeito, abriu seu caminho em direção ao mundo prático onde com enorme frequência foi causa de incontáveis desordens na educação, na ética, na religião e na política. Sua própria capacidade de difusão por todas as direções mostra sua extrema importância. Ela é a raiz teórica de todas as disciplinas morais.

Considerar o homem cientificamente, sem estudá-lo em sua natureza filosófica, inevitavelmente resultará numa falsa compreensão do seu ser real. E, das duas abordagens, seguramente a filosófica é a mais importante. Podemos negligenciar a

análise científica e ainda assim possuir uma noção basicamente correta da natureza humana. Mas duvido que possamos negligenciar a análise filosófica e ainda assim conservar uma noção sólida do que o homem realmente é. Dessa maneira, para Aristóteles, que sabia muito pouco acerca da nossa ciência moderna da mente, o homem era um animal racional. Para Tomás de Aquino, que também não era familiarizado com as técnicas da psicologia experimental, o homem era uma pessoa. Ambas essas opiniões eram fundamentalmente corretas. Mas para Watson, ou Koehler, ou Freud, o homem é um animal regulado por reflexos, ou configurações, ou impulsos libidinosos; e todas essas opiniões são fundamentalmente incorretas.

## **A antiga sabedoria e a nova ciência**

### *1. As metas do conhecimento humano*

O conhecimento humano é útil tanto para o controle dos fenômenos naturais quanto para a administração da conduta humana. A ciência é aplicável no primeiro caso; e a filosofia, no segundo. A ciência nos confere domínio sobre as operações da natureza como meios para uma finalidade física. A filosofia — e mais especificamente a filosofia moral — nos fornece regras de sabedoria acerca das ações humanas como meios para uma finalidade ética. Dado que é crucial sermos homens bons, independentemente das nossas realizações científicas, é evidente que a utilidade da filosofia é absoluta na ordem natural, ao passo que a utilidade da ciência é meramente relativa. Dessa maneira, pertence ao âmbito da filosofia discutir os bens humanos e a ordenação adequada destes à completude da felicidade humana. Já a ciência nada tem que ver com essa questão.

Todo o conhecimento científico que se acumulou desde o século XVI não altera em nenhum detalhe essencial a análise básica da natureza moral do homem, nem suas virtudes intelectuais e morais, nem a felicidade natural que é a meta de tais virtudes. A ciência, evidentemente, pode servir aos fins da felicidade humana quando é cultivada por propósitos éticos e prudentemente empregada no interesse da humanidade. A ciência é produtora de frutos que se tornam valores quando regulados por princípios morais. A tarefa diretiva da filosofia se torna mais difícil na exata medida em que aumentam os avanços feitos pela ciência e pela tecnologia.

### *2. Como ciência e filosofia se relacionam entre si*

Encontram-se certas dificuldades quando se tenta distinguir ciência e filosofia. Dois pontos de vista se apresentam.

Por um lado, há aqueles que dizem que a ciência e a filosofia são duas espécies

distintas de conhecimento. Dessa maneira, o objeto material, ou a coisa conhecida, é o mesmo para ambas as disciplinas. Ele pode ser descrito como a ordem física da realidade; vale dizer, a ordem da natureza que existe de maneira sensível e sob as condições da mobilidade e da mudança. Dentro desse objeto material, contudo, podemos descobrir certas distinções formais de coisas buscadas em função de propósitos especiais de análise e que constituem aspectos particulares do objeto material. O cientista natural se ocupa com a ordem fenomênica ou empiriológica das substâncias corpóreas, vale dizer, com a natureza essencial da realidade física. Ele estuda, portanto, não apenas a essência das substâncias físicas, mas também a essência dos acidentes físicos. De acordo com essa perspectiva, ciência e filosofia operam no mesmo nível genérico de abstração, conquanto sejam diferentes em espécie. Ambas lidam com a matéria sensível, mas a partir de pontos de vista diferentes. Podemos contrastá-las e diferenciá-las, em primeiro lugar, porque elas têm algo em comum, a saber, o mesmo objeto material; em segundo, porque possuem algo distinto, a saber, objetos formais diversos.

Por outro lado, há aqueles que declaram não ser possível encontrar distinção formal alguma no objeto material da ciência e da filosofia. Ambas constituem uma única doutrina ou uma única espécie de conhecimento, vale dizer, uma única *scientia*, no sentido tradicional do termo. Ambas visam compreender o ente móvel, ainda que a ciência, no sentido moderno do termo, se ocupe principalmente com acidentes, ao passo que a filosofia se ocupa principalmente com a substância. Ambas operam no mesmo nível específico de abstração. A meta, aqui, é a compreensão da natureza em seus aspectos sensíveis ou móveis; e uma meta como essa inclui um conhecimento tanto da substância quanto dos acidentes, uma vez que estes últimos são efetivamente inteligíveis somente relacionados com aquela. Tendo uma única meta em vista, o estudante emprega toda ferramenta à sua disposição para melhor compreender o significado da natureza física: todos os tipos de raciocínios incidindo sobre todos os tipos de fatos selecionados a partir de todos os tipos de observação.

### 3. *Tipos de experiência*

À parte o tipo de distinção que há entre ciência e filosofia, há uma diferença ulterior de planos de fundo que pode ajudar a esclarecer a posição de cada uma no

conjunto do conhecimento humano. É a diferença entre experiência comum e especial. Tanto a ciência quanto a filosofia começam com os dados da indução. Mas a ciência, com seus instrumentos de precisão, é capaz de descobrir uma riqueza de detalhes que está oculta para a experiência comum. A filosofia, por outro lado, não emprega ferramenta alguma além dos puros sentidos. Deve-se notar, logo de partida, que a experiência especial não altera a experiência comum, mas meramente a refina. Dessa maneira, se a experiência em sentido vulgar é a fonte da informação filosófica, a experiência no sentido experimental e clínico é a fonte de informação científica. A experiência, em ambos os casos, é empírica, o que significa que a filosofia, assim como a ciência, é empírica. A partir dos dados da experiência comum ou pública, derivamos as verdades gerais da filosofia. A partir dos dados da experiência especial, derivamos os fatos ou as generalizações indutivas da ciência. Nota-se, contudo, que a filosofia também pode partir dos dados da experiência especial, conquanto não tenha a necessidade estrita de fazê-lo. A ciência, por outro lado, não pode negligenciar a experiência especial, ou basear-se somente na experiência geral.

A ciência é, então, mais certa por ser mais especializada em sua experiência? De maneira alguma! A certeza da filosofia reside nos primeiros princípios, e seu interesse nas causas últimas. A certeza da ciência se relaciona de maneira mais remota com os primeiros princípios. Seu interesse reside nas causas próximas. Ademais, as descrições científicas carecem do controle imediato e descomplicado que é peculiar à experiência comum, muito embora sejam de maior valor em razão do número e da precisão dos seus detalhes. Ainda assim, o acúmulo desses detalhes é irrelevante para a verdade filosófica em seus aspectos essenciais.

#### *4. Duas maneiras de considerar a natureza humana*

O sujeito<sup>[1]</sup> próprio da psicologia é o homem em sua natureza humana. O sujeito adequado da psicologia é todo organismo dotado de alma. O homem, por sua essência, é uma criatura intelectual. O homem, por suas potências, é também uma criatura sensitiva e vegetativa. Nele, portanto, encontramos as capacidades básicas de todas as substâncias corpóreas viventes. O homem se manifesta, como todas as outras criaturas, através das suas operações. Suas operações, por sua vez, exibem suas potências e seus hábitos. Ao abordar o estudo da psicologia, portanto,

devemos, em primeiro lugar, analisar os atos do homem, antes de poder investigar suas potências e seus hábitos; assim como devemos antes de tudo estudar suas potências e seus hábitos para podermos determinar sua natureza ou sua essência.

Quando dizemos que o sujeito próprio da psicologia é o homem, aí incluímos a análise dos atos, das potências e dos hábitos do homem. Esse sujeito pode ser abordado desde dois diferentes pontos de vista, o que suscita uma distinção entre a ciência da psicologia e a filosofia da psicologia. Aquela que limita sua investigação aos atos, às potências e aos hábitos, sendo todos estes acidentes pertencentes à ordem fenomênica do ser do homem. Ela considera esses acidentes desde o ponto de vista de uma análise puramente fenomênica, que trata apenas das relações características que há entre dados observáveis ou mensuráveis. Esta última avança sua análise para além dos dados e fatos da indução, e não descansa antes de alcançar as profundidades ontológicas da natureza humana. A psicologia científica, por conseguinte, possui uma meta periférica; já a psicologia filosófica é central. A ciência da natureza humana se interessa primariamente pelas leis da operação e pelas relações entre elas; já a filosofia da natureza humana se ocupa primariamente com leis da essência e do ser. A ciência, aqui, estuda o que o homem faz; a filosofia estuda o que o homem é. Podemos mostrar diferenças ulteriores entre as duas disciplinas fazendo referência aos métodos apropriados para cada uma. Assim, a psicologia filosófica se baseia nos dados da experiência pública, dados que todos os homens podem acessar pelo simples fato de possuírem os mesmos tipos de sentido que se exercem sobre o mesmo tipo de material. A psicologia científica, por outro lado, se baseia nos dados da experiência especial, exemplificada no assim chamado “procedimento experimental”, no qual os sentidos são aplicados por meio de utensílios e artefatos destinados a operar refinamentos de análise que seriam impossíveis para as puras potências. Assim, enquanto os métodos da ciência da natureza humana são investigativos e criados para produzir formas especiais de experiência, aqueles característicos da filosofia da natureza humana são meramente observacionais, concebidos para produzir os tipos reflexivos de experiência dos quais todos os homens, com seus cinco sentidos, podem participar. Aqui não há conflito algum, uma vez que a experiência especial não altera a experiência comum, mas meramente a suplementa com detalhes mais abundantes. Ademais, a filosofia pode surgir, através da reflexão, de qualquer tipo de experiência, conforme já dissemos. Sendo este o caso, filosofia e ciência tendem a se

complementar mutuamente, tanto em conteúdo quanto em método. Dessa maneira, a psicologia deveria unificar análise filosófica e investigação científica numa única doutrina contínua, na qual a filosofia responde as questões fundamentais acerca da natureza do homem, e a ciência resolve no detalhe o problema daqueles fenômenos humanos que podem ser experimentalmente observados e classificados.

### 5. *O que é a psicologia?*

Há um sujeito próprio da psicologia, que é o homem. Há também uma maneira dúplice de abordar o estudo do homem: (a) de um ponto de vista científico, baseando nossas análises na experiência especial e empenhando-nos por exprimir as relações operativas que se dão entre os atos, as potências e os hábitos do homem; e (b) de um ponto de vista filosófico, fundamentando nossas análises na experiência geral ou pública e empenhando-nos por determinar as relações entitativas dos atos, das potências e dos hábitos do homem para com a natureza, a essência ou o ser deste último. Podemos, portanto, definir a psicologia, sob esse dúplice aspecto, como *o estudo dos atos, das potências, dos hábitos e da natureza do homem*. Nessa definição podemos discernir tanto a ambição científica quanto a ambição filosófica da psicologia; vale dizer, o que é fenomênico ou empiriológico e o que é numênico ou ontológico no estudo do homem. Note-se, contudo, que a filosofia da psicologia não é necessariamente dependente da ciência da psicologia, conforme já destacamos; que os antigos, especialmente, Aristóteles, criaram um *corpus* de conhecimento filosófico acerca do homem e da sua natureza sem o auxílio da ciência experimental moderna.

Se o sujeito próprio da psicologia é o homem, é óbvio que a psicologia constitui um ramo bastante peculiar do conhecimento, na medida em que o sujeito do conhecimento é também o objeto do conhecimento. Essa peculiaridade permite o emprego de uma técnica introspectiva que não é legítima em nenhuma outra parte. A introspecção é a análise da própria consciência daquele que faz a análise. Ela pressupõe que a mente de todo e qualquer homem é uma espécie de laboratório no qual ele pode investigar os dados peculiares da experiência psicológica. Ainda assim, a despeito da proximidade do homem para consigo mesmo (pois certamente nada é mais íntimo ao homem, depois do seu ser, do que

sua própria consciência), houve mais erros e um acordo menos geral acerca dos dados introspectíveis da consciência humana do que acerca de qualquer outro sujeito de conhecimento. Se há algo que toda pessoa poderia ser, este algo é um psicólogo, vale dizer, um estudioso da natureza humana; mas se há algo que pouquíssimas pessoas são capazes de julgar corretamente, este algo é a altamente intrincada e elegantemente equilibrada organização da assim chamada “mente humana”.

---

1. *Subject-matter*, no original. Traduzimos este termo pelo jargão técnico tomista “sujeito”, que significa o sujeito da predicação das propriedades descobertas por uma determinada ciência — NT.

## Os pioneiros da psicologia

### *1. O animismo do homem primitivo*

A história do Gênesis mostra que o homem, no início, possuía uma ideia clara da existência e do significado da sua alma. Mas, na medida em que os descendentes de Adão se multiplicaram e se espalharam pela Terra, e na medida em que as raças se afastaram cada vez mais da Revelação primitiva, a verdadeira noção de alma, como o princípio vivificante da ação humana e uma entidade distinguível do corpo, ficou um tanto obscurecida. Recentemente, os homens buscaram extirpar por completo o conceito de matéria viva enquanto distinto da matéria inanimada; assim também, nos primórdios, os homens buscaram atribuir vida a tudo. Eles supuseram que rios e oceanos, nuvens e corpos celestes eram postos em movimento por espíritos que residiam dentro destes entes.

Para os antigos hilozoístas, não havia distinção entre matéria animada e inanimada, pois tudo era vivente. Para os modernos materialistas, semelhantemente, não há distinção entre matéria animada e inanimada, porque nada é vivente. Dizer que os antigos consideravam tudo como de certo modo dotado de um sopro de vida não significa que eles tivessem uma ideia límpida da distinção entre substâncias materiais e imateriais. Parece provável que a noção deles de alma como fonte da vida não ia além do conceito de algo sutil e tênue dotado de propriedades físicas como as de um corpo, ainda que de caráter mais refinado e intangível. Esse tipo de crença ingênua não é incomum entre as tribos selvagens do mundo de hoje.

### *2. As causas do animismo primitivo*

Havia duas razões bastante prováveis para o surgimento do animismo primitivo. A primeira era a tendência da mente inculta ou não-reflexiva a confundir o eu com o entorno. Essa é uma característica de crianças muito novas e era bastante

manifesta nos níveis infantis da cultura humana. Nos primórdios, as pessoas projetavam suas sensações, seus sentimentos e suas ideias no mundo ao redor delas. Elas eram antropomórficas, no sentido de que tentavam atribuir aos animais, às plantas e até mesmo a objetos inanimados traços e hábitos próprios dos seres humanos.

A segunda razão decorreu do equacionamento pessoal com o qual os homens buscaram a solução dos seus problemas práticos. Os povos primitivos lutavam pela existência. O ambiente natural significava bem mais para eles do que significa para nós hoje. O pensamento deles era amplamente padronizado em termos de efeitos do ambiente sobre a vida pessoal deles. Como resultado, eles desenvolveram um sentimento de intimidade para com a natureza, uma intimidade que exprimia a si mesma dotando a natureza de atributos vitais e até mesmo conscientes, tais como eles mesmos possuíam.

### *3. As origens orientais*

Os ensinamentos dos pensadores orientais acerca de problemas tais como a origem, a natureza e o destino do homem são matéria antes de crença religiosa que de explicação racional. Por essa razão, é difícil separar as adições filosóficas que eles fizeram ao conteúdo do conhecimento humano das formas de devoção que eles cultivavam. Suas doutrinas psicológicas são impregnadas de tamanha dose de superstição que são praticamente desprovidas de valor de um ponto de vista analítico. Dois pontos, no entanto, são dignos de nota a este respeito: primeiro, a sólida defesa da existência de uma alma no homem; segundo, a crença consistente na imortalidade dessa alma.

Para a maioria das mentes orientais, a ideia de que a alma pode desaparecer soaria tão absurda que o contrário não exigiria demonstração. Aqui reside um impressionante contraste entre as atitudes oriental e ocidental acerca de uma das mais cruciais questões da psicologia. Com a ideia de imortalidade, encontramos comumente associada a noção de metempsicose, especialmente nas religiões hindus. Na maior parte dos casos, os orientais falharam em estabelecer uma distinção clara entre os fatos da experiência e as ficções da mitologia. O gênio deles como pensadores não seguiu um curso dialético — um hábito de pensamento que havia de caracterizar os filósofos gregos posteriores. Se eles, de

algum modo, praticavam a discussão, era de maneira amigável e não-argumentativa. Não obstante, é bem provável que eles tenham exercido uma influência sobre os esforços filosóficos iniciais dos gregos.

#### 4. *Os primeiros pensadores gregos*

Os homens começaram efetivamente a ser filósofos quando pela primeira vez tentaram compreender o mundo de uma maneira objetiva e interpretar os acontecimentos deste em termos de causas naturais. Os naturalistas gregos do século VII antes de Cristo devem definitivamente ser considerados homens sábios nesse sentido. Houve diversos fatores favoráveis que provocaram o cultivo da filosofia na Grécia. Em primeiro lugar, o Estado grego era composto de muitos cidadãos ricos e independentes que possuíam tanto os meios quanto o ócio necessário para o pensamento especulativo. Ademais, na qualidade de nação marítima, a Grécia tinha relações comerciais com outros povos e estava, portanto, em posição favorável para se beneficiar de um intercâmbio de ideias com eruditos do oriente. Por sua vez, os conflitos civis que afligiram muitas das cidades gregas acabaram se mostrando uma dádiva para a filosofia, uma vez que desviaram a atenção de homens reflexivos dos negócios públicos e inspiraram uma busca por modos mais pacíficos e cultivados de vida, como a busca pela sabedoria.

Os primeiros filósofos gregos buscaram uma substância elementar a partir da qual todas as coisas animadas e inanimadas supostamente eram feitas. A visão deles era, de fato, hilezoísta, uma vez que tendiam a ver toda a natureza como vivente. Eles pouco diferiam, portanto, dos animistas primitivos. Nesse estágio do pensamento deles, não havia distinção clara entre mente e matéria, e quaisquer doutrinas psicológicas que tenham desenvolvido eram meramente parte de sua mais ampla filosofia do cosmos. *Tales* acreditava que a água era o elemento básico. *Anaximandro* pensava que o constituinte fundamental do universo era algo incomensurável ou ilimitado, uma substância material infinita. A vida teria brotado da umidade, e os primeiros animais teriam tido forma de peixe. *Pitágoras* introduziu a doutrina da metempsicose na filosofia grega. Ele provavelmente a extraiu de uma fonte oriental. A doutrina afirma que o espírito do homem passa a um outro corpo depois da morte. Ela pressupõe uma crença na imortalidade da alma humana. Pitágoras foi o primeiro a utilizar o termo “filosofia”, que significa

“amor à sabedoria”. Ele também forjou o termo “cosmos”, que, para a mente grega, simboliza “um mundo repleto de ordem e beleza física”, de maneira que, quando filósofos posteriores se referiram ao homem como um “microcosmos”, eles desejavam sugerir que a natureza do homem é um compêndio de todos os tipos de perfeição: a beleza e a ordem do universo material, bem como a beleza espiritual, que é única e peculiar.

##### *5. Uma grande verdade em germe*

*Heráclito* postulou a mudança como primeiro princípio e fim último da natureza. A mudança, com efeito, seria a única coisa que não muda. O fogo seria a causa universal das coisas. Em sua forma mais sutil, ele seria também a alma dos seres humanos. As experiências sensoriais seriam os aspectos mais grosseiros do fogo e, por comparação com os fogos mais delicados e refinados da experiência intelectual, seriam essencialmente inferiores e indignas de confiança. A teoria é interessante porque exemplifica uma das primeiras tentativas de distinguir os aspectos racional e animal da natureza humana. *Parmênides* se opôs às opiniões de *Heráclito* com sua doutrina da imutabilidade essencial da natureza. A mudança, de fato, seria uma ilusão. O homem, como os demais objetos do universo, consistiria numa mescla de qualidades, tais como o quente e o frio, a luz e a escuridão, o úmido e o seco. Dentre estas qualidades, o quente e o frio seriam as mais importantes para a vida e para a razão. Opiniões monistas, tais como as apresentadas pelos primeiros pensadores gregos, estavam fadadas a encontrar dificuldades. A descrição que faziam do universo e da imponente gama dos objetos deste em termos de uma única substância ou de um único princípio explicativo se tornou desprovida de sentido, uma vez que não deixava fundamento algum para a distinção de coisas que são obviamente separáveis entre si.

A discussão entre *Heráclito* e *Parmênides* foi travada nos tribunais da filosofia. Assim como em tantas outras discussões dos pioneiros do pensamento, encontramos verdade e erro de ambos os lados. Os elementos dessa controvérsia em particular são significativos porque, quando a poeira finalmente baixou e os argumentos a favor da mudança e da imutabilidade foram examinados friamente, surgiu um novo princípio que revolucionou a visão do homem acerca da natureza. Refire-se ao princípio da potência e do ato, que *Platão* desenvolveu até alcançar

um enunciado claro, e que Aristóteles ao fim e ao cabo purificou de todas as contradições internas, fazendo desse princípio a pedra angular de toda a sua filosofia.

#### 6. *O caráter múltiplice da natureza*

O grupo seguinte de filósofos era dotado de uma perspectiva mais pluralista. *Empédocles* afirmou que terra, ar, fogo e água eram elementos cósmicos separados. O amor, ou o princípio do bem, uniria esses elementos; o ódio, ou o princípio do mal, os separaria. No homem, a terra formaria as partes sólidas, a água são os órgãos líquidos, o ar originaria a vida, e o fogo produziria a razão. Os objetos externos emitiriam emanações ou pequenas réplicas materiais de si mesmos, que entrariam no sangue através dos poros do corpo e produziriam uma consciência do mundo exterior. Este seria o processo do conhecimento sensitivo. Também o pensamento, como todas as demais atividades vitais, dependeria da mescla dos quatro elementos. *Empédocles* contrastou a não confiabilidade do conhecimento sensível com as formas mais elevadas e mais confiáveis da experiência reflexiva. Ainda assim, ele não considerou a alma como uma entidade separada do corpo. O homem seria o resultado de uma evolução orgânica geral, uma vez que os tipos superiores de vida só poderiam surgir a partir dos inferiores. Ele parece ter aprovado a doutrina pitagórica da metempsicose.

*Anaxágoras*, nascido aproximadamente na mesma época que *Empédocles*, ensinou que há numerosos elementos no universo. Ele foi o primeiro filósofo entre os gregos a desenvolver a ideia do suprassensível. Dessa maneira, o *nous*, ou mente, que seria a potência motriz formadora do mundo, seria algo simples e não misturado com a matéria, um princípio autônomo dotado de conhecimento acerca de tudo e de um poder supremo sobre tudo. O *nous* do homem seria a faculdade do conhecimento verdadeiro, o princípio da inteligência que também seria o princípio da mais elevada vida psíquica do homem. Aqui, pela primeira vez encontramos o germe de uma doutrina dualista, manifestada na separação de mente e corpo. Essa doutrina havia de ser desenvolvida de maneira mais completa por Sócrates e Platão, e de ser conduzida à perfeição por Aristóteles.

#### 7. *A tradição de Demócrito*

*Leucipo* fundou a Escola Atomista, mas sua importância ficou obscurecida pelo brilhante talento de seu pupilo, *Demócrito*. Ambos defenderam a opinião de que todo o universo das criaturas não-viventes e viventes é composto de partículas quantitativamente distintas. O ponto de vista deles era profundamente materialista. Embora Demócrito não tenha negado a distinção entre alma e corpo no homem, ele ainda assim declarou que a psique humana é de estrutura atômica, como qualquer outra matéria, sendo que sua distinção decorre da delicadeza, da suavidade e da forma arredondada de seus átomos. O conhecimento proveniente dos sentidos seria condicionado pela emanção de partículas materiais emitidas pelos objetos sensíveis. Ele não diferiria fundamentalmente do pensamento, uma vez que ambos seriam resultados de mudanças na alma-substância geradas por impressões materiais. Para precaver-se contra uma identificação absoluta entre sensação e pensamento, Demócrito afirmou que os processos do conhecimento intelectual revelam a existência de átomos invisíveis e, portanto, manifestam a verdadeira natureza das coisas. Ele discutiu as funções dos cinco sentidos e considerou o tato como a mais elementar e básica das potências sensitivas do homem.

A psicologia desse grupo de filósofos deixou expostos vários pontos vulneráveis para os pensadores que haviam de sucedê-los. Ela era definitivamente uma perspectiva materialista, que terminava onde começa o problema da verdadeira natureza do homem. Ao manter uma divisão entre sentido e intelecto, ela foi colocada numa posição insustentável. Sua distinção entre formas grosseiras e sutis de matéria, que representava a linha divisória entre conhecimento sensitivo e intelectual, era, na verdade, uma distinção sem diferença. Mais ainda, seus argumentos em prol da desconfiança quanto aos sentidos poderiam ser avançados também como razão para afirmar o caráter enganador do intelecto.

#### *8. Psicólogos da Escola Sofística*

Após o final das guerras persas, por volta de 480 a.C., o centro da cultura grega passou das colônias jônicas para Atenas. Aqui, a filosofia deitou sólidas raízes, e o estudo do homem recebeu um posto de importância capital. Surgiu uma atitude de dúvida crítica acerca das afirmações dos primeiros atomistas, que, na maior parte das vezes, argumentavam antes a partir de pontos de vista pessoais do que de

uma convicção acerca da fonte universal e objetiva da verdade. Agora o pêndulo se voltou para a outra direção. A consciência individual passou a predominar; e a opinião privada, em vez da experiência pública, tornou-se o tribunal de última instância.

Gradualmente, prevaleceu a opinião que de fato não há verdade objetiva, mas somente interpretações subjetivas de acordo com os contextos individuais incessantemente cambiantes. Esta era a posição dos sofistas. *Protágoras*, um de seus mais vigorosos líderes, declarou que o conhecimento depende do cognoscente. O homem, de fato, seria a medida de todas as coisas. Uma vez que a experiência de cada pessoa seria uma miniatura da realidade, tudo na mente humana seria igualmente verdadeiro, sendo tudo estritamente questão de relatividade. As qualidades que observamos nas coisas não seriam posses permanentes nem do objeto percebido nem do sujeito perceptor. *Górgias*, de maneira bastante lógica, concluiu que, se o conhecimento é relativo, todas as coisas são igualmente falsas e igualmente verdadeiras.

## 9. Sócrates

*Sócrates* representa uma transição no pensamento grego de extremos ingenuamente objetivos e subjetivos para uma posição que havia de avaliar o mundo e nosso conhecimento dele em termos de um realismo crítico. Ele concordava com os sofistas quando estes diziam que o conhecimento possui seus aspectos subjetivos; mas discordava da conclusão de que a verdade não existe senão como forma de opinião pessoal. Dessa maneira, se as pessoas fossem adequadamente questionadas por um método dialético de indagação, elas poderiam ser conduzidas a reconhecer a existência de naturezas inalteráveis e de primeiros princípios independentes do pensador individual. Este é particularmente o caso das verdades morais, acerca das quais pode-se descobrir que há um consenso universal, muito embora essas verdades sejam derivadas da experiência interna. Conhecer-se a si mesmo, portanto, é um dever capital.

Os filósofos pré-socráticos haviam estabelecido uma distinção de espécie entre os conhecimentos do sentido e do intelecto. Sócrates em primeiro lugar mostrou que as impressões sensíveis devem ser testadas e controladas pelo juízo crítico. O papel do intelecto seria elaborar as imagens dos sentidos em conceitos que

revelam a essência imutável das coisas que caem sob a experiência. Essa capacidade do intelecto de elevar-se acima das contingências da matéria certamente deve ter convencido Sócrates da imortalidade da alma, muito embora ele pensasse que a prova dialética dessa imortalidade estava além da capacidade da mente humana.

Sócrates, enquanto psicólogo, é importante por diversas razões. Em primeiro lugar, ele foi o mestre de Platão e de Aristóteles. Em segundo, ele estabeleceu os fundamentos de um método genuinamente indutivo no estudo da natureza humana. Em terceiro, ele realizou investigações pioneiras acerca das condições necessárias para uma avaliação correta do conhecimento humano, abordando o problema da verdade através de seus antecedentes psicológicos. Por fim, ele buscou convencer seus discípulos de que uma vida mais elevada e mais nobre pode ser alcançada por meio de uma análise sistemática da mente humana. Desse modo, foi dado um novo impulso à busca da sabedoria, tanto teórica quanto prática, o qual havia de produzir seu mais precioso fruto nas realizações dos grandes pensadores que imediatamente sucederam a Sócrates, quando a filosofia alcançou seu mais alto desenvolvimento.

#### *10. A tradição de Platão*

Platão foi um dos maiores pensadores da história. De Sócrates, ele herdou o interesse pela moral; dos pitagóricos, o amor à sabedoria. Em psicologia, ele foi um dualista, embora não moderado. Ele foi o primeiro dos gregos a tratar — de uma maneira minimamente satisfatória — com a noção de existências imateriais. O mundo das existências imateriais significava o mundo das ideias. A importante doutrina das ideias foi um desenvolvimento histórico na filosofia de Platão. Ela decorreu do fracasso de Heráclito e de Parmênides em explicar o ser e o devir. Estes homens estavam corretos no que afirmaram acerca da realidade, mas equivocados naquilo que negaram. Heráclito ensinou corretamente que o devir existe, mas afirmou equivocadamente que o ser não existe. Parmênides ensinou corretamente que o ser existe, mas afirmou equivocadamente que o devir não existe. A verdade é que tanto o ser quanto o devir são realidades. A solução do problema depende de reconhecermos o fato de que o devir é composto tanto de ser quanto de não-ser, ou de algo em ato e algo em potência.

No mundo cambiante ao nosso redor, de acordo com Platão, só é real aquilo

que é imutável, absoluto e uno, a saber, a ideia. Ele não apenas distinguiu nas coisas o elemento permanente que é o ser delas e o objeto do nosso conhecimento; mas além disso buscou extrair esse elemento de suas condições de multiplicidade e mutabilidade para hipostasiá-lo, localizando-o num mundo inteiramente separado do nosso, no qual ele existe em toda a sua unidade e imutabilidade. De acordo com o testemunho de Aristóteles, que muito provavelmente debateu a questão com o próprio Platão, o mundo das ideias platônicas é um universo autônomo, um modelo do universo que vemos, muito embora Agostinho posteriormente tenha declarado que, na teoria platônica, tais ideias são meramente formas exemplares na mente de Deus, ou, de maneira mais simples, a própria mente divina, que contempla todos os modos atuais e possíveis da realidade.

A alma do homem, de acordo com Platão, é de origem divina. Ela seria um princípio automotor, e relacionado com o corpo meramente como causa extrínseca. Ela existiria antes da sua união com a matéria. A doutrina da reminiscência é um desenvolvimento dessa teoria da preexistência. Antes de ser encarcerada na prisão do corpo, a alma teria desfrutado de uma visão clara das ideias que acabamos de descrever. Na Terra, ela ainda conservaria uma memória confusa de suas intuições celestes. Nossas ideias, portanto, nasceriam conosco; e aprender seria rememorar o que esquecemos. A alma humana seria imortal; e os argumentos apresentados para afirmar essa imortalidade constituem o primeiro esforço sério da parte de um pensador antigo para estabelecer esse importante atributo como fundamental para qualquer interpretação racional da natureza humana. Contudo, nem todas as partes da alma são imortais, mas apenas o princípio intelectual localizado na cabeça. As partes irascível e concupiscível, que residiriam no coração e no abdômen, pereceriam com a destruição do corpo.

O conhecimento teria início com a percepção sensível. Mas os sentidos não alcançariam a verdade das coisas. Eles contemplariam as cópias imperfeitas da realidade, sombras que seriam meramente participações criadas das ideias não criadas. O melhor que a experiência sensível pode fazer é recordar-nos das ideias que inteligimos numa existência prévia. Os objetos sensíveis, portanto, não seriam causas, mas apenas ocasiões do nosso conhecimento intelectual.

A liberdade da vontade humana é um ponto capital na filosofia de Platão. A liberdade de escolha, de fato, decide nossa filiação, nossa constituição física e nossa educação inicial, uma vez que essas coisas são resultados de decisões tomadas

livremente no estado prévio de existência da alma. Somente a virtude é o ingrediente essencial da felicidade humana, e é de caráter quadrúplice: a sabedoria, que é a mais elevada, conquanto não a única virtude, conforme ensinou Sócrates; fortaleza, temperança e justiça. Aqui, pela primeira vez nos anais da filosofia, temos uma enumeração completa das virtudes cardeais, pelas quais o homem pode alcançar a meta da felicidade terrena.

Como um idealista em psicologia, Platão teve pouca confiança em dados fisiológicos, de maneira que suas explicações do fenômeno da vida humana são bastante inadequadas. Seu apego às formas ou ideias, negligenciando os aspectos materiais da natureza humana, resultou numa acentuada subestimação do valor da experiência sensível. Aristóteles, em contraste, dedicou maior atenção às descobertas empíricas, alcançando um resultado de muito maior sucesso em explicar as complexidades psicofísicas da vida humana.

## A síntese aristotélica

### 1. *A fundação de uma nova tradição*

Dentre todos os nomes que há nos registros da psicologia grega, o de *Aristóteles* é certamente o mais importante. Ele foi um observador original tanto dos fenômenos físicos quanto dos biológicos. Ele também foi o primeiro a escrever uma história da psicologia. De fato, sem alguns capítulos do seu *Tratado sobre a Alma*, saberíamos muito pouco acerca das teorias psicológicas dos primeiros pensadores. Ele traçou seu mapa da natureza humana com mão firme, estabelecendo os fundamentos de sua análise psicológica nos dados da observação pessoal, bem como na experiência empírica da humanidade como um todo. Nem todas as partes da sua síntese orgânica são igualmente seguras; mas o plano como um todo jamais perdeu seu formato e seu sentido iniciais. Ele foi um gênio enciclopédico. Em praticamente todas as escolas de psicologia moderna havemos de encontrar alguma marca do ensinamento dele. Ele antecipou muitas das teorias científicas atuais, embora tivesse apenas uma forma abrangente de observação à qual recorrer.

Aristóteles está à frente de uma tradição que hoje em dia é tão importante quanto na época em que foi fundada. As sementes da verdade foram espalhadas pela face da Terra. Não há nenhuma raça humana, por mais primitiva que seja, nenhum grupo de pensadores, por mais imaturo que seja, nenhuma mente individual, por mais seduzida que tenha sido por raciocínios falaciosos, que não tenha algum *insight* sobre a natureza da realidade. A verdade brotou tanto nos desertos quanto nos centros da cultura. Onde quer que se encontre, nela será identificado o seu caráter duradouro para a humanidade, precisamente por ser a verdade. O que hoje chamamos “filosofia perene”, ou a verdade acerca da realidade, começou sua existência em tempos remotos e em lugares diversos, e em ambientes bastante afastados da Atenas de Aristóteles ou da Paris de Tomás de Aquino.

Antes que a filosofia se mudasse para a Grécia, onde floresceu com tamanha abundância, ela já possuía os contornos de uma tradição para a qual os pensadores helênicos podiam lançar um olhar retrospectivo. Hoje em dia falamos de Aristóteles como um antigo, e de nós mesmos como modernos. Assim também Aristóteles podia falar de seus precursores na filosofia como antigos, e dele mesmo como moderno. É evidentemente impossível descobrir todas as fontes pelas quais ele se inspirou. Como seu comentador medieval, Tomás de Aquino, examinou cada canto e recanto para poder aprender a verdade que já havia sido descoberta por outros. Herdeiro do pensamento de Platão e de Sócrates, era familiarizado com as ideias de Protágoras e dos sofistas; de Demócrito e dos atomistas; de Parmênides e dos eleatas; de Pitágoras e dos astrólogos que buscavam a sabedoria nas estrelas e nos números. Na medida em que ampliou seus estudos, descobriu os ensinamentos dos antigos jônios, tão vigorosamente representados por Anaximandro e Empédocles. Conhecia algo de Heráclito e das teorias dos primeiros físicos gregos. Não é improvável que haja no seu sistema resquícios das culturas da Pérsia, Índia e China, podendo ter sido influenciado por especulações de pensadores — caso aí tenha havido pensadores — do antigo Egito e da antiga Babilônia. E, recuando ainda mais, até um ponto além do qual não há mais nenhum ponto, sua mente pode ter sido influenciada por elementos da Revelação primitiva que Deus confiou ao homem no princípio da raça humana, uma Revelação que havia perdido sua pureza na medida em que se difundiu desde sua origem, no Paraíso, mas que ainda conservava algum germe de verdade que o gênio de Aristóteles prontamente captou, replantou, regou cuidadosamente e conduziu até à madura fecundidade. O que ele reivindicou para si mesmo, em toda essa busca ativa, foi meramente o direito de utilizar as coisas verdadeiras que por outros haviam sido ditas no passado. Com isso como base e ponto de partida, ele havia de prosseguir acrescentando seus próprios *insights* e suas próprias deduções na medida em que o mundo da realidade se desdobrava diante da sua consciência. Conhecemos os resultados. Pois, das profundezas da sua inteligência brilhante, surgiu uma nova sabedoria que estabeleceu uma tradição que havia de durar para sempre. Quando, ao longo destas páginas, eu tiver ocasião de falar na “filosofia tradicional” ou na “psicologia tradicional”, estarei me referindo à corrente do pensamento aristotélico, absorvida e ampliada por Tomás de Aquino e por seus seguidores.

## *2. A abordagem psicossomática na psicologia*

Para Aristóteles, o homem, como todas as outras substâncias corpóreas, é composto de matéria e forma. Na ordem física, a matéria é aquilo a partir do qual uma coisa é feita. Trata-se do substrato de toda a realidade corpórea, é indeterminada, mas apta a ser determinada. É o receptáculo ou sujeito da geração e da corrupção, incapaz de existir nem ser conhecida sem uma forma. Em sua condição de potencialidade absoluta, ela é chamada “matéria prima” e, enquanto tal, é inteiramente desprovida de forma. Quando combinada com a forma, constitui a matéria segunda. A forma, por outro lado, é aquilo que situa a substância corpórea numa espécie definida. É o princípio de determinação que domina, por assim dizer, o caráter indeterminado da matéria prima. Sem ela, a matéria não pode existir. Dessa maneira, com muita propriedade a ela nos referimos como “ato primeiro” ou “perfeição primeira” da substância corpórea, em contraste com a matéria prima, que é pura potência.

A forma é um objeto de conhecimento inferior ou superior, de acordo com seu grau de afastamento da matéria. Para o sentido, ela é um objeto em seu ser concreto e sensível, separado da matéria de maneira intencional, e recebido numa faculdade material. Para o intelecto, ela é um objeto em seu ser abstraído e inteligível, separado da matéria de maneira intencional, e recebido numa faculdade imaterial. Neste último estado, ela representa a essência inalterável das coisas, que permanece a mesma sob as condições constantemente flutuantes da existência fenomênica.

Assim como a ideia platônica, a forma confere a plenitude do ser; pois, embora a matéria seja um constituinte real da substância corpórea, sua realidade é algo potencial. Mas há uma grande diferença entre a forma aristotélica e a ideia platônica: a forma aristotélica existe nas coisas individuais, ao passo que a ideia platônica existe num mundo separado. A distinção entre matéria e forma é uma distinção que não inclui necessariamente separação. Embora possam ser pensadas como separadas, na realidade elas estão unidas para produzir uma dada substância corpórea.

## *3. O problema alma-corpo*

Em todas as criaturas viventes, o homem incluso, a alma é a forma do organismo. Ela é o ato ou a realização da excelência potencial do corpo. A ligação entre alma e corpo é com maior exatidão exprimida como uma ligação entre forma e matéria. O todo concreto, que é um composto dos dois elementos, resulta em uma única substância. Dessa maneira, a fórmula metafísica do ato e da potência é, antes de tudo, exprimida como doutrina da forma e da matéria, e proposta por Aristóteles como a única solução do mais crítico dos problemas da psicologia, o problema que perturbou os filósofos ao longo dos tempos: a relação entre alma e corpo. A doutrina hilemórfica ocupa um meio-termo entre duas grandes tradições estabelecidas antes de Aristóteles e ressuscitadas de maneira periódica depois da sua época: a tradição de Demócrito, que é materialista; e a tradição de Platão, que é formalista. Aqui temos uma interpretação que utiliza a verdade e descarta a falsidade de ambos os pontos de vista.

O materialista que considera a mente como nada mais do que um outro aspecto mais sutil da matéria, e os processos mentais como o resultado e o desenvolvimento de fenômenos físicos, não é mais enfático do que Aristóteles ao afirmar que o homem possui um aspecto essencialmente material em sua natureza. Por outro lado, o idealista que considera a matéria como nada além de uma projeção da mente, e os processos físicos como aspectos dos fenômenos mentais, não é mais enfático do que Aristóteles em afirmar que o homem apresenta um aspecto formal ou intelectual em sua natureza. Assim como a forma fornece um significado essencial à matéria quando a ela confere um ser específico, assim também a alma confere um significado essencial ao corpo quando o constitui como organismo humano.

#### *4. O retrato dinâmico da vida*

Para Aristóteles, o termo “alma” abarca toda a amplitude da vida biológica, manifestando-se nos níveis vegetativo, sensitivo e humano. A série como um todo deve ser considerada como um desenvolvimento contínuo desde o inferior até o superior: começando no nível inorgânico, abrindo um caminho ascendente através das múltiplas manifestações dos fenômenos vitais, e coroado no mais elevado nível cósmico pela existência humana. Além desta, há a clara possibilidade de formas inteiramente separadas da matéria, possuidoras de um grau mais perfeito de

inteligência do que aquela que o homem possui. Dessa maneira, Aristóteles contemplou o universo numa visão abrangente e deslumbrante que podia abarcar, pelo poder do seu *insight*, desde a matéria desprovida de forma até a forma desprovida de matéria.

Aqui também houve uma clara apreensão do princípio dinâmico com o qual os evolucionistas modernos tanto se preocupam. Não julgo demasiado audacioso dizer que a hipótese darwiniana foi bastante bem antecipada por Aristóteles no século IV antes de Cristo. Ela tampouco era inteiramente nova em Aristóteles. Empédocles e Anaximandro tiveram a ideia de maneira embrionária; e a filosofia de Heráclito, com sua ênfase constante na mudança, a continha implicitamente. É estranho que a teoria evolucionista, estabelecida em princípio por Aristóteles, tenha permanecido dormente por mais de dois mil anos. E mais estranho ainda é que, no início da era científica moderna, a nova filosofia enunciada por Francis Bacon, rebelando-se contra o Estagirita, tenha culminado na reafirmação de uma doutrina que Aristóteles foi um dos primeiros a propor. Note-se, contudo, que a teoria moderna, embora seus resultados na ordem efetiva da natureza sejam os mesmos, difere em um aspecto essencial daquela do Estagirita: a saber, ao negar ou cuidadosamente evitar o princípio da finalidade, que, para Aristóteles, era mais importante do que o fato concreto do dinamismo na natureza.

##### 5. *Fenômenos vitais*

A espécie menos elevada de alma se encontra nas plantas. Nutrição, crescimento e reprodução são suas funções características. A aquisição da experiência sensível assinala a transição do nível vegetativo ao sensitivo. Acrescentem-se os apetites sensitivos e a potência de locomoção, e teremos um retrato de todas as capacidades básicas do animal. A manifestação final, na qual as faculdades do intelecto e da vontade são acrescentadas ao restante, se encontra no homem. O incremento da experiência, que decorre imediatamente da aquisição do *insight* racional, assinala a transição do grau sensitivo para o grau intelectual do ser cósmico. O processo assimilativo é universal em todas as ordens da vida. Enquanto a planta assimila a matéria, o animal assimila formas sensíveis no ato de conhecimento sensitivo, e o homem assimila formas inteligíveis no ato de conhecimento intelectual.

## 6. *A vida do sentido*

A sensação é a linha divisória, por assim dizer, entre os reinos animal e vegetal. Ela é uma operação vital na qual o animal é movido de uma maneira especial. O objeto da sensação como um todo concreto, vale dizer, como uma substância composta de matéria e forma, não entra em cena. É antes a pura forma que se envolve, uma vez que o procedimento da sensação consiste na separação da forma a partir da matéria. Mas o que é assim separado não é a forma física, uma vez que isto deixaria o objeto sem existência; portanto, forçosamente será um homólogo da forma física. Podemos chamá-la “espécie intencional”, pois ela determina o sujeito ao conhecimento. O significado da expressão pode ser esclarecido por uma ilustração: a potência sensitiva recebe seu impulso para conhecer do mesmo modo como um pedaço de cera recebe a impressão de um sinete metálico. A impressão é transmitida sem que nenhuma porção do sinete permaneça na cera.

Ao enumerar os sentidos específicos, Aristóteles não se afasta da concepção popular. Os homens comumente pensam ser dotados de cinco sentidos, e isto é exatamente o que o psicólogo também diz. O tato é o sentido mais universal, pois está presente em todas as partes do corpo. Os outros sentidos são aspectos do tato, ou nele têm sua raiz. Além dos sentidos específicos, há um sentido comum que é capaz de organizar os dados da sensação em esquemas mais elevados de percepção, tornando o animal consciente dos estímulos externos, comparando sensações, distinguindo-as, e unificando-as em experiências abrangentes que excedem por completo as capacidades dos sentidos exteriores.

A imaginação, no campo físico, dá continuidade ao processo sensitivo depois que o objeto se retirou. Ela difere da sensação por ter a potência de retratar objetos sem a presença atual deles. Mas ela é caprichosa em seu exercício e sujeita a errar. A memória é portadora de uma consciência distinta dos objetos enquanto fatos do passado. Ela inclui uma consciência do tempo e depende de maneira muito próxima do funcionamento do sentido comum em sua apreensão do aspecto temporal das coisas, particularmente do aspecto da duração. Por fim, há a faculdade da prudência animal, cuja função é fazer a distinção entre os elementos úteis e nocivos da experiência.

As três últimas potências citadas possuem uma dupla função a desempenhar na vida do homem; em primeiro lugar, as atividades puramente estéticas ou sensitivas

que as caracterizam precisamente como funções animais; em segundo, as atividades dianoéticas ou racionais que as assinalam como peculiarmente humanas, não por serem intelectuais em si mesmas, mas por operarem sob a influência imediata da razão e da vontade. A memória dianoética é particularmente útil ao homem, pois capacita-o a evocar — uma função que opera ao longo de linhas bem estabelecidas de associação nas quais as imagens são agrupadas em virtude da sua semelhança, dissemelhança e proximidade. Até aqui, a psicologia de Aristóteles coincide com a tendência geral dos modernos a abordar o problema da vida consciente do homem desde o aspecto da percepção sensível. De acordo com o Estagirita, sem uma imagem ou um dado sensível é impossível avançar para um procedimento mais elevado da mente, no qual o pensamento e a volição se encontram envolvidos.

Os apetites sensitivos do homem são dois: o concupiscível, que se ocupa com os prazeres do sentido; e o irascível, que luta para remover os obstáculos do caminho que conduz ao desfrute do prazer do sentido. A faculdade de locomoção é diversificada pelos numerosos órgãos de locomoção que encontramos entre os animais. No homem, ela se ocupa principalmente com movimentos de apreensão, de caminhada e de corrida, e com a formação de sons vocalizados.

## 7. *A vida da razão*

O intelecto é a potência pela qual o homem penetra na essência da realidade. Nesse aspecto, ele difere radicalmente dos sentidos. Pois, enquanto os sentidos tratam apenas dos objetos concretos e individuais, o intelecto tem a natureza universal e abstrata das coisas como seu alimento próprio. Na psicologia de Aristóteles, há uma base para a distinção de duas potências separadas às quais os escolásticos posteriormente haveriam de se referir como intelecto agente e intelecto possível. Dessa maneira, o Estagirita fala de maneira bastante nítida de uma faculdade cuja função é “fazer todas as coisas”, isto é, fazer todas as coisas inteligíveis; e de outra faculdade cuja função é “tornar-se todas as coisas”, isto é, tornar-se tudo o que seja inteligível. É a potência de tornar-se todas as coisas inteligíveis, ou o intelecto possível, que é a faculdade própria da inteligência. Podemos fazer referência a ela de maneira descritiva como um *topos eidon* ou armazém de espécies inteligíveis. Inicialmente, ela é completamente desprovida de

ideias, como uma tabuleta na qual nada está escrito.

O procedimento pelo qual o intelecto se eleva do particular ao universal, ou do concreto ao abstrato, é um processo de desenvolvimento. Ele tem como postulado a dependência essencial e objetiva da razão para com os sentidos. O material sobre o qual o intelecto opera de maneira imediata é o produto sintetizado dos sentidos internos, ou fantasma. A tarefa de tornar todas as coisas inteligíveis pertence ao intelecto poiético ou agente. Ela é realizada pela abstração da pura natureza do objeto representado no fantasma. A mente humana, contudo, não cria o mundo que ela entende. Ela é meramente causa de que o objeto, que é inteligível em potência, se torne inteligível em ato, assim como a luz do Sol é causa de que a cor de um corpo, a qual é potencialmente visível sem a luz, se torne visível em ato.

Embora designemos a obra do intelecto agente como desenvolver, desdobrar ou iluminar o fantasma, devemos recordar que tais expressões são meramente metafóricas. O que a mente efetivamente faz é abstrair ou separar a natureza universal do seu objeto das condições concretas do sentido, nas quais ela está imersa. É um processo de indução, por assim dizer; isto é, um processo de unificação de diversos indivíduos sob um único conceito universal, como o posto de um único soldado que, em meio à fuga de um exército, se torna o centro ao redor do qual um novo grupo pode se formar. Mas o procedimento da gênese das ideias não se detém na obra do intelecto agente. Quando o objeto foi feito inteligível, ele imprime a si mesmo no intelecto possível, isto é, na faculdade de tornar-se todas as coisas. Isto ocorre precisamente da mesma maneira como o objeto sensível imprime a sua espécie nos órgãos do sentido. Com essa exposição fica abundantemente claro que não há ideias inatas no sistema psicológico de Aristóteles. O que de fato encontramos no intelecto, contudo, é a potência inata de descobrir os elementos abstratos e universais de inteligibilidade no mundo da matéria.

#### *8. A natureza das faculdades intelectuais*

O intelecto agente é uma faculdade separada e não mesclada, o que significa que ele não é intrinsecamente dependente de nenhum órgão material. O mesmo vale para o intelecto possível. Como contém as potências intelectuais e, assim como

elas, é separável da matéria, a alma humana parece ser eterna e imortal, vindo à existência desde fora, não sendo gerada por nenhuma força material. Quanto à vontade humana, podemos descrevê-la de duas maneiras: seja como uma faculdade de desejo intelectual; seja como potência da razão apetitiva. Em qualquer caso, ela é essencialmente diferente dos apetites sensitivos aos quais se assemelha. Uma vez que suas funções são precedidas por uma apreensão racional do bem, ela é livre. Essa característica da liberdade é confirmada pelo caráter reconhecidamente voluntário dos hábitos virtuosos e pelo fato igualmente bem reconhecido de que o homem é responsável por suas ações. O intelecto, precisamente na medida em que contempla a verdade como fim em si mesma, é chamado “especulativo”. Na medida em que considera a relação da verdade para com a ação moral ou artística, ele é chamado “prático”.

### *9. O significado da síntese de Aristóteles*

É difícil fazer uma estimação justa do valor da psicologia de Aristóteles. A dificuldade decorre principalmente da nossa constante familiaridade com as noções que ele introduziu no estudo da natureza humana. Os termos que ele cunhou — um dos seus principais títulos de eminência — são amplamente correntes na literatura da psicologia dos dias de hoje. A ele pertence o glorioso título de Pai da Psicologia. Ele lançou os fundamentos desta na rocha firme da experiência; e, embora descobertas posteriores e a invenção de técnicas científicas tenham corrigido muitos dos seus erros, ainda assim suas brilhantes conjecturas relativas à verdade lançam seus erros na obscuridade. Sua abordagem dinâmica quanto ao estudo do homem entra em perfeito acordo com a perspectiva da investigação atual. Sua hipótese de um sentido comum, para dar um exemplo, se harmoniza com uma das mais importantes linhas da pesquisa moderna: a interpretação dos dados perceptuais feita pela Escola da Gestalt. O mesmo pode ser dito do seu conceito de faculdade como um todo, o qual hoje em dia vem sendo restabelecido sobre uma base científica. A relação que ele descobriu entre alma e corpo, bem como sua insistência no sentido definidamente intencional dos fatos da vida humana prepararam caminho para uma exposição satisfatória da teologia da natureza humana.

## *10. A filosofia separada da superstição*

Com a consolidação da síntese aristotélica, o primeiro grande estágio no desenvolvimento do conhecimento humano, a separação entre sabedoria e superstição se efetivou. No Estagirita, encontramos a culminação de todo o estudo dos primeiros filósofos. Sua doutrina das causas, destinada a explicar a natureza da realidade, é uma síntese de tudo o que os pensadores gregos haviam alcançado até então. Mas é especialmente por seus acréscimos e refinamentos sobre a doutrina platônica que seu gênio deve ser julgado. A partir das ruínas do pensamento pré-socrático, Platão havia erguido uma mansão da filosofia seguindo um projeto definido: uma mansão que era bela e poética em seus contornos, perfeita em sua simetria, mas insegura e instável por conta de seus alicerces idealistas. Aristóteles, em contraste, edificou sua síntese filosófica sobre um obstinado senso comum e sobre a experiência da realidade como ele a via; e ele desenvolveu uma estrutura que não era apenas encantadora para admirar e desenhada com o maior cuidado, mas também, em seus aspectos essenciais, destinada a durar para sempre.

## O declínio da sabedoria antiga

### 1. *Os psicólogos ecléticos*

O tipo de investigação empírica que Aristóteles defendeu quase desapareceu no século que se seguiu à sua morte. Os psicólogos posteriores se tornaram meros coletores de amostras. Eles pensaram pouco ou nada por conta própria. Eles eram ecléticos, no sentido de que preferiam escolher em meio às doutrinas dos antigos a buscar novos métodos e novas verdades. *Epicuro* se interessou pelos aspectos morais da vida humana. Ele aceitou a ideia democriteana de que a alma é composta de átomos sutis cujo movimento equilibrado trazia paz e serenidade, a verdadeira meta da vida humana. Para atingir esse objetivo a dor e a paixão deveriam ser evitadas a todo o custo, e o caminho mais simples seria desenvolver um estado de completa ausência de emoções. A fim de libertar o homem de toda preocupação acerca do seu destino último, Epicuro declarou que os átomos que compõem a alma humana se dispersam no momento da morte.

*Zenão* de Cítio fundou a Escola Estoica. Ele aconselhou antes a indiferença que a tranquilidade como o fim que deve ser buscado nos negócios humanos, uma vez que todas as coisas, inclusive o homem, são sujeitas a uma inexorável lei de necessidade imposta pela vontade dos deuses. A alma seria uma espécie de sopro ígneo difundido pelo corpo e, como este último, condenado à destruição final. Tanto os estoicos quanto os epicuristas se preocupavam com um dos problemas eternos da natureza humana: a reconciliação entre as naturezas superior e inferior do homem, a resolução do conflito entre paixão e razão. Uma escola pretendia extinguir as paixões, por incrível que pareça, soltando as rédeas destas últimas de tal maneira que elas haveriam de tornar-se inteiramente inativas. Já a outra escola pretendia ignorar as paixões por completo, como se elas não tivessem nenhuma existência ou razão de ser na vida humana. Inconscientemente, ambas as escolas estavam tratando do problema do pecado original; e, como a história provou, ambas foram malsucedidas, tanto na teoria quanto na prática, em solucionar o

conflito entre os desejos da carne e os impulsos superiores do espírito. Cerca de vinte séculos mais tarde, este problema haveria de formar o ponto de partida da psicologia freudiana.

*Pirro*, o cético, desconfiou de todos os fatos e princípios. A única regra segura para os seres humanos seria suspender o juízo e coibir todas as emoções. *Cícero* foi uma espécie de incrédulo profissional; não obstante, ele nutriu uma firme convicção acerca da dignidade natural do homem. A alma humana seria de origem divina e distinguível da matéria. Isto, no entanto, não impede que ela possua um elemento ígneo em sua composição. Ela é por natureza livre e imortal, como demonstram a consciência íntima e o consenso universal. *Lucrecio*, em seu poema didático *De Rerum Natura*, apresentou a primeira exposição latina da filosofia epicurista. Sua perspectiva representa uma interpretação completamente materialista da natureza do homem, da sua origem e do destino da sua alma.

## 2. *Um psicólogo médico da antiguidade*

*Galeno*, o médico grego, também foi um eclético em filosofia, mas com um forte viés aristotélico. Nele encontramos um novo ápice na cultura da medicina antiga. Ele tem interesse para o psicólogo por ter transformado a teoria rudimentar dos quatro humores numa doutrina de sintomas observáveis que determinam o temperamento do homem. Essa teoria foi proposta originalmente por *Hipócrates*, que foi o primeiro dos médicos gregos a ligar a vida consciente com o cérebro. Galeno elaborou a ideia dos humores e conferiu-lhe uma forma popular. Dependendo do balanceamento de suas secreções internas, uma pessoa é sanguínea, fleumática, colérica ou melancólica. A obra de Galeno foi importante como um primeiro passo rumo a uma psicologia do temperamento. Nos tempos modernos, ela foi colocada sobre uma base mais científica pela descoberta das glândulas endócrinas e da relação destas com a personalidade humana.

## 3. *Filo, o Judeu*

Antes de encerrar esta seção, devemos dizer uma palavra sobre dois grandes pensadores cuja influência foi quicá mais teológica do que psicológica. *Filo*, o Judeu, que viveu no primeiro século da era cristã, tentou conciliar a religião do

Antigo Testamento com a filosofia dos gregos. Ele distinguiu o homem ideal, feito à imagem e semelhança de Deus, e o homem da nossa experiência ordinária, que apresenta diversas naturezas diferentes. Ele defendeu a doutrina pitagórica da metempsicose e o ensinamento platônico relativo à preexistência da alma. A natureza espiritual do homem não seria essencialmente diferente daquela dos anjos. As faculdades do conhecimento humano são três: o sentido, que possui o concreto como seu objeto próprio; o logos ou verbo, que é a potência raciocinante; e o *nous* ou intelecto, que contempla de maneira imediata as verdades eternas. Os esforços contemplativos do homem seriam resultado de uma luz que somente Deus pode conferir. O corpo, fonte do mal humano, não seria substancialmente unido à alma, princípio do bem humano.

#### *4. Plotino, o Místico*

*Plotino* foi um pagão que tentou realizar uma tarefa análoga à de Filo, a saber, colocar os elementos espirituais da religião em harmonia com o ensinamento dos filósofos antigos, e mais particularmente com o pensamento dos platônicos. Ele é aclamado como o mais sutil e influente erudito da Escola Neoplatônica. Em psicologia, ele afirmou que o homem é um composto de matéria e de uma alma imaterial. A alma existiria antes da sua união com o corpo e sobreviveria à desintegração do organismo. Mas ela seria suscetível de ser novamente enviada ao universo material, incorporada sob a forma de um animal ou de uma planta, dependendo da força do seu apego às coisas carnis quando estava na Terra. Essa doutrina de uma retribuição futura implica uma liberdade da parte da alma para controlar seu destino. Plotino pregou constantemente os encantos de uma vida puramente contemplativa. A profundidade e o brilhantismo de seus escritos, bem como a gravidade de seu discurso, impeliram muitos dos seus seguidores a renunciar aos seus bens terrenos a fim de se dedicarem mais profundamente ao estudo, à meditação e às práticas ascéticas.

#### *5. A grande transição*

Para aqueles que afirmam que a Divina Providência está por trás do desdobramento dos acontecimentos humanos, é fácil perceber que as grandes

filosofias dos antigos, nas quais a verdade foi preservada e desenvolvida, foram estágios preparatórios para a aceitação do evangelho de Cristo. A Igreja não foi fundada como uma escola de filosofia, menos ainda como expoente de um conjunto particular de doutrinas psicológicas. Não obstante, há um firme e profundo elo que conecta a interpretação cristã da vida humana com o melhor ensinamento psicológico dos antigos.

O fato, evidentemente, é que grande parte da especulação que os gregos desenvolveram em nome da investigação psicológica havia de ser interpretado de maneira nova à luz dos princípios cristãos. Mais ainda! A revelação proporcionou novos *insights* e novos desenvolvimentos àquilo que a mente humana, sem o auxílio da luz divina, fora capaz de descobrir acerca da natureza do homem. No crescimento sistemático do seu conhecimento a respeito do caráter sobrenatural da vida humana, ou a respeito da teologia do homem, a Igreja foi capaz de usufruir das verdades da filosofia pagã, e até mesmo de expressar suas crenças religiosas em termos que já haviam sido cristalizados por um prolongado uso pagão. Tão grande é o poder de adaptação que ela possui!

## *6. No ano do Senhor*

O advento de Cristo assinala uma nova era e um novo ponto de partida na história da psicologia, bem como divide a história da filosofia e a história do mundo. A partir desse momento, passou a haver tanto uma abordagem sobrenatural quanto uma abordagem natural no estudo da natureza humana. A psicologia tirou enorme proveito das doutrinas da Revelação, que ampliaram seus horizontes e incrementaram seu conteúdo ao estabelecerem novos contatos com o depósito da fé. Doutrinas da maior importância, tais como a natureza pessoal do homem, a criação da sua alma, a eternidade da vida intelectual, verdades que as mais elevadas mentes da antiguidade ou falharam em compreender ou discerniram de maneira antes obscura que substancial, agora haviam de se tornar conhecimento generalizado de toda a humanidade.

Os problemas da psicologia, a partir desse momento, haviam de ter tanto um aspecto religioso quanto um aspecto racional. O espírito da fé e o espírito da razão haviam de perpassar todo o percurso do pensamento humano, conquanto não na mesma proporção ou com a mesma força. Os primeiros quinze séculos

podem ser caracterizados de maneira ampla como essencialmente religiosos em sua perspectiva. Os últimos cinco séculos são predominantemente racionais. O primeiro período inclui os autores patrísticos e os escolásticos. O segundo abarca os grandes pioneiros da investigação científica, bem como os fundadores da filosofia e da psicologia modernas.

## **Agostinho e os Padres**

### *1. A psicologia paulina*

Algumas das cartas de *São Paulo* são obras-primas de autoanálise. Elas se ocupam principalmente de problemas morais; não obstante, nelas há uma abundância de informação psicológica acerca das nossas experiências íntimas, particularmente na medida em que essas experiências se relacionam com a harmonização dos instintos primitivos do homem com os ditames da sua consciência, com os ensinamentos da fé, e com os ideais de uma vida sobrenatural. São Paulo se interessou muito pela questão da liberdade humana. Trata-se de um sistema de dois patamares, com uma vontade reinante no ápice e fortes impulsos animais na base. Dado que a natureza foi ferida pelo pecado, o conflito é inevitável. A paixão se recusa a ser aconselhada pela razão. A lei dos membros, que nos ata às coisas da Terra, está em guerra contra a lei do espírito, tendo isto como resultado que o bem desejado não é realizado e o mal indesejado é buscado.

São Paulo claramente reconheceu que os impulsos humanos, quando negados, continuam a existir como motivos de conduta. Estes, sob uma forma ou outra, apelam à vontade. E a vontade tem de tomar a decisão final. Com efeito, temos uma situação única, e difícilíssima, quando o apetite carnal é o solicitador da vontade, e a vontade é a controladora do apetite! Conforme ensina a experiência, o que cobizamos com uma é usualmente rejeitado pelo outro. A confusão e a derrota são o pão cotidiano da humanidade. Não obstante, é uma verdade tanto para a psicologia paulina quanto para a moderna doutrina freudiana que a felicidade da humanidade, em última análise, depende da maneira como solucionamos esse conflito, seja por métodos de controle natural seja pelo auxílio superior da graça divina.

### *2. O gênio de Agostinho*

*Agostinho* foi o primeiro dos antigos psicólogos cristãos a empregar a introspecção como um recurso sistemático para investigar a natureza humana. A questão da consciência era daquelas que lhe preocupavam de maneira vital. Esse fenômeno é o acontecimento mais certo na experiência de cada um, pois o próprio ato de duvidar indica a sua existência. Ele inclui áreas marginais das quais somos parcialmente conscientes, bem como níveis mais profundos que escapam à análise introspectiva, mas que, como uma ferida oculta e supurante, podem exercer uma influência profunda no nosso pensar e no nosso viver.

Agostinho mergulhou no íntimo de si mesmo para descobrir um mundo de verdade e, depois, retornou ao mundo da realidade. Descartes, posteriormente, havia de trilhar o mesmo caminho, mas sem efetuar um retorno ao mundo objetivo. Agostinho fez uma viagem interior rumo à mente como o centro do homem, onde se regozijou com a visão da verdade. Esta foi uma visão idealista, conforme sabemos, tendo Plotino como seu guia. E se ele escapou aos extremos do seu sonho de grandeza, foi porque São Paulo permaneceu firme entre o platonismo pagão, que ele cortejou, e a fé cristã, que ele havia abraçado. Com Cristo, veio um verdadeiro *insight* no valor íntimo da sabedoria e do amor. Todo conhecimento que não faça a alma progredir em direção a Deus é inútil. Todo conhecimento que não possa exercer influência sobre o dever supremo de amar a Deus com todo o coração também é improdutivo. Esse é o tipo de conhecimento que nos “infla”, pois não é informado pela caridade.

### 3. *A natureza da alma*

A alma humana é algo substancial, e sua potência propriamente humana é a capacidade de pensar. Ela sabe que é um ente pensante. Ela apreende sua própria realidade. Ela realiza sua vida própria. Ela é imortal, pois a verdade imperecível reside dentro dela. Por sua própria natureza, ela é vivente, de maneira que dizer que ela é mortal equivale a proferir uma contradição. A alma de Adão veio à existência no princípio, e posteriormente foi unida ao seu corpo. As almas dos seus descendentes vieram à existência no momento da união delas com a matéria. É difícil afirmar com certeza se elas foram criadas ou trazidas ao ser pelo ato de geração, uma vez que a dificuldade aqui decorre da doutrina do pecado original.

O problema de importância capital não é tanto o que a alma é em si mesma,

mas o que ela é quanto ao seu destino. Não obstante, seu destino mesmo — repousar em Deus — é nossa mais segura pista para descobrir sua natureza, que é una, imaterial e simples. Ela é desprovida de partes quantitativas. Ela não possui extensão no espaço, muito embora esteja inteiramente no corpo, e inteiramente em cada parte do corpo. Com efeito, este fato é uma outra prova da sua natureza imaterial. Pois, se fosse composta de partículas materiais, ela não podia estar ao mesmo tempo toda e inteiramente em todas as partes do corpo. Não obstante, ela de fato está; pois, quando quer que uma impressão seja causada no corpo, a alma dela fica consciente; e não é uma parte da alma que percebe a impressão, mas a alma inteira. O espírito do homem é essencialmente único e individual. A noção de uma alma universal é absurda.

#### *4. O homem agostiniano*

A alma humana é independente do corpo e das sensações deste. Não obstante, o homem é composto de corpo e alma. Como estes se unem? Certamente, não por um vínculo hilemórfico, no sentido aristotélico do termo. O homem é o que há de melhor e mais nobre na sua natureza; portanto, o homem é sua alma. Quanto ao corpo, Agostinho era demasiado próximo de Plotino e demasiado consciente da sua própria condição de pecador para ver algum bem intelectual na parte material da nossa natureza. O importante é, não que a alma necessite do corpo, mas que o Criador teve a intenção de uni-los. O corpo jamais atuaria sobre a alma. Mesmo na sensação, é o ato contínuo da alma que torna a sensação um ato contínuo.

A sensação é um estado especial de presença. Ela é realizada pela alma, no corpo por esta animado. Quando a alma sente, ela não recebe as afecções do corpo, mas meramente produz seus atos próprios que correspondem a essas afecções. As sensações do corpo seriam desordenadas, e a alma deveria aprender a transcendê-las. “Quem há de livrar-me do corpo desta morte?”. Em tudo isso, obviamente, Agostinho não está a buscar uma definição filosófica do homem, mas apenas uma libertação da sua natureza moral quanto à inquietude, de maneira que ele possa contemplar Deus em paz.

#### *5. A doutrina da reminiscência*

Como a sensação, como processo contínuo, é tornada possível para a alma? Pela recordação, experimentando conjuntamente estímulos que não percebemos em conjunto. Dessa maneira, a experiência sensível é um tipo de experiência intelectual. Ouvir coisas é julgar acerca da verdade delas; e o conhecimento não é nada mais nada menos do que uma conversação entre a alma e as coisas que existem no mundo da verdade. As verdadeiras maravilhas da memória são as realidades que não nos chegam pelos sentidos, tais como os princípios e as leis da ciência, o desejo de ser feliz e de possuir a verdade, e o Autor da verdade. Nós nos recordamos de Deus, não como se o tivéssemos conhecido antes e agora o evocássemos, mas no sentido de que Ele nos fez, de que, na busca por conhecer a nós mesmos, estamos buscando conhecer a Fonte do nosso ser. Não é em nós mesmos, mas em Deus que buscamos Deus.

Para Agostinho, portanto, o homem deve ser definido em termos do seu Autor — uma meta antes moral que metafísica; assim como os conhecimentos do homem, sua sabedoria, que contempla as verdades eternas, e as ciências que dirigem seus negócios temporais, devem ser compreendidas em termos de uma organização moral ou religiosa. Dessa maneira, o estudo do homem é um estudo acerca da ordenação das formas ativa e contemplativa de existência. Assim como a alma é a vida do corpo, Deus é a vida da alma. A alma que não está espiritualmente feliz, está morta. O homem é um peregrino cuja alma está onde o seu coração estiver. “Fizeste-nos para ti, Senhor, e nossos corações não descansarão enquanto não repousarem em ti”.

## *6. A liberdade humana*

As coisas são boas na medida em que são, de maneira que o mal físico não é uma substância, mas uma privação de ser. Ser bom é ser formado, ordenado e adequadamente disposto. Isto é verdade para todas as coisas criadas; e é verdade para a vontade do homem. O mal moral é uma privação de um bem que deveria estar presente. O mistério da vontade humana não é a sua liberdade intrínseca. Disso Agostinho estava certo. O mistério era antes: como pode a vontade ser livre e, ainda assim, ser tão impotente para praticar o bem? A situação pareceria desesperadora, se não fosse pelo fato de que Deus não deixou o homem caído e desamparado em meio às suas fraquezas. A graça é acrescentada à natureza, a fim

de realizar o que a natureza não pode fazer. Uma roda não rola bem a fim de se tornar redonda, mas porque é redonda. Assim também a vontade não opera e não alcança êxito a fim de receber o auxílio divino, mas porque recebeu esse auxílio.

## 7. *O homem prático*

O discípulo de Platão e de Plotino foi, em toda a linha, um moralista e um estudioso do modo cristão de vida. Se ele considerou o problema da verdade, foi para dela gozar e para nela ver uma garantia de uma visão eterna. Se ele falou em sensações, foi para mostrar o quanto a alma humana necessita virar as costas para as coisas da carne se quiser se regozijar nas coisas do espírito. Se ele discutiu a natureza do homem, não foi para defini-lo de maneira abstrata, mas para retratar o ideal de uma vida humana bem ordenada. O que ele extraiu de Platão e de Plotino ficou subordinado ao que ele aprendeu de Paulo.

Para Platão e Plotino, “conhece-te a ti mesmo” significava: “sabe que és inteiramente um espírito” — um espírito que, para Platão, esteve outrora no Céu, mas de algum modo não está lá; um espírito que, para Plotino, está sempre no Céu, conquanto nem sempre esteja consciente deste fato. Uma tal filosofia da visão interior produziu em Agostinho, não um filósofo, mas um místico cristão, cujo pensamento é possuidor antes da economia do amor divino do que da ambição do entendimento humano.

## 8. *A doutrina da iluminação*

Deus é a fonte de toda a verdade e luz intelectuais. A mente humana sempre necessita da luz de Deus, seu sol, para que possa entender. Essa iluminação divina, sem a qual a alma não pode alcançar a verdade, não é uma revelação objetiva, mas uma produção subjetiva de formas no interior da mente, a qual determina o homem a conhecer. Trata-se de um *lumen sui generis*, uma luz que não é Deus, mesmo que seja emitida por Deus. Assim como os sentidos percebem pela luz do Sol cósmico, assim também o intelecto entende pela luz do semblante divino. Mas a iluminação, para Agostinho, não é meramente uma questão de conhecimento; ela é também um princípio do próprio ser da alma. Pois a iluminação da alma por Deus é parte da própria existência que Ele lhe comunica.

A teoria agostiniana da iluminação exerceu uma profunda influência sobre os filósofos da Idade Média. Tomás de Aquino, posteriormente, havia de afirmar que uma luz sobrenatural é desnecessária para o nosso intelecto. Com o mais profundo respeito pelo ensinamento de Agostinho, o Doutor Angélico ainda insistiria que a inteligibilidade natural de um objeto, resultado da potência abstrativa da mente, é suficiente para a apreensão do objeto. Tampouco isto contradiz o fato de que a potência de abstração, com sua luz inata, é um dom do Criador.

### *9. A influência de Agostinho*

Por não ter sido um filósofo em sentido técnico, Agostinho ficou livre dos erros platônicos aos quais seus discípulos menores posteriormente foram expostos. O mundo grego de Plotino, que tornou-se um instrumento do amor nas mãos do Doutor da Graça, passou a ser um mundo intelectual para os seus seguidores, no qual o realismo espiritual de um pagão foi confundido com o modo de vida de uma alma cristã. Sob essas circunstâncias, o idealismo grego passou a ser uma espécie de barreira para o Céu cristão, ao mesmo tempo que parecia conduzir de maneira mais direta a essa meta. E assim testemunhamos a origem de uma crise neoplatônica que teve início quando terminou a era dos Padres.

Tomás de Aquino solucionou as maiores questões aí envolvidas; mas a crise ressurgiu em Ockham, que lutou para livrar o cristianismo de Platão, mas conseguiu somente deixar o cristianismo desprovido de uma metafísica sólida; em Descartes, que buscou sua salvação nas matemáticas; em Leibniz, Kant e Bergson, todos idealistas e plotinianos, que se perderam na visão do Sol que brilha desde o Céu platônico. Este foi um resultado. Mas houve outros homens e outros resultados. Anselmo da Cantuária e Boaventura, por exemplo, também foram neoplatônicos à sua maneira. Para estes eruditos, no entanto, a sabedoria mística significava algo mais do que a filosofia humana, mesmo que esta fosse a filosofia de uma visão interior espiritualizada, de maneira que o conhecimento, os estudos e os hábitos filosóficos de pensamentos deles eram subordinados aos propósitos mais elevados do amor cristão e da devoção cristã.

### *10. A trajetória da psicologia patrística*

Os Padres, em geral, buscaram assumir todas as doutrinas psicológicas que considerassem sólidas nos antigos sistemas pagãos, e delas fazer parte de seu próprio ensinamento. Mas até mesmo nessa época inicial do cristianismo, o espírito racionalizador se afirmou numa tendência de alguns autores cristãos a subordinar a verdade revelada ao ensinamento dos filósofos antigos. Dessa tendência, surgiram algumas heresias que exerceram uma influência nítida sobre o estatuto da psicologia.

Os *gnósticos*, por exemplo, ficaram insatisfeitos com as explicações fornecidas pelos eruditos cristãos acerca da natureza do homem. As teses deles representam uma espécie de mescla das filosofias de Filo e de Plotino com determinados elementos da religião revelada. Como ponto central da doutrina, eles afirmavam haver um conflito insolúvel entre matéria e espírito. Isto conduziu de maneira inevitável a uma ideia equivocada da essência e das propriedades do homem.

De maneira semelhante, os *maniqueus* buscaram introduzir a antiga doutrina zoroastrista do antagonismo elementar entre Deus e toda a criação material. Ao princípio do bem, eles contrapunham um igualmente poderoso princípio do mal. No homem, eles distinguiram duas almas: uma que animaria o corpo; a outra uma alma de luz e parte da alma do mundo, que seria Cristo. Aquela seria trazida ao ser pelo princípio do mal; esta última pelo princípio do bem. A natureza humana, portanto, seria um campo de batalha no qual os poderes da escuridão e da luz travam um conflito mortífero. A ação humana dependeria do desfecho desse conflito, e não de alguma faculdade de escolha própria ao homem.

Foi contra noções desse tipo que Agostinho e os outros pensadores cristãos da era patrística tiveram de lutar. Mas esta não foi a única contribuição que fizeram à psicologia. A revelação de uma trindade de pessoas na Divindade colocou em foco um problema que os gregos falharam por completo em desenvolver: o significado do homem como pessoa humana. O caráter crucial do problema pode ser identificado desde outro ângulo notando o grande número de heresias que surgiram em relação à união hipostática, heresias que apuraram e refinaram as discussões filosóficas acerca da natureza da pessoa, tanto humana quanto divina. É significativo que no relato de São João sobre a Encarnação, a ênfase tenha sido explicitamente colocada na união da segunda Pessoa Divina com a matéria: *et Verbum caro factum est*. Porventura não podemos ver aqui uma referência indireta a algo que é essencial na natureza do homem: seu corpo? Ao assumir uma forma

humana, o Verbo se fez carne. Certamente, isto não é um voo platônico para longe da realidade, no qual o homem odeia ser homem porque odeia possuir um corpo.

Os incrementos de conhecimento que advieram da defesa patrística da união hipostática foram reunidos por *Boécio* em sua clássica definição de pessoa como *uma substância individual de natureza racional*. Mas a psicologia patrística como um todo era fragmentária e carecia de unidade, como a maior parte dos esforços filosóficos dos Padres. Ela pertencia a uma época em que tudo, exceto a religião, estava em decadência, e quando os melhores pensadores se ocupavam antes em tentar proporcionar algum tipo de base intelectual para o ensinamento revelado da Igreja do que em estabelecer um sistema de filosofia cristã.

## Os escolásticos

### 1. *A renovação do ensino*

Os séculos que transcorreram entre a morte de Agostinho e a fundação das escolas carolíngias por Carlos Magno por volta do final do século XIII foram áridos em matéria de estudos. O que importava era antes conservar e preservar do que difundir e desenvolver. Nessa época, notamos grandes alterações na população europeia, subsequentes às incursões dos bárbaros do Norte e do Leste. Também houve a contínua e dolorosa luta que a Igreja teve de enfrentar para manter a si mesma e ampliar seu número de membros. No campo da psicologia, não encontramos nada muito digno de nota até a época das cruzadas. Este foi o período que testemunhou o nascimento da filosofia escolástica.

*João Escoto Erígena* declarou que a alma do homem cria o seu corpo, empregando determinadas qualidades incorpóreas para esse propósito. *Anselmo* afirmou que nossas ideias são formadas a partir das coisas pela potência abstrativa do intelecto. Sua explicação da origem das nossas ideias se fundamenta na doutrina da espécie intencional, uma doutrina que posteriormente haveria de se tornar um aspecto crucial da teoria tomista do conhecimento. A alma seria imortal porque, de outra maneira, não poderia amar Deus por toda a eternidade. O livre-arbítrio se apresentaria essencialmente no poder de fazer o bem, e não na capacidade de pecar. Para *Abelardo*, a alma do homem seria espiritual e, ainda assim, por estar encerrada no corpo, corpórea. Ele falou da liberdade humana em termos de um *liberum arbitrium* ou livre juízo, no qual tanto o intelecto quanto a vontade teriam um papel por desempenhar. Este era o modo agostiniano de abordar o problema.

### 2. *O encontro de Oriente e Ocidente*

A posição que eruditos judeus e árabes ocuparam no desenvolvimento da psicologia escolástica foi digna de nota, uma vez que foram eles que deram o

primeiro impulso ao ressurgimento das investigações e dos métodos de Aristóteles na física. A obra dos árabes ajudou a moldar o curso da medicina e da fisiologia ocidentais, e foi talvez mais significativa em seus aspectos científicos do que em sua influência no campo propriamente filosófico. Os judeus da Espanha moura, por outro lado, desfrutaram de uma boa dose de liberdade em meio aos cristãos, e os estudos filosóficos encontraram um ambiente propício entre eles. Eruditos judeus auxiliaram em traduções para o latim de textos tanto gregos quanto árabes. Com o passar do tempo, versões de segunda mão foram sendo substituídas por fontes diretas, de maneira que, com o ressurgimento do interesse em Aristóteles, que adquiriu proporções tão grandes através dos esforços de Alberto Magno e de Tomás de Aquino, tornou-se possível conhecer a partir dos textos originais exatamente o que o Estagirita havia ensinado. Isto teve repercussões tanto na psicologia quanto alhures.

A filosofia árabe floresceu tanto na Ásia quanto na Europa. Entre os grandes psicólogos do grupo oriental o nome mais importante é o de *Avicena*, que afirmou que a alma humana é uma substância espiritual, desprovida de qualquer matéria, e o receptáculo das espécies inteligíveis. Ela seria unida ao corpo, não como forma substancial, mas como uma colaboradora amigável. Dela emanaria uma ampla diversidade de potências, dentre as quais podemos distinguir: (a) o intelecto em potência, que é a mais básica aptidão para conhecer; (b) o intelecto em efeito, enquanto dotado de noções primeiras que não de capacitá-lo a adquirir a ciência; (c) o intelecto em hábito, isto é, o intelecto tornado capaz e preparado para voltar-se para o seu objeto inteligível; (d) o intelecto adepto, que contempla em ato o seu objeto inteligível. Todos esses intelectos seriam meramente tendências diversas da parte do intelecto passivo e devem ser cuidadosamente distinguidos do intelecto ativo, que seria uma potência separada e única para todos os homens.

Como o ato contemplativo é conduzido à perfeição? Principalmente sob o impulso do intelecto ativo. A preparação desse processo contemplativo é inicialmente feita na própria alma. Aqui, Avicena fala prolongadamente do papel dos sentidos, especialmente das faculdades interiores, das quais ele fez uma análise bastante perspicaz. A doutrina da potência cogitativa, o mais elevado dos sentidos internos, foi bem desenvolvida em seus escritos, e é uma das melhores contribuições feitas pelos árabes para o repertório da psicologia medieval.

No Ocidente, o nome de maior importância é o de *Averróis*, que afirmou que

a mente humana é de fato separada dos membros individuais da nossa espécie, sendo uma forma imaterial e eterna, dotada de unidade numérica. Essa mente ou intelecto seria tanto ativa quanto passiva. Ela seria estritamente impessoal e objetiva, uma tocha que acenderia as almas individuais dos homens, uma perfeição partilhada por toda a humanidade, capacitando todos os homens a participarem da verdade eterna.

Como os homens pensam? Pela ação da mente separada sobre as imagens sensíveis do indivíduo. Aqui, novamente, podemos notar a habilidosa análise feita acerca dos fenômenos da psicologia dos sentidos, tão admirada e respeitada por Tomás de Aquino, mesmo que ele não concordasse com ela em todos os detalhes. Pela doutrina da inteligência separada, Averróis foi conduzido a concluir que a vida após a morte é impessoal. Tudo no homem morreria, exceto a sua inteligência, que não seria uma substância individual, mas a mente da humanidade, como a todos os membros da nossa espécie.

*Avicébron* foi o mais conhecido dos filósofos judeus da Espanha. Sua psicologia representava uma combinação de Aristóteles com a doutrina neoplatônica. Nos puros espíritos, haveria tanto matéria quanto forma. Nas substâncias corpóreas, haveria formas correspondentes aos graus de perfeição de que cada ente desfruta. O homem, por exemplo, possuiria diversas dessas enteléquias, uma vez que ele é um corpo, uma planta e um animal, bem como um ser humano. Seu corpo seria um compêndio microcósmico de todas as excelências do universo, e o local de habitação de suas numerosas formas, que proviriam da alma do mundo ou espírito cósmico. Este último espírito, juntamente com tudo que dele decorre, mover-se-ia em direção a Deus, que é o Bem absoluto e único.

*Maimônides* também exerceu uma ampla influência sobre os escolásticos, embora sua importância para a história da psicologia seja pequena. Sua análise da natureza do homem se insere na tradição aristotélica. Aqui, como alhures, sua principal preocupação era mostrar como a filosofia do Estagirita pode ser conciliada com as doutrinas da religião judaica. Maimônides possuía a mais inusitada opinião acerca da imortalidade da alma humana. Ao tratar do problema, ele citou diversas passagens do Antigo Testamento e fez referência às opiniões dos comentadores. Ele então traçou uma distinção entre a alma, que seria inata, e o intelecto, que seria adquirido. Por fim, ele alcançou a espantosa conclusão de que apenas as almas dos justos seriam imortais. Essa doutrina se tornou bastante

popular entre os filósofos judeus.

### 3. *O florescimento do movimento escolástico*

*Alexandre de Hales* foi o primeiro escolástico a discutir problemas de natureza psicológica depois que as obras completas de Aristóteles se tornaram conhecidas no Ocidente. Embora seu ensinamento seja peripatético em linhas gerais, ele ainda levava as marcas de um forte viés agostiniano e platônico. Conquanto admitisse que a alma é a forma substancial do corpo, Alexandre ensinou que ela seria composta de uma matéria espiritual. Suas potências cognitivas seriam divididas em razão, que trata do mundo externo; intelecto, cujo objeto seria o ente espiritual criado; e inteligência, que ocupar-se-ia dos primeiros princípios. O conhecimento do mundo superior aos sentidos dependeria de uma iluminação divina.

*Boaventura* repetiu a divisão agostiniana das faculdades da alma em intelecto, memória e vontade. Esta última potência seria de natureza mais nobre que o intelecto. Não obstante, o estudo das funções intelectuais possui, para *Boaventura*, um fascínio e uma posição de eminência que ninguém haveria de esperar em terreno agostiniano. Sua teoria da origem das ideias assume contornos um tanto estranhos. O intelecto possível voltar-se-ia para a espécie presente no fantasma, e, por esse ato de conversão, receberia do intelecto agente a potência de abstrair. Nem todo o nosso conhecimento intelectual proviria dos sentidos, mas somente aquele relativo ao universo corpóreo. Quanto aos objetos que estão acima da matéria, como a alma e Deus, nosso conhecimento seria alcançado sem a mediação dos sentidos. O espírito do homem contemplaria a si mesmo de maneira imediata, e, nessa visão, alcançaria uma união cognitiva com Deus.

Como intelecto, vontade e memória se relacionam com a alma? Ao responder a esta questão, *Boaventura* parece ter buscado uma posição intermediária entre a antiga teoria agostiniana da identidade real e a nova doutrina, que Tomás de Aquino estava defendendo, da distinção real. A alma e suas potências formariam uma única e mesma substância, na qual representariam diferentes essências.

Além da sua forma corpórea, o corpo humano possuiria numerosas outras formas que explicariam a perfeição da sua vida. A mais elevada e mais nobre destas, a alma intelectual, seria ela mesma composta de matéria e forma. Embora não tenha entrado em polêmica com Tomás de Aquino acerca do problema,

Boaventura se opunha ao ensinamento de que há apenas uma forma substancial no homem. A alma racional adviria a um corpo já existente por sua forma própria. Isto asseguraria à alma uma certa independência, que, de acordo com Boaventura, é corroborada pelo fato de que há elementos de uma totalidade substancial — matéria e forma — em sua constituição. Portanto, quando chega o momento da sua separação em relação ao corpo, não haveria dificuldade na retirada, uma vez que a relação do corpo para com a alma seria como aquela do “Irmão Asno para com seu montador”.

#### 4. *Precursores da ciência moderna*

*Roger Bacon* é considerado como o precursor do seu homônimo Francis Bacon. Juntamente com Alberto Magno, ele participa da honra de ter sido figura de destaque no campo da ciência do século XIII. Um genuíno pesquisador, ele defendeu um método indutivo de pesquisa e uma abordagem objetiva para com a realidade física. Esse era o tipo de atitude que não menosprezaria as observações de nenhum homem, mas acenderia sua tocha na vela de qualquer homem. A falta de prudência de Bacon, contudo, danificou amplamente os benefícios que, de outro modo, poderiam ter sido acrescidos à filosofia por seus *insights* científicos e pelos seus métodos propostos de reforma.

A psicologia de *Alberto Magno* é, em geral, idêntica à do seu ilustre discípulo Tomás de Aquino. Foi como estudioso da natureza física que Alberto manifestou a universalidade do seu gênio. Suas pesquisas em botânica, zoologia e fisiologia, entre outras coisas, foram realizadas no espírito da verdadeira investigação científica. Sua fidelidade a Aristóteles não era servil. De fato, ele estava perfeitamente disposto a reconhecer o valor do trabalho realizado pelos judeus e pelos árabes. Ele, ademais, reconheceu a dívida dos filósofos cristãos para com Platão e seus seguidores. Em psicologia, ele afirmou que a alma do homem é um princípio imaterial, a forma do corpo. O intelecto, como faculdade própria da alma, não se fixa em nenhum órgão; não obstante, através do organismo, ele recebe o material do pensamento. Assim, não é o intelecto, mas o corpo com seus sentidos, que fica fatigado devido à estimulação constante.

Alberto, no entanto, carecia do poder de síntese que foi um traço tão excepcional da obra de Tomás de Aquino. Embora ambos concordassem nas

grandes questões da psicologia, eles não eram perfeitamente unidos em suas opiniões. Suas diferenças surgiram majoritariamente da maneira como cada um abordou seu sujeito<sup>[2]</sup> próprio. Alberto tinha uma tendência natural a considerar as coisas desde um ponto de vista fisiológico. Tomás, de maneira igualmente natural, tendia a interpretar suas experiências em termos psicológicos. Um amava o particular e o concreto, e era analítico em sua expressão da verdade. O outro se interessava pelo geral e pelo abstrato, e tendia a adotar uma perspectiva sintética. Coube a Tomás de Aquino a tarefa de entrelaçar os diversos elementos do conhecimento e da experiência de seu mestre numa filosofia compacta da natureza humana.

---

2. O termo “sujeito” é aqui empregado em sentido tomista, como aquilo sobre o qual a ciência predica propriedades — NT.

## A síntese tomista

### 1. Fontes de inspiração

Elaborar as verdades exprimidas por pensadores anteriores num todo orgânico é de fato um avanço tão grande em filosofia quanto a introdução de novos fatores. A síntese de *Tomás de Aquino* é notável em ambos os quesitos. Ele não apenas conectou todos os *insights* disseminados e frequentemente fragmentários sobre a realidade que haviam sido trazidos à tona por sábios que o antecederam, mas também foi capaz de aumentar o conteúdo atual do conhecimento filosófico por meio de suas profundas análises próprias. Ele foi devedor de gregos, judeus e árabes. Ele bebeu da tradição patrística que se havia acumulado tanto no Oriente quanto no Ocidente com o crescimento da Cristandade. Ele se beneficiou dos melhores pensamentos de todos os escolásticos que o antecederam. Ele foi capaz, além disso, de aperfeiçoar o método das escolas, consagrando ao serviço da verdade a habilidade dialética que os racionalistas tanto prezavam e que os místicos tão categoricamente condenavam.

Tomás de Aquino deu os últimos retoques à solução do problema dos universais, propondo uma teoria que não negligenciava os bons argumentos de seus oponentes — um realismo moderado fundamentado no princípio de que os universais estão formalmente<sup>[3]</sup> na mente, mas fundamentalmente<sup>[4]</sup> nas coisas. Esta foi uma doutrina que conciliou as posições extremas dos nominalistas, que declaravam que os universais são apenas nomes; dos conceptualistas, que defendiam a teoria de que os universais estão apenas na mente; e dos ultrarrealistas, que diziam que os universais são efetivamente coisas. Tomás foi o primeiro a conferir a Aristóteles e à filosofia deste uma perspectiva verdadeiramente cristã. Com um golpe de mestre, ele foi capaz de fazer a fé cristã tirar proveito daquela mesma metafísica que os gentios haviam utilizado para derrotar os propósitos do cristianismo. Com uma abrangência de visão que, mesmo nesta época de visões de mundo amplas, não parece nada menos que milagrosa, ele aprofundou os alicerces

de sua vasta síntese filosófica. Seu pensamento possuía uma força e uma firmeza que um moderno dificilmente compreende. Em nada diminui o mérito quer daqueles que contribuíram para a sua realização, quer da originalidade do próprio Tomás de Aquino, dizer que ele coroou os trabalhos dos filósofos que o antecederam ao construir seu edifício com os materiais por eles fornecidos.

## *2. O âmago da psicologia tomista*

O que Tomás de Aquino fez pela filosofia em geral, ele fez pela psicologia em particular. Aqui o que caracteriza a sua obra é o espírito novo com o qual ele encetou a tarefa de analisar a natureza do homem à luz da doutrina hilemórfica de Aristóteles. Seu senso de completude exigia que ele nada deixasse imperfeito ou inacabado; e, para essa finalidade, ele aplicou todas as energias de seu volumoso corpo e toda a inventividade da sua altamente dotada mente. Em sua psicologia encontramos tanto elementos platônicos quanto os traços substanciais do aristotelismo. Com um igual senso de imparcialidade, ele buscou descobrir os usos possíveis das doutrinas agostinianas que eram comuns na sua época. Ele tampouco hesitou consultar os comentadores judeus e árabes para solucionar seus problemas. Ele trabalhou com base no princípio de que todo o conhecimento e toda a verdade, seja qual for a fonte, são aptos a serem harmoniosamente articulados.

Para Tomás de Aquino, a questão de maior importância na psicologia é a relação da alma para com o corpo. Ela foi, com efeito, bem mais importante para Tomás de Aquino do que para Aristóteles. Com isto quero dizer que a solução das principais questões da psicologia na época de Tomás de Aquino exigia que o problema corpo-alma ocupasse a primeira posição. Aristóteles havia meramente declarado que a verdadeira solução era tão óbvia que tornava qualquer esclarecimento supérfluo, além de uma mera afirmação do fato da união substancial desses dois princípios básicos da natureza humana. Tomás de Aquino não agiu assim! Ele insistiu numa demonstração; e sua ênfase na necessidade de provar esse pressuposto central da psicologia aristotélica revela — devo dizer — que ele estava muito mais próximo do espírito da psicologia moderna e era bem mais compreensivo quanto às necessidades desta do que o próprio Aristóteles. A questão aqui, naturalmente, é meramente de ênfase.

### 3. *A verdadeira natureza do homem*

Alma e corpo, ou, mais propriamente, a alma e um substrato material são os coprincípios da unidade substancial que é o homem. Eles são unidos precisamente como forma e matéria, no sentido hilemórfico destes termos. A natureza substancial completa, portanto, não pertence nem à alma sozinha nem ao corpo sozinho, mas somente ao *synolon* ou composto de ambos. O homem é antes de tudo uma substância ou ente; depois, uma substância com uma natureza que, em virtude de possuir uma ampla gama de faculdades — vegetativas, sensitivas e racionais — é capaz de agir. A natureza entitativa é pressuposto da natureza operativa. Porque possui uma alma racional, o homem é uma criatura inteligente. Uma vez que essa alma racional é uma forma substancial, e a única forma substancial na sua composição, o homem é a um só tempo humano, animal, planta, substância corpórea e ente. Tomando o primeiro e o último elemento desta análise, podemos abreviar nossa descrição do homem dizendo que ele é simplesmente um ente humano.

A verdade da união substancial entre corpo e alma humanos é demonstrável a partir de diversos pontos de vista: (a) a própria noção de alma como forma substancial e princípio último da vida vegetativa, sensitiva e racional significa que há uma relação essencial entre alma e corpo, sendo ambos, de uma maneira ou de outra, necessários para todas as funções vitais do homem; (b) a referência, em última instância, de todo ato que o homem pratica, como dormir e caminhar, comer e beber, perceber e sentir, pensar e querer, a um supósito único que é seu ego define claramente a mesma verdade da união hilemórfica; (c) o fato de a natureza tanto fisiológica quanto psicológica de tais fenômenos unificados ser a de sensações e emoções aponta para a mesma conclusão; (d) o fato do influxo mútuo das espécies superiores e inferiores de operação, por exemplo, o controle que a mente pode exercer sobre as atividades corpóreas e os impedimentos que a paixão pode colocar no caminho da razão, também é indicativo do caráter singularmente substancial da união corpo-alma; (e) o medo da doença e de lesões e a aversão natural pela morte são inexplicáveis exceto com base na premissa de que há no homem a mais íntima relação entre mente e matéria.

Assim como o corpo exige a alma para ser um corpo humano, também a alma exige o corpo para ter sua perfeição natural. Somente sendo e operando

conjuntamente o corpo e a alma podem alcançar as metas da atividade humana. É verdade que a alma é superior à matéria com a qual está unida, que em suas funções superiores, que são o pensar e o querer, ela é intrinsecamente dependente de órgãos corpóreos, e, ademais, que é capaz de sobreviver à desintegração do corpo. Não obstante, também é verdade que não há operação da alma, por mais separada e afastada da matéria que ela seja, na qual o corpo não tenha participação alguma. E isso a tal ponto que, depois da sua separação em relação ao corpo, a alma permanece, por assim dizer, numa situação não natural, e assim há de permanecer até sua reunificação com a matéria no dia da ressurreição geral.

#### 4. *O que é a alma?*

Dizemos propriamente que uma coisa vive quando ela contém em si mesma o princípio do seu movimento ou da sua operação. Ora, a fonte última dos fenômenos vitais é a alma. Este é o caso de todas as espécies de organismo: plantas, animais e homens. Embora possamos nos referir ao coração, ao cérebro, aos órgãos sensitivos, e assim por diante, como princípios de funções vitais, eles são apenas fontes próximas de vida. Aquilo pelo que nós em última instância nos movemos e possuímos nosso ser é a alma. Há, portanto, um contraste essencial entre a alma, enquanto forma substancial, e o corpo, como substrato material da vida.

A alma é a vida, em si, do corpo. Se as coisas fossem diferentes, então teríamos de dizer que os corpos *enquanto* corpos são capazes de vida; e não haveria razão alguma para que toda e qualquer matéria não fosse matéria viva. Aristóteles estabeleceu essa distinção fundamental entre alma e corpo quando definiu a alma como o ato primeiro ou a perfeição primeira da matéria fisicamente organizada que possui a vida em potência; vale dizer, que ainda não está determinada para ser matéria viva. Analisando esses dois princípios em suas relações recíprocas, descobrimos que a alma é o princípio perfectivo, uma vez que confere a vida, e que a matéria é o perfectível, uma vez que recebe a vida.

#### 5. *A escala da vida*

Uma vez que a vida é a potência de automovimento, os entes viventes podem ser classificados numa escala de excelência que corresponde aos graus ascendentes de

automovimento. O critério aqui é o grau de imanência, isto é, o grau de afastamento das condições materiais de operação. No nível mais baixo da escala temos a vida das plantas, que é inteiramente limitada pela matéria. Em seguida temos a vida animal, na qual há um afastamento parcial da matéria. Por fim, encontramos a vida humana, na qual, no que diz respeito às suas funções intelectuais, há uma completa separação da matéria. A vida, por conseguinte, pode ser descrita como um esforço para superar a inércia essencial da matéria. Ela triunfa precisamente na medida em que é capaz de vencer e superar essa inércia que tudo permeia.

Os graus da vida se manifestam efetivamente nas potências ou propriedades que a matéria viva revela ao operar. A vida das plantas se ocupa de funções metabólicas e reprodutivas; e as propriedades pelas quais ela realiza seus propósitos são três: nutritiva, aumentativa e geradora. A vida animal possui interesses adicionais. Ele é capaz de conhecer, desejar e mover-se; e as potências aqui envolvidas são os sentidos, os apetites e a faculdade locomotora. Por fim, a vida humana, que é o degrau mais alto na escala da perfeição cósmica, soma às já mencionadas propriedades vegetativas e sensitivas as potências adicionais do conhecimento e da apetência intelectuais.

## *6. Como surge o nosso conhecimento*

Em seus aspectos gerais, o conhecimento é um processo vital no qual sujeito e objeto se unem de uma maneira intencional. Metaforicamente falando, trata-se de um ato de assimilação. Na realidade, trata-se de um ato de informação. Aristóteles, conforme recordamos, comparou o processo com a impressão de um sinete numa porção de cera. O objeto do conhecimento pode ser duplo: algo composto de matéria e forma; ou algo que seja pura forma. Em ambos os casos, é a forma que faz o objeto ser o que é. O conhecimento é um ato vital no qual a forma imprime a si mesma no agente cognoscente, produzindo uma espécie intencional, que, dependendo do sujeito que a receba, será sensível ou inteligível. Em ambos os casos, note-se que é uma forma intencional, e não uma forma natural, que realiza a união entre sujeito e objeto. A intimidade da união determina a perfeição ou excelência do conhecimento. No conhecimento sensitivo, a forma intencional é recebida numa faculdade material. Ela ainda é de caráter concreto e individual,

uma vez que é apenas parcialmente removida da matéria. No conhecimento intelectual, a forma intencional é recebida numa faculdade imaterial. Ela é de caráter abstrato e universal, uma vez que é completamente removida da matéria.

O conhecimento sensitivo sempre diz respeito às qualidades sensíveis ou aos traços accidentais da substância corpórea. Seus objetos podem ser agrupados de três maneiras: (a) sensíveis próprios, tais como cores, sons, odores, sabores, e qualidades tangíveis dos corpos; (b) sensíveis comuns, tais como extensão, formato, distância, tamanho, movimento, e aspectos temporais dos estímulos; (c) sensíveis *per accidens*, que caem sob o conhecimento sensitivo por acidente, vale dizer, enquanto são sentidos de maneira direta. Por exemplo, um objeto branco, que é diretamente sentido como branco, é sentido indiretamente como o filho de Diáres; neste caso, o filho de Diáres é um sensível *per accidens*.

## 7. O que os sentidos conhecem

Assim como a matéria prima é pura potência na ordem física, assim também a faculdade intelectual é pura potência na ordem intelectual. Há, no entanto, uma diferença: a matéria prima é potência passiva para ser; ao passo que a potência do intelecto é potência ativa para aprender. O intelecto já possui as sementes, por assim dizer, dos primeiros princípios do conhecimento. Mas, inicialmente, ele é completamente desprovido de ideias; e nele não há nada que não tenha estado previamente nos sentidos. Os conhecimentos do sentido, portanto, são de importância primária para o crescimento da nossa vida intelectual.

A sensação é um ato pelo qual o objeto sensível produz uma modificação na potência sensitiva. Os sentidos são essencialmente passivos, o que significa que eles devem ser ativados por um estímulo. Mas eles não são meramente passivos, uma vez que reagem, de maneira vital, aos objetos que incidem. A sensação, de maneira geral, descreve a operação de toda potência sensitiva. Mas, particularmente, ela é empregada para indicar a operação dos sentidos exteriores. Ela possui dois aspectos, conforme indicamos; primeiro, o aspecto do padecimento ou paixão, que se refere à recepção da espécie sensível impressa pelo objeto; segundo, o aspecto da resposta ou operação, que se refere ao ato que se segue ao seu aperfeiçoamento pela espécie sensível.

Qual é a natureza do padecimento operado no órgão sensitivo pelo objeto?

Trata-se de uma mudança que não é nem totalmente material nem totalmente imaterial. Ela não é totalmente material, uma vez que consiste na impressão de uma forma intencional, isto é, uma forma que foi separada da matéria. Ela não é totalmente imaterial, porque a espécie sensível, impressa no órgão sensitivo, é recebida numa potência material e é limitada pelas contingências da matéria. A espécie sensível, por conseguinte, não é uma entidade substancial, mas um movimento vivente. O conhecimento é vital e, na medida em que é afastado da matéria, é imanente. A ação do objeto, na medida em que incide sobre o sentido, e a ação do sentido, na medida em que responde à impressão do objeto, são realmente uma única e mesma ação. Em resumo: o sensível em ato é idêntico ao sentido em ato.

A espécie sensível é o determinante do conhecimento sensitivo. Ela coloca o sentido em ato para que ele apreenda seu objeto próprio. Ela não é o objeto em miniatura, tampouco é algo que conhecemos em primeiro lugar e, depois, por meio dela, conhecemos o objeto. Ela é meramente o meio vivo de comunicação entre objeto e sujeito, funcionando numa condição vicária em lugar do objeto, e capacitando o sujeito cognoscente a unir-se, intencionalmente, com o objeto conhecido. Ela é chamada um *eidos* ou *species* porque, por meio dela, o objeto fica de algum modo presente ao sujeito. Conquanto não haja expressão sem impressão, note-se que, no caso dos sentidos exteriores e do sentido comum, há impressão sem expressão. Com isso, Tomás de Aquino quer dizer que, para os sentidos presentativos, a ação do estímulo e a formação da espécie impressa sensível são suficientes para o conhecimento, uma vez que o objeto está atualmente presente aos órgãos do sentido. Mas, no caso dos sentidos representativos — imaginação, memória e potência estimativa ou cogitativa — também há a formação de espécies sensíveis expressas. Estas últimas são chamadas “fantasmas”. A partir delas, o intelecto extrai suas ideias.

É óbvio, portanto, que, na economia tomista do conhecimento, os sentidos são altamente diversificados. Dessa maneira: (a) para apreender objetos sensíveis atualmente presentes, há os cinco sentidos exteriores e o sentido comum, que é a raiz e o princípio de toda a percepção sensível; (b) para apreender objetos sensíveis na ausência deles, há a imaginação; (c) para apreendê-los enquanto pertencentes ao passado, há a memória; (d) para apreender o significado biológico ou o valor instintivo dos objetos sensíveis, há a potência estimativa ou cogitativa. A função

peculiar dos sentidos representativos é preparar o altamente sintetizado dado sensorial que Tomás de Aquino, seguindo Aristóteles, chama o “fantasma” — conduzindo o produto do conhecimento sensitivo às portas mesmas do intelecto.

#### 8. *O surgimento das nossas ideias*

Vejam agora como nos elevamos do conhecimento fornecido pelos sentidos ao conhecimento intelectual. O problema aqui é a derivação do universal a partir do particular, do abstrato a partir do concreto, do imaterial a partir do material. Preparando o terreno para a solução, Tomás de Aquino recorda a distinção aristotélica entre a potência que “faz todas as coisas” inteligíveis e a potência que “se torna todas as coisas” inteligíveis. Aquele é o intelecto agente; este último, o intelecto possível. Eles são faculdades distintas. O objeto, enquanto apresenta a si mesmo aos sentidos e é retratado no fantasma, é de fato uma coisa concreta e contingente. Mas, por baixo dos acidentes, que o confinam nos limites do aqui e do agora, reside sua essência inalterável, que é universal e necessária. O intelecto agente imediatamente separa o que é concreto e contingente do que é universal e necessário no objeto, fazendo a pura natureza se apresentar despida de todos os apêndices sensíveis. Ele faz isto pela força abstrativa da sua luz, que agora transforma o que no fantasma era apenas potencialmente inteligível em algo inteligível em ato.

Dessa maneira, a espécie inteligível impressa passa a existir e desempenha o seu papel atuando o intelecto possível para que este forme uma espécie inteligível expressa, que é a imagem mental do objeto. A ideia assim concebida no seio do intelecto possível possui um aspecto duplo. Considerada desde o ponto de vista entitativo, ela é um acidente da mente; considerada desde o ponto de vista eidético, é um retrato ou imagem que opera como meio pelo qual sujeito e objeto ficam intencionalmente unidos no momento da intelecção. E, assim, o que o intelecto apreende em primeiro lugar é a coisa. Afirmar o contrário, fazer da ideia aquilo que é conhecido em primeiro lugar, ou até mesmo aquilo em que nós conhecemos, seria escancarar as portas para o subjetivismo e para todos os erros idealistas que seguem o rastro deste.

Gerar a ideia, contudo, não é apreender a verdade perfeita da realidade. Pois a verdade perfeita se encontra somente no ato do juízo. É possível falar na verdade,

de maneira embrionária ou parcialmente formada, como existente nos sentidos e nas simples apreensões do intelecto. Mas esse tipo de conhecimento é uma mera preparação para a enunciação perfeita da verdade alcançada quando julgamos e raciocinamos acerca das coisas. Falamos aqui da ordem natural do conhecimento e da elaboração. O movimento em direção à verdade é devido a um impulso inato, da parte do intelecto, de reagir à luz da evidência intrínseca. Por meio de um tal procedimento, chegamos a apreender o significado dos primeiros princípios e das conclusões que formam a medula e o âmago dos nossos conhecimentos filosóficos.

### *9. A ordem do conhecimento humano*

A primeira noção que entra na mente do homem é a de ente. Para que fique claro, não se trata de uma ideia nítida, tal como a noção que o metafísico possui do ente. Quiçá possamos dizer que se trata antes da ideia de *algo* do que da ideia de *ente*. É apenas depois de uma demorada educação no uso das ideias, e pela reflexão sobre seus próprios atos, que o intelecto alcança um conhecimento de si mesmo. Começamos pelo aspecto mais imediato e tangível da realidade, o mundo do sentido; e da informação assim obtida formamos nossa primeira ideia vaga e indefinida do ente. Uma vez que esta é a ordem natural dos acontecimentos, fica patente que Deus não é a primeira coisa que conhecemos, como alguns declararam.

Nossa noção primitiva de ente é meramente uma abstração da experiência sensitiva, que existe, enquanto tal, somente na mente. Deus, por outro lado, é a primeira e a maior das realidades objetivas. Quando dizemos que tudo vemos e tudo julgamos em Deus, queremos dizer que apreendemos tudo à luz do intelecto que Ele nos conferiu. Assim como na visão corpórea é desnecessário que vejamos a substância do sol, assim também na visão intelectual não há necessidade de dizer que vemos a substância de Deus.

### *10. A vida do desejo e a ação*

Todos os desejos do homem são de algum modo ligados a bens e males apreendidos. Em comum com os animais, ele tem os apetites sensitivos. Estes dão

origem a paixões de dois tipos: (a) concupiscíveis, relativas a bens materiais por possuir (amor, desejo e alegria) e males materiais por evitar (ódio, aversão e tristeza); (b) irascíveis, que se ocupam de bens materiais árdios (esperança e desespero) e males materiais espinhosos (coragem, covardia e ira). O que o psicólogo moderno chama “sentimentos” e “emoções” são espécies de movimentos apetitivos, que surgem de necessidades biológicas.

No sentido amplo do termo, a paixão é uma mudança. Em sentido estrito, trata-se de uma mudança de um estado de ser mais perfeito para um menos perfeito. Portanto, paixões tais como o ódio, o desgosto e a tristeza, onde o mal está incluído, são mais verdadeiramente paixões do que o amor, o desejo e a alegria, onde o movimento se dá em direção a um bem. Evidentemente, a alma não possui estados contrários, uma vez que é de natureza imaterial. Não obstante, podemos dizer que ela passa de um estado de perfeição maior a um menor — por exemplo, do amor ao ódio — em razão de sua união íntima com o corpo.

Toda paixão envolve mudança corporal. Como o próprio homem, que é o sujeito da paixão e que é uma criatura composta de matéria e forma, a paixão pode ser descrita como dotada de um elemento material e de um elemento formal em sua estrutura. Ela é ao mesmo tempo um fenômeno fisiológico e um fenômeno psicológico. O fator somático representa o aspecto material da paixão; o fator psíquico representa seu aspecto formal. Ambos são exigidos para a produção do movimento apetitivo. Podemos falar em paixões da vontade, mas apenas empregando uma figura de linguagem, uma vez que tais movimentos não contêm nenhum elemento material em sua essência.

Imediatamente ligada aos apetites sensitivos e obedecendo aos comandos deles temos a faculdade locomotora, da qual homens e animais brutos são igualmente dotados. A ação tem origem na paixão. O comportamento externo apresenta um caráter definido e envolve todas as potências animais, de uma maneira ou de outra. O conhecimento do perigo, por exemplo, gera o medo; e o medo, por sua vez, leva à fuga. A potência cognitiva torna conhecida a situação; o apetite sensitivo dá as ordens; e a faculdade locomotiva executa o movimento externo. O animal não tem outra escolha senão prestar obediência cega às exigências dos seus apetites sensitivos. Também o homem é amplamente guiado pelo fluxo dos seus sentimentos e das suas emoções. Mas seus músculos, seus nervos e seus tendões recebem uma marca racional que é impossível encontrarmos no animal. No

homem, mãos, pés e língua podem proporcionar uma base para habilidades que estão completamente fora do campo de realizações do animal bruto.

A vontade possui como seu objeto o bem que é apreendido pela razão. A meta imediata de todo movimento apetitivo é o bem. O mal entra apenas indiretamente, quer algo falsamente julgado como um bem, quer como algo que obstrui o caminho ao desfrute do bem. Dessa maneira, o bem é o objeto do apetite, assim como a verdade é o objeto do intelecto. O conhecimento precede os atos dos apetites e determina a natureza deles servindo como um motivo de conduta. O bem da vontade é duplo: o bem geral, que esgota o conceito intelectual de bem; e o bem particular, que é bom somente de maneira limitada. Assim como o intelecto não pode recusar seu assentimento aos primeiros princípios, assim também a vontade não pode deixar de desejar o bem geral quando ele está presente. A escolha é possível somente quanto a bens particulares; assim como a diversidade de opiniões só é possível quanto a conclusões derivadas dos primeiros princípios.

Quando o intelecto apresenta um bem particular à vontade, ele o faz de tal maneira que deixa a vontade numa situação de liberdade para escolhê-lo ou rejeitá-lo como algo que não preenche por completo a noção de bem. As raízes da liberdade, portanto, residem em nossas apreensões intelectuais. O *liberum arbitrium* é tanto uma questão do intelecto quanto da vontade. Depois de comparar ambas as potências, Tomás de Aquino decide que, falando de maneira absoluta, o intelecto é superior à vontade. Contudo, tendo em vista o fato de que o objeto da vontade é, sob certas circunstâncias, mais perfeito do que o objeto do intelecto, aquela potência pode ser relativamente superior a esta. Deste ponto de vista, a vontade é mais excelente ao amar Deus do que o intelecto ao conhecer os entes corpóreos.

### *11. Como aperfeiçoamos nossas potências*

As numerosas habilidades do homem, e mais particularmente suas potências intelectuais, são como sementes que devem ser conduzidas ao florescimento e à frutificação pelo uso. O exercício é a via que conduz à perfeição; e, quando adequadamente empregado, resulta num funcionamento fácil, gracioso e prazeroso das faculdades. Esse é, evidentemente, o hábito que, segundo o ensinamento tomista, representa uma verdadeira excelência da razão e da vontade. Se as

potências inferiores do homem também forem habituadas, se forem acostumadas a agir de determinadas maneiras, isto se dará em função da sujeição delas às influências do *insight* racional e do controle volitivo. O hábito é uma faculdade desenvolvida, é um meio-termo entre a potência de operar e a operação atual.

Em sentido estrito, o hábito é sempre de caráter operativo. O assim chamado “hábito entitativo” nada mais é que uma disposição que afeta a substância de uma coisa — por exemplo, a beleza ou a saúde do corpo —, e não uma potência ou faculdade sua. Todo hábito pode ser fortalecido ou debilitado de duas maneiras: (a) por seus próprios atos; (b) pelos atos de outros hábitos. O único hábito que não pode se deteriorar é o dos primeiros princípios. Do ponto de vista psicológico, um hábito é bom ou mau na medida em que é conveniente ou inconveniente para a natureza do homem. Do ponto de vista moral, um hábito é bom ou mau na medida em que conduz o homem ao seu fim último ou deste o afasta.

## 12. *A pessoa humana*

Dizer que o homem é uma pessoa é situá-lo no ápice da escala da perfeição cósmica. Ele é a mais excelente de todas as criaturas corpóreas. A razão dessa excelência reside no fato de que ele possui um intelecto que pode penetrar no significado das coisas, e uma vontade que pode dirigir todas as ações dele para a meta da felicidade humana. O homem, por assim dizer, pode assumir o controle de si próprio. Nenhuma outra criatura pode fazê-lo. Ele é o senhor do seu próprio destino. Ele pode urdir seus hábitos na trama de um modelo eterno. Como pessoa, ele é uma substância, um ente autônomo, em si mesmo indiviso, mas separado de todas as outras criaturas: um indivíduo, um pensador, um executor.

Como pessoa, o homem é uma substância completa, capaz de subsistir em e por si mesma, separada do restante da criação, responsável por sua própria conduta; uma entidade incomunicável e incapaz de ser assumida por outro ente; um supósito pertencente à ordem da razão, da liberdade e do espírito, com uma declaração de direitos em sua alma e uma declaração de independência em seus lábios. Nenhuma outra criatura no universo visível pode reivindicar tamanhos privilégios.

## 13. *O espírito do homem*

A alma do homem é imaterial. A partir deste fato, também concluímos que ela é essencialmente simples, uma vez que não pode ser dotada nem de partes entitativas, nem de partes quantitativas. Como forma substancial, ela está presente no corpo todo e em cada parte do corpo. Os sentidos exteriores obviamente operam nos órgãos materiais que a natureza concebeu para as funções especiais deles. A potência visiva da alma, por exemplo, não é mediada pelo ouvido. Todas as faculdades do homem estão na alma como no seu princípio; mas somente o intelecto e a vontade estão na alma como no sujeito próprio deles. Dessa maneira, para mostrar que a alma é inextensa e imaterial, basta demonstrar a natureza incorpórea do intelecto humano. Isto se faz apelando a determinados fatos indiscutíveis: (a) o intelecto pode conhecer todos os corpos e, portanto, não pode ser ele mesmo um corpo; (b) o intelecto pode refletir sobre si mesmo, e, dessa maneira, não pode ser extenso; (c) o intelecto pode pensar acerca de coisas universais e incorruptíveis.

A natureza imaterial do intelecto, no entanto, não impede que ele seja dependente dos dados dos sentidos para alcançar seus objetos. O fenômeno da fadiga mental é explicado por essa dependência quanto às potências que possuem pontos definidos de saturação. A correlação essencial entre intelecto e sentido, tão firmemente afirmada por Tomás de Aquino, é um ponto crucial na sua psicologia, por três razões: primeira, ela nega a doutrina idealista da qual o intelecto não é nem mesmo objetivamente influenciado por aquilo que os sentidos fornecem; segunda, ela nega a doutrina materialista da qual o intelecto é subjetivamente determinado pelo caráter dos processos orgânicos; terceira, ela confere um escopo e um significado completos às análises empíricas dos fenômenos conscientes afirmando que há uma conexão essencial entre mente e matéria.

Se a alma do homem é imaterial, ela também é imortal. Tomás de Aquino argumenta da seguinte maneira. Um composto pode se corromper pela separação de sua matéria e de sua forma. Uma forma, por outro lado, só pode se corromper se for dependente da matéria para a sua existência. Reflitamos sobre a alma humana. Ela não é nem diretamente corruptível, como o composto, nem indiretamente corruptível, como as formas que dependem da matéria para o seu ser. Mais ainda, a alma do homem é aperfeiçoada pelo conhecimento intelectual e pela virtude moral. Ora, o conhecimento intelectual e a virtude moral são condicionados por um certo grau de separação da matéria. Toda ideia que

adquirimos e todo ato moral bom que praticamos nos elevam acima dos níveis materiais e instintivos de vida e esvaziam nossas almas daquilo que os sentidos acrescentam. Com efeito, todo o nosso pensar e todo o nosso querer evidenciam que há uma verdade absoluta e um bem absoluto para cuja consecução nos empenhamos e que só podemos adequadamente desfrutar numa eternidade de conhecimento e de amor.

A partir da sua natureza imaterial, concluímos que a alma é criada. Ela não pode ser desenvolvida da potência da matéria, tampouco pode ser produzida pela divisão de outra alma, tampouco é uma emanção da substância divina. Portanto, ela deve ser trazida ao ser a partir do nada. Uma vez que é naturalmente destinada a unir-se com a matéria, ela não antecede sua união com o corpo, como afirmaram os platônicos. Na outra vida, a reunificação com a matéria será uma exigência da própria natureza da alma.

#### *14. Apelo à experiência*

A partir do estudo que acabamos de fazer de Tomás de Aquino, fica óbvio que sua psicologia é firmemente baseada na experiência em todos os seus dados iniciais. A doutrina central da união substancial de espírito e matéria no homem é inferida a partir de diversos fatos da observação, fatos que podem ser verificados nas vidas cotidianas dos homens. A unidade biológica das atividades humanas, desde os tipos mais primitivos de vegetação até às mais elevadas conquistas da razão, é também uma prova da unicidade essencial da forma humana. Mais ainda, a partir da análise do que sucede na consciência humana, é possível alcançar um conhecimento da verdadeira natureza das nossas ideias. Assim, a partir do caráter universal e necessário das nossas ideias, podemos concluir que a natureza do intelecto e seu sujeito próprio, a alma humana, são imateriais. Isto, por sua vez, nos leva à conclusão de que a imortalidade é a meta da existência da alma, e de que ela veio ao ser pelas mãos do Criador. Aqui temos uma psicologia empírica no melhor sentido da palavra, e no único sentido correto, uma psicologia que se conforma de maneira estrita com a fórmula segundo a qual as operações de um ente fornecem uma pista legítima para a sua natureza. É por meio de um tal princípio que todas as generalizações, seja na dimensão científica, seja na filosófica, são indutivamente estabelecidas.

### *15. A filosofia separada da revelação*

Não podemos encerrar este capítulo sem citar novamente a significativa contribuição feita por Tomás de Aquino para o conhecimento humano quando ele determinou a verdadeira relação entre fé e razão. Em certo sentido, este era um problema para o psicólogo, uma vez que envolvia uma apreciação correta da faculdade de pensar e sua capacidade de resolver as grandes questões da vida e do ser, do natural e do sobrenatural. Conceder muito à razão humana seria cair nos braços dos racionalistas. Conceder muito pouco seria render-se às reivindicações dos falsos místicos. A obra de Tomás se realizou não tanto pela invenção de algo novo quanto pela assimilação e transformação do que já havia sido descoberto.

Algumas verdades pertencem somente à fé: por exemplo, o mistério da Trindade. Outras verdades pertencem somente à razão: por exemplo, o fato de que o homem é essencialmente distinto do animal. Contudo, outras verdades pertencem tanto à fé quanto à razão, tais como a existência de Deus. Mas a fé visualiza a verdade à luz da Divina Revelação, ao passo que a razão a visualiza à luz da evidência intrínseca. Assim, embora seja um fato que teologia e filosofia são formas distintas de conhecimento, também é verdade que elas estão, objetivamente, em completo acordo uma com a outra. O autor dos mistérios revelados da fé é também o autor dos primeiros princípios do conhecimento natural.

Ademais, a fé fortalece e suplementa a razão, ampliando seus horizontes ao mesmo tempo que mostra os limites do pensamento humano, começando a atuar, por assim dizer, onde a razão cessa de fazê-lo. A razão, por outro lado, auxilia a fé, fornecendo motivos de credibilidade, proporcionando analogias para a expressão de verdades da ordem sobrenatural, resolvendo objeções que os incrédulos apresentam contra o depósito da Revelação. Todo esse ensinamento já havia existido de maneira difusa desde os primeiros dias da Cristandade. Tomás de Aquino o solidificou e conferiu-lhe uma forma que havia de ser definitiva. Aristóteles havia de uma vez por todas diferenciado a filosofia e a superstição, mostrando ao mesmo tempo a continuidade básica da experiência de todos os homens com as observações reflexivas do metafísico. De maneira análoga, Tomás de Aquino distinguiu a sabedoria humana da divina, mostrando ao mesmo tempo a continuidade básica da experiência filosófica e da teológica no conteúdo total do

conhecimento humano.

---

3. *Formaliter*, em latim — NT.

4. *Fundamentaliter*, em latim — NT.

## O declínio da sabedoria medieval

### 1. *A oposição a Tomás de Aquino*

O Doutor Angélico foi o primeiro a fazer uma exposição completa de Aristóteles desde um ponto de vista cristão. Conforme explicamos no capítulo anterior, ele fixou de uma vez por todas a verdadeira relação que deve haver entre razão e Revelação. Em aspectos de pormenor, ele contribuiu com as doutrinas que ao fim e ao cabo acabaram distinguindo os psicólogos tomistas dos não tomistas, ou melhor, dos antitomistas. Estas foram, em especial: a defesa contundente da unicidade da forma substancial em todo indivíduo; a doutrina das formas subsistentes, vale dizer, formas que não possuem matéria em sua essência; a doutrina da individuação das formas informadoras pela matéria; a afirmação da distinção real entre a alma e suas faculdades; a negação das ideias inatas, e a afirmação de que todo o conhecimento humano, precisamente enquanto humano, começa pelos conhecimentos dos sentidos; a defesa da superioridade essencial do intelecto sobre todas as outras faculdades humanas.

Logo depois de Tomás de Aquino, e sendo considerado como o mais bem dotado opositor das teses tomistas, veio *Duns Escoto*, que ensinou que a forma substancial do homem não é essencialmente una, e que o princípio de individuação não é a matéria, nem a forma, nem a quantidade, mas uma “estidade” ou propriedade individual adicionada à natureza humana. A psicologia de Escoto é de perspectiva voluntarista. Contradizendo Tomás de Aquino, ele ensinou que a vontade é superior ao intelecto. Ele também afirmou que a imortalidade da alma humana não pode ser provada pela razão; e aqui novamente sua posição contrasta com a de Santo Tomás. Escoto ademais alegou que a essência da beatitude final consiste no amor, não na visão, de Deus; e que a lei natural depende da vontade divina, e não do intelecto divino. Em todos esses pontos, seu ensinamento se opunha fortemente ao do Doutor Angélico. Fazendo justiça a ambos, contudo, deve-se dizer que as diferenças entre eles surgiram não tanto “do desejo do Irmão

João de contestar tudo o que o Irmão Tomás havia ensinado” quanto de uma oposição básica dos temperamentos e das perspectivas dos dois mestres.

## 2. *Um conhecimento incompleto*<sup>[5]</sup>

*Durando*, nascido por volta do final do século XIII, foi um pensador independente que buscou simplificar a psicologia tomista, mas que alcançou seu objetivo em detrimento do rigor. Sua superficialidade é tão acentuada que ele obviamente não tinha familiaridade alguma com as doutrinas que criticou. Dessa maneira, ele alegou que a teoria da “*species*” foi inicialmente introduzida na psicologia para explicar a percepção sensitiva, e que posteriormente foi empregada de maneira ilegítima para explicar o conhecimento intelectual. No final das contas, ele rejeitou em bloco a noção de formas intencionais, deixando de perceber que, no ensinamento de Tomás de Aquino, a espécie, ou determinante cognitivo, é meramente um meio de união e de comunicação pelo qual o objeto do conhecimento se faz presente ao sujeito do conhecimento. Um semelhante mal-entendido se dá entre muitos dos autores dos nossos dias, que consideram a teoria da espécie como insustentável, mas por razões que jamais foram acolhidas por Santo Tomás.

Durando também abandonou o intelecto agente dos tomistas como uma faculdade supérflua, argumentando que não há maior necessidade de uma razão ativa que de um sentido ativo. Aqui, mais uma vez, ele meramente falhou em captar a doutrina tomista. Como Tomás de Aquino claramente ensinou, enquanto o objeto do sentido é sensível em ato, o objeto do intelecto, que é a natureza universal das coisas, existe sob condições materiais das quais ele deve ser despido para se tornar inteligível em ato. A tarefa de abstrair a pura natureza dessas condições de contingência é função do intelecto agente.

## 3. *A psicologia de Ockham*

Também *Ockham* negou a necessidade de uma espécie intencional para o processo cognitivo, alegando que o conhecimento ocorre pelo contato imediato e intuitivo do sujeito com o objeto. Ao livrar sua psicologia da distinção entre intelecto agente e intelecto possível, ele declarou que as causas não devem ser multiplicadas

sem necessidade. Este é o bem conhecido princípio da parcimônia, comumente chamado “navalha de Ockham”. Ele significa que devemos ser o mais econômicos possível ao dar as razões das coisas. Ockham também distinguiu no homem uma alma racional e uma alma sensitiva. Enquanto aquela seria imaterial, esta última seria extensa e corruptível. Somente a alma sensitiva seria imediatamente unida ao corpo. No que diz respeito à alma racional, nem a razão nem a experiência pode provar que ela é a forma substancial do corpo ou que é espiritual e imortal. Quanto a este último ponto, a autoridade de Aristóteles não poderia ser invocada, uma vez que o próprio Estagirita parece não ter dado uma resposta segura; portanto, estaríamos obrigados a aceitar a imortalidade da alma com base na fé.

Como consequência, Ockham teve uma visão cética a respeito da realidade. A trajetória do seu pensamento apontou o caminho para o ressurgimento do humanismo pagão do *Quatrocento*. Sua tentativa de simplificar o ensinamento tradicional foi algo louvável, tendo sido concebida para neutralizar as tendências ultrarrealistas dos escotistas; mas ela foi insuficiente quando degenerou numa forma extremada de conceptualismo, quando não num puro e simples terminismo. Os erros que ela trouxe ao surgir foram maiores do que os males que tentou remediar. A filosofia de Ockham vivia assombrada pelos fantasmas dos neoplatônicos. Seus seguidores negligenciaram o estudo sério dos mestres das escolas, e, com isso, contribuíram para a ignorância da verdadeira tradição, ignorância esta que, durante o Renascimento do século XIV e a transição para a filosofia moderna, tornou impossível aos partidários da antiga sabedoria e aos defensores da nova ciência chegarem a uma aliança. Essas observações são verdadeiras tanto para o conhecimento psicológico quanto para as outras partes da filosofia da natureza, embora em menor grau naquele caso, uma vez que a ciência se desenvolveu inicialmente seguindo o percurso da cosmologia.

#### *4. Os frutos da incompreensão*

Quando o Renascimento finalmente chegou, o antagonismo entre os filósofos e os cientistas havia assumido o aspecto de uma guerra em campo aberto. Isto se deveu em boa medida à inabilidade destes últimos para fazer uma distinção entre os métodos dos primeiros escolásticos, como Alberto Magno, e as práticas da escolástica degenerada, que havia caído no hábito de avaliar todas as verdades

filosóficas apelando à autoridade de um mestre. O que Tomás de Aquino e os grandes tomistas haviam feito fora estabelecer o valor independente da filosofia fazendo apelo à razão, e da teologia fazendo apelo à autoridade; e mostrar que ambas as formas de conhecimento humano, quando autênticas, jamais podem entrar em contradição. Dessa maneira, eles estabeleceram entre os princípios naturais e sobrenaturais do conhecimento o mesmo tipo de relação que Aristóteles havia estabelecido entre matéria e espírito, a saber, uma ordem de distinção sem oposição. O período que se estendeu da metade do século xv ao começo do século xvii foi de fermentação intelectual, sendo que nele a filosofia das escolas gradualmente desapareceu, a ciência experimental moderna fixou seus alicerces, e a influência das reformas religiosas na Alemanha, na Inglaterra e alhures começou a ser sentida.

Se, com todas essas mudanças, não se seguiu um desenvolvimento da tradição, se a filosofia da era dourada da tradição foi incapaz de adaptar-se aos modos cambiantes de existência, a culpa reside, não na sabedoria tradicional em si mesma, cujos princípios intrínsecos eram certamente capazes de um tal movimento progressivo, mas nos homens que representaram a filosofia das escolas nesse período crucial, homens que falharam em colocar a sabedoria antiga e medieval sob sua luz autêntica quando ela mais necessitava de uma tal exposição inteligente. Eruditos que poderiam ter dedicado seu tempo e seus talentos em coisas mais sérias agora se ocupavam com ridículas ninharias, abusando do silogismo e decidindo seus debates num linguajar que fez alguns observadores se perguntarem se era a língua dos romanos que eles usavam ou um dialeto de origem bárbara.

Foi uma época em que uma grade importância foi atribuída a coisas irrelevantes. As sutilezas lógicas eram moda nos círculos acadêmicos. Criaram-se problemas que não possuíam relevância alguma para a vida prática; e boas habilidades foram frequentemente desviadas para canais que corriam para longe das demandas da nova ciência e de seus seguidores. A atitude que muitos dos filósofos cristãos do século xvi assumiram para com as descobertas de Galileu e de Kepler é bem conhecida. Os antagonismos entre o antigo e o novo eram os frutos de profundas incompreensões. Não há contradição inerente alguma entre os amplos princípios da cosmologia ou psicologia aristotélica e tomista, por um lado, e as descobertas autênticas da nova física ou da nova psicologia, por outro. Aristóteles defendia a investigação da natureza; e Alberto Magno, Tomás de

Aquino e todas as melhores mentes da tradição insistiram de maneira semelhante na necessidade de edificar nosso conhecimento do homem e do cosmos sobre a sólida base da observação empírica. Os escolásticos que atacaram os autênticos pesquisadores da realidade científica foram, portanto, ileais aos princípios da sua própria filosofia.

Se os escolásticos do século XVI tivessem compreendido plenamente o espírito de Aristóteles e de Tomás de Aquino, eles certamente teriam encerrado suas discussões infrutíferas, sacudido as falsas metodologias das quais estavam carregados, e caminhado lado a lado com os estudiosos da nova física para investigarem juntos a natureza. Em vez disso, eles hostilizaram os cientistas e provocaram uma situação que tornou impossível o aprofundamento do verdadeiro espírito filosófico. Homens que eram simpáticos à pesquisa indutiva e que desejavam alcançar uma posição filosófica firme em relação às suas novas descobertas não podiam ser culpados por deixarem de ver que nos princípios da sabedoria aristotélica eles teriam precisamente a única análise última da natureza que melhor se adequava às ciências crescentes.

---

5. “A Little Learning”, no original. Trata-se do início de uma expressão idiomática inglesa: “A little learning is a dangerous thing” (Um conhecimento incompleto é algo perigoso) — NT.

## O desenvolvimento da filosofia moderna

### *1. Um divisor de águas*

Por volta da metade do século XVII, *René Descartes* apresentou ao mundo a primeira expressão sistemática da filosofia moderna. Suas ideias têm dominado os rumos do pensamento humano desde então. No campo da psicologia, ele é importante, não pelo que fez, mas pelo que desfez, como havemos de mostrar em breve. Voltaire certa vez observou que Descartes havia nascido para descobrir os erros dos antigos e substituí-los pelos seus próprios. O humor aqui incluiu uma profunda verdade.

Depois de Descartes, vieram homens como Espinosa, Leibniz, Locke, Berkeley e Hume, sendo que todos eles, de uma maneira ou de outra, moldaram os destinos do pensamento psicológico moderno. Durante esse período, o empirismo e uma perspectiva cética caracterizaram os filósofos não católicos. Foi uma época em que a atividade intelectual interna à Igreja ficou basicamente confinada ao domínio da teologia; e batalhas que envolviam alguns dos princípios mais vitais da religião foram travadas fora da Igreja, no campo de uma filosofia amplamente secularizada, que não era mais a serva da verdade revelada. E então sucedeu que um dos grandes ideais pelos quais Tomás de Aquino havia tão valentemente batalhado foi perdido, quando a filosofia naufragou para uma posição em que não prestava auxílio a mais ninguém — nem ao teólogo, com seus problemas doutrinários, nem ao cientista, com sua visão dos novos mundos por conquistar.

### *2. A filosofia cartesiana da natureza humana*

Em suas linhas gerais, a psicologia de Descartes pode ser resumida como a doutrina das duas substâncias: mente e matéria, o mundo da extensão e o mundo inextenso, situados lado a lado, mas independentes um do outro, sem intercâmbio mútuo e incapazes de exercerem influência recíproca. A essência da mente seria o

pensamento. A essência da matéria seria ocupar espaço. Mente e matéria, portanto, estariam em polos opostos da realidade. Elas nada teriam em comum. A união entre elas no homem seria algo puramente accidental. O corpo humano seria uma máquina, construída de tal maneira que poderia se impelido desde fora, pela alma, a mover-se.

Devemos notar de imediato que a “mente” cartesiana é algo mais limitado que a “alma” tomista e mais amplo que o “intelecto” tomista. Os matizes de significado aqui envolvidos são muito importantes. Dessa maneira, Descartes utiliza a palavra “mente” em seu sentido operativo quando a considera sinônimo de “substância pensante”; ao passo que Tomás de Aquino a emprega em seu sentido entitativo, quando a considera como equivalente a “alma racional”. A diferença evidentemente se dá entre um princípio de ação e um princípio do ser. Por outro lado, Descartes amplia a noção de “mente” para incluir determinados atos sensitivos que são comuns ao homem e ao animal, ao passo que Tomás de Aquino confina o seu sentido operativo aos fenômenos de uma natureza estritamente humana ou racional, tais como o pensar e o querer. Neste ponto da história, podemos dizer que a psicologia perdeu sua alma e ganhou uma mente. Num estágio ulterior da nossa história, ela haverá de perder também a sua mente, quando a consciência, a qual os cartesianos supunham ser a medula e o núcleo da mente, for descartada como uma relíquia não científica do passado.

Para explicar as funções puramente orgânicas do homem, incluindo a fisiologia dos sentidos humanos, Descartes apelou à sua famosa teoria dos espíritos animais. Estes são descritos como princípios do calor e do movimento corporais. Nos animais brutos, não haveria consciência alguma de estímulos prazerosos ou dolorosos, mas unicamente uma reação mecânica aos objetos presentes no ambiente. As ideias do homem seriam: ou (a) ocasionadas por sensações, surgindo na mente por uma espécie de oportunismo que nos capacita a tirar proveito dos acontecimentos externos; ou (b) o resultado de combinações volitivas de elementos do pensamento e, portanto, elaboradas pela própria mente. Além dessas duas classes, haveria também disposições inatas a desenvolver determinadas ideias.

A vontade seria superior ao intelecto por ser ilimitada. Sua liberdade seria revelada por nossa consciência direta e imediata do poder que temos de praticar ou não praticar determinadas ações. Ela seria a fonte do erro quando ordena o assentimento àquilo que não compreendemos. As paixões do homem, assim como

seus estados cognitivos de consciência, seriam formas de pensamento. Elas não seriam, portanto, estados corporais, muito embora o corpo seja a ocasião dos fenômenos emocionais. Quando uma impressão apta para despertar as paixões é transmitida ao cérebro, os espíritos animais são postos em movimento; e o pensamento desse movimento seria a emoção. Aqui vemos sugerida a teoria ideomotora que havia de encontrar boa acolhida entre os cientistas posteriores. Por ser uma forma de pensamento, a emoção seria impossível ao animal bruto. As paixões elementares do homem seriam a admiração ou espanto, o amor, o ódio, o desejo, a alegria e a tristeza.

### 3. *O começo do caos*

Foi um infortúnio para a história posterior da psicologia o fato de Descartes não ter encontrado base para suas doutrinas na experiência. Uma geração antes dele, *Francis Bacon* havia buscado reformar as ciências introduzindo o método indutivo no lugar do procedimento silogístico. Descartes havia de afiançar as mesmas reformas pelo uso de técnicas matemáticas em lugar das indutivas. Toda a sua abordagem do estudo do homem foi viciada por sua teoria de uma absoluta antítese entre mente e matéria. Ele abriu um abismo entre sujeito e objeto, abismo este que anulou tudo o que Aristóteles, Tomás de Aquino e os grandes escolásticos haviam feito para explicar a natureza do homem e o conhecimento dele. Como construir uma ponte sobre esse abismo imaginário é um problema que todos os psicólogos alheios à tradição escolástica buscaram em vão resolver desde os dias de Descartes.

A falha em compreender a relação entre mente e matéria, ou entre corpo e alma, é, na verdade, uma falha em compreender os propósitos da investigação filosófica. Assim, para Descartes, a psicologia ficou reduzida ao estudo da consciência individual, ou a uma série de deduções matemáticas a partir da experiência interna. O estudo objetivo do homem foi abandonado, não deixando para preencher seu lugar nada além de uma pálida, e frequentemente imaginária, análise de estados de consciência. Como Agostinho, Descartes mergulhou em si mesmo para descobrir o mundo da verdade. Porém, diferentemente de Agostinho, ele caiu na armadilha do seu próprio subjetivismo. Ele pretendia retornar ao mundo da realidade, ele tentou se desenredar, mas, de fato, jamais conseguiu fazê-

lo.

Essa inversão do método natural em psicologia foi uma causa, entre outras, da forte impregnação de que nossas noções acerca da natureza humana vêm padecendo ao longo dos últimos três séculos. Vemos a abordagem hilemórfica de Aristóteles substituída pelo dualismo extremado platônico, com o desenvolvimento, no próprio início da filosofia moderna, de um antagonismo absolutamente desnecessário entre realidades espirituais e valores na vida humana, por um lado, e os dados da investigação empírica, pelo outro. Foi esse antagonismo injustificado que conduziu muitos psicólogos a adotarem um conceito mecânico de alma e, ao fim e ao cabo, a se gabarem por tê-lo descartado do estudo da psicologia. Mais ainda, o mesmo dualismo, absoluto e inflexível, tornou impossível nutrir a esperança de alcançar qualquer resultado satisfatório na tentativa de estabelecer correlações entre os fenômenos psicológicos e os processos fisiológicos.

#### 4. *Tal pai tal filho*

Os elementos de uma psicologia mística, que estavam latentes na doutrina de Descartes, foram logo trazidos à tona por alguns de seus discípulos. Para *Blaise Pascal*, somente a fé pode responder às questões que a razão propõe, e somente o amor pode revelar o sentido da vida humana. O coração, e não a cabeça, seria o critério supremo de verdade na ordem especulativa, bem como a norma suprema da virtude na ordem moral. Com base no princípio de que a matéria seria essencialmente inerte, *Arnold Geulincx* declarou que as sensações não brotam do corpo, mas, como as formas mais elevadas de conhecimento, são causadas por Deus mesmo. A função do corpo e dos estímulos corporais seria meramente proporcionar ocasiões para os fenômenos conscientes. *Nicolas Malebranche* afirmou que os sentidos externos nos enganam ao apresentar-nos as coisas como coloridas, odoríferas, audíveis, e assim por diante, uma vez que a extensão seria a única qualidade que os objetos materiais possuem. Semelhantemente, as impressões da imaginação seriam falsas. De onde viriam, portanto, as nossas ideias? Certamente, não do mundo exterior! Somente Deus poderia atuar como causa eficiente; Ele sozinho, portanto, seria a verdadeira fonte do nosso conhecimento. N'Ele, nós veríamos tudo. A alma seria pensamento. De fato, o pensar seria sua própria vida e

essência.

### 5. *O amável panteísta*

A psicologia de *Baruch Espinosa* foi matizada por sua doutrina da substância. Ela também foi influenciada pelo rigoroso método geométrico de análise que ele empregou em todas as partes do seu sistema filosófico. A substância seria una e infinita. Ela seria, de fato, nada menos que Deus. O pensamento seria um atributo da substância divina, sob seu aspecto inextenso, assim como o corpo humano seria um modo da substância divina sob o aspecto da extensão. A ordem e a ligação dos modos de pensamento seriam determinadas pela ordem e pela ligação dos modos de extensão. Dessa maneira, tudo seria pensante: animais, plantas e matéria, assim como o homem. A mente humana seria um modo da substância divina. Ela seria a ideia do corpo. Alma e corpo seriam uma única e mesma realidade oculta por trás da máscara do pensamento e da extensão, respectivamente.

Dizer que a alma é a ideia do corpo é dizer que ela é a consciência do corpo. Mas ela seria mais do que isso: seria a ideia da ideia do corpo, vale dizer, seria autoconsciência ou a consciência que temos de nós mesmos através dos nossos estados corporais. O conhecimento humano desenvolver-se-ia desde os níveis inadequados até aos adequados através dos estágios do raciocínio e da intuição, avançando desde um ponto de vista limitado e individual até a um estado em que vê todas as coisas em Deus, e Deus em todas as coisas. A vontade determinaria se o homem alcançará ou não o nível intuitivo de conhecimento. A vontade, portanto, e não o intelecto, seria a fonte de todo o erro.

### 6. *Os empiristas britânicos e franceses*

Outra faceta do legado cartesiano logo apareceu na Inglaterra. Desde o início, o percurso da filosofia britânica foi antes positivista que especulativo. Esse foi o traço marcante de *Thomas Hobbes*, o primeiro de uma longa linhagem de sensualistas. Tudo o que existe seria matéria, tudo o que acontece seria movimento. A alma como substância espiritual não poderia nem existir nem ser concebida. Tampouco haveria no conhecimento humano algo superior ao sentido. As ideias seriam sensações associadas. “Substância”, “corpo”, “imaginação” e “intelecto” seriam, na

realidade, termos sinônimos. Hobbes se interessou pelo problema da vida emocional, que ele ligou à sua teoria política. As paixões do homem pertenceriam à própria essência da natureza humana. Com base nelas, ele teria construído o edifício da sociedade civil. Ao redor delas, ele teria edificado uma muralha de leis humanas. Elas seriam a fonte de seus primeiros esforços na cultura, e contribuiriam para a modelação da sua linguagem. Uma prova disso estaria no fato de que o discurso do homem é resultado do seu desejo de manifestar o que ele está pensando e planejando.

Na doutrina de Hobbes, encontramos toda a unilateralidade do antigo materialismo grego. Ele tentou evitar a dicotomia que Descartes havia estabelecido entre matéria e espírito, mas conseguiu apenas produzir uma versão de Demócrito e Lucrecio para o século XVI. Assim como o antigo atomismo dos gregos e a mecânica cerebral posterior dos psicólogos associacionistas, as teorias sensualistas de Hobbes refutam-se a si mesmas. A epistemologia do materialismo é inteiramente permeada por contradições. Ela alega saber como conhecemos; não obstante, as condições mesmas que ela estabelece para o conhecimento tornam esse conhecimento impossível, já que ela explica os procedimentos de raciocínio em termos de formato, tamanho e movimento dos átomos, ou por meio da justaposição de elementos sensíveis, ou pela conexão de ideias que não são nada mais do que conteúdos pulverizados da mente.

O positivismo da psicologia de Hobbes recebeu nova vida e novo impulso nos escritos de *John Locke*. Todo conhecimento proviria da experiência. Ele seria inteiramente empírico. Ele nasceria do âmago do tempo e do espaço e jamais se elevaria acima das limitações estabelecidas por nossa natureza sensitiva. A experiência seria dupla: (a) a sensação, ou percepção de fenômenos externos por meio dos sentidos; (b) a reflexão, ou percepção da atividade do próprio intelecto. As qualidades dos corpos seriam primárias ou secundárias. Mas as qualidades secundárias, tais como cores, sons, odores, sabores e atributos tangíveis — os sensíveis próprios de Aristóteles e Tomás de Aquino — não existiriam realmente nos corpos. Para confirmar esse fato, tudo o que temos de fazer seria esfriar uma mão e esquentar a outra, para depois mergulhar ambas num recipiente de água morna. A mão quente agora se sente fria, e a mão fria se sente quente. Somente as qualidades primárias dos objetos, tais como volume, figura, movimento, e assim por diante — os sensíveis comuns de Aristóteles e Tomás de Aquino — teriam

existência real fora da mente. A função delas seria produzir em nós as ideias das qualidades secundárias. A distinção entre aspectos físicos e psicológicos das qualidades secundárias é negligenciada ou ignorada por Locke.

As ideias são definidas por Locke como os objetos do entendimento quando pensamos. Essa definição foi transmitida aos seus seguidores e teve as mais lamentáveis consequências. Pois, ao fazer das ideias, e não das coisas, os objetos do entendimento, ela deu origem ao idealismo subjetivo de Berkeley e à filosofia cética de Hume. Em oposição a Descartes, Locke negou o caráter inato das nossas ideias. Mas ele explicou o produto do nosso pensar de tal maneira que o que de fato restou não era mais uma ideia, e sim uma imagem, assim como Descartes havia explicado a imaginação de maneira tal que o que restou não era mais uma imagem, e sim uma ideia. Embora a associação de ideias tenha sido discutida em termos de correspondência natural, acaso e hábito, o desenvolvimento completo dessa doutrina, em seus aspectos atomistas, havia de ocorrer num período posterior da história do empirismo inglês.

O princípio cardinal da psicologia cartesiana, a antítese entre mente e matéria, aparece como postulado tácito na investigação de Locke acerca do entendimento humano e está na base de tudo o que ele escreveu sobre o conhecimento humano. Sua contribuição para a psicologia reside principalmente em seu espírito crítico. O método que ele utilizou para analisar os modos humanos de conhecimento foi antes empírico que racional. A meta dele foi fundamentar toda a sua doutrina psicológica na experiência. Qualquer outro método seria a um só tempo improdutivo e ilusório. Locke tentou aplicar ao estudo da mente a técnica que Francis Bacon havia defendido para o estudo do universo físico. Como resultado, ele elaborou um sistema que colocou demasiada ênfase nos sentidos e uma ênfase insuficiente nas funções abstrativas do intelecto. Suas premissas conduziram a uma visão materialista da natureza humana; não obstante, aparentemente de maneira incoerente, ele decididamente afirmou a espiritualidade da alma humana.

Enquanto estava na Inglaterra, *François Arouet de Voltaire* se tornou um admirador entusiasmado de Locke, e, ao retornar à França, introduziu as principais ideias da filosofia empírica inglesa. A partir do princípio de que a mente e o conhecimento do homem são completamente englobados pela matéria, era fácil avançar até ao hedonismo na ética e à descrença na religião. O primeiro a formular uma psicologia completamente sensualista foi o *Padre Condillac*. Todo o

conhecimento foi reduzido à experiência e toda a experiência à sensação. As assim chamadas formas superiores de consciência não seriam nada mais do que aspectos da vida dos sentidos. Também a personalidade seria a somatória total das nossas sensações. Se o homem é distinto do animal bruto, isto seria unicamente em virtude da superioridade do seu sentido do tato. Os desejos do homem brotariam das suas lembranças de sensações prazerosas. O que chamamos bom e belo seriam tais unicamente em função das suas qualidades que proporcionam prazer.

Também *Julien de la Mettrie* foi um materialista para quem tudo além da compreensão dos sentidos era ilusório e o desfrute físico era o mais elevado objetivo da vida. A alma seria meramente um nome — a não ser que, por esse termo, designemos o cérebro, que seria o órgão do pensamento. O último representante do materialismo psicológico do século XVIII foi *Pierre Cabanis*, que ensinou que mente e matéria são idênticas e que o pensamento é uma secreção do cérebro.

## 7. *Um interlúdio frenológico*

*Franz Gall* deu o primeiro impulso ao estudo da frenologia. Ele afirmou que os diferentes tipos de atividade mental causam ampliações no córtex cerebral, tendo como resultado protuberâncias no crânio. De acordo com Gall, haveria vinte e sete sentidos internos, representando a somatória total das habilidades do homem. Embora tal doutrina estivesse destinada a se deparar com o escárnio dos cientistas, ela teve o efeito de estimular pesquisas acerca do problema da localização cerebral. Gall é eventualmente apontado como o avô da neurologia. Ele se referia a si mesmo antes como um craniologista do que como um frenologista. Ele foi estimulado por um verdadeiro espírito científico, muito embora sua obra tenha desembocado nos mais bizarros tipos de teorias acerca das faculdades humanas. Os neurocirurgiões dos dias de hoje de fato devem muito a Gall pelo interesse acerca da anatomia cerebral que seus estudos suscitaram. Ele certamente não imaginava que sua determinação em buscar algum significado no formato dos crânios humanos ampliaria as fronteiras da ciência médica. Com *Johann Spurzheim*, a moda de examinar as protuberâncias craniais para investigar habilidades especiais, entrou em declínio. A mudança de foco, que passou da anatomia rigorosa para a representação gráfica de caracteres e para os diagramas de moralidade foi

demasiado brusca tanto para filósofos quanto para médicos.

#### 8. *Os idealistas*

A psicologia depois de Descartes pode ser descrita como uma tentativa malsucedida de resolver o problema central da relação entre mente e matéria. Espinosa tentou uma solução misturando ambas na unidade da substância infinita. Os empiristas buscaram uma outra solução, reduzindo a mente à matéria. Mas nem o panteísmo nem o materialismo foram bem-sucedidos, uma vez que ambos se debruçavam sobre a inútil tarefa de conciliar o que, por seus próprios termos, é inconciliável. O movimento idealista representa outro esforço para resolver o enigma da natureza humana, um movimento que tentou explicar a antítese entre mente e matéria reduzindo a matéria à mente. É evidente que as intenções dos idealistas iam muito além da solução do problema cartesiano, uma vez que eles também incluíram uma reação contra o conceito puramente positivista de filosofia, bem como uma tentativa de restaurar os ideais estéticos e religiosos que haviam sido arruinados pelas forças do empirismo.

*Gottfried von Leibniz* foi um tanto hesitante em assumir plenamente sua postura idealista; ainda assim, a tendência de seu pensamento certamente seguia nessa direção. Sua meta na filosofia era conciliar todos os sistemas dos seus predecessores: Platão com Demócrito; Aristóteles com Descartes; Tomás de Aquino com os modernos. Em psicologia, ele aplicou seu princípio cósmico da harmonia preestabelecida a fim de mostrar a perfeita correspondência da mente com a matéria. O universo seria composto de mônadas: substâncias individuais, simples, indivisíveis e indestrutíveis. Cada mônada seria um microcosmo, um espelho de toda a realidade, dotado de um poder de representação que seria variável de uma mônada para outra. Cada uma conteria um elemento passivo, a matéria, e um elemento ativo, a forma. Cada uma seria, portanto, parcialmente material e parcialmente imaterial. Aqui temos uma terminologia aristotélica sem um sentido aristotélico. Desde a mais ínfima das mônadas, que representa de maneira inconsciente, até à mais elevada das mônadas criadas, que representa de maneira consciente e é a alma humana, haveria continuidade. Por um arranjo divino, as mônadas teriam sido desde o princípio adaptadas uma à outra de tal maneira que mudanças em uma teriam como paralelo mudanças em todas as outras.

A doutrina da harmonia preestabelecida, já sugerida no ensinamento de Descartes, é quiçá melhor e mais facilmente percebida na psicologia de Leibniz. O corpo e a alma do homem não seriam relacionados de maneira causal. Como dois relógios sincronizados, eles atuam num perfeito uníssono, muito embora não exerçam influência recíproca. Como resultado, todo movimento físico do corpo possuiria sua exata contrapartida num movimento psíquico da alma. Isto não é difícil compreender quando pensamos que toda mônada no universo é parcialmente material e parcialmente imaterial; ou, dito de outra maneira, que não há almas desprovidas de corpo nem corpos desprovidos de alma. Sendo tal o caso, a distinção entre conhecimento intelectual e conhecimento sensitivo seria meramente de grau.

Mas, se a mente é desconectada da matéria, e se a alma não possui janelas abertas para o mundo exterior, qual seria a origem das nossas ideias? Só há uma resposta possível: nosso conhecimento há de se desenvolver a partir de germes inatos de pensamento. Possuem nossas ideias, portanto, algum valor objetivo? Sim, porque a evolução da alma desde o conhecimento em potência até ao conhecimento em ato tem como paralelo a evolução das mônadas cósmicas no mundo exterior. Aqui como alhures, a harmonia do universo, planejada por Deus no princípio, fica preservada. A imortalidade da alma humana é consequência da sua própria natureza como ativa por si mesma e autossuficiente.

Não podemos dizer que Leibniz deixou de tentar resolver os problemas capitais da psicologia. Mas seu enfoque era, de corpo e alma, antes platônico que aristotélico. Ele foi antes inspirado por propósitos idealistas e poéticos que fundamentado em fatos da experiência. Ele era ilusório. Leibniz foi, na filosofia, um paradoxo, em muitos aspectos. Ele estava completamente atento, como todos os seus contemporâneos, ao valor do estudo científico e à investigação experimental. Não obstante, quando veio a elaborar seu sistema de psicologia, ele o baseou por completo em definições *a priori* e princípios já pressupostos. Seu mérito reside na ferrenha oposição que ele fez contra as correntes do materialismo que haviam minado praticamente todas as doutrinas importantes dos psicólogos tradicionais.

Na filosofia de *George Berkeley*, encontramos a tendência idealista levada até ao ponto de uma negação absoluta da realidade da matéria. Locke havia anunciado o princípio segundo o qual todo o nosso conhecimento se estende somente às

ideias; então, observa Berkeley, ele contradisse a si mesmo quando afirmou que as qualidades primárias dos corpos possuem uma realidade que pode ser conhecida por uma experiência sensitiva que é o fundamento do conhecimento intelectual. Berkeley buscou começar a partir do ponto em que Locke terminou, estabelecendo o fato de que todas as coisas são ideias. Dessa maneira, todas as qualidades da matéria, tanto primárias quanto secundárias, seriam redutíveis a fenômenos mentais. *Esse est percipi*: existir é ser percebido. O estudo que Berkeley fez de Platão convenceu-o de que a natureza das coisas sensíveis é incerta, fugaz e cambiante, e de que, conseqüentemente, a qualidade do conhecimento sensível é baixa, não sendo este propriamente conhecimento, mas apenas um tipo de opinião. Se temos ideias, elas devem provir de Deus. Se essas ideias são preservadas durante nossos estados de inconsciência, seria porque são mantidas vivas para nós dentro da mente de Deus.

### 9. *Um elogio ao processo*

*David Hume* defendeu um estudo detalhado dos fenômenos da natureza física. Ele foi um reacionário quanto à maior parte dos pontos que Berkeley defendeu. A mente do homem seria sinônimo dos seus conteúdos, assim como a percepção seria sinônimo da consciência. A experiência da percepção daria origem a dois tipos de dados: impressões e ideias. As impressões, que seriam inatas, teriam um caráter claro e vívido. Elas incluiriam tanto as emoções quanto as sensações. As ideias seriam imagens das nossas impressões. Elas se diferenciam das últimas em primeiro lugar por não serem inatas, mas adquiridas; em segundo, por possuírem uma qualidade indistinta e fugaz, que torna difícil para nós analisá-las. Todo o conhecimento poderia ser explicado como uma combinação de elementos sentidos com o que imaginamos. A mente seria apenas uma série de percepções sucessivas. Sua substancialidade não teria base racional, assim como a relação entre causa e efeito também não teria base nem na experiência nem na razão. Desse modo, não haveria maneira alguma de provar que a alma é uma substância. De fato, se Berkeley está certo em descartar a existência de um mundo material, seus argumentos deveriam ser igualmente válidos na outra direção, isto é, para negar a existência de um mundo espiritual. Não haveria maneira alguma de conhecer a verdade de nenhuma dessas coisas.

Assim, a obra da psicologia cartesiana se completou: em primeiro lugar, a separação entre matéria e espírito feita por Descartes; depois, a negação, por Locke, da realidade de todo elemento substancial na matéria, excetuando as qualidades primárias; em seguida, a negação, por Berkeley, até mesmo dessas qualidades primárias; por fim, o mesmo solvente foi aplicado por Hume à substância espiritual, à alma ou mente, não deixando nada além da consciência e de seus fenômenos. Se o ego do homem não é substancial, então a imortalidade da alma não é um dado da razão. Tal foi a conclusão de Hume. Somente a revelação divina trouxe este fato da imortalidade à tona. Em psicologia, assim como em todos os outros campos da especulação, Hume foi um fenomenalista e um cético. Não apenas mente e matéria seriam meros fenômenos, mas não haveria conexão ontológica alguma entre causa e efeito. Por conseguinte, não haveria maneira alguma de provar a liberdade humana. Nada seria permanente no mundo da experiência; nada poderia justificar conjecturas acerca da natureza de coisas que não incidem sobre os nossos sentidos. Foi essa destruição final e essa rejeição do conteúdo universal e necessário do conhecimento humano que levou Kant a agir.

#### *10. Resumo e transição*

O período que vai de Descartes a Hume é uma amostra perfeita das desastrosas consequências operadas pela doutrina do dualismo absoluto de mente e matéria. Foi a tentativa de resolver esse problema que foi amplamente responsável pelo: (a) monismo panteísta de Espinosa; (b) pelo monismo material de Hobbes, Locke, Condillac e La Mettrie; (c) pelo monismo parcialmente idealista de Leibniz; (d) pelo monismo inteiramente idealista de Berkeley; (e) pelo fenomenalismo absoluto de Hume. O final de toda essa especulação foi a negação da natureza substancial tanto da mente quanto da matéria. Immanuel Kant agora entrará em cena. Entre outras coisas, ele tentará restabelecer a espiritualidade da alma humana e a liberdade essencial do homem.

Mas, antes de discutir Kant, devemos mencionar *Christian von Wolff*, que é importante pela influência que exerceu sobre a formação inicial de Kant. Wolff buscou restaurar a filosofia leibniziana. Ao fazê-lo, no entanto, ele modificou alguns dos traços essenciais do seu predecessor. Ele limitou a doutrina da harmonia preestabelecida a uma explicação das relações entre alma e corpo. Este

foi um retorno à posição original de Descartes e a recolocação de um problema solucionável em termos não solucionáveis. Wolff foi de fato o pai da assim chamada teoria das faculdades, isto é, das faculdades como compartimentos, conceito esse que seria tão decididamente rejeitado por psicólogos posteriores. Não é de admirar que os cientistas não pudessem aceitar a doutrina wolffiana dos compartimentos mentais, que tanto havia se afastado do ensinamento de Aristóteles e de Tomás de Aquino!

Wolff dedicou muita da sua atenção ao método filosófico, mas também com resultados infelizes. A psicologia foi completamente retirada da filosofia da natureza e situada entre os ramos da metafísica, e isso a despeito do fato de ela ser tanto “empírica” quanto “racional”, de acordo com a má elaboração wolffiana desses termos. Uma tal divisão de temas em psicologia tem sido fonte de uma grande quantidade de mal-entendidos, mesmo entre os seguidores da tradição escolástica. De fato, foi somente nos últimos anos que os eruditos reconheceram que essa não é a perspectiva autêntica de Aristóteles e de Santo Tomás. Certamente, “empírico” e “racional” não são sinônimos de “científico” e “filosófico”, uma vez que este último termo também designa o empírico, no sentido de ser fundado na experiência. Tampouco essas palavras têm o mesmo significado de “psicologia dos processos sensoriais” e “psicologia dos processos intelectuais”, uma vez que, novamente, este último tipo de psicologia também é de caráter empírico. Seria bem melhor se termos desse tipo fossem completamente descartados da linguagem da psicologia! A metodologia de Wolff como um todo é uma amostra do excessivo formalismo que conduziu algumas das nossas melhores mentes escolásticas ao ponto de inverterem de fato a ordem natural da investigação filosófica.

### 11. *O sábio de Königsberg*

Para *Immanuel Kant*, há três formas de raciocínios silogísticos, que correspondem a três ideias: a de alma, ou sujeito pensante; a de matéria, ou mundo dos fenômenos; a de Deus, ou condição suprema de toda a possibilidade. A razão humana não tem relação direta alguma com esses três objetos, que podem ser descritos como psicológico, cosmológico e teológico, respectivamente. De fato, tentar estabelecer a existência delas fora da mente por meio de recursos puramente racionais haveria

necessariamente de resultar em todos os tipos de antinomias. A psicologia wolffiana, que fala em unidade, subsistência e imortalidade da alma humana como conclusões obtidas a partir da consciência racional, é equivocada. A razão não poderia nem afirmar nem negar a verdade de tais proposições. A prova delas não se baseia em premissas racionais, mas na consciência moral.

Kant rejeitou a psicologia racional de seu mestre, a qual ele considerou falsa em seu ponto de partida, a saber, o de que temos um conhecimento intuitivo do significado do entendimento humano. O princípio da consciência seria desprovido de todo conteúdo empírico. Ele seria um número, vale dizer, um fator desconhecido. Quando o cartesiano diz “eu penso”, não haveria na realidade sentido algum para o termo “eu”. Este seria a mais vazia das formas, um sujeito psicológico que jamais poderia se tornar sujeito lógico. Somente a psicologia empírica poderia nos dizer algo acerca da nossa vida mental; e o escopo dela seria definitivamente limitado ao âmbito dos fenômenos. Ela não forneceria informação alguma acerca do eu. Isto não equivale a negar que o homem seja uma pessoa com uma alma, que é una, subsistente e imortal. Mas verdades como essas, conforme observamos um momento atrás, devem ser demonstradas com base na consciência moral do homem. Kant tentou corrigir o que considerou aspectos irrealistas da psicologia wolffiana, mostrando: (a) que seus elementos racionais jamais podem ser conhecidos, uma vez que tais elementos não seriam nada além de uma manipulação lógica de conceitos; (b) que seus conteúdos empíricos são demasiado estreitos para proporcionar uma teoria satisfatória, uma vez que conduzem ao pressuposto de que não há nada além do âmbito dos dados experimentais.

O caráter fundamental da consciência intelectual seria a sua tendência a combinar nossas experiências numa unidade. Essa função sintética se dá no espaço e no tempo, que seriam fatores inatos da experiência, e não derivados da sensação. Os juízos do intelecto teórico seriam ou contingentes e particulares, ou necessários e universais. Neste último caso, eles seriam *a priori*; vale dizer, baseados em formas ou categorias inatas anteriores à experiência. De fato, elas tornariam possível o conhecimento empírico. Em si mesmas, elas seriam inteiramente vazias; não obstante, somente elas poderiam conferir sentido intelectual ao conhecimento derivado da experiência.

Quando a atividade sintética do conhecimento se dirige à meta da vida humana, ela é chamada razão prática. Essa é a transição do campo da experiência

psicológica ao campo da experiência moral, da análise do pensamento à análise da ação. Aqui descobriríamos a existência de Deus, a liberdade da vontade e a imortalidade da alma, realidades para as quais não haveria justificação alguma na pura especulação. A lei moral seria imperativa, e não meramente persuasiva ou exortatória. Seus comandos seriam categóricos. Nela estariam baseadas as importantes verdades há pouco mencionadas: (a) a existência de Deus, uma vez que a lei moral exige a realidade de um bem que seja supremo e completo; (b) a liberdade da vontade humana, uma vez que o *tu deves* e o *tu não deves* da lei moral implicam uma capacidade de fazer e de não fazer; (c) a imortalidade da alma humana, uma vez que somente sua existência perpétua seria suficiente para o cumprimento da lei moral. Dessa maneira, embora a razão teórica se recuse a admitir ou a negar que há qualquer realidade substancial no sujeito dos nossos estados conscientes, a razão moral declara que deve existir um tal sujeito substancial.

O sentimento seria um estado distinto, que surgiria quando a atividade sintética do intelecto alcançou a unidade entre os elementos heterogêneos da experiência. Ele determinaria o prazer e seria distinto do conhecimento, por um lado, uma vez que em nada contribui para a cognição; e da atividade da vontade, por outro, uma vez que não é dirigido para um fim racional. Embora Kant tenha tratado o conhecer, o sentir e o querer antes como estados do que como faculdades, é fácil perceber como a divisão tripartite moderna dos fenômenos mentais em cognição, apetência e intenção foi prefigurada na psicologia kantiana. É digno de nota que, para Kant, uma vez que o conteúdo da consciência empírica permanece num estado de fluxo constante, não haveria possibilidade de fundar uma verdadeira ciência da psicologia.

## 12. *A luz que definhou*

A influência de Kant sobre o desenvolvimento da psicologia moderna nunca poderá ser superestimada. Seus princípios formam um manancial do qual fluem as correntes das tendências idealistas, agnósticas e materialistas na ciência da mente. Sua psicologia da consciência moral humana e sua insistência na supremacia da lei moral tiveram ainda o efeito adicional de fazer o cristianismo parecer antes um sistema de ética natural do que um corpo de verdades reveladas. Se ele tivesse

compreendido a verdadeira tradição da filosofia, representada por Tomás de Aquino e outros grandes escolásticos, ele poderia ter corrigido os erros de Leibniz, Espinosa e Descartes. Ele ao menos teria recuperado a sabedoria dos antigos e as sólidas contribuições culturais dos pensadores medievais.

Kant, em certo sentido, é o típico homem moderno, com sua ignorância da tradição, sua rejeição à autoridade e sua ênfase no valor das realizações individuais. Não obstante, ele foi um bom homem, retamente motivado, e honesto ao exprimir a realidade como ela lhe parecia. Sua tragédia é ainda mais deplorável porque ele chegou bem perto de ser um filósofo profundo e brilhante. Seu maior erro em psicologia foi acerca da natureza das ideias, as quais ele falhou por completo em compreender como produtos da abstração. Ele não percebeu que as faculdades intuitivas dos sentidos proporcionam os materiais para os conhecimentos não intuitivos do intelecto. Como resultado, ele negou a possibilidade de termos qualquer conhecimento da realidade numenal ou inteligível. Ele falhou em estabelecer uma metafísica sólida meramente por não conseguir alcançar um conceito adequado de substância. Isto teve repercussões fatais na psicologia, uma vez que resultou na incapacidade daqueles que haviam de seguir a tradição kantiana em avaliar a verdadeira natureza do homem como um ente essencialmente composto de matéria e forma. Não é difícil perceber como, com a dissolução do conceito de substância, a psicologia pôde ficar dividida em noções completamente idealistas e completamente materialistas de natureza humana.

### *13. Depois de Kant*

*Johann Fichte* foi o primeiro pós-kantiano a tentar reduzir a complexa síntese do seu mestre a uma fórmula global. Sua filosofia era a de um pan-egoísmo, compreendendo o ego não meramente como a consciência do eu, mas também como a consciência do dever. *Friedrich von Schelling* foi um monista idealista, *Georg Hegel* um idealista dinâmico. Ambos buscaram alcançar uma unidade mais completa para o pensamento kantiano. Este último quiçá tenha exercido uma influência mais ampla e mais profunda sobre a filosofia moderna, por conta do seu princípio do desenvolvimento, ou dinamismo idealista, um princípio que tem dominado tanto o pensamento científico quanto o filosófico nos últimos dois

séculos. Deve-se observar que a meta estabelecida por esses pensadores, a saber, reduzir toda a realidade a uma única lei explicativa, foi efetivamente digna de louvor. Mas é preciso reconhecer que ela é, na prática, irrealizável. A mais elevada síntese que a mente humana pode alcançar deve necessariamente ficar aquém da unidade absoluta. Presumir que uma tal meta possa ser alcançada é fazer-se culpado de uma soberba que pode ser mais irreligiosa e mais destruidora do verdadeiro conhecimento do que qualquer filosofia agnóstica.

*Johann Herbart* é usualmente designado como o fundador da nossa ciência da pedagogia moderna. Em psicologia, ele foi o primeiro de uma longa lista de opositores à teoria das faculdades, isto é, à doutrina das faculdades em sentido wolffiano. A alma seria uma substância simples. Ela não possuiria múltiplas potências, mas um único anseio ou tendência, a saber, preservar a si mesma em sua indestrutível natureza primeira. A percepção surgiria do conflito dessa tendência de autopreservação com a mesma tendência em outros entes. Os estados mentais representariam um equilíbrio entre forças conflitantes. A meta do pesquisador deveria se reduzir a vida psíquica a um nível mecânico, no qual as leis da mente operariam da mesma maneira como as leis da matéria operam nos níveis puramente físicos da atividade.

Na mesma linha da sua recusa em aceitar a teoria das faculdades, e de seu pressuposto de uma mecânica cognoscível da mente, Herbart identificou o querer e o pensar, e ensinou que a liberdade humana é a supremacia assegurada, na consciência, da ideia ou massa de ideias mais forte. Desgraçadamente, essa eliminação por Herbart de toda a análise das faculdades significou a supressão do homem como objeto da psicologia. É como se tentássemos dar uma aula de física sem dizer uma palavra sequer acerca das propriedades da matéria. No lugar do estudo da natureza humana, Herbart colocou o estudo dos estados de consciência. Ele pode ser descrito como um tipo de associacionista vital. Ele desenvolveu a teoria da massa aperceptiva, que determinaria como uma pessoa deve selecionar e interpretar novas experiências. Ele aplicou esse princípio à educação, enfatizando a importância da atitude adequada da parte do aluno para com as coisas que deve aprender. Ele aconselhou, ademais, que a educação possa ser desenvolvida ao longo de um plano de interesse natural. Sua discussão acerca das atividades inconscientes levou à realização de pesquisas ulteriores sobre esse importante aspecto da natureza humana.

*Arthur Schopenhauer* desenvolveu uma teoria pantelista, na qual a vontade é identificada com toda a realidade. Seu ensinamento é reflexo de um período de desgaste das reivindicações excessivas da parte dos racionalistas e idealistas. Sua insistência no caráter não racional da realidade, assim como o tom pessimista da sua filosofia, representa os esforços de um pensador para escapar à atmosfera extremamente artificial da metafísica transcendental. Seu discípulo *Eduard von Hartmann* tentou reconciliar a teoria do mundo como vontade elaborada por seu mestre com o idealismo evolucionário de Hegel. O resultado foi uma filosofia do inconsciente segundo a qual o fundamento absoluto da realidade não seria uma vontade não pensante e irresponsável, mas uma vontade que atuaria como se fosse inteligente. O indivíduo seria libertado da miséria da vida alcançando uma negação da vontade de vida descrita por Schopenhauer. O mundo todo, de fato, estaria se movendo em direção à redenção por meio de uma negação universal da vontade.

Na Alemanha, uma reação contra o movimento idealista teve início com a proclamação da hipótese evolucionista e com o estabelecimento da lei da conservação. A demanda por uma nova filosofia da natureza, particularmente por uma nova filosofia da natureza humana, parecia urgente tendo em vista os resultados da investigação científica. A resposta a essa demanda foi uma onda crescente de materialismo, que tentou incluir todos os fenômenos mentais, tanto psíquicos quanto psicossomáticos, no interior do sistema fechado da física energética. Esse ponto de vista determinista se encontra nos escritos de homens como *Karl Vogt*, *Jacob Moleschott*, *Ludwig Büchner* e *Ernst Haeckel*, sendo que todos eles, de um modo ou de outro, influenciaram os rumos do pensamento psicológico entre os estudiosos da sua época.

#### *14. Psicólogos da Escola Escocesa*

A filosofia transcendental foi a resposta dos pensadores alemães ao ceticismo de Hume. A doutrina do senso comum, desenvolvida pela Escola Escocesa, representa outra resposta à mesma perspectiva cética acerca da realidade. *Thomas Reid* foi o primeiro a formular a doutrina. Todo o conhecimento deveria ser construído com base em princípios autoevidentes. Acerca desses princípios, todo homem que possuía senso comum seria juiz competente. Qual seria o significado do senso

comum? Ele é duplo, de acordo com Reid: (a) a combinação de qualidades que compõem a faculdade do juízo consistente; (b) o agregado de princípios originários semeados nas mentes de todos os homens.

Reid também desenvolveu uma teoria da percepção que é interessante por conta da terminologia de que se reveste. Ele corretamente ligou o idealismo de Berkeley e o ceticismo de Hume ao princípio cartesiano segundo o qual aquilo que nós percebemos direta e imediatamente não é o objeto externo, mas uma modificação subjetiva ou imagem do objeto. Mas o conhecimento não seria representativo dessa maneira. Para combater essa opinião, Reid propôs sua própria teoria presentativa: nosso conhecimento dos objetos externos seria imediato. Ele concluiu, no entanto, que nós não somos conscientes de uma tal percepção.

*Thomas Brown* afirmou a existência de primeiros princípios indemonstráveis, mas buscou limitar o número desses princípios originários e admitir um âmbito maior para o fator da associação ao explicar a origem dos nossos juízos universais e necessários. Em sua análise do processo da sensação, ele conferiu grande importância ao sentido muscular.

*William Hamilton* fez da psicologia sinônimo de metafísica. Sua tarefa seria tríplice: em primeiro lugar, a observação de fatos e fenômenos; em segundo, um estudo das leis que regulam esses fatos e fenômenos; em terceiro, uma análise dos resultados reais que podem ser inferidos desses fatos e fenômenos. As atividades da mente humana seriam agrupadas em três grandes grupos: cognição, apetência e conação. As faculdades da cognição incluiriam: (a) um grupo altamente diversificado de sentidos; (b) uma faculdade elaboradora, conhecida entre os antigos como “intelecto teórico”, cuja tarefa seria julgar, raciocinar e generalizar; (c) uma faculdade reguladora que Aristóteles e sua escola chamaram “intelecto prático”, e que Reid designou como “senso comum”. Os dados desta última faculdade não seriam matéria de experiência, mas antes os conhecimentos inatos da mente situados na raiz de todo o nosso conhecimento.

Neste ponto, é conveniente recordar as duas maneiras como os psicólogos tradicionais utilizam o termo “senso comum” quando lhe conferem um sentido intelectual; primeira, como o consentimento comum ou o testemunho comum da humanidade em prol da veracidade de determinadas proposições; segunda, como a apreensão imediata dos primeiros princípios autoevidentes do pensar. É somente nesse segundo sentido que o senso comum pode ser considerado como a base da

filosofia ou o princípio da sabedoria. E certamente o sentido comum, como conhecimento originário dos primeiros princípios da especulação, não é o que Aristóteles e seus seguidores tinham em mente quando falavam em “intelecto prático”.

No que diz respeito ao eu e ao não-eu, Hamilton declarou que tais coisas são pura e simplesmente incognoscíveis em sua substância. Nossa consciência, contudo, revelaria o eu como uma unidade em meio a sucessivas mudanças. Mais ainda, a experiência que temos do mundo exterior nos autorizaria a representá-lo como uma realidade permanente no que diz respeito à quantidade da experiência, mesmo que as formas cósmicas estejam em mutação constante. Seja como for, nosso conhecimento tanto da mente quanto da matéria seria apenas relativo. O agnosticismo seria a única saída racional para os nossos esforços em resolver tais problemas!

A divisão de Hamilton dos dados da psicologia em cognitivos, apetitivos e conativos ainda pode ser encontrada em muitos dos nossos manuais. Ela é equivocada por dois motivos: primeiro, por ser redundante, uma vez que a apetência e a conação, ou desejo e volição, são ambos fenômenos apetitivos; segundo, pela sua falta de equilíbrio, uma vez que, assumindo que apetência e conação sejam formas sensitivas e intelectuais de oréxis, deveria haver uma divisão correspondente do conhecimento em cognição sensitiva e intelectual.

Em geral, contudo, a Escola do Senso Comum exerceu uma influência benéfica. Ela surgiu como um esforço honesto para romper o impasse que resultou para a filosofia das doutrinas de Berkeley e Hume — com uma negando a existência da matéria, e a outra questionando a realidade do espírito. Ela foi significativa do ponto de vista psicológico, pois foi amplamente responsável pelo ressurgimento do interesse no problema do ego humano. A doutrina da unidade do eu havia minguado nos círculos filosóficos. Com efeito, ela havia sido praticamente eliminada pelos empiristas. A Escola do Senso Comum trouxe-a de volta e fez dela novamente um tópico respeitável de discussão.

### *15. A psicologia francesa no século XIX*

O período de reconstrução na França no início do século XIX testemunhou uma reação às ideias sensualistas que haviam predominado de maneira desenfreada

durante a crise revolucionária. *Louis de Bonald* é recordado como um tradicionalista que ensinou que a linguagem não é uma invenção do homem, mas um dom de Deus; e, ademais, que o conhecimento de todas as verdades essenciais nos campos psicológico, moral e religioso foi dado ao homem primitivo juntamente com a linguagem. *Félicité de Lamennais* afirmou que a mente humana é incapaz de chegar ao conhecimento da verdade. O único critério seguro seria a razão coletiva, ou o consentimento universal da humanidade. Tais tentativas de desacreditar o valor e a função da razão individual resultaram, no final das contas, numa perda de respeito pela religião, e exigiram uma condenação do tradicionalismo pela Igreja.

*Pierre Maine de Biran* trabalhou em outra direção para deter as ondas de ceticismo e sensualismo que engoliam o pensamento francês. Aqui, como teste supremo da verdade filosófica, o apelo se dirigiu antes à introspecção psicológica que à tradição. Pela reflexão, tornamo-nos conscientes do esforço voluntário que distingue a experiência externa da interna. Dessa maneira, chegamos a conhecer o eu como distinto do não-eu, e a compreender a verdadeira natureza dos fenômenos mentais. Para o metafísico que é demasiado abstrato, bem como para o sensualista que interpreta os fenômenos internos em termos de causas externas, a alma sempre há de permanecer como um fator desconhecido. Somente o psicólogo que pratica a introspecção pode apreender o significado do espírito humano e das atividades deste. *Victor Cousin* parece ter reduzido a filosofia a um tema de interesse histórico. Todos os sistemas poderiam ser classificados em quatro grupos: sensualismo, idealismo, ceticismo e misticismo. Há alguma verdade em todos eles, disse Cousin; mas a verdade completa pode ser encontrada somente numa síntese dessas doutrinas julgadas como verdadeiras pelo senso comum; *Théodore Jouffroy* afirmou que fisiologia e psicologia são conhecimentos entre os quais não há relação alguma. *Paul Janet* foi um eclético que tentou efetuar uma reconstrução espiritual da natureza humana. Sua perspectiva filosófica combinava os pontos de vista de dois dos seus predecessores, Cousin e Jouffroy.

*Auguste Comte* é frequentemente designado como o pai do positivismo moderno. Em resumo, essa heresia filosófica afirma que não há uma causa última ou um absoluto, e, portanto, que não há um conhecimento metafísico válido. Todo conhecimento humano estaria limitado a fatos acessíveis para os sentidos, e às relações entre esses fatos. O pensamento humano teria passado sucessivamente por

três estágios de desenvolvimento: (a) o teológico, que corresponderia ao nível infantil; (b) o metafísico, que representaria a idade adolescente; e (c) o positivo, que seria o nível da maturidade. Em sua classificação dos nossos conhecimentos positivos, Comte fez da psicologia uma parte da biologia, desdenhando os dados da introspecção como algo que jamais poderia ser cientificamente testado.

Os estágios comteanos do pensamento humano são falsos por diversas razões. Primeira, são historicamente equivocados, pois a metafísica alcançou a maturidade antes da teologia. Segunda, são equivocados do ponto de vista genético, quando presumem que a metafísica se desenvolveu a partir da teologia, e a ciência a partir da metafísica. Na verdade, estas são formas distintas de conhecimento humano, e uma não deixou de existir quando a outra surgiu, como a criança deixa de existir quando surge o adolescente. Terceira, são equivocadas do ponto de vista epistemológico, uma vez que se fundam na premissa segundo a qual não pode haver conhecimento algum das causas últimas. O fato é que, sem a realidade dessas causas, e especialmente sem a realidade da substância e do princípio filosófico da causalidade, a ciência simplesmente não poderia existir como um corpo de generalizações. Com efeito, a meta do engenho científico é a formulação de leis; e as leis são afirmações generalizadas que descrevem a relação operativa invariável entre causas e efeitos.

*Henri Bergson* representou uma reação saudável, mesmo que um tanto extremada ao culto da ciência e ao positivismo, que ameaçaram a existência mesma da filosofia na França na virada para o século presente. Ele defendeu a opinião segundo a qual a realidade é dinâmica e está em perpétuo devir. O universo todo seria criação e expressão de um *elã vital*: um impulso vivente, uma tendência idealista, cuja natureza seria mudar e evoluir continuamente. Isso seria especialmente verdadeiro para o ego humano, que seria um substrato de mudança unindo nossos diversos estados psicológicos. Foi o erro dos atomistas, disse Bergson, ter separado esses estados como se eles fossem estáticos. Eles seriam contínuos. Os materialistas em psicologia consideram a mente seja como a somatória total das correlações neurais que compõem o cérebro; seja como uma substância material extremamente tênue em volta do cérebro, como a auréola em volta da cabeça de um santo. Eles estão equivocados. O cérebro não é a consciência, tampouco oculta o segredo dos processos conscientes. Ele é meramente um órgão, o ponto em que a consciência ingressa na matéria. Ele teria

sido desenvolvido pela consciência para propósitos associados com a necessidade de ação. E o que é essa consciência? Seria o *elã vital*, a força criativa da qual falamos há pouco.

#### 16. *Campeões do associacionismo*

A teoria dos associacionistas, em sua forma rígida, afirma que sensações, imagens, e o vínculo delas na consciência sob diferentes padrões são o suficiente para explicar todos os dados da experiência humana. A doutrina foi avançada por Hobbes e discutida de maneira geral nos escritos de Locke. Hume também tratou dos princípios dela; mas foi o médico *David Hartley* que conferiu-lhe sua expressão mais concreta. Todos os fenômenos mentais poderiam ser reduzidos a sensações e vibrações associadas da substância medular branca do cérebro e da coluna espinhal. Quando nossas sensações se repetem, elas deixariam traços que seriam ideias simples. Estas, por sua vez, se unem para formar ideias complexas. Embora todos os nossos sentidos nos forneçam ideias, os campos visual e auditivo as proporcionam em maior abundância. Apesar da expressão materialista das suas teorias, Hartley protestou contra a identificação da alma com o corpo. Embora haja uma correspondência entre as atividades psíquicas daquela e as funções fisiológicas deste, ambas as realidades são espécies irreduzíveis uma à outra.

*Joseph Priestley* ampliou os traços materialistas do ensinamento de Hartley. Ele afirmou que a alma é um tipo de matéria, que o pensamento é meramente uma função do tecido cerebral, e que a psicologia pode ser reduzida a uma física do sistema nervoso. De maneira incoerente com essas opiniões, ele afirmou que o materialismo psicológico não nega a imortalidade da alma ou a existência de um Criador. *Erasmus Darwin* afirmou que as ideias são configurações das fibras que compõem os órgãos do sentido. *James Mill* combinou as doutrinas de Hartley com as de Hume. Ele ensinou que as sensações são tipos de sentimentos, ao passo que as ideias seriam efeitos residuais que permaneceriam depois do desaparecimento das sensações. Os fenômenos da vida emocional e volitiva seriam explicados pelos mesmos tipos de associações.

*John Stuart Mill* fez da experiência a única fonte de conhecimento. O corpo foi reduzido à possibilidade permanente de sensações, a mente à série de estados conscientes atuais e possíveis. Mas como pode a mente, que é uma série, tornar-se

consciente de si mesma como uma série? A única resposta razoável pareceria ser admitir que há algum tipo de interligação entre as séries, algum alicerce que constitua o ego. Essa admissão de um fator subjacente que entrelaça as pontas soltas dos nossos estados conscientes foi como que um alçapão secreto aberto no meio da psicologia fenomenista de Mill.

*Alexander Bain* buscou tirar proveito de todos os avanços no conhecimento fisiológico para seus estudos dos fenômenos mentais. Ele é habitualmente classificado como um associacionista, embora pareça ter abandonado as implicações materialistas dessa teoria na medida em que aprofundou suas pesquisas nas complexidades da mente. É principalmente a Bain que devemos a reintrodução do conceito de hábito na teoria psicológica moderna; mas sua análise foi apenas um vestígio da explicação tradicional que situa o hábito em seu contexto próprio como um meio-termo entre a faculdade e a ação. A explicação do hábito como efeito de “acazos felizes” em meio aos primeiros movimentos aleatórios do sistema nervoso foi uma antecipação do princípio de Lloyd Morgan sobre a tentativa e o erro no aprendizado. Em 1874, Bain fundou um jornal chamado *Mind*, que foi o primeiro dedicado principalmente a questões de pesquisa em psicologia.

### 17. *Evolução e psicologia*

Por volta dessa época, *Charles Darwin* proclamou sua doutrina da evolução orgânica e aplicou-a ao homem. O princípio do desenvolvimento genético foi adotado nos escritos de *Herbert Spencer*, que distinguiu três estágios no nosso aprendizado: (a) a experiência comum, que seria conhecimento não unificado; (b) a ciência, que seria um conhecimento parcialmente unificado; e (c) a filosofia, que seria um conhecimento completamente unificado. Um dos mais importantes fatos da psicologia seria a distinção entre o eu e o não-eu. Aquele seria constituído pelo fluxo de manifestações tênues do poder desconhecido, já este por manifestações vívidas. Entre os fenômenos mentais, não haveria diferenças orgânicas. Por conseguinte, reflexos, sensações, instintos e inteligência seriam meros estágios ou graus no desenvolvimento do simples ao complexo, ou do homogêneo ao heterogêneo.

As primeiras unidades de consciência seriam minúsculos “choques nervosos”.

Estes, com o passar do tempo, passariam a relacionar-se por uma lei de unidade de composição. Assim como na evolução física a combinação de dois elementos produz um novo composto, assim também na evolução mental novos fatores estariam surgindo constantemente através da associação de elementos conscientes. O princípio mais importante da associação para as nossas ideias é a contiguidade no tempo. A consciência fluiria em sucessão temporal e seria mensurada basicamente da mesma maneira como os objetos físicos; mas estes últimos também variam por suas dimensões espaciais. Na evolução psicológica encontraríamos o atavismo ou retorno a tipos primitivos, assim como na evolução biológica. O instinto, no animal, seria uma espécie de inteligência debilitada.

Por trás dos formatos e formas cambiantes da nossa consciência, é necessário admitir a realidade de uma substância de alguma espécie; mas essa substância seria incognoscível. No que diz respeito à origem das nossas ideias, Spencer adotou uma posição intermediária entre a teoria do empirista, que refere todos os elementos do conhecimento à experiência do indivíduo, e a teoria do idealista, que considera os elementos universais e necessários do pensamento como formas de intuição. De acordo com seu princípio geral da evolução, ele explicou o pensamento humano por meio de arranjos organizados e semiorganizados que surgem em primeiro lugar nos nervos cerebrais da criança e recapitulariam a experiência dos ancestrais. Dessas disposições hereditárias, derivaríamos nossa incapacidade de negar os primeiros princípios.

### *18. Um olhar retrospectivo*

Recapitulando a história da psicologia a partir da época de Descartes, penso ser possível avaliar os principais pensadores fazendo referência a um único critério: a ideia de substância. Com isto quero dizer que os sistemas de psicologia dos modernos estiveram corretos ou equivocados precisamente na medida em que suas opiniões acerca da substância estavam corretas ou equivocadas. O problema da substância reside na própria raiz da metafísica e determina de maneira completa a perspectiva filosófica de qualquer pensador. Podemos dizer logo de partida que Descartes defendeu a noção de substância; não obstante, com seu dualismo exagerado, ele preparou o caminho para o desaparecimento dessa noção. Assim, se há uma divisão completa entre corpo e alma, se, ademais, a substância corpórea é

constituída por extensão, sendo o pensamento a essência da mente, cedo ou tarde alguém há de concluir que o conhecimento dos sentidos, que é o âmbito do corpo, jamais pode alcançar a mente. Isso significaria que nosso conhecimento da realidade física deve ficar limitado às impressões sensíveis.

De acordo com Descartes, a substância é “uma coisa que existe de tal maneira que não exige nenhuma outra coisa para existir”. Essa definição foi acolhida e aprimorada por Espinosa, que declarou: “A substância é aquilo que é em si mesmo e é concebido por si mesmo; em outras palavras, é aquilo cujo conceito não exige o conceito de nada mais a partir de que seja formado”. Também Locke admitiu que a substância é uma realidade, mas sua noção dela não é a de Santo Tomás. De acordo com Locke, quando adquirimos uma ideia de uma substância, por exemplo, um cavalo ou uma pedra, nosso conhecimento consiste em “uma coleção daquelas múltiplas ideias simples de qualidades sensíveis que estamos acostumados a encontrar unidas naquela coisa chamada cavalo ou pedra”. Isso equivaleria a unificar, na faculdade sensitiva, qualidades tais como colorido, extenso, duro, redondo, e assim por diante. Hume foi mais longe e pôs em dúvida a objetividade da substância. Se ela existir, devemos ser capazes de alcançá-la diretamente pelos sentidos, uma vez que a percepção sensível seria o único tipo de conhecimento que alcança a essência das coisas.

A teoria kantiana da substância é fruto da teoria subjetivista do conhecimento kantiana. A correspondência entre pensamento e realidade jamais poderia ser afirmada, e assim jamais saberíamos se nosso pensamento é ou não verdadeiro. Isto deveria ser dito até mesmo da consciência que o sujeito pensante tem de si mesmo, da sua própria substância. A refutação kantiana da noção de substância está de acordo com a afirmação do Doutor Angélico de que não podemos provar de maneira estrita a objetividade da substância. Ao tentar estabelecer o que é evidente, a saber, o caráter objetivo do nosso conhecimento, Kant conseguiu provar que não podemos prová-lo, e concluiu erroneamente que talvez não exista tal coisa. A partir desse erro, ele conseguiu proceder com vigor lógico e extrair uma série de outras conclusões errôneas. A maneira mais simples de refutar o sistema kantiano é dizer que ele conduziu a uma completa falência da mente humana. Pois, certamente, uma tal liquidação do pensamento filosófico é exemplificada em todos os seguidores do Sábio de Königsberg.

Quando lançamos nosso olhar retrospectivo ao percurso da psicologia filosófica

do século XIX, vemos três pontos adicionais que possuem relação imediata com o nosso estudo histórico: (a) a tendência associacionista de pensamento, que era predominante na época em que a psicologia se estabelecia como ciência sob a direção de pesquisadores como Weber, Fechner e Wundt; (b) a doutrina evolucionista, que, desde o início, teve uma profunda influência sobre o desenvolvimento do pensamento psicológico e sobre o curso da pesquisa experimental e clínica; (c) a acentuada definição da atitude positivista para com o conhecimento filosófico em geral e os dados psicológicos em particular.

Podemos destacar, nesse contexto, que os erros dos psicólogos associacionistas continuaram presentes até em meio aos nossos cientistas contemporâneos. Seus erros podem ser descritos como uma tentativa de reduzir todas as operações do intelecto à associação mecânica de ideias, isto é, de sensações ou de imagens sensíveis. É fácil notar aqui o protótipo da tentativa behaviorista de reduzir o pensamento a uma cadeia de reflexos; e da explicação estruturalista das ideias como imagens débeis combinadas em padrões atomistas. O paradoxo do associacionista é pensar que não pensamos. Este último é semelhante a todos os outros sensualistas, que, ao ofuscar a distinção entre sentido e intelecto, ou entre os conteúdos dessas potências, produzem uma psicologia que é, em seus próprios termos, suicida.

Quanto ao enfoque genético relativo aos problemas da natureza humana, o ponto importante não é a quantidade de verdade científica presente em qualquer uma das proposições que os biólogos formularam, mas antes como essas proposições se aplicam ao homem. Os fatos não podem ser contestados; mas devemos ter cuidado ao determinar o contexto próprio em que eles se apresentam. Assim, pode ser verdade que o corpo do homem passou por um processo evolutivo. Mas jamais poderá ser verdade que a alma do homem tenha passado por um tal desenvolvimento genético. O problema crucial aqui é traçar a linha de demarcação entre os aspectos materiais e imateriais da natureza humana. No que diz respeito àqueles, as evidências científicas podem confirmar ou rejeitar a hipótese de que o corpo do homem evoluiu. No que diz respeito a estes, é inútil esperar que algum dia venha a ser descoberta uma evolução da alma humana a partir de uma espécie inferior de princípio vital.

A história do positivismo, que remonta a Demócrito e à sua tradição, é a história de uma tentativa persistente de degradar a filosofia ao estatuto de

conhecimento sensitivo e nada mais. Trata-se de uma velha história, exprimida hoje em dia pelo esforço de transformar a sabedoria filosófica em serva da ciência. Este é o resultado de um desenvolvimento que teve início no plano de Bacon de verificar a especulação não verificada por meio de um apelo a métodos estritamente indutivos. Esta é, em si mesma, uma ambição louvável. Contudo, nas mãos de cientistas de mentalidade materialista, ela resultou na entrega completa de todos os problemas do conhecimento humano nas mãos de pesquisadores que, supostamente, seriam capazes de fornecer sozinhos as respostas procuradas. Se isso fosse verdade, certamente nenhum homem que tivesse respeito por si próprio desejaria ser um filósofo. A falha aqui é de responsabilidade tanto de filósofos quanto de cientistas, uma vez que ambos os grupos foram incapazes de perceber que filosofia e ciência são hábitos da mente que diferem em suas metas e em seus métodos; vale dizer, nos problemas e técnicas que são próprios a cada um.

## O surgimento da psicologia científica

### *1. A psicologia e as outras ciências naturais*

A psicologia, como ciência da natureza humana, foi amplamente influenciada pelas demandas das outras ciências empíricas. Dessa maneira, a física, a química, a astronomia e a fisiologia, para mencionar algumas, são em grande medida dependentes da precisão com a qual os juízos humanos são formados. Tais juízos, por sua vez, se fundam sobre um cuidadoso discernimento sensorial entre acontecimentos objetivos e as mudanças resultantes na consciência do observador. De maneira bastante estranha, foi antes a insistência dos pesquisadores físicos sobre a necessidade de um uso mais exato dos sentidos e de padrões mais rigorosos para os juízos acerca dos fenômenos naturais do que um desejo de aprofundar seu conhecimento sobre o homem que afastou os psicólogos da filosofia e os impeliu para os caminhos da pesquisa experimental. Por essa razão, é importante conhecermos algumas das descobertas no campo das ciências não psicológicas que levaram ao desenvolvimento de uma abordagem científica no estudo da natureza humana.

### *2. Fatos e descobertas*

*Albrecht von Haller* foi pioneiro no campo da fisiologia moderna por ter obtido demonstração experimental de determinadas verdades que previamente eram tratadas como meras proposições teóricas. A partir da realização de mais de quinhentos experimentos acerca dos nervos musculares, ele confirmou o fato de que a irritabilidade é uma propriedade do tecido nervoso e dos músculos dotados de nervos. Ao tentar descobrir algo acerca da natureza dos impulsos nervosos, ele concluiu que tais impulsos não possuem volume perceptível, uma vez que os nervos de ligação não apresentam nenhum inchamento lateral em direção ao cérebro. Não obstante, seu caráter material se revela pelo fato de que se nutrem de

alimentos e podem ser contidos dentro de limites.

*Antoine Lavoisier* se dedicou ao problema da respiração. Sua obra mostrou que o calor animal é produto da combustão devida à ação do oxigênio. Dessa maneira, foi feita a descoberta revolucionária de que é o oxigênio, e não os espíritos animais cartesianos, o responsável pelo calor corporal e por outros fenômenos vitais do organismo. *Robert Whytt* refutou a noção de que todos os impulsos nervosos têm origem no cérebro, mostrando que reflexos podem ser intermediados por segmentos isolados da coluna espinhal. Seu trabalho foi posteriormente corroborado por *Marshall Hall*, que confirmou o fato de que o simples arco reflexo, como unidade de ação, é independente da consciência ou do controle volitivo. *Luigi Galvani* produziu espasmos em tecidos musculares seccionados utilizando descargas elétricas provenientes de garrafas de Leyden. Ele atribuiu essa reação à presença de uma eletricidade animal. *Alessandro Volta* contestou essa afirmação, dizendo que os espasmos são devidos ao contato do músculo com metais heterogêneos, que criariam uma corrente.

A noção de magnetismo animal foi explorada por *Franz Mesmer* e teve um apelo popular duradouro, até que o mito fosse desmentido por pesquisas médicas competentes. Foi ideia de Mesmer que a energia magnética, obtida a partir das estrelas e dos planetas, poderia ser utilizada para curar as enfermidades da humanidade. Evidentemente, a força que Mesmer involuntariamente desencadeou em seus pacientes era tão antiga quanto a própria humanidade: o poder da sugestão mental. O estado de transe que ele conseguiu produzir em seus pacientes foi durante algum tempo conhecido por seu nome, [mesmerismo]. *James Braid* introduziu o termo “hipnotismo” para descrever os mesmos fenômenos, e o novo nome foi em geral aceito. Seu trabalho foi feito com verdadeiro espírito científico, sem os truques utilizados por Mesmer. Ele explicou o transe hipnótico como resultado de condições físicas do sujeito, do olhar físico, do repouso do corpo, da concentração, e da contenção da respiração. Posteriormente, nas mãos de homens como *Charcot*, *Janet*, *Breuer* e *Freud*, a técnica da hipnose levou a algumas descobertas notáveis no campo da psicologia.

*Charles Bell* descobriu que, cortando nervos provenientes do lado dorsal da corda espinhal de um animal, não se produz nenhuma contração nos músculos; mas quando ele tocava os nervos do lado ventral da corda, os músculos do tronco imediatamente se contraíam. Ele fez uma distinção entre nervos que transmitem

impulsos ao cérebro e nervos que os transmitem para longe do cérebro. Os primeiros ficaram conhecidos como nervos sensoriais, os segundos como nervos motores. Bell concebeu diversos experimentos interessantes no âmbito das sensações. Na experiência da visão, ele notou que as cores do espectro não são igualmente brilhantes. Ao explicar o fenômeno da audição, ele sugeriu que o ouvido interno é semelhante a um instrumento musical com cordas de comprimentos variados, afinadas de acordo com os diversos tons. Ao estudar o paladar, ele mostrou que as sensações só ocorrem se as papilas gustativas forem estimuladas. Quanto ao olfato, ele destacou que somente a excitação do nervo olfativo causa sensações; com efeito, se o nervo for danificado, os estímulos olfativos produzirão somente sensações tácteis. *François Magendie* confirmou o trabalho anatômico de Bell estabelecendo de maneira mais exata a diferença entre nervos sensoriais e motores. As descobertas desses dois cientistas justificaram o *insight* de Aristóteles de que sensações de cansaço e fadiga resultantes do esforço intelectual não são de fato devidas ao exercício do intelecto, mas da excitação dos sistemas nervoso e muscoesquelético.

*Pierre Flourens* ofereceu a primeira explicação confiável dos efeitos produzidos pela remoção de partes do cérebro de animais. Ele descobriu que pássaros e cães cujo cerebelo havia sido cortado passavam a ter grandes dificuldades para coordenar os movimentos musculares. Ferimentos na parte central da medula resultam em asfixia; a destruição dos canais semicirculares produz perda de equilíbrio. O interesse de Flourens pela neurofisiologia o convenceu de que há uma unidade básica de ação através de todo o sistema nervoso, muito embora suas partes separadas possuam diferentes funções por desempenhar. Seu trabalho antecipou a perspectiva da Escola da Gestalt atual. Ele foi o primeiro a estabelecer o fato da regeneração dos nervos.

*Paul Broca* introduziu o método moderno da cirurgia cerebral. Ele também possui destaque por ter descoberto uma maneira de determinar a proporção entre o tamanho do cérebro e o tamanho do crânio. Ele é mais conhecido, porém, pela área do córtex que recebeu seu nome. Essa área intervém na fala, e foi definida por Broca depois de um exame *post mortem* de um paciente que havia praticamente perdido a fala e cujo cérebro apresentava uma lesão nítida na circunvolução frontal esquerda. Diferentemente das afirmações não verificadas dos frenologistas, aqui temos verdadeiras evidências científicas da localização cerebral.

Em 1870, *Gustav Fritsch* e *Eduard Hitzig* aplicaram estímulos elétricos a vários pontos do córtex cerebral e descobriram que determinadas regiões limitadas à frente da fissura de Rolando estavam associadas a movimentos específicos de diferentes partes do corpo. Essas observações indicaram que, além da área da fala, descoberta por Broca, há áreas motoras na superfície cerebral.

*Friedrich Bessel*, cujo principal interesse era em astronomia, percebeu as diferenças entre as pessoas no tocante à velocidade de reação a estímulos, e especialmente no tocante ao cálculo de valor de períodos curtos de tempo. Ele denominou a diferença, em cada caso, a “equação pessoal”. Temos o registro do famoso caso de um assistente do observatório de Greenwich que foi despedido porque o cálculo que ele fizera do tempo levado pelo reflexo de uma estrela para cruzar o retículo de um telescópio divergiu em oito décimos de segundo em relação à estimativa do diretor. Bessel tomou conhecimento desse caso, e por anos coletou evidências para mostrar como surgiam diferenças individuais, e que variações poderiam ser esperadas de uma pessoa para outra.

### *3. O início do período experimental*

*Ernst Weber* fez o primeiro estudo experimental da sensação. Ele mensurou os limites de variabilidade dentro de determinados tipos de reações dos sentidos. No tato, ele descobriu ser necessário o aumento de cerca de um trigésimo no peso de um objeto pressionado contra a pele para que uma mudança de pressão possa ser notada. Mas, se o objeto for apanhado com os dedos, uma mudança de cerca de um quadragésimo do seu peso total já pode ser detectada. O peso de qualquer objeto precisa variar nessas mesmas frações para que uma diferença possa ser detectada. Ele descobriu, além disso, que, em outros tipos de diferenciação sensorial, tais como diferenças de brilho na visão ou diferenças de tom na audição, o estímulo deve variar numa fração constante para cada diferença perceptível na sensação. Sua generalização ficou conhecida como “lei de Weber”, e pode ser enunciada dizendo que a diferença observada entre dois objetos não é absolutamente independente dos objetos, mas é relativa ao estímulo, sendo uma constante.

A capacidade de avaliar as características espaciais das sensações tácteis também lhe interessou. Ele concebeu dois métodos para obter informações sobre a matéria.

Um consistia na aplicação de dois pontos de um compasso à pele a fim de determinar a distância mínima em que podiam ser diferenciados como separados. A diferenciação mais refinada ocorreu na língua; a mais vaga, no meio das costas. Nas extremidades, as separações são maiores em sentido longitudinal do que em sentido transversal. O outro método foi aplicar um único ponto estimulante à pele de um indivíduo com os olhos vendados, o qual tentava por conta própria localizar esse ponto com uma caneta. A distância compreendida entre os dois pontos daria a medida da sensação. Aqui novamente as diferenciações longitudinais foram mais amplas que as transversais.

Weber se referiu à capacidade de localizar as sensações como “sentido do lugar”. A acuidade deste, dizia ele, depende da disposição anatômica das terminações dos nervos tácteis. Essa opinião foi reforçada por seus experimentos com um garoto de doze anos que apresentou reações mais refinadas do que um adulto. Os resultados, de acordo com Weber, se deveram ao fato de que, na menor área de pele do garoto, a distância entre as terminações nervosas era menor do que no adulto. Ele também afirmou que o sentido da temperatura se relaciona com o sentido do tato, uma vez que uma moeda fria colocada sobre a pele é sentida como mais pesada do que duas quentes. No que diz respeito à visão, ele buscou determinar a relação entre a estrutura anatômica do olho e a acuidade das sensações visuais. Para estabelecer essa relação, ele mediu a distância entre as terminações nervosas da retina e a distância entre dois estímulos visuais que podiam ser vistos somente como separados. Ele descobriu, por exemplo, que duas linhas paralelas só podem ser distinguidas como separadas quando a distância entre elas é suficiente para estimular terminações nervosas alternadas na retina.

Quanto ao olfato, Weber observou que, quando as fossas nasais estão cheias de uma substância fortemente aromática, como água de colônia, nenhum odor é sentido. Ele concluiu que os estímulos do olfato devem estar em estado gasoso para poder despertar sensações olfativas. Weber foi um investigador cuidadoso e laborioso. Num período de dois anos, ele realizou algo em torno de sessenta e sete mil experimentos, anotando e comparando sensações e seus respectivos estímulos.

*Johannes Müller* conferiu forma final ao princípio de que cada nervo sensorial possui sua energia própria, que determina fisiologicamente o caráter das nossas sensações. Essa doutrina se encontra em forma embrionária nos escritos de Aristóteles: mas Müller elevou-a a um patamar científico. De acordo com Müller,

a qualidade individual de uma sensação é independente da natureza do estímulo que a desperta, dependendo antes de uma energia específica do sistema nervoso. Assim, uma pressão física, um choque elétrico, ou a luz, ao incidir sobre o nervo óptico, produzirá uma sensação visual. Isso indica que, quando as fibras nervosas são despertadas por um estímulo, elas produzem somente um tipo de reação, independentemente da natureza do estímulo. O princípio das energias nervosas específicas foi proclamado como um golpe fatal contra a antiga teoria da emanção de Demócrito, que, sob uma forma ou outra, havia influenciado as pesquisas em psicologia desde o princípio. Müller, contudo, não disse exatamente onde a energia nervosa se especifica: no órgão do sentido, nas vias nervosas, ou no cérebro.

O trabalho de Müller sobre o problema da percepção do espaço visual teve enfoque anatômico. Ao explicar o fato de que vemos um único campo de visão com os dois olhos, ele formulou sua teoria dos pontos retinianos idênticos. As fibras próprias de cada nervo, oriundas do córtex, se dividem em duas partes no quiasma, manifestando cada parte as mesmas energias nervosas específicas. Há uma disposição correspondente de fibras no cérebro, de maneira que a experiência do espaço é inata. Essa foi a famosa teoria inatista que Müller apresentou em 1826. Ela foi quase imediatamente contestada. A invenção do estereoscópio por Wheatstone, em 1833, mostrou a importância da disparidade das imagens na retina para a percepção da profundidade.

Ao tratar do fenômeno da visão das cores, Müller criticou a ideia de que as cores resultam de misturas de preto e branco. Essa noção havia sido defendida por *Johann von Goethe*, que apelou para o fato de que a imagem residual positiva do Sol passa gradualmente por uma série de mudanças de cor: amarelo, laranja, vermelho, violeta, azul e preto. Müller aceitou a observação, mas argumentou que ela nada prova, uma vez que a sensação da cor preta é meramente um estado de repouso da retina. Ele não aceitou as sete cores primárias de Newton, reduzindo-as a três: vermelho, amarelo e azul; mas aceitou a afirmação equivocada de Newton de que combinações espectrais de amarelo e azul produzem o verde.

Na esfera das sensações auditivas, Müller afirmou que para ela contribuem tanto os canais semicirculares quanto a cóclea. A função dos canais é reforçar as ondas sonoras. Ele concordou com a afirmação de Weber de que o labirinto ósseo da cóclea serve para distribuir a fibras nervosas auditivas, assim possibilitando a

maior exposição possível às vibrações produzidas pelos fluidos do ouvido e pelos ossos da cabeça. No que diz respeito à audição e à visão, Müller não tentou explicar a maneira exata como os nervos envolvidos são acionados. Ele supôs ser suficiente colocar o estímulo físico em contato com o nervo, e que o princípio das energias nervosas específicas explicaria o restante.

*Rudolf Lotze* aplicou a teoria das tensões musculares para explicar a percepção espacial. Por exemplo, quando a retina é estimulada periféricamente, há uma tendência a movermos os olhos de maneira a focalizar a imagem no centro da retina, que é o ponto de maior sensibilidade. Como resultado, cada parte da superfície da retina fica associada com uma sensação definida do montante de esforço necessário para mover os olhos, de maneira que a imagem se projeta sobre a fóvea central. Essas sensações, que surgem mesmo quando os olhos permanecem imóveis, são diferentes para cada ponto da retina. Elas são chamadas “sinais locais”.

Enquanto os olhos se movem, há uma estimulação ordenada de todos os pontos intermediários da retina ao longo do arco do movimento ocular. Essa excitação de uma sequência regular de sinais locais produz uma percepção de contiguidade e nos fornece informações quanto ao tamanho do objeto para o qual estamos olhando. Os sinais locais da pele dependem majoritariamente de diferenças nas sensações tácteis, devido a variações de espessura da pele ou dos tecidos e ossos subjacentes. Movimentos de estímulos através da pele também fazem surgir uma percepção de extensão ou de tamanho. Lotze concluiu que os sinais locais não são inatos, mas se desenvolvem através do uso aprimorado das potências sensitivas. O caráter empírico e genético dessa ideia estimulou pesquisas mais frutíferas do que a teoria inatista de Johannes Müller.

*Hermann Helmholtz* propôs a teoria segundo a qual nossa discriminação das qualidades materiais nos objetos pode se basear na estrutura anatômica dos próprios órgãos dos sentidos. No campo auditivo, ele pensou que o princípio da vibração por simpatia pode explicar a maneira como o ouvido é estimulado. Porventura o órgão auditivo contém um número suficiente de unidades seletivas para responder de maneira simpática a todos os tons audíveis? Depois de longas investigações, Helmholtz concluiu que na membrana basilar se encontra a resposta afirmativa a essa pergunta, em função do grande número das suas unidades anatômicas e porque suas fibras variam em longitude, massa e tensão, como as cordas de uma harpa. Ele concluiu ademais que os canais semicirculares não

possuem funções auditivas, uma vez que não possuem órgãos adequados para a vibração em simpatia. A dissonância nos sons seria explicada pela presença de pulsações estranhas entre seus sobretons. A harmonia, por outro lado, é um efeito de proporções simples entre sobretons, como, por exemplo, na razão de dois para um das oitavas.

No campo da visão, Helmholtz trouxe de volta a negligenciada teoria das cores de *Thomas Young*, que havia reduzido a três os tipos de substância nervosa na retina. Esses elementos retinianos bastariam para explicar a percepção de todas as cores: isoladamente, a percepção de vermelho, verde e violeta; e combinados nas proporções adequadas, a de qualquer outra cor. Helmholtz destacou que a escolha de vermelho, verde e violeta era arbitrária, uma vez que, até onde ele sabia, a única maneira de determinar as cores fundamentais seria por meio de um estudo do fenômeno do daltonismo, descoberto por *John Dalton* em 1798. Helmholtz seguiu a doutrina mülleriana das energias nervosas específicas, afirmando que a luz não era um estímulo mais natural para a visão do que a pressão ou a eletricidade. Deve-se notar que o fato de que a luz dá início a uma reação fotoquímica definida na retina só foi descoberto em 1876, por *Franz Boll*.

Como resultado do seu trabalho experimental sobre a percepção visual do espaço, Helmholtz conseguiu fornecer a primeira explicação correta da mudança na curvatura do cristalino. Esse efeito é devido a uma contração dos seus músculos ciliares circundantes. Helmholtz também foi o primeiro a tentar medir a corrente nervosa. Ele anotou o tempo necessário para um músculo do dedo do pé se contrair depois de seu nervo ser estimulado num ponto próximo ao músculo; e depois mediu o tempo necessário para o mesmo músculo se contrair quando seu nervo foi estimulado na área da coxa. Ele situou a taxa de transmissão em algum ponto entre 50 e 100 metros por segundo. Essa taxa para correntes nervosas humanas é um tanto inferior às constatações posteriores que situaram a velocidade em cerca de 123 metros por segundo. Anteriormente, supunha-se que a velocidade era tão grande quanto a da eletricidade. Helmholtz mostrou que, embora haja determinados fenômenos magnéticos na corrente nervosa, ela não pode ser identificada com uma corrente elétrica enquanto tal. Sua obra nos campos da audição e da visão foi facilitada pela invenção do ressonador e do oftalmoscópio.

*Gustav Fechner*, que cunhou o termo “psicofísica”, investigou meios para

mensurar a amplitude e a extensão dos fenômenos da consciência. Ele aplicou três tipos de enfoque psicofísico: (a) “o método das diferenças apenas perceptíveis”, no qual um estímulo é gradualmente variado até que o observador possa detectar uma mudança na sensação; (b) “o método dos acertos e erros”, no qual se avalia a porcentagem de juízos corretos emitidos por um observador acerca de alguma diferença sutil entre dois estímulos; (c) “o método do erro médio”, de acordo com o qual o próprio observador faz as mudanças em um estímulo até que ele se assemelhe a outro estímulo. O primeiro modelo estuda os valores limiares e foi originalmente aplicado por Weber em sua comparação de pesos e pressões. Ele é também chamado “método da mudança mínima”. O segundo modelo é utilizado quando não se pode organizar uma série gradual de mudanças nos estímulos. Ele foi aprimorado por Georg Müller e é agora conhecido como o “método dos estímulos constantes”. O terceiro modelo mede o refinamento das potências de discernimento do observador.

Fechner apresentou uma nova versão da lei de Weber. Em seu formato revisto, ela afirma que a intensidade de uma sensação aumenta de maneira aritmética, ao passo que a intensidade do estímulo aumenta de maneira geométrica. Ao utilizar o termo “aritmética”, Fechner quis dizer que toda diferença notável na sensação deve ser considerada como uma “unidade de sentido”, de valor igual a toda e qualquer outra diferença apenas perceptível. Esse tratamento das sensações como “unidades” despertou uma grande dose de protestos de outros psicólogos que consideravam as mudanças de intensidade de uma sensação como um processo de contínua adaptação. Por exemplo, é verdade que a diferença percebida entre a luz de uma e de duas velas é a mesma que a diferença percebida entre a luz de oito e dezesseis velas?

Uma questão básica aqui envolvida parece ser uma determinação mais satisfatória do conceito de quantidade como algo aplicável a dados exteriores ao âmbito da física. Seja como for, pesquisas recentes mostram que a lei de Weber-Fechner só vale para algumas classes de sensações, e que mesmo aqui ela possui um alcance limitado. Ela não é mais tão relevante hoje em dia. Seu valor reside antes no impulso renovado que ela conferiu às investigações psicofísicas no momento que a psicologia científica havia acabado de nascer.

A possibilidade de enunciar a lei de Weber de maneira matemática teve interesse particular para Fechner, pois ele pensou que isso poderia conduzir a uma

expressão científica da relação entre mente e matéria. Embora o objetivo de Fechner fosse em si mesmo louvável, não podemos esquecer que sua perspectiva filosófica foi definitivamente distorcida pelas opiniões paralelísticas que ele nutria em relação à natureza das atividades espirituais e materiais do homem. O máximo que ele podia esperar conseguir era mostrar como mente e matéria operam lado a lado sem serem substancialmente relacionadas. Não obstante, o próprio pressuposto com base no qual ele trabalhou como cientista, a saber, o de que as intensidades físicas dos estímulos podem ser uma pista para as intensidades psicológicas da consciência é uma suposição que exige uma relação substancial entre mente e matéria para que possa ter algum sentido para o cientista ou para o filósofo. O paralelismo psicofísico de Fechner, como o de Wundt e de seus seguidores, estava baseado numa premissa totalmente falsa, a saber, a de que energias estritamente imateriais, como a ideação e a volição, devem ser mantidas separadas do sistema das energias materiais, que é fechado e inexpugnável devido à lei da conservação. A aceitação implícita por parte deles de uma dicotomia mente-matéria tornou impossível, evidentemente, explicar relações psicofísicas em termos diferentes daqueles do paralelismo.

*Ewald Hering* propôs uma teoria da visão das cores que rivalizou com a de Helmholtz. Se este abordou o problema sob o aspecto físico e anatômico, podemos dizer que aquele adotou uma atitude distintamente fisiológica e psicológica. Ela se baseou nos dados da introspecção e no princípio da adaptação biológica. Hering insistiu que há seis experiências básicas relativas às cores: vermelho, amarelo, verde, azul, preto e branco. Ademais, nessas experiências das cores, duas tendências proeminentes estão sempre presentes: (a) a aparição na consciência de cores complementares, como em imagens residuais e em fenômenos de contraste simultâneo; (b) o emparelhamento das cores duas a duas, a saber, verde com vermelho, azul com amarelo, e branco com preto, como na sensibilidade variável da retina à reação cromática e os diferentes tipos de daltonismo. O fato de que ambas essas tendências estão sempre presentes tornou-se base de uma nova teoria das cores.

Hering afirmou que há na retina três processos bioquímicos distintos, um para a visão das cores verde-vermelho, outro para azul-amarelo, e outro para preto-branco. Estímulos verdes, azuis e pretos causariam anabolismo; vermelho, amarelo e branco, catabolismo. Ademais, esses processos apresentam uma adaptabilidade

biológica graças à sua reversibilidade espontânea a um estado neutro que confere à consciência visual a cor cinza, resultante de uma mescla de cores complementares.

Hering também atribuiu as funções do anabolismo e do catabolismo à atividade termal da pele, declarando que o tipo de mudança nas terminações nervosas determina as sensações de calor e de frio. Ele observou a existência do que chamou um “zero fisiológico”, isto é, um ponto variável de adaptação no qual não se sente nem calor nem frio. Dessa maneira, enquanto Helmholtz enfatizou a importância de fatores físicos e anatômicos para a explicação dos dados da psicologia, Hering colocou ênfase nos fenômenos introspectivos e biológicos. A importância do trabalho deles reside nos novos pontos de vista que introduziram na análise experimental da sensação.

#### 4. O enfoque genético

Já aludimos à obra de *Charles Darwin* e à mudança de perspectiva por ela operada nas ciências biológicas. A seleção natural, por ele proclamada como causa eficiente da evolução, representa dois processos: (a) a seleção ambiental, pela qual plantas e animais se adaptam ao seu meio-ambiente ou perecem; (b) a seleção sexual, pela qual os machos dotados de maiores capacidades de competição conseguem acasalar com as fêmeas. Darwin tentou utilizar seus conceitos genéticos para resolver problemas de psicologia. Ele sugeriu, por exemplo, que muitas das nossas emoções humanas são prolongamentos de respostas encontradas na vida animal. Dessa maneira, a zombaria seria a contrapartida humana da preparação do animal para morder. Ele também tentou fazer algumas comparações entre as capacidades cognitivas dos homens e dos animais brutos. Foram encontradas evidências de imitação, curiosidade, imaginação, e, supostamente, até de inteligência. A maioria das citações darwinianas, contudo, baseavam-se em anedotas antropomórficas e careciam do rigor objetivo exigido de um verdadeiro cientista. Este foi, especialmente, o caso do uso análogo dos termos “razão” e “inteligência”, que, no animal, não significam uma potência de pensar abstratamente, mas uma habilidade instintiva de se adaptar a circunstâncias cambiantes externas e internas.

As pesquisas de Darwin tiveram como foco de interesse os problemas da vida animal e as possibilidades de herdar aptidões mentais. Em seus estudos comparativos entre homens e animais, e especialmente em seus esforços para

explicar o significado da emoção, ele adotou uma interpretação finalista. Suas descobertas impeliram os psicólogos acadêmicos de volta aos laboratórios para buscar respostas às questões que ele levantou.

O enfoque genético foi logo estendido para os campos afins da psicologia animal, infantil e das raças. Uma verdadeira enxurrada de dados não confiáveis foi relatada. Depois, surgiu uma atitude mais crítica. *George Romanes* cunhou o termo “psicologia comparada” e escreveu acerca da evolução psicológica da vida animal. *Wilhelm Preyer* realizou o primeiro estudo sistemático da psicologia infantil e elaborou uma lista muito citada de reflexos e instintos. Seu trabalho pioneiro, de excelente qualidade, é amplamente responsável pelo entusiasmo com o qual esse modelo de pesquisa é empregado hoje em dia. É fácil notar a influência de Herbart em seus escritos. *Edward Tylor*, que foi obviamente influenciado pelas teorias de Darwin, tentou oferecer uma explicação científica das origens primitivas das crenças humanas. Ele também tentou apresentar uma interpretação da mente primitiva nos termos da mente moderna. *Cesare Lombroso* apresentou uma hipótese evolucionista para explicar os criminosos habituais, alegando que tais indivíduos constituem retornos a tipos primitivos tanto na dimensão psicológica quanto na fisiológica.

Um traço positivo do enfoque genético foi o novo panorama que ele abriu da natureza humana como algo capaz de um desenvolvimento quase infinito. A visão estática, que tentava explicar a vida psicológica do homem por uma bem definida associação de percepções, imagens e ideias foi agora substituída por um enfoque mais dinâmico. A natureza humana deve ser estudada em seus aspectos funcionais — como modificada por fatores tais como idade, ambiente e grau de educação — para ser compreendida em toda a sua riqueza e variedade. Também as potências do homem, especialmente suas capacidades intelectuais, são elementos vitais, capazes de expansão e que diferem de indivíduo para indivíduo. Para serem compreendidas em seu verdadeiro caráter, elas devem ser examinadas de maneira detalhada, vale dizer, como propriedades cuja natureza mesma é desdobrar-se e desenvolver-se pela ação e pelo hábito.

##### 5. *O problema da hereditariedade*

A história do desenvolvimento do enfoque genético em psicologia ficaria

incompleta sem uma referência às pesquisas de *Gregor Mendel* no campo da hereditariedade. Mendel é com razão considerado o pai da genética moderna. Ele descobriu que a coloração de ervilhas doces em plantas híbridas é regulada por leis definidas. Na primeira geração de híbridas, a cor de um dos progenitores aparece com maior frequência do que a do outro. Ela é chamada cor “dominante”. Aquela que aparece com menor frequência é conhecida como cor “recessiva”. Quando os exemplares da descendência híbrida acasalam entre si, cerca de três quartos das plantas geradas apresentam a cor dominante e cerca de um quarto a cor recessiva.

*August Weismann* também se dedicou ao problema da genética. Ele é conhecido principalmente por ter rejeitado a ideia de que pode haver herança de características físicas adquiridas. Ele insistiu que as células germinativas dos organismos animais só têm ligação biológica com o tronco originário por meio do sangue, e proclamou o fato de que as células germinativas de qualquer geração são divisões diretas das células germinativas de todas as gerações precedentes. Dessa maneira, há uma “continuidade do plasma germinativo”, a qual faz dele fisiologicamente imortal. Ademais, exceto para mudanças metabólicas, essa continuidade não é influenciada pelas atividades das gerações sucessivas.

## 6. *Diferenças individuais*

Outros psicólogos que desenvolveram trabalhos importantes relacionados ao problema da hereditariedade física foram contemporâneos aos geneticistas. A obra de *Francis Galton* foi particularmente excepcional nesse contexto. Ele é eventualmente designado como o Darwin da psicologia. Ele foi, de fato, o primeiro a tentar aplicar de maneira profunda os princípios da variação, da seleção e da adaptação ao estudo dos indivíduos e das raças humanas. Em uma de suas análises, ele buscou mostrar que há uma tendência da inteligência superior ou do gênio para formar famílias, como é demonstrado pelas biografias de homens célebres. Em outro estudo, ele demonstrou, por uma medida estatística de altura, talento, e assim por diante, que as características da prole tendem a regredir para o nível médio do tronco familiar. Esta é sua lei da regressão filial, que se exprime dizendo que uma criança nunca varia mais do que um terço em relação às características de seus pais. Num estudo sobre a hereditariedade nos animais, ele testou os efeitos de sangue transfundido em gerações sucessivas e não encontrou

mudanças de estatura ou pigmentação. Ele concluiu, juntamente com Weismann, que não há hereditariedade de características adquiridas. Galton também inaugurou a ciência da eugenia. Um de seus objetivos declarados era a eliminação de membros inaptos da raça humana. Em 1905, ele ajudou a fundar um laboratório de eugenia em Londres.

Galton fez a primeira tentativa de realizar experimentos quantitativos exatos acerca dos problemas da associação mental. Ele calculou o tempo necessário para que fossem feitas associações em resposta à apresentação de uma palavra-estímulo ou de algum outro sinal. A reação inicial foi um gesto, a seguinte, uma associação verbal, a final e mais lenta, uma imagem concreta, como uma figura visual. Ele também investigou os tipos de imagem mais utilizados pelas pessoas ao evocarem acontecimentos passados, e descobriu que elas diferem consideravelmente em suas preferências. Galton foi um homem polifacético, mas sua contribuição mais notável à psicologia foi sua prova das “diferenças individuais”. Até a sua época, praticamente todas as discussões em psicologia haviam apresentado meramente uma análise geral do adulto normal. A importância da variabilidade era negligenciada ou pouco enfatizada.

O objetivo de Galton era descobrir padrões verdadeiros das capacidades humanas de maneira a obter uma base para seus princípios de eugenia. O que ele necessitava, acima de tudo, era um método rápido e prático pelo qual pudesse medir o desempenho de muitos indivíduos. Dentre as suas múltiplas ferramentas, ele lançou mão de listas de palavras, para descobrir quais associações eram feitas nas mentes de pessoas comuns. Muitas das experiências passadas e esquecidas das suas cobaias foram trazidas à tona, de maneira que, ao fazer esses registros pessoais, Galton inconscientemente antecipou a técnica dos psicanalistas posteriores. Seus estudos sobre a imaginação verbal também o levaram a investigar os fenômenos atualmente conhecidos como “sinestésicos”. Há casos em que os dados de um sentido parecem provocar imagens de outro. Eles são bastante comuns, e encontram expressão em frases como “um tom claro”, “uma cor quente”, “um gosto obscuro”, e assim por diante. O emprego da matemática por Galton para calcular médias de traços hereditários e características individuais deu origem ao método estatístico em psicologia. O método havia sido usado, entre outras coisas, para estimar o número médio de vitórias em jogos de azar; mas Galton foi o primeiro a utilizá-lo em pesquisas antropométricas. Seu laboratório em Londres

atraiu diversos jovens promissores. Aqui, por exemplo, o gênio incipiente de Charles Spearman foi alimentado e inspirado a seguir as linhas de pesquisa psicométrica sugeridas pelos experimentos de Galton.

Embora seja verdade que a psicologia tradicional, até essa época, apresentou uma análise do normal e do mediano, não é verdade que os psicólogos da tradição escolástica tenham sido desatentos ao significado dos fatores diferenciais na estrutura da natureza humana. Tomás de Aquino era bem familiarizado com o fato de que as potências de um indivíduo diferem das de outro, o que o levou a concluir, de maneira muito notável, que há diferenças nas almas dos homens. Tais diferenças, evidentemente, não dizem respeito à própria natureza humana, que é a mesma para todos os homens, mas somente às propriedades dessa natureza. Como surgem essas variações? Da união da alma com a matéria, que determina o montante de perfeição de que uma potência particular desfrutará. Dessa maneira, em cada corpo, a alma possui uma existência estritamente condicionada pelas capacidades do corpo. Quanto mais excelente for a textura da matéria da natureza humana, mais excelentes serão os resultados que a alma poderá alcançar com o uso das suas potências. O intelecto é um instrumento mais refinado em um indivíduo do que em outro porque o corpo é mais bem disposto para receber e transmitir impressões do universo externo. Ademais, uma melhor disposição do corpo naturalmente contribui para um emprego mais fácil e efetivo dos sentidos. Dado que o intelecto exige os serviços dos fantasmas, segue-se que aqueles em quem as potências da imaginação, da memória e da cogitativa são de melhor qualidade estarão melhor dispostos para inteligir os dados apresentados pelos sentidos.

## O estabelecimento da psicologia como ciência

### 1. *A tradição Wundtiana*

*Wilhelm Wundt* é geralmente reconhecido como o fundador da psicologia científica. Ele foi o primeiro a estabelecê-la como uma ciência moderna, separada da filosofia da natureza humana. Ele percebeu que as outras ciências faziam uso frequente de fatos psicológicos para o estudo dos seus problemas e que havia a necessidade de prova experimental da fidedignidade daqueles fatos. Uma vez que toda ciência natural é, em última instância, dependente da experiência, Wundt definiu a psicologia como a ciência da experiência imediata ou direta dos acontecimentos conscientes, ao passo que as outras ciências se ocupam com a experiência mediata ou indireta, obtida através da técnica instrumental e de registros. Em psicologia, os dados da consciência devem ser analisados por uma auto-observação sistemática, que apresente um relato metódico das experiências da maneira como elas ocorrem. A ferramenta empregada é a *Selbstbeobachtung* ou introspecção: passar por uma experiência e depois descrevê-la.

Wundt fundou o primeiro laboratório experimental em Leipzig, em 1879. Nele foram treinados estudantes de muitas partes do mundo. O interesse de Wundt na psicologia experimental surgiu de suas pesquisas anteriores em psicologia com Helmholtz e Johannes Müller. Suas investigações iniciais diziam respeito à percepção e aos significados vinculados à sensação. Por exemplo, ele mostrou que a localização efetiva dos estimulantes é mais apurada nas partes do corpo que a própria pessoa consegue ver. Isso indica que imagens visuais associadas nos auxiliam em nossos juízos acerca do espaço tátil. Wundt tratou as sensações em termos das propriedades inseparáveis que elas possuem, as quais ele chamou “atributos”. Haveria quatro destes: qualidade, intensidade, extensão e duração. Uma tal explicação evidentemente tendia a colocar grande ênfase nas sensações como unidades de experiência, e conferiu à psicologia wundtiana uma

feição claramente atomista.

Wundt analisou o sentimento como uma experiência elementar semelhante à sensação. Ele possuiria qualidades básicas, como a sensação. Ele seria tridimensional, de acordo com suas características de agradabilidade ou desagradabilidade, empolgação ou depressão, tensão ou relaxamento. Mas aí não encontramos a distinção cuidadosa entre sentimento, como acontecimento apetitivo, e sensação, como acontecimento cognitivo, que é elementar na psicologia tradicional escolástica. Até mesmo os pesquisadores atuais não apresentam essa distinção de maneira clara. Este é particularmente o caso quando eles tratam das sensações orgânicas, onde o contexto orético do acontecimento cognitivo é bastante acentuado.

Wundt também propôs uma teoria paralelista para explicar a relação entre traços físicos e psíquicos da sensação e do sentimento. Assim como os aspectos conscientes da sensação encontram uma atividade fisiológica concomitante não causal nos órgãos dos sentidos, assim também os aspectos conscientes do sentimento seriam acompanhados por uma taxa e uma intensidade definidas de respiração e pulsação, muito embora com estas não tenham relação causal. As opiniões paralelistas de Wundt, contudo, não são tão radicais quanto as de Fechner, uma vez que ele admitiu que, na formação das massas de apercepção, a vontade é capaz de admitir um tipo de estímulo enquanto rejeita outro. Ele descartou a substancialidade da alma e, em lugar desta, colocou os processos conscientes. Ele se escorou firmemente nas doutrinas da associação para interpretar os dados psicológicos.

Wundt transformou o problema astronômico da equação pessoal num estudo experimental das funções mentais que pode ser testado pelo método da reação no tempo. Ele tentou determinar que parte do tempo total envolvido em uma reação é ocupada por cada um destes três fatores: (a) o “tempo sensorial”, necessário para a resposta a um estímulo único; (b) o “tempo de discernimento”, exigido para a reação ao estímulo correto, quando se apresentam um estímulo verdadeiro e outro falso; e (c) o “tempo da vontade”, necessário para a seleção apropriada entre respostas alternativas, por exemplo, para que a mão direita reaja a uma luz azul e a mão esquerda a uma luz vermelha. Ademais, ele aferiu o tempo necessário a uma pessoa para formar diversas associações de ideias, como para pensar num termo particular como “cadeira” como resposta a um termo geral como “móvel”.

Ao estudar a atenção, Wundt descobriu que na apresentação simultânea de dois estímulos, um será percebido antes do outro se for esperado. Esse traço da “entrada prévia” foi demonstrado soando um sino por algum tempo durante o movimento de um ponteiro de um metrônomo. Se a atenção for dirigida ao ponteiro, este parece se mover até mais adiante no mostrador quando o sino é ouvido do que se a atenção for dirigida ao som do sino. No âmbito da visão, Wundt foi o primeiro a utilizar o fato recém-descoberto da ação fotoquímica na retina. Ele sugeriu que há dois processos desse tipo: o primeiro, para a claridade, uma vez que todas as cores passam gradualmente de uma para outra; o segundo, somente para a cor.

Na percepção visual de profundidade, Wundt comparou a influência da convergência dos dois olhos com o papel desempenhado pela acomodação das lentes em cada olho. Para testar a convergência, um fio verticalmente disposto foi movido na direção da linha de visão de um observador ou afastando-se dela enquanto ele observava com ambos os olhos através de um tubo. O observador relatou até o menor grau de movimento que podia identificar. Para testar a acomodação, ele fez o mesmo tipo de avaliação utilizando somente um olho. Os resultados apontaram que há um discernimento mais refinado nos movimentos de aproximação, especialmente quando ambos os olhos são utilizados. Wundt concluiu que a percepção do espaço visual envolve sensações de convergência e de acomodação, além da fusão visual de imagens em pontos correspondentes da retina e da não fusão de imagens em pontos não correspondentes.

Os experimentos de Wundt sobre a audição se destinavam a testar a validade da lei de Weber-Fechner. Os resultados pareceram contrariar aquela generalização. Pediu-se a observadores que dissessem qual de vários tons parecia ser exatamente o intermediário entre um dado tom mais alto e um mais baixo. O tom intermediário fixado era geralmente mais próximo da média aritmética do que da geométrica, contrariamente ao que a lei parecia exigir. Embora Wundt tenha feito experiências sobre reações tácteis e à temperatura, a descoberta de que sensações de dor, pressão, calor e frio são intermediadas por pontos diferentes na pele não foi feita em seu laboratório. Ele aceitou a evidência de que há quatro experiências elementares no âmbito do paladar: doce, salgado, azedo e amargo. Ele tentou acrescentar metálico e alcalino à lista, mas logo ficou provado que estes dependem das outras quatro qualidades.

A influência de Wundt sobre a psicologia experimental em geral consistiu

principalmente no ímpeto e na orientação que ele conferiu às pesquisas de seus alunos. Ele foi mais um orientador cuidadoso do que um gênio. Tendo em vista a sua ambição de tornar a psicologia uma ciência separada da filosofia, é notável que a maior parte do trabalho realizado em seu laboratório tenha sido publicada no *Philosophische Studien*, o primeiro jornal de psicologia em alemão, fundado por Wundt em 1883. Sua preocupação principal foi analisar os processos mentais de acordo com os elementos conscientes destes. Em seguida, ele buscou explicar como esses elementos se associam na experiência cotidiana: em primeiro lugar, por combinações incidentais resultantes das leis de associação; em segundo, pela apercepção, que era a noção de inteligência adotada por Wundt. Perto do final de sua longa e produtiva vida, ele parece ter reconhecido que não fora bem-sucedido em encontrar o princípio pelo qual os elementos da consciência se mantêm unidos; por isso, para encontrar uma base para esses fenômenos da organização mental, ele recorreu aos fenômenos da psicologia dos povos. Sobre este último tema, ele escreveu cerca de dez volumes.

## *2. Outras tendências no campo experimental*

*Ernst Mach* declarou que tudo no mundo da experiência consciente existe meramente como complexo de sensações. Seu ponto de vista interpretativo lembra muito o fenomenismo de Hume. Espaço e tempo, em vez de serem realidades separadas da nossa consciência, não seriam nada mais que meras sensações. Dessa maneira, eles pertenceriam antes ao domínio da psicologia que ao da física. Eles não representariam os objetos, mas apenas as relações percebidas entre objetos. Por exemplo, a disposição de três pontos separados faz surgir imediatamente uma sensação espacial de triangularidade. De maneira semelhante, um grupo de sons desperta imediatamente uma sensação temporal de melodia e de ritmo. No âmbito experimental, Mach foi o responsável pela descoberta do fato de que a sensação de rotação é devida ao movimento dos fluidos nos canais semicirculares do ouvido.

*Hermann Ebbinghaus* foi o primeiro a investigar seriamente de maneira experimental as funções dos sentidos interiores. Seu interesse principal foi no âmbito da memória. Ele concebeu uma medida quantitativa dividindo tarefas de memória em unidades iguais, supondo que tais unidades poderiam ser formadas

através da apresentação de sílabas desprovidas de sentido. Estas eram palavras compostas pela colocação de uma vogal entre duas consoantes. Elas foram utilizadas em primeiro lugar porque pareciam fornecer à memória um material que fosse uniformemente simples; em segundo, por não possuírem valor de associação para aquele que as aprendesse. A mensuração consistia na tabulação do número de sílabas desprovidas de sentido que podiam ser recordadas num determinado número de ensaios. Também foi registrado o número de sílabas esquecidas durante intervalos dados de tempo.

Ebbinghaus empregou o método da repetição porque aceitou o princípio tradicional de que as imagens mais frequentemente repetidas são precisamente aquelas que serão mais prontamente recordadas. Ele utilizou duas técnicas na apresentação do seu material. Uma foi chamada “método do aprendizado”, consistindo na leitura repetida das sílabas até que a primeira recordação completa pudesse ser feita. A segunda foi chamada “método da economia”: nela, o condutor do experimento deixa passar intervalos variados de tempo depois que o voluntário dominou o material, e depois faz um registro do número de ensaios necessários para aprender novamente a lista. O primeiro método deu origem à bem conhecida curva de aprendizagem, que foi bem pouco modificada desde o tempo de Ebbinghaus; o segundo método produziu a igualmente conhecida curva de esquecimento. A partir dos seus experimentos, Ebbinghaus mostrou que o aprendizado ocorre inicialmente mais rapidamente, e depois decresce gradualmente na medida em que materiais adicionais são confiados à memória. Semelhantemente, o esquecimento ocorre mais rapidamente no início, com um decréscimo na taxa de perdas proporcional ao esforço e ao tempo aplicados no aprendizado.

Tomás de Aquino e Aristóteles, como recordamos, fizeram uma distinção entre a memória puramente sensitiva e que reproduz os acontecimentos do passado de maneira passiva e a memória reminiscente ou criativa, uma potência de busca ativa por imagens, que envolve propósito, reflexão e um método silogismo de investigação no passado. Ebbinghaus seguiu a mesma distinção quando observou que algumas experiências são trazidas de volta à consciência de maneira completamente espontânea, ou sem qualquer ato especial de volição, ao passo que outras são ressuscitadas somente por meio de esforços deliberados dirigidos a essa finalidade.

*Georg Müller* inaugurou o mais ambicioso de todos os programas experimentais. Seu laboratório em Göttingen fez contraponto ao de Wundt em Leipzig. Ele acrescentou diversos novos aspectos aos estudos da memória realizados por Ebbinghaus. Por exemplo, ele concebeu um método de “associações corretas”, de acordo com o qual as sílabas são aprendidas em pares, e em seguida registrou o tempo de reação necessário para recordar uma sílaba quando a outra do mesmo par é lida ao observador. Müller também foi o primeiro a registrar e analisar as “tendências de perseverança” da memória. Podemos descrevê-las dizendo que uma imagem que já apareceu uma vez na consciência tende a se tornar consciente novamente num curto espaço de tempo. Müller conferiu um impulso renovado à pesquisa psicofísica e concebeu um “método de estímulos constantes” que tem sido amplamente utilizado desde então. Esse método foi uma elaboração do “método dos acertos e erros” de Fechner, no qual apenas dois estímulos eram comparados por vez. Na técnica de Müller, diversos estímulos são aplicados além de um estímulo padrão, a fim de alcançar uma determinação mais apurada da provável distribuição dos juízos. Seus maiores êxitos nesses estudos foram obtidos no campo das sensações tácteis.

### 3. *Como aprendemos*

A tradição da pesquisa experimental sobre a memória, fundada por Ebbinghaus e Müller, continuou se ampliando. Os aspectos práticos de tais investigações já foram reconhecidos há muito tempo desde então. Os méritos do aprendizado pelo todo e por partes foram estudados por *Lottie Steffens*, e os resultados foram publicados para benefício tanto de professores quanto de alunos. Trabalhando na mesma linha, *Robert Ogden* publicou suas pesquisas sobre os efeitos da taxa de aprendizado sobre a retenção. Pouco depois da virada do século, *Ernst Meumann* compilou toda a literatura que havia sido escrita até sua época sobre a economia e a técnica do aprendizado. *Philip Ballard* forneceu a primeira descrição científica do fenômeno da reminiscência. Este termo, devemos anotar, é utilizado pelos pesquisadores modernos com um sentido um tanto diferente daquele empregado por Aristóteles e Tomás de Aquino. De acordo com a experiência comum no trabalho memorativo, as coisas aprendidas mas não repetidas acabam esquecidas. A reminiscência, em sentido experimental, é uma exceção a essa regra, pois aqui se

verifica que a memória na verdade se aprimora sem a prática, devido às tendências de perseverança descritas por Müller.

Os estudos realizados por *John McGeoch* sobre o fenômeno da inibição retroativa também foram relevantes. Devemos também fazer referência, neste ponto, ao trabalho de *Edward Thorndike* e seus associados na Universidade de Columbia acerca do aprendizado entre os adultos. O problema da idade e da memória apresentou resultados interessantes, que contrariaram categoricamente a opinião de que a potência da memória diminui com o passar dos anos. Provou-se que um homem de quarenta e cinco anos de idade pode aprender tão rapidamente quanto um jovem adolescente. Isso indica que uma pessoa mais idosa não é seriamente prejudicada em tarefas de memória, especialmente nos âmbitos relacionados com aquele em que ela está ativamente envolvida. Caso ela não consiga aprender um novo ofício, um novo negócio ou um novo idioma aos sessenta anos, o fracasso deve ser atribuído à falta de tempo, de interesse ou de vontade, e não à falta de habilidade. No que diz respeito à tendência geral do trabalho experimental acerca da memória, podemos destacar que a maior parte das pesquisas tem se ocupado com associações mecânicas, tais como aquelas obtidas com o tipo de material concebido por Ebbinghaus. Há boas razões para indagar se as leis resultantes desse tipo de experimento podem ou não ser aplicadas ao aprendizado comum, que se ocupa com a memorização de dados dotados de sentido.

#### *4. Interesse e apatia*

*Théodule Ribot* introduziu o estudo da psicologia experimental na França. Ele fez um uso especial dos fatos da neuropatologia para demonstrar a influência dos estados fisiológicos sobre a consciência, e escreveu de maneira extensa sobre o que ele mesmo denominava as “enfermidades” da memória, da vontade e da personalidade. Ele destacou, por exemplo, que em determinadas doenças degenerativas há perda de memória inicialmente para acontecimentos recentes, e depois, através de estágios graduais, para experiências mais remotas. O mesmo tipo de deterioração é observado nos estados emocionais. Os sentimentos esteticamente elevados que distinguem a pessoa de grande cultura são os primeiros a desaparecer. Situações instáveis na dimensão afetiva, comuns na histeria, foram

descritas por Ribot como casos de “infantilismo emocional”. Ele enfatizou o papel desempenhado por movimentos e sensações corporais de cinestesia nos atos de atenção. Ademais, ele citou a desaceleração da respiração, a constrição dos vasos sanguíneos, o ato de franzir a testa, o de inclinar-se para frente, de bater os dedos e o de caminhar sem direção como “manifestações físicas de emoções”. A tendência geral de Ribot de explicar os estados mentais em termos de seus acompanhamentos orgânicos conduziu a uma interpretação motora dos fatos da consciência.

*James Ward* é lembrado, não por alguma contribuição que tenha feito à psicologia científica, mas antes por sua significativa falta de interesse pela pesquisa experimental, característica dos britânicos da sua época. Ele escreveu o primeiro artigo independente de psicologia publicado na *Enciclopedia Britannica*. Até então, o tema havia sido tratado no âmbito do tópico mais geral da metafísica — um exemplo da concepção wolffiana, que assim situava a psicologia dentro da família dos conhecimentos filosóficos. Ward substituiu o enfoque associacionista, ao qual os pensadores britânicos haviam sido tão devotados, por um ponto de vista mais genético e operativo. Ele concebeu a psicologia como um estudo de relações entre um sujeito que age de maneira dotada de propósito e um ambiente contínuo de acontecimentos sensoriais e motores que incidem sobre a consciência do indivíduo.

## A psicologia do ato

### 1. *Um novo ângulo de visão*

Ao contrário de Wundt, *Franz Brentano* enfatizou antes as atividades da consciência que o conteúdo dela. Ele buscou explicar antes como a mente toma posse de seus dados factuais do que são esses dados em termos de seus elementos. Ele declarou que somente o estudo das operações mentais pode ser propriamente chamado “psicologia”. Seu ponto de vista, portanto, tinha muito em comum com o enfoque tradicional aristotélico, com o qual ele era familiar. Brentano afirmou que as principais atividades da mente são perceber, apreender, julgar e desejar. Sua psicologia é intencional porque enfatiza a relação essencial das nossas funções cognitivas para com os objetos adequados. Utilizando a terminologia dos escolásticos, ele exprimiu essa opinião dizendo que todo ato de conhecimento envolve a inexistência<sup>[6]</sup> de seu objeto próprio, vale dizer, a presença do objeto, não como existente, mas meramente como intencionado.

*Carl Stumpf* seguiu Brentano ao limitar a psicologia ao estudo das operações mentais. Estas seriam parcialmente cognitivas, tais como perceber, entender e julgar; e parcialmente apetitivas, tais como desfrutar e deplorar, buscar e evitar, querer e rejeitar. Os atos de consciência engendrariam seus conteúdos, de maneira que falamos na percepção do objeto, na ideia e no desejo dele. Os materiais elementares utilizados na produção dos nossos produtos mentais seriam sensações e imagens; mas esses elementos jamais seriam experimentados de maneira isolada. Dessa maneira, a vermelhidão jamais é vista ou imaginada por si mesmo, mas sempre como um objeto vermelho ou uma superfície vermelha. As sensações elementares, portanto, seriam “pré-perceptuais”. O estudo delas seria apenas uma propedêutica para a psicologia.

Stumpf obviamente não simpatizava com a preocupação wundtiana das sensações em si mesmas, tratadas como átomos da vida psicológica. Seu principal interesse experimental residia no âmbito do som e da música. Acerca desses

tópicos, suas pesquisas muito se aproximaram das de Helmholtz. Ao contrário da teoria da consonância defendida por este último, Stumpf afirmou que a mescla harmônica de tons não pode ser explicada meramente pelas características materiais objetivas das ondas sucessivas, tais como a mescla dos sons harmônicos delas, mas deve ser o resultado de uma fusão mental de estímulos discretos numa unidade, de maneira que eles aparecem na consciência como uma experiência única. Em suma, a educação, bem como a padronização física, é um fator relevante para a apreciação dos intervalos musicais.

*Christian von Ehrenfels* atribuiu aos elementos sensíveis a capacidade de produzir novos dados conscientes, os quais ele chamou “qualidades de forma”. A sensação espacial de triangularidade e a sensação temporal de ritmo descritas por Mach foram tomadas como exemplos. A melodia seria uma espécie superior de qualidade de forma. Ehrenfels observou o fato de que, embora as qualidades de forma dependam das sensações e dos seus estímulos, elas ainda assim desfrutam de uma espécie de variabilidade natural e independente. Por exemplo, o atributo da triangularidade pode permanecer na consciência mesmo que o tamanho das partes componentes do triângulo tenha mudado; da mesma maneira, uma melodia particular pode permanecer na consciência a despeito da transposição das suas notas para uma outra clave. A teoria de Ehrenfels sobre as qualidades de forma se conecta retrospectivamente às categorias *a priori* de Kant e prospectivamente às experiências configuracionais dos psicólogos da Gestalt.

## 2. O fracasso da psicologia do conteúdo

Deve-se notar que a tendência geral da psicologia do ato era de revolta contra a fragmentação da consciência em conteúdos atomizados operada por Wundt. O retrato wundtiano, diziam, não nos fornece nenhum *insight* real sobre a natureza operativa da mente, que é o único retrato verdadeiro do dinamismo essencial das nossas faculdades humanas. Devemos enfatizar novamente a tendência patente da psicologia do ato a considerar os dados da consciência da mesma maneira como a tradição [escolástica]. Assim, a natureza humana goza da posse de um conjunto de habilidades básicas, sendo algumas delas cognitivas, outras apetitivas, outras motoras, mas todas concebidas para aperfeiçoar o homem pela realização efetiva das tarefas específicas de cada uma delas. O enfoque da psicologia do ato havia de

ser do agrado dos psicólogos americanos, como veremos num capítulo posterior.

### *3. Atividades mentais superiores*

*Oswald Külpe* trabalhou na linha de Brentano, embora tenha sido indubitavelmente influenciado por Wundt. Ele é lembrado por duas contribuições importantes que fez à psicologia: a primeira foi seu refinamento da técnica da introspecção; a segunda, seu desenvolvimento da teoria do pensamento desprovido de imagens. Ele modificou a definição wundtiana de psicologia como a análise da experiência imediata, fazendo dela um estudo da experiência “enquanto dependente do indivíduo que vivencia a experiência”. Os processos do pensamento, de sentir prazer ou tristeza, e mesmo o de sentir coisas de maneira simples são peculiares a cada indivíduo. A consciência da diferença entre duas sensações, por exemplo, não é algo presente nos estímulos dessas sensações, mas um fato ou uma realização da consciência do observador.

É evidente que, para Külpe, o problema da introspecção tinha um significado crucial para a psicologia. Seria ela a ferramenta-mestra capaz de desenterrar todos os dados que a ciência da natureza humana deve investigar. O experimento não pode tomar o lugar da introspecção em psicologia mais do que pode tomar o da observação em física. De fato, a psicologia sem introspecção tende a se tornar ou puramente fisiológica, de maneira que não apresentará diferença alguma em relação às análises de estruturas e funções orgânicas não conscientes da biologia; ou puramente matemática, dissolvendo-se numa expressão meramente estatística de relações quantitativas entre atos humanos e potências humanas. Em nenhum desses casos ela será uma descrição psicológica de dados psicológicos, descrição esta que certamente deve ser o objetivo tanto da ciência quanto da filosofia da natureza humana.

Mas a introspecção deve ser cuidadosa, sistemática e controlada. Nas mãos de Külpe e de sua Escola de Würzburg, ela significava uma atitude especial, cuja adoção capacitaria o observador a estudar sua experiência de maneira detalhada, como que com um microscópio. O período consciente como um todo é registrado metodicamente e dividido em seções, caso necessário. As mesmas tarefas são realizadas repetidamente, de maneira que o relato do observador possa ser corrigido e amplificado. Eventualmente pedem que ele dirija a atenção a pontos

especiais, mas na maioria das vezes permitem que ele guie seus próprios atos conscientes sem nenhuma noção preconcebida daquilo que se espera que ele registre. O objetivo principal é alcançar a verdade da experiência mental.

Külpe e seus colegas fizeram uma análise específica dos estados mentais nos quais uma consciência do sentido ou propósito era claramente manifesta, mas não era composta de sensações ou imagens. Esses aspectos não sensitivos ou não imaginativos da consciência foram chamados “pensamentos desprovidos de imagens”. A presença deles foi estudada em experimentos sobre associação controlada. Os observadores foram instruídos a ficarem de prontidão para pensar numa palavra particular quando um termo geral fosse apresentado. Antes do anúncio da palavra estímulo com a qual uma associação deveria ser feita, os observadores descobriram que tinham uma consciência definida da tarefa deles, a qual se revelou num sussurro repetido das instruções do experimento, uma rápida recordação de dois ou três exemplos, e assim por diante; no entanto, com repetidas tentativas feitas sob as mesmas instruções, a consciência da tarefa foi reduzida a uma débil expectativa, muito embora os resultados corretos ainda estivessem por vir. Uma mudança semelhante de atitude foi notada na preparação para a solução de um problema de aritmética assim que as figuras fossem apresentadas. Durante a solução efetiva do problema, a consciência da tarefa permaneceu em termos não sensoriais ou não imaginais, embora imagens relacionadas ao problema estivessem presentes ao mesmo tempo.

De todo o trabalho realizado em Würzburg sob a direção de Külpe, os experimentos sobre o pensamento desprovido de imagens foram os que mais atraíram atenção. *August Messer* e *Karl Bühler*, dois dos melhores discípulos de Külpe, adotaram efusivamente as ideias de seu mestre e tentaram confirmar suas descobertas. *Karl Marbe*, também de Würzburg, investigou o problema do juízo e descobriu que sensações e imagens não desempenham um papel importante nas estimativas acerca de pesos variados feitas por seus voluntários. *Alfred Binet*, na França, teve a inspiração de seguir essa pista até os níveis superiores da mente, e suas pesquisas estabeleceram um novo posto avançado nas fronteiras da psicologia. Nos Estados Unidos, *Edward Titchener* se opôs violentamente à teoria do pensamento desprovido de imagens; mas seus esforços foram anulados pelas experiências de *Robert Woodworth* e *Thomas Moore*, que deram ainda mais força ao trabalho da Escola de Würzburg.

#### *4. O pensamento desprovido de imagens e a doutrina tomista*

Porventura, a doutrina do pensamento desprovido de imagens anula a doutrina tradicional segundo a qual o pensamento sempre exige imagens, ou da qual a abstração sempre se faz a partir de dados sensoriais? Uma maneira de responder a questão é distinguir entre os dois aspectos de “significado” que o processo do pensamento envolve: (a) o aspecto da simples apreensão; (b) o aspecto da proposição. Ora, o ensinamento do Doutor Angélico deixa claro que todo conceito, em seu aspecto de apreensão, é extraído de algum tipo de fantasma. Por outro lado, Tomás de Aquino também admite que, ao examinar um conceito proposicional previamente abstraído de dados sensíveis, o intelecto não é forçado a se converter aos fantasmas particulares a partir dos quais o conceito foi extraído em primeiro lugar. Pode-se argumentar até mesmo que, no pensamento proposicional, que diz respeito a relações abstratas, nenhum fantasma pode retratar a essência de um juízo ou inferência enquanto tal. O ato judicativo ou inferencial, no qual a relação é captada de uma maneira puramente imaterial, não possui contrapartida na imaginação sensitiva.

Mas esse argumento não toca no ponto em questão na doutrina tomista. Para Tomás de Aquino e seus seguidores, a necessidade de conversão às imagens no ato de intelecção é de ordem metafísica. Ela é meramente uma parte da necessidade mais ampla que o intelecto tem do sentido, ou a mente da matéria, ou a alma do corpo. Trata-se de uma necessidade que está na natureza das coisas. O Doutor Angélico não diz que os fantasmas que empregamos no pensamento devem ser obrigatoriamente conscientes. Em verdade, a obra do intelecto agente, na economia tomista do conhecimento, é realizada num nível inconsciente, de maneira que não notamos seus processos abstrativos. Ao operar sobre um dado sensível, e ao torná-lo algo que pode ser inteligido, o intelecto agente está meramente seguindo uma lei de causalidade metafísica. Nós pensamos somente se passarmos por experiências, de maneira que deve haver algum tipo de imagem sensível da qual nossos pensamentos são extraídos. Mas nossos fantasmas não devem ser necessariamente formas ou objetos conscientes de conhecimento. Em verdade, é completamente irrelevante saber se eles caem ou não sob o âmbito da consciência. O que importa é que, para Tomás de Aquino, eles são necessários no nosso estado presente de existência, no qual o intelecto está associado ao sentido, e

a alma imersa na matéria.

Aqui podemos notar um elemento de experiência comum: quanto mais nosso pensamento é dirigido à ação exterior, menos capazes somos nós de termos consciência das imagens. O inverso disso também é verdadeiro: quando nosso pensamento se volta para dentro, as imagens estão sujeitas a se tornarem dominantes na consciência. Alguém poderia contestar esse fato apontando para os contemplativos cujos registros de comunhões sublimes com o divino estão repletos das mais intensas imagens sensíveis. Mais ainda, nos procedimentos experimentais, é óbvio que a consciência do que ocorre na mente do voluntário é da maior importância. O fato dele não ser consciente das imagens em determinados tipos de pensamento não tem nada que ver com a necessidade metafísica de algum tipo de fantasma para todo ato de inteligência. Dado que o processo de abstração é externo ao âmbito da consciência, ele não pode ser submetido a prova experimental. O mesmo vale para as imagens sensíveis: a necessidade delas para o pensamento não é confirmada por testes científicos, mas fundada numa análise da natureza humana. Onde o espírito está unido com a matéria, como no caso do homem, ele exige fantasmas para iluminar e efetuar abstrações, para idealizar e pensar. É somente sob essa condição que o intelecto humano pode operar. Mas, seja qual for o significado que se atribua ao trabalho da Escola de Würzburg, seu sincero interesse pela psicologia do pensamento e seus esforços incondicionais para dirigir a pesquisa aos aspectos mais elevados da vida consciente não podem senão ser sentidos como uma boa influência. Desse momento em diante, será difícil para qualquer cientista credenciado da natureza humana dizer que sensações e imagens são as únicas coisas com as quais o psicólogo deve se ocupar.

##### *5. Estudos sobre a volição*

Aqui devemos mencionar outro talentoso discípulo de Külpe, *Narziss Ach*, cujo nome é vinculado com importantes estudos no campo da volição humana. Ach se ocupou particularmente com o que ele chamava “tendências determinantes” do ato volitivo; vale dizer, o fato de que, quando a vontade aceita uma tarefa, há uma transferência inconsciente do seu propósito originário para ações que assegurem o fim intencionado. A relação que há entre meios e fim nas decisões humanas foi

descoberta pelos cientistas por meio dos estudos que eles fizeram acerca da atenção. Mas Ach foi o primeiro a dar a essa relação um nome científico. Ele também aprofundou o trabalho de Külpe desenvolvendo a técnica da introspecção até a um elevado grau de acuidade.

Ao conceber um método de investigação para o ato volitivo, Ach dispôs uma série de experimentos que envolviam a superação de obstáculos. Ele fez seus voluntários aprenderem pares de sílabas e depois pediu-lhes que dissessem em voz alta a primeira sílaba de cada par, mas não a segunda. Evidentemente, o traço mnemônico da segunda sílaba criava um impedimento real, e exigia um ato especial da vontade para impedir que o voluntário a enunciasse. Muitos dos voluntários de Ach declararam que, pela primeira vez em suas vidas, eles ficaram realmente conscientes da presença e do significado da volição.

Em seu laboratório de Lovaina, *Albert Michotte* também fez um bom número de estudos sobre o ato volitivo. Juntamente com *Emile Prüm*, ele organizou uma situação experimental na qual o voluntário podia escolher entre conjuntos de problemas aritméticos. Uma tecla de código morse deveria ser pressionada logo que a escolha fosse feita. Esta foi uma vantagem em relação ao método de Ach, uma vez que o ato volitivo surgia na parte principal da demonstração, e não antes de ela começar. Não era permitido que o voluntário completasse a tarefa, sendo ele interrompido quando a escolha era fixada. A despeito da insignificância dos materiais utilizados, todos os voluntários experimentaram uma consciência significativa de alternativas e conflitos, algo muito semelhante às decisões que devem ser tomadas na vida cotidiana. Contudo, foi somente com uma dificuldade considerável que eles aprenderam a observar e descrever suas atividades volitivas.

Na Inglaterra, *Honoré Wells* realizou alguns experimentos semelhantes acerca da escolha. Aqui o espectro de alternativas foi ampliado. Diferentes líquidos, praticamente sem cor e sem cheiro, foram preparados. Alguns eram de gosto agradável, outros de gosto desagradável, outros indiferentes. Num conjunto de testes preliminares, o voluntário aprendia que as qualidades gustativas de cada líquido eram associadas com uma sílaba definida e desprovida de sentido. Quando o voluntário dominava por completo as associações, ele estava pronto para a experiência. Dois copos de líquido eram apresentados numa mesa logo abaixo do local onde surgiam as sílabas desprovidas de sentido, e pedia-se que o voluntário decidisse, por uma razão séria e o mais rapidamente possível, entre os dois. Aqui,

como nos testes de Michotte e de Priim, o voluntário eventualmente fazia uma escolha meramente porque sentia a obrigação de prosseguir com o experimento. Mas, em outros casos, nos quais não era possível discernir nenhuma diferença de valor, uma resolução final era tomada como resultado da assim chamada “autodeterminação”: vale dizer, pela introdução do ego da pessoa entre duas alternativas acerca das quais não haveria decisão de outra maneira.

*Otto Selz* ocupou-se da ideia de Ach de mensurar a força da volição pelo montante de energia necessário para superar obstáculos. Atacando o problema desde um ângulo novo, ele fixou sua análise antes na própria resolução do que na sua execução por meio do comportamento externo. A aceitação de uma tarefa dolorosa de preferência a uma outra prazerosa foi colocada em evidência como caso paradigmático. Porventura as coisas são realmente assim? *Johannes Lindworsky* parece ter pensado que não. Ele apontou o fato de que a impressão de uma potência volitiva vigorosa na ação é frequentemente devida a movimentos externos característicos que acompanham a volição, tais como a contração de músculos, tensões, lágrimas, e assim por diante — coisas que de maneira alguma fazem parte da essência do ato volitivo. Como observou Lindworsky, as decisões são fortalecidas pela fixação nos motivos. Ele comparou a volição, portanto, não com a batida de um martelo, mas com o fechamento de um interruptor, e concluiu que a única maneira adequada de se referir à força de vontade é em termos de motivos, isto é, de valores que se tornaram firmemente arraigados na consciência. Isso explicaria, em primeiro lugar, por que alguns indivíduos têm uma vontade firme em relação a uma coisa, mas uma vontade fraca em relação a outra; em segundo, por que a força de vontade não é privilégio de nenhum sexo ou nenhuma idade particular, mas pode manifestar-se onde menos se espera.

---

6. Termo cunhado a partir da preposição latina “in” (dentro) e do substantivo “existentia” (existência). Este termo não deve ser confundido com o que habitualmente designamos por “inexistência”, a saber, a não existência — NT.

## **A mente como estrutura**

### *1. Um fervoroso discípulo de Wundt*

*Edward Titchener* aderiu de perto aos ensinamentos de *Wundt*. Ele declarou que um tempo excessivo estava sendo gasto com o problema das funções. A maior necessidade hoje em dia seria uma análise dos elementos conscientes. A ciência da mente deveria limitar-se a uma descrição dos seus conteúdos estruturais, da mesma maneira como a ciência da anatomia descreve, parte por parte, a composição do corpo. *Titchener* defendeu a opinião de que, se as funções mentais forem investigadas antes que a estrutura da consciência seja examinada em sua totalidade, a psicologia jamais será bem-sucedida em sua ambição de se tornar uma ciência positiva em sentido estrito. O máximo que ela poderá conseguir será uma explicação animista ingênua da mente, assim como a fisiologia chegou ao mesmo tipo de visão animista antes de haver um conhecimento suficiente da anatomia. Ele começou por uma descrição funcional dos dados da consciência e terminou na penumbra de um supersticioso vitalismo. *Titchener* se opôs abertamente à teoria do pensamento desprovido de imagens. A ele parecia que o procedimento do pensamento poderia ser adequadamente explicado em termos de imagens débeis. De fato, todas as ideias abstratas, atitudes e significados que aparecem na consciência poderiam ser reduzidos a imagens ou sensações. Até o final da sua vida, *Titchener* se recusou a admitir as evidências de que há “processos mentais superiores”, vale dizer, dados que não podem ser reduzidos a produtos puramente sensoriais.

### *2. Átomos de consciência*

As unidades mais simples às quais os conteúdos conscientes poderiam ser reduzidos seriam sensações, imagens e sentimentos. Eles seriam como os elementos sobre os quais fala o químico. Todo átomo de matéria possui suas

propriedades distintivas peculiares. Assim também, todo átomo da mente possuiria seus atributos próprios e inseparáveis, conquanto variáveis. Estes seriam em número de cinco, todos de um caráter sensorial simples: qualidade, intensidade, extensão, duração e clareza. Haveria a possibilidade de um sexto: vivacidade. A crença de Titchener na natureza elementar das sensações e dos atributos delas é ilustrada pelo uso que ele fazia de esquemas geométricos simples para mostrar as relações entre elas. Dessa maneira, as ligações entre a tonalidade, a pureza e o brilho das cores são retratadas, como por Ebbinghaus, numa “pirâmide das cores”, que indica graficamente em qual claridade cada uma das quatro cores primárias, vermelho, amarelo, verde e azul, possui a maior pureza, e como a pureza decresce na medida em que a claridade das cores varia em direção ao preto ou ao branco.

Para exibir as conexões entre sensações auditivas, Titchener inventou seu “lápis tonal”, uma figura em forma de sino que representa a associação do maior volume com tons baixos e do menor volume com tons altos. Ele também concebeu uma “pirâmide do tato” para indicar as relações entre os doze ou mais tipos distintos de sensações cutâneas que ele e outros haviam descoberto. Nessa pirâmide, um ângulo representa a pressão neutra, outro uma dor pungente, ao passo que o terceiro e o quarto ângulos indicam qualidades de dor e tensão. Sensações de calor se situam num ponto intermediário entre a pressão e a dor pungente. Elas resultam da estimulação simultânea de pontos quentes e frios adjacentes à pele.

Titchener adotou o “prisma olfativo” de Henning, que apresenta as relações dos seis principais odores: fragrante, etéreo, picante, resinoso, pútrido e queimado, cada um dos quais correspondendo a uma estrutura química distinta na substância odorífera. Ele também empregou o “tetraedro do gosto” de Henning, que pressupõe que cada uma das quatro qualidades elementares do paladar é estimulada por um tipo distinto de corpo químico. Combinações entre esses corpos produziriam variedades correspondentes de sabores, representados ao longo das arestas do tetraedro.

### *3. O problema da atenção*

Titchener buscou algum aspecto da consciência que pudesse ser identificado com a atenção. Uma mudança na clareza parecia ter sido o fator com maior frequência mencionado por pesquisadores anteriores. Por conseguinte, para o psicólogo

estrutural, seria suficiente dizer que o atributo sensorial da clareza e o fenômeno da atenção são uma única e mesma coisa. Titchener interpretou a afirmação de que há um foco e uma margem de consciência como significando a existência de dois níveis de clareza nos processos de atenção. Supunha-se que as evidências a favor dessa afirmação haviam sido descobertas por *Wilhelm Wirth*, que sucedeu a Wundt em Leipzig. Wirth mensurou a capacidade de discriminar pequenas mudanças no brilho dentro de uma área iluminada enquanto a atenção era dirigida a outras partes do campo de visão. Diferenças de acuidade foram notadas quando a atenção mudou de um ponto próximo à luz para outro mais remoto; e, segundo se supunha, estas representariam diferenças de clareza. Titchener tentou aduzir apoio adicional à teoria referindo-se à mudança que ocorre durante o exame de quebra-cabeças onde os contornos de objetos ocultos são mesclados às linhas da figura total. Quando os objetos ocultos eram detectados, havia um súbito estreitamento do campo de clareza da figura como um todo para as partes recém-reveladas.

#### 4. *O campo da orexis*

Titchener considerava os sentimentos de agradabilidade e desagradabilidade como insolúveis, vale dizer, como experiências que não podem ser fragmentadas em componentes mais simples. Dessa maneira, sentimentos agradáveis e desagradáveis seriam elementos conscientes da mesma maneira como sensações são elementos conscientes. Haveria uma diferença entre esses dois tipos de fenômeno. Os sentimentos não seriam localizáveis, como são as sensações. Novamente, os sentimentos estariam sempre vinculados a sensações das quais dependeriam. Ademais, os sentimentos seriam neutralizados através da repetição intermitente de uma dada experiência, ao passo que as sensações seriam adaptadas à estimulação contínua. Por exemplo, uma pessoa pode sempre perceber o mesmo odor de cloro todas as vezes que entra num laboratório, muito embora ela acabe deixando de sentir repugnância por ele. Assim, os sentimentos também não possuiriam nenhum atributo de clareza, tais como os que encontramos nas nossas sensações. Se uma pessoa cessa de analisar seus sentimentos, ela descobre que eles tendem imediatamente a desaparecer. Não obstante, eles têm o atributo da intensidade, e uma qualidade adicional que parece ser comparável especialmente à qualidade

sensível de pressão.

### 5. *Pomos da discórdia*

Ao se opor à posição de Titchener de que os elementos e atributos conscientes são tudo de que precisamos para fornecer uma explicação científica completa da mente, *Carl Rahn* destacou que, entre outras coisas, eventualmente um dos atributos supostamente inseparáveis é discernido por si mesmo. Ele citou o trabalho experimental de Külpe sobre a abstração, no qual o voluntário foi capaz de detectar características comuns, tais como forma, cor ou padrão, numa sucessão de desenhos, cada um dos quais era mostrado ao voluntário por um momento. Quando estava atento a uma dada característica, por exemplo, o formato, ele frequentemente era incapaz de dizer qual havia sido a cor do objeto. Portanto, esse atributo poderia estar ausente da consciência do observador. Em resposta à crítica de Rahn, Titchener modificou sua posição de alguma maneira, substituindo ocasionalmente o termo “dimensões” por “atributos”. Isso implicava que as qualidades observáveis de um objeto sob exame resultam de um procedimento experimental particular utilizado para investigar a consciência.

O ponto de vista dimensional havia sido elaborado e expandido por *Edwin Boring*, que dizia serem os resultados insatisfatórios do estruturalismo devidos à distinção operada por Wundt entre o mundo psicológico como experiência imediata e a consciência do mundo físico como experiência mediata. Boring afirmou que a consciência não é exterior ao universo externo, muito embora o conhecimento da física seja obtido através da consciência. Além disso, ele observou que a consciência depende de fatores físicos, tais como o estado do sistema nervoso, do córtex cerebral, e assim por diante. Também destacou que as sensações, as imagens e os sentimentos, retratadas por Titchener como átomos de consciência, não aparecem como elementos na experiência cotidiana das pessoas. Boring concluiu que os elementos conscientes são comparáveis a elementos físicos, tais como elétrons e prótons, na medida em que ambos os tipos de dados são induções a partir da experiência.

### 6. *Outras descobertas dos introspecionistas*

*John Baird* ampliou grandemente o uso do método introspectivo ao qual *Titchener* atribuíra tanta importância. O perigo aqui é evidentemente um excesso de refinamento; vale dizer, a introspecção ser levada a um ponto para além dos limites da experiência humana ordinária, ou onde a análise seja tão sutil que somente o experimentador saiba o que está sendo objeto de introspecção. Os alunos de *Baird* investigaram os processos mentais superiores da abstração, do reconhecimento e da escolha por meio de uma “introspecção completa”, que buscou relatar todos os detalhes da consciência. Esse método foi considerado necessário para que a psicologia se aproximasse do nível de precisão das outras ciências naturais, nas quais o pesquisador tenta dar conta de todos os fatores possíveis numa situação experimental. Eventualmente, os relatos de acontecimentos ocorridos dentro de um espaço de três ou quatro segundos exigiram quarenta páginas datilografadas para serem descritos.

*Raymond Wheeler* utilizou o método da introspecção completa para estudar o processo de escolha. Pedia-se aos voluntários que escolhessem uma dentre várias composições musicais que eles ouviam. Dizia-se que a consciência da tarefa envolvida parecia consistir em grande medida em tensões musculares dirigidas ao objetivo final de tomar uma decisão. As sensações de tensão eram acompanhadas por uma sucessão de imagens visuais e verbais. *Wheeler* chegou à conclusão de que o processo de escolha como um todo podia ser descrito em termos de sensações e de imagens; de que não há “resíduo inalisável” algum que permaneça na consciência indicando a presença de um ego que dirija a escolha.

Contrariamente a essa interpretação materialista, *Mary Calkins* citou a evidência de uma consciência única do eu no processo de volição, bem como o fato de que todas as outras experiências psicológicas são referidas ao eu. Dessa maneira, os testemunhos desses dois pesquisadores estão fundamentalmente em desacordo, o que nos dá uma ideia da situação controvertida em que o problema da autoconsciência permaneceu para a maioria dos psicólogos cientistas.

Já descrevemos o trabalho feito acerca da escolha por alguns dos pesquisadores europeus. A ligação íntima entre escolha e ego foi notada por diversos pesquisadores, em diferentes linhas de pesquisa. Há a fórmula “eu realmente quero”, de *Narziss Ach*; a “adoção pelo eu... do motivo, ou motivos, para selecionar uma das alternativas”, de *Francis Aveling*; o “suporte de uma conação pela cooperação de um impulso, excitado dentro do sistema nervoso, do

sentimento voltado para o eu”, de *William McDougall*; até mesmo o “superego” de *Sigmund Freud*, que deve ter alguma ligação com a vontade, uma vez que representa a ideia de moralidade natural de Freud. Todas essas são outras tantas fontes independentes de informação que conduzem à noção do eu conforme é revelada na atividade volitiva. O acordo aqui é ainda mais notável porque decorre de sistemas tão divergentes de pensamento psicológico.

## A perspectiva do funcionalismo

### *1. O decano dos psicólogos americanos*

*William James* descreveu a vida mental como um processo de adaptação biológica entre a impressão dos estímulos e a expressão do organismo. Ele não foi um funcionalista no sentido técnico do termo; não obstante, sua perspectiva acerca dos fenômenos mentais fez surgir a corrente que hoje em dia conhecemos como “funcionalismo”. Essa tendência é ligeiramente análoga à psicologia do ato. Assim, descobrimos que ambos os enfoques partilham uma oposição comum ao conceito de mente enquanto composta de elementos. Em certo sentido, é verdadeiro dizer que James, com sua perspectiva funcionalista, ocupou basicamente a mesma posição em relação à psicologia estrutural de Titchener que Brentano ocupou em relação à psicologia do conteúdo de Wundt. O contraste aqui indicado parece atravessar toda a história da psicologia moderna: (a) a psicologia do conteúdo sofrendo a oposição da psicologia do ato; (b) o estruturalismo sofrendo a oposição do funcionalismo; (c) o enfoque introspectivo sofrendo a oposição do enfoque puramente objetivo ou behaviorista; (d) interpretações mecânicas sofrendo a oposição de interpretações finalistas ou hórmicas; (e) a psicologia do consciente sofrendo a oposição da psicologia do inconsciente.

De acordo com James, a vida consciente do homem sempre revela uma “busca de fins futuros e uma escolha de meios”. As operações psicológicas seriam sempre acompanhadas por mudanças corporais e manifestariam uma dependência em relação às condições corporais. A idade de uma pessoa, por exemplo, teria um efeito sobre sua capacidade de se recordar. Seguindo a trilha aberta por Fechner e Wundt, James sugeriu que a hipótese mais prática acerca da relação entre mente e matéria é um paralelismo simples. Ele tentou combinar os ensinamentos de Wundt e dos psicólogos do ato com o seu próprio enfoque organísmico. Seu objetivo era produzir um sistema compreensivo no qual pudessem se encaixar todas as novas descobertas dos exploradores da mente — ambição louvável, sem

dúvida, mas baseada num dualismo entre os elementos espirituais e materiais da natureza humana, o qual tornou impossível uma tal integração.

## 2. *O problema da emoção*

James aceitou a ideia de Darwin segundo a qual a expressão corporal das emoções representa uma modificação instintiva de movimentos que originariamente haviam sido úteis para a autopreservação. Sua teoria da emoção, anunciada ao mesmo tempo pelo psicólogo dinamarquês *Carl Lange*, dispõe a ordem dos acontecimentos da seguinte maneira: (a) conhecimento do estímulo emocional ou da situação; (b) mudanças fisiológicas resultantes desse conhecimento; (c) experiência afetiva, na qual o objeto apreendido de maneira simples é transformado num objeto emocionalmente sentido. A teoria de James-Lange foi, em seguida, severamente questionada por homens como *Charles Sherrington* e *Walter Cannon*. Este último situa a experiência afetiva antes das mudanças fisiológicas, na sequência dos acontecimentos. O trabalho de Cannon é notável devido a dois *insights*: (a) o comportamento emocional pode se fazer presente sem uma verdadeira experiência emocional; (b) as emoções não podem ser classificadas com base em mudanças fisiológicas, uma vez que estas últimas podem ser as mesmas em diferentes tipos de experiência afetiva.

O ponto de vista tradicional, conforme exposto por Tomás de Aquino, consiste em considerar as mudanças fisiológicas como essenciais para o processo emocional, independentemente da posição que elas ocupam na teoria científica. Dessa maneira, na explicação total de uma resposta emocional, o conhecimento é a causa eficiente, as repercussões corporais são a causa material, e o afeto consciente é a causa formal. Rigorosamente falando, não é possível descobrir uma sequência de fatores materiais sobre fatores formais, ou vice-versa, num fenômeno cuja natureza unificada exige a presença simultânea de ambos os fatores.

## 3. *O fluxo de consciência*

James explicou os atos volitivos em termos de uma atividade “ideomotora”. Isso significa que a volição seria uma ideia que conduz à ação. Quando alguém faz uma escolha entre alternativas, inicialmente, há sempre um conflito entre as

tendências de diferentes ideias a se realizarem num comportamento explícito. No final das contas, a ideia mais intensa, ou a ideia reforçada pelo maior número de associações, prevalece sobre suas rivais mais frágeis e se manifesta na conduta externa. James não negou o livre-arbítrio humano; não obstante, há uma clara insinuação em sua doutrina de que a atividade ideomotora é determinada por acontecimentos passados. A consciência do ego é uma experiência complexa composta de muitos aspectos da vida. Esses aspectos incluem a consciência das coisas externas, tais como amigos, o lar, a condição financeira, e assim por diante; e a consciência de fenômenos internos, tais como sensações de estados corporais internos, o esforço e a tensão muscular, e assim por diante. De maneira descritiva, o ego seria idêntico ao fluxo da consciência individual. Já em 1875, James apresentou algumas demonstrações experimentais em suas conferências sobre psicologia em Harvard, conquanto o primeiro laboratório americano só tenha sido formalmente inaugurado em 1883, na Universidade John Hopkins.

#### 4. O valor da atuação

*James McKeen Cattell* desenvolveu um sistema que recebeu o nome de “psicologia da capacidade”. Nela, a ênfase recaía sobre a capacidade do indivíduo de realizar determinadas tarefas. O enfoque era objetivo, contrariamente à maioria das pesquisas em psicologia que então estavam em andamento. Cattell visitou o laboratório de Wundt, onde dirigiu numerosos experimentos sobre o tempo de reação. Ele registrou metodicamente os tempos de reação normal para associações verbais comuns, e, em seguida, concebeu um padrão pelo qual seria possível testar respostas de caráter incomum ou anormal. Durante um ano, Cattell trabalhou com Galton, de quem recebeu inspiração para estudar as diferenças individuais. Logo depois, ele escreveu um artigo no qual introduziu a expressão “testes mentais” no jargão da psicologia. Ele também apresentou numerosos testes físicos e mentais em suas conferências na Universidade de Columbia, aplicando-os pela primeira vez em grupos amplos de pessoas.

Cattell colaborou com *George Fullerton* na revisão dos dados da psicofísica, e declarou que tais dados revelam meramente a amplitude do erro na resposta total do indivíduo. Eles não revelariam a existência de aptidões mentais distintas, tais como as unidades sensoriais postuladas por Fechner. Cattell também concebeu

uma medida para classificar alguns dos mais generalizados tipos de juízo. Essa medida foi chamada a “ordem do mérito”. Vários itens foram graduados em série de acordo com algum critério de valor, procedendo a partir de um extremo de valor até o outro. Por meio dessa técnica, Cattell testou e comparou os juízos de numerosas pessoas acerca dos cientistas americanos. Já passou da hora, dizia ele, de utilizarmos nossas invenções psicológicas para determinar exatamente o que promove e o que entrava o avanço da ciência.

##### *5. O interesse pela adolescência*

*Stanley Hall* ampliou o escopo da psicologia genética. Ele foi um meticoloso evolucionista, e fez amplo uso da teoria segundo a qual, no desenvolvimento do indivíduo, tanto antes como depois do nascimento, todas as etapas da evolução orgânica são condensadas. Isto era uma aplicação do princípio da ontogênese, proposto por Ernst Haeckel: a história embrionária do indivíduo seria sempre uma reencenação da história da raça. Para ilustrar o ponto, Hall declarou que sonhos nos quais flutuamos são sinais de memória de uma era remota na qual nossos ancestrais protozoários flutuavam na superfície da água. Da mesma forma, a formação embrionária semelhante a uma gúelra na vida humana remeteria ao estágio em que nossos ancestrais foram peixes, assim como a ação de uma criança pequena ao agarrar-se a um apoio horizontal repetiria o comportamento de nossos precursores arborícolas.

Toda a teoria de Hall foi envolta nesse revestimento de tipo evolucionista. A doutrina da descendência estava explícita ou implícita em praticamente tudo o que ele escreveu. O homem, cuja história remontaria a um estágio primitivo unicelular de existência, teria atravessado longos períodos de crescimento antes que fossem possíveis suas presentes habilidades de pensamento e discurso, bem como seus hábitos morais. Se Herbert Spencer foi o primeiro a conferir à evolução um lugar na filosofia moderna, e Francis Galton foi o primeiro a aplicar o princípio genético ao estudo dos indivíduos e raças, Stanley Hall foi o primeiro a tentar elaborar uma psicologia do desenvolvimento mental em termos de uma emergência gradual orgânica a partir das formas inferiores de vida. Sua adesão completa à influência de Darwin pavimentou o caminho para behavioristas e outros grupos afins.

Hall enfatizou em particular a necessidade de estudar a idade adolescente do homem. Aqui estaria o estágio crucial da evolução de todo e qualquer indivíduo. O veloz crescimento apresentado durante a adolescência, o desconforto e o embaraço que parecem ser um traço constante nesses anos de transição, são frequentemente causa de uma perda de equilíbrio mental. A adolescência também provoca uma mudança nos hábitos sociais do indivíduo. As práticas da infância são descartadas antes que se adquiram os costumes da idade adulta, de maneira que é aberta uma nova fonte fértil de dificuldades. A despeito da natureza conjectural de boa parte do seu trabalho, a ênfase de Hall nas fontes profundas da motivação humana foi um incentivo para que seus alunos ampliassem o escopo das suas investigações em psicologia. Em 1883, ele fundou o primeiro laboratório de psicologia nos Estados Unidos, na Universidade John Hopkins. Quatro anos mais tarde, ele publicou a primeira revista dedicada aos problemas da ciência da mente: o *American Journal of Psychology*. Sua grande capacidade de organização também auxiliou a fundação da Associação Americana de Psicologia, em 1892, da qual ele foi o primeiro presidente.

James e Hall são frequentemente comparados entre si. Eles foram os verdadeiros pais da psicologia nos Estados Unidos. James, com sua elegância literária, despertou o interesse do público para o estudo da psicologia; Hall, com sua energia abundante e sua ampla gama de interesses, forçou esse mesmo público a dedicar atenção a sua ciência. James deu início ao movimento e Hall o continuou.

A atitude de James, como foi dito por alguém, foi paternal; a de Hall foi avuncular. James foi essencialmente um filósofo; Hall foi um cientista experimental. James tinha gosto pelas influências brandas das salas de aula; Hall preferia os caminhos acidentados e os atalhos da vida. Ambos foram exploradores, cada um à sua maneira. Muitos jovens que hoje conduzem a pesquisa em psicologia nos Estados Unidos foram influenciados por eles.

## 6. *O naturalismo em psicologia*

*John Dewey* descreveu as funções mentais como a organização unificada de estímulos, sensações e arcos reflexos. A síntese desses elementos proviria da referência comum deles a uma finalidade biológica. Separadamente, eles seriam

meros artefatos. Seria somente através do processo de adaptação ao ambiente que tais fatores adquiririam importância para o organismo psicológico. Dewey considerava a ciência da mente como parte da biologia, e afirmou que os problemas dela deveriam ser os problemas de uma vida exitosa. Seu ponto de vista naturalista foi estendido ao campo da educação, onde exerceu enorme influência. Em particular, ele recomendou o estudo do organismo psicofísico com referência às suas necessidades ambientais. Ele declarou que o vínculo estímulo-resposta só possui interesse em relação ao fim por alcançar, que é a obtenção de um padrão harmonioso de vida individual, e de uma incorporação bem-sucedida à sociedade.

## 7. *O ideal funcionalista*

*James Angell* buscou fornecer uma formulação clara da posição funcionalista na psicologia. De acordo com Angell, como sistema, ela enfatiza antes as operações mentais que os conteúdos mentais, assim como busca descobrir os propósitos de tais operações e procura encontrar as “utilidades fundamentais da consciência”. A Escola Funcionalista, contudo, perdeu boa parte do seu prestígio e da sua utilidade por ter recaído em descrições puramente orgânicas dos dados psicológicos. O trabalho de *George Ladd* representa uma tendência em direção à fisiologia que alcançou seu ápice nos Estados Unidos com o desenvolvimento da Escola Behaviorista.

Como um todo, o movimento funcionalista na psicologia é uma reação óbvia contra o método atomista wundtiano de tratar os dados psicológicos. Nos Estados Unidos, ele assumiu a forma de uma oposição acentuada contra a psicologia de Titchener, que se inseria numa tradição estritamente wundtiana. Os funcionalistas, de James em diante, têm se ocupado em descobrir, não o que os conteúdos ou fatores elementares da consciência efetivamente são, mas com vistas a que os processos mentais se desenvolvem, a quais propósitos eles servem na vida. Os representantes dessa escola costumam ter uma mentalidade biologista; eles tendem a fazer da psicologia uma forma mais prática de conhecimento. A meta deles não tem sido tão precisa do ponto de vista científico quanto a dos estruturalistas; não obstante, talvez por essa mesma razão, ela tem se aproximado mais da experiência das pessoas comuns.

O ideal funcionalista foi defendido por homens dotados de um interesse

sincero pelo mundo cotidiano. Indubitavelmente, há nomes mais relevantes na psicologia acadêmica. Wundt foi um mártir dos fatos e das medidas precisas. Ebbinghaus gastou anos num estudo preciso das leis da memória. Weber efetuou milhares de experimentos para testar sua lei da sensibilidade. Estes homens foram incansáveis, e sua adesão rígida aos métodos laboratoriais definitivamente favoreceu a causa da psicologia científica. Não obstante, as contribuições de homens como James, Cattell e Hall parece ser mais vital e próxima dos problemas da vida cotidiana. A regulação de hábitos e emoções, o desenvolvimento adequado das aptidões mentais, o reconhecimento empático das dificuldades que acompanham a adolescência, são certamente necessidades prementes para todo ser humano. Como exploradores da mente, os funcionalistas tentaram utilizar o laboratório como uma fornalha na qual haviam de ser forjadas leis que auxiliassem professores e alunos, pais e filhos em crescimento, industriais, trabalhadores e todos que são chamados a posições de liderança nos caminhos práticos da vida.

## A psicologia e seus parentes próximos

### 1. *A ligação da psicologia com outras ciências*

Já apontamos como, inicialmente, a ciência da psicologia foi em grande medida moldada pelas demandas dos pesquisadores físicos. Os cientistas de laboratório buscavam informações mais apuradas sobre as faculdades cognitivas e uma maior certeza acerca da origem dos juízos científicos. Também é verdade que, na medida em que a psicologia se fortalecia, as descobertas das outras ciências foram condicionadas pelas demandas dos estudantes da mente, que desejavam obter maior conhecimento de fatos que repercutissem sobre os fenômenos psicológicos. Tais fatos são importantes, seja porque mostram a ligação entre mente e matéria, seja porque proporcionam *insights* comparativos sobre a natureza das operações humanas. Mas, ao empregar os dados de outra ciência, o psicólogo deve conhecer algo do trabalho experimental que os trouxe à tona.

É evidente, por exemplo, que um conhecimento do mundo físico nos auxiliará a compreender melhor o caráter dos processos sensoriais. É ainda mais evidente que um conhecimento das atividades fisiológicas nos fornecerá uma melhor compreensão da natureza dos processos psicológicos. O homem é uma criatura composta de matéria e espírito; e essa mesma condição do seu ser parece indicar que não pode haver ciência da psicologia se a relação entre os aspectos psíquicos e somáticos dos atos e propriedades humanos não for adequadamente avaliada. Não é de surpreender, portanto, que a maioria dos psicólogos cientistas tenha dedicado grande atenção à fisiologia. O perigo, aqui, não provém da fisiologia, mas de psicólogos que se perderam em meio às maravilhas do corpo, seja esquecendo que o homem possui outra faceta do seu ser ainda mais importante para a compreensão da natureza humana; seja recusando-se a admitir que os dados psicológicos necessitam de uma explicação outra que aquela que pode ser fornecida por análises fisiológicas.

Nas seções subsequentes, veremos quais *insights* foram acrescentados à

psicologia por descobertas mais recentes sobre a fisiologia do sistema nervoso, por pesquisas com animais e pelos estudos dos psicopatologistas. Assim, a fisiologia apresenta determinados conceitos relativos à estrutura e ao funcionamento dos mecanismos nervosos que a teoria da psicologia não pode negligenciar. Novamente, experimentos exatos com animais são importantes porque proporcionam um controle objetivo sobre muitos aspectos da psicologia humana. Por fim, um estudo das tendências mentais exageradas, ou dos desvios em relação ao normal, nos fornece uma vista ampliada de determinadas facetas da natureza humana. Esse tipo de análise, conforme veremos, tem sido uma fonte bastante frutífera de informações tanto para a ciência quanto para a filosofia da mente, além de contribuir para o aprimoramento da vida humana.

## *2. Outras contribuições dos fisiologistas*

Alguns dos grandes avanços feitos no campo da fisiologia nos tempos modernos, e que possuem interesse imediato para o psicólogo cientista, já foram descritos. Pesquisas ulteriores na mesma linha acrescentaram novos esclarecimentos acerca do problema das funções e das relações psicofísicas. Entre as descobertas dos fisiologistas, nenhuma teve maior importância que os desenvolvimentos do conhecimento da neurologia, uma vez que é na esfera da neurofisiologia que descobrimos a base imediata dos processos psicológicos. Em primeiro lugar, temos o conceito de neurônio, que brotou da noção mais ampla de célula como unidade física dos tecidos vegetais e animais. Diversos tipos de unidades nervosas ou neurônios foram relatados por pesquisadores, por exemplo, os grandes neurônios do cérebro descritos por *Johannes Purkinje* em 1837. Evidências acerca da ligação dos corpos nervosos com as fibras nervosas foram apresentadas por *Augustus Waller*, em 1850. Waller também concebeu um método de cortar fibras junto ao corpo celular e de observar a degeneração delas. Isso tornou possível traçar o curso das correntes nervosas.

Em 1873, *Camilo Golgi* descobriu que o tecido nervoso se torna distintamente visível quando tingido com nitrato de prata. Ele também mostrou que os neurônios se desenvolvem a partir de pontos embrionários, que se ampliam até chegarem a ser corpos celulares. Cada neurônio emite um único axônio longo desde um lado do corpo, e dendritos com muitos ramos desde o outro lado. Em

1889, *Santiago Ramón y Cajal* concebeu um tipo aprimorado de coloração que possibilitou um estudo mais cuidadoso das ligações entre o axônio de um neurônio e os dendritos de outro. Ele declarou que a rede, formada nesse ponto de interconexão, constitui uma unidade funcional, não anatômica. A rede passou a ser conhecida posteriormente como “sinapse”. *Charles Sherrington* defendeu o ponto de vista de Cajal e demonstrou que as correntes nervosas normalmente fluem em uma única direção. Como confirmação da atividade funcional da sinapse, ele citou o fato adicional de que a velocidade de um reflexo é mais lenta do que a de um impulso nervoso ao longo de um comprimento igual de fibra nervosa contínua. A força do impulso nervoso usualmente apresenta uma intensidade definida, independentemente da intensidade do estímulo que recebe.

Em 1912, *Edgar Adrian* provou que o impulso atua de acordo com a lei do “tudo ou nada”. O pressuposto é, portanto, que a variação na intensidade das respostas sensoriais e motoras é devida à participação de um maior ou menor número de fibras nervosas na reação. A duração de um impulso único em qualquer ponto específico ao longo das vias nervosas é menor do que um milésimo de segundo. Depois da excitação, há um “período refratário”, notado pela primeira vez por *Francis Gotch* e *George Burch* em 1899. Durante esse estágio de repouso, o nervo fica imune à excitação, adquirindo depois, novamente, a excitabilidade normal. Contudo, o período refratário é tão curto que, numa excitação normal dos órgãos do sentido, há várias centenas de impulsos por segundo percorrendo as fibras nervosas.

Em 1913, *Adrian* demonstrou que, quando a fase refratária de uma série de impulsos corresponde à fase refratária de uma outra, o resultado é a “inibição”. Por outro lado, se a fase ativa de uma série corresponder à fase ativa de uma outra, produzir-se-á uma “soma”. *Adrian* também voltou sua atenção para o princípio mülleriano das energias nervosas específicas. A partir de seus estudos, ele concluiu que os impulsos nervosos se diferenciam de acordo com a forma, com a taxa de incidência e com a intensidade do estímulo. Fibras de diferentes órgãos sensitivos também podem variar em seus tempos de reação. Da maneira como é formulada hoje em dia, a teoria de Müller usualmente leva em conta simultaneamente os nervos e os órgãos terminais.

### 3. *Funções do sistema nervoso autônomo*

A distinção entre músculos voluntários e involuntários se tornou mais clara com o trabalho de *John Langley* acerca da parte autônoma do sistema nervoso. Quando um fisiologista emprega o termo “voluntário” com referência à musculatura do corpo, ele está a mencionar aquela área de movimento controlada pelo setor cérebro-espinhal do sistema nervoso. “Involuntário”, por outro lado, designa a musculatura regulada pelo setor autônomo do sistema nervoso. Este último sistema consiste numa série de nervos motores que partem da medula espinhal em três diferentes níveis — o cranial, o torácico-lombar e o sacral — e terminam nos órgãos vitais. Ele é um sistema puramente motor, interconectado por sinapses que partem da medula espinhal, e relativamente independente do sistema nervoso central ou cérebro-espinhal.

Notou-se, por exemplo, que quando o batimento cardíaco se acelera, a digestão pode sofrer perturbações sem que a pessoa se dê conta disto; igualmente, as pupilas dos olhos podem se dilatar. Esse retrato fisiológico imediatamente deu apoio à descrição tradicional da conduta emocional, na qual as ressonâncias orgânicas desempenham um papel capital. A regulação das secreções glandulares também é uma importante função do sistema autônomo. Algumas das glândulas possuem dutos ou cavidades; outras são desprovidas de dutos, derramando seus hormônios diretamente na corrente sanguínea. Estas últimas desempenham um papel decisivo para o bem-estar do organismo. As suprarrenais, por exemplo, causam a produção do açúcar do sangue, aumentando assim o vigor do corpo em momentos de tensão emocional. A tireoide, na garganta, também serve para aumentar nossas energias cinéticas, de acordo com as demandas da mobilização corporal. A glândula hipófise, localizada no cérebro, possui uma influência profunda sobre o crescimento orgânico. Muitos psicólogos se empenharam em descobrir como essas glândulas desprovidas de dutos atuam como base fisiológica na moldagem da personalidade.

#### 4. *A fisiologia cerebral*

O interesse acerca da localização cerebral se expandiu para muito além do trabalho pioneiro de Flourens e Broca. Os fatos trazidos à tona conduzem a diferentes pontos de vista. Por um lado, numerosas pesquisas clínicas associaram formas específicas de fenômenos sensoriais e motores com lesões cerebrais bem definidas;

por outro lado, diversos relatos experimentais parecem indicar que as funções do cérebro não são tão definidamente confinadas a uma área a ponto de não poderem transitar para outra. Já em 1907, *Shepherd Franz* apontou que o cérebro pode atuar antes como um todo do que por partes para produzir seus efeitos. Ele citou diversos casos de lesões no cérebro que resultaram na perda da fala, seguida, após um tempo, por uma reeducação da capacidade discursiva. Ele conjecturou, por conseguinte, que outras partes do córtex atuam como substitutas da área lesionada.

Em 1920, *Henry Head* descreveu diversos casos de lesões cerebrais onde a ligação entre o córtex cerebral e outras partes inferiores dos centros nervosos havia sido destruída. Essas partes inferiores aparentemente funcionaram com bastante rapidez mesmo sem seu controle cerebral usual. Alguns pacientes, por exemplo, sofreram dores lancinantes com um leve golpe na mão, ou com o som de uma música suave. Outras vítimas apresentaram traços exagerados ou imoderados de comportamento, tais como contorções na face e risos espalhafatosos. Head concluiu que o controle cerebral, que é relativamente maior nos animais superiores, e o maior de todos no homem, possui um efeito moderador para as respostas, que seriam violentas caso passassem apenas pelos centros nervosos inferiores. *Gordon Holmes* acompanhou Head em seus estudos das lesões corticais. O trabalho de ambos direcionou as pesquisas de Cannon sobre a degeneração talâmica e os distúrbios emocionais, mencionadas no capítulo anterior. Em 1929, *Karl Lashley* fez estudos prolongados de cérebros lesionados de ratos e concluiu que a substância cerebral é relativamente de caráter equipotencial, vale dizer, que há uma “função dinâmica não especializada do tecido como um todo”. A trajetória do seu trabalho experimental indicaria que a necessidade de postular centros cerebrais localizados não é absoluta, muito embora tais centros existam de um modo geral.

O significado para a psicologia humana dos admiráveis estudos de Franz, Head e Lashley pode ser aqui brevemente definido. Em primeiro lugar, há evidências claras de que nossas habilidades sensoriais e motoras não podem ser explicadas em termos de vias rígidas e unilaterais no sistema cortical. Em segundo, na medida em que essas habilidades e hábitos aumentam em complexidade, eles envolvem áreas cerebrais e esquemas corticais bem mais amplos do que antes se suspeitava. Em terceiro, a opinião mais ingênua e menos analítica de que o cérebro funciona como um todo parece estar confirmada por sólidas descobertas clínicas. Em

quarto, embora realmente existam centros corticais, a necessidade deles não é absoluta, uma vez que as funções deles podem ser assumidas por outras áreas. Por outro lado, essa equipotencialidade não significa que haja uma livre perambulação das atividades sensoriais e motoras por todo o córtex cerebral.

Com base no trabalho clássico dos fisiologistas cerebrais mais antigos, os investigadores modernos estão determinados a fazer novas descobertas. Um novo capítulo delas foi inaugurado com a descoberta do uso de químicos para o tratamento de lesões no cérebro. Os mistérios do córtex cerebral, com seus estimados noventa e dois bilhões de células nervosas, estão agora sendo investigados com novas ferramentas e novas técnicas. Mas, mesmo com todo esse avanço, o trabalho mal começou. Um mapa do cérebro humano, com suas linhas de condução nervosa inteiramente apontadas, seria incomparavelmente mais complicado e enredado que um mapa de todas as linhas telefônicas e telegráficas da América do Norte. Os homens de jaleco, no entanto, não desanimam diante do problema com que se deparam; e o futuro depositará grandes esperanças no que eles vierem a descobrir na delicada química do cérebro. Eles já conceberam uma maneira de registrar a atividade elétrica que percorre esses “tecidos mestres” do corpo quando uma pessoa está imersa em atividade mental. Assim como temos cardiógrafos que nos informam como o coração está funcionando, assim também agora é possível obter encefalógrafos que registram os fenômenos magnéticos que ocorrem nas regiões cerebrais da cabeça.

### 5. *Experimentos com animais*

Os animais oferecem uma possibilidade de emprego de técnicas experimentais que são obviamente impossíveis de serem empregadas com seres humanos. As pesquisas nessa direção são esclarecedoras, em função dos *insights* comparativos que revelam. Em 1869, *Friedrich Goltz* removeu os cérebros de sapos e notou que eles continuavam a comer, coaxar, e, quando estimulados, buscar por meios de escapar de compartimentos no qual haviam sido colocados. Removendo os cerebelos, ele descobriu que os sapos se sentavam e rastejavam com bem pouca firmeza. Quando também foram privados de suas medulas, eles responderam com meros movimentos reflexos, caso os dedos de seus pés fossem beliscados.

*Jacques Loeb* apresentou uma explicação do comportamento animal em termos

puramente mecanicistas. Por exemplo, ele considerou o mergulho de insetos numa chama como uma resposta automática determinada pela ação irritativa do calor em diferentes partes das superfícies dos corpos. Ele chamou esse tipo de ação um “tropismo”, e declarou que o movimento dos insetos, sob tais condições, é tão mecânico quanto a volta das folhas de uma planta em direção ao sol. Ele apontou o desenvolvimento de ovos não fertilizados de ouriços do mar até um estágio larval — meramente mergulhando-os primeiro em soluções ácidas fracas, e depois em soluções salinas cada vez mais fortes — como outro exemplo da natureza mecânica da vida. Ele repetiu o método de separar ovos de sapos com uma agulha, de maneira que muitos organismos foram produzidos onde originalmente apenas um teria se desenvolvido.

Para que fique claro, *Hans Driesch* já havia feito o mesmo, e suas conclusões foram bem diferentes das interpretações mecanicistas de Loeb. Driesch estava firmemente convencido de que fenômenos vivos não podem ser explicados por conceitos puramente mecânicos. Também *Herbert Jennings* sugeriu cautela na aceitação do ponto de vista mecanicista, em função das grandes variações que observou no comportamento de protozoários. Uma tal conduta, segundo ele, não pode ser inteiramente descrita em termos de reações físicas e químicas. Jennings, contudo, não pode ser classificado como um vitalista belicoso, no sentido em que Driesch combateu a favor de conceitos hórnicos ou finalistas em biologia. Mas a natureza geral da atividade animal, segundo afirmava Jennings, deve ser situada num nível de descrição diferente daquele que se aplica ao domínio puramente físico-químico. Suas pesquisas conferiram um novo impulso ao estudo da consciência nos animais e assinalaram um novo estágio no desenvolvimento da psicologia comparativa.

*Lloyd Morgan* estabeleceu o conceito de “tentativa e erro”, o qual ele limitou ao comportamento animal e interpretou como um “procedimento moroso e um tanto canhestro” de resolver dificuldades. Isto foi por volta de 1900. Pouco tempo depois, a importância do método para o aprendizado humano foi posta em evidência por outros pesquisadores. *Ernst Mach*, cujo trabalho já mencionamos, fez uma aplicação desse mesmo método aos procedimentos de raciocínio. Ele descreveu os resultados como uma espécie de “experimento do pensamento”. Mach negou que a razão, no homem, seja uma faculdade norteadora. No lugar da noção tradicional do pensamento como produto de uma capacidade de abstrair e

generalizar, ele colocou seu próprio conceito de raciocínio como um estado de atividade suscitado pela necessidade de algum tipo de readaptação. Enquanto a necessidade estiver presente, o estado de atividade persistirá. John Dewey, em Columbia, levou adiante as ideias de Mach e delas fez parte de uma interpretação funcionalista da natureza humana.

*Ivan Pavlov* observou que uma resposta que ordinariamente resulta de um dado estímulo será consequência de um outro estímulo, contanto que este último seja frequentemente apresentado logo antes do estímulo usual. O exemplo comum é a salivação como resposta ao som de um sino. Essa relação foi notada com base em diversos experimentos efetuados com cães. Assim, o soar do sino produziria os mesmos efeitos de salivação que aqueles produzidos por estímulos da visão ou do olfato. A nova resposta foi chamada um “reflexo condicionado”. *Vladimir Bekhterev*, outro fisiologista russo, trabalhou seguindo a mesma linha; e não há dúvidas de que ambos os pesquisadores muito fizeram para dar forma aos destinos da Escola Behaviorista que posteriormente apareceu nos Estados Unidos. É justo registrar, contudo, que nem Pavlov nem Bekhterev foram responsáveis pelo que os behavioristas concluíram a partir das pesquisas deles. É razoavelmente certo que eles não teriam concordado com o princípio de que o reflexo condicionado livrou a psicologia da sua tarefa de estudar os dados conscientes.

Ao desenvolver sua teoria dos reflexos condicionados, Pavlov descobriu que a ordem temporal dos acontecimentos é um fator essencial. Mesmo depois de mil tentativas, um animal não ficará condicionado se o estímulo normal for apresentado antes do estímulo condicionante. Ademais, depois que o reflexo condicionado está bem estabelecido, é necessário conferir-lhe um “reforço” ocasional apresentando o estímulo normal depois do condicionante. Se, depois que a resposta condicionada se deu até à exaustão, o estímulo condicionante for novamente apresentado, observa-se um novo fenômeno, chamado “inibição condicionada”. Nesse estado, o animal não conseguirá responder nem ao estímulo normal nem ao estímulo condicionante.

Condicionando o animal a um dado estímulo — por exemplo, um determinado tom sonoro — e depois desenvolvendo inibições condicionadas para todos os estímulos que deste diferem apenas ligeiramente, o pesquisador pode mensurar o refinamento do discernimento de que um animal é capaz. Dessa maneira, um animal bruto pode ser levado a diferenciar tons de cor, tons sonoros,

formas geométricas, e assim por diante. O trabalho de Bekhterev e Pavlov foi importante na medida em que forneceu confirmação no nível fisiológico da lei segundo a qual os estímulos são interligados na consciência por um vínculo de contiguidade temporal. Assim, a relação entre determinados dados psicológicos e suas bases orgânicas foi melhor compreendida.

*Edward Thorndike* desenvolveu o princípio da “tentativa e erro” de Lloyd Morgan e se esforçou em aplicar as medições precisas do laboratório às reações de animais normais. Ele fixou um determinado número de fatos que podiam ser exprimidos quantitativamente e comparou-os com outros fatos. Seu experimento favorito foi o desafio da fuga. Peixes aprenderam a se afastar da luz do sol; galinhas aprenderam como sair de labirintos; gatos, cães e macacos aprenderam a manipular cordões e barras para se libertarem de jaulas. Esses aparatos permitiram a Thorndike efetuar mensurações em termos de unidades definidas de ação. Ele conseguiu estimar o número de desempenhos corretos e incorretos envolvidos na completação bem-sucedida de uma tarefa de fuga. A partir de uma longa série de observações, ele obteve um grupo de curvas bastante semelhantes às curvas de aprendizado irregulares e inclinadas que Ebbinghaus havia obtido. Devido à semelhança, Thorndike foi levado a concluir que não há evidências de uma capacidade de raciocínio nos animais. Deve-se notar que o argumento por analogia resultou numa conclusão verdadeira, a saber, a de que os animais não possuem *insights* intelectuais para solucionar seus problemas; mas essa conclusão foi extraída da premissa de que as curvas de aprendizado humano, que forneceram a base da comparação, não apresentam evidências de *insights* intelectuais. Essa premissa só será verdadeira se o processo do aprendizado nos seres humanos for estritamente confinado às operações dos sentidos.

O ponto em questão, contudo, é que os animais não pensam. Eles não solucionam seus problemas de maneira ideacional, como fazem os seres humanos. De acordo com Thorndike, eles aprendem por tentativa e erro. Vale dizer, eles meramente se movem às apalpadelas em resposta a um estímulo ou a uma situação e, depois de fazerem diversas tentativas e de cometerem diversas trapalhadas, finalmente aprendem a completar uma tarefa dada com um grau razoável de sucesso. Mas não há evidência alguma de que eles observem relações abstratas, ou de que utilizem ideias, de que realizem inferências, ou de que tenham alguma noção do que está envolvido numa escolha. Aristóteles disse certa vez que a mão

do homem é sua ferramenta mais intelectual. Tomás de Aquino repetiu a mesma observação. Stanley Hall inverteu-a, declarando que o intelecto humano é manual. Mas o órgão preênsil de um macaco jamais apresentou sinal algum de uma modelação intelectual em seus movimentos. Suas habilidades são, quer realizações puramente animais, quer hábitos impostos pela engenhosidade humana.

Thorndike posteriormente concluiu que o desenvolvimento de hábitos de aprendizado é semelhante à gênese de habilidades musculares onde o uso e o desuso condicionam a comodidade e a prontidão com as quais os músculos são empregados. Ele também notou que um animal se empenha em continuar aquelas ações que lhe são emocionalmente satisfatórias, assim como busca modificar ou abandonar aquelas ações que são emocionalmente insatisfatórias. Thorndike tentou aplicar o que havia descoberto sobre aprendizado animal às tarefas da educação humana. Em lugar do *insight* intelectual e do controle volitivo, os quais certamente desempenham algum papel na aquisição inicial de hábitos do homem, ele colocou sua “lei do uso e do desuso” e a correlativa desta, a “lei da satisfação”. Sua explicação do processo de formação de hábitos é puramente sensualista.

*Robert Yerkes* realizou um estudo especializado dos primatas. Em 1927, ele ajudou a fundar um laboratório dedicado a primatas na Universidade de Yale. Ele também compendiou a extensa literatura que havia sido escrita sobre os antropóides, incluindo descrições das suas capacidades sensitivas, da sua habilidade de perceber o formato, a distância e o movimento [dos objetos], de seu poder de aprendizado e de sua vida emocional. Ele empregou um método denominado de múltipla escolha, no qual um animal era treinado para distinguir, entre diversas situações concretas, a resposta particular que tivesse relação com outras situações. Por exemplo, na presença de diversas portas, o animal deveria aprender a empurrar para abrir a porta que estivesse à direita de qualquer porta entreaberta pelo lado esquerdo. Gralhas conseguiam realizar a proeza, mas não conseguiam empurrar e abrir a segunda porta à direita. Na medida em que as tarefas se aproximavam de verdadeiros tipos abstratos de generalização, o animal se tornava menos capaz de resolvê-las. Dessa maneira, por incrível que pareça, nenhum animal bruto, por mais esperto que fosse, conseguia aprender a não tentar abrir uma porta que havia sido exitosamente aberta numa tentativa imediatamente anterior.

Durante mais de quarenta anos, Yerkes se empenhou ao máximo em seu trabalho de análise do gorila, do orangotango, do chimpanzé e do gibão. Do berço

ao túmulo, ele observou os complicados modos de comportamento desses animais. Tratava-se de uma tarefa hercúlea, mas os resultados foram registrados nos anais da ciência como um novo capítulo da psicologia animal. Suas descobertas mostraram claramente que os primatas possuem um padrão temperamental claramente próprio; que as faculdades deles são capazes de aprimoramento; que os instintos deles são bastante organizados, e que o sentido social deles   bastante perspicaz. Não obstante, as diferenças que os separam dos seres humanos são claramente assinaladas. “Na medida em que aumenta o nosso conhecimento e a nossa compreensão da vida antropoide”, conclui Yerkes, “na mesma medida também aumenta nossa gratidão por sermos homens”.

A maioria dos fatos que alimentaram o enfoque genético na psicologia foram revelados a partir de experimentos sobre as diferentes fases da vida animal. Um dos problemas particularmente atraentes para os pesquisadores   a questão da herança de instintos. *William McDougall* estudou a capacidade de diversas gera es de ratos de aprender o caminho adequado de fuga de um tanque de  gua. O cientista tomou o cuidado de selecionar ratos t picos para cada gera o, de maneira que o experimento não fosse influenciado por uma sele o especial indevida. Os resultados revelaram que um determinado montante de aprimoramento na taxa de aprendizado ocorria dentro do período de dezesseis gera es.

Depois de 1908, McDougall defendeu a posi o de que a análise fundamental tanto da natureza humana quanto da animal deveria ser feita em termos de instintos e tendências herdados. Estes deveriam ser interpretados como padrões distintos de comportamento, transmitidos de gera o a gera o, e que dotariam cada indivíduo de um equipamento psicológico em grande medida hereditário. Em fun o da sua ênfase no valor intencional dos instintos e das tendências inatas para o desenvolvimento do indivíduo, a psicologia de McDougall   descrita como de caráter h rmico.

Se padrões de comportamento podem ser herdados, segue-se que a organiza o do sistema neuromuscular, pela qual esse comportamento se apresenta,   de algum modo predeterminada no tecido germinal do organismo. Tal opinião tem sido acolhida por muitos autores. Outros pesquisadores, contudo, como *Samuel Detwiller* e *Zing Kuo*, realizaram experimentos que ilustram a influência de uma parte do organismo em crescimento sobre outra. O trabalho deles indicou que o ambiente, tanto interno quanto externo, contribui em certa medida para o

desenvolvimento estrutural e funcional do indivíduo. Depois de um cuidadoso exame do problema como um todo, no qual as evidências em prol de ambas as posições foram meticulosamente examinadas, *Leonard Carmichael* declarou que a hereditariedade e o ambiente não são fatores antagônicos; e que, em verdade, não é nem conveniente nem científico separá-los como fatores na expansão das nossas potências psicológicas.

## *6. A contribuição dos psicopatologistas*

*Philippe Pinel* usualmente recebe o crédito por ter sido o primeiro pesquisador a empreender um estudo do problema da loucura desde um ponto de vista científico. Ele considerou a doença mental como um problema médico e buscou fazer uma reforma profunda nos métodos cruéis com os quais os pacientes loucos eram tratados. Suas técnicas, no entanto, possuíam enfoque antes fisiológico que psicológico. Ele garantiu que os pacientes recebessem alimentação adequada e um descanso suficiente. Em grande medida, o admirável sistema de hospitais públicos e privados para loucos pelo mundo afora deve sua existência ao trabalho pioneiro de Pinel no Bicêtre, em Paris. Seu tratado sobre os aspectos médico-filosóficos da loucura foi um dos primeiros livros do gênero.

*Emil Kraepelin* foi o primeiro docente a introduzir uma classificação compreensiva das várias formas de loucura. Em seus registros, ele visou integrar os sintomas psicológicos com os fisiológicos. A partir das complicadas descrições dos médicos antigos, Kraepelin elaborou uma lista de tipos distintos de doença mental, as quais ele considerava como análogas a determinados tipos de doença física. Três tipos receberam consideração especial: (a) a “demência primária”, que usualmente aparece na adolescência, e é caracterizada por um afastamento da realidade, devaneios exagerados e respostas emocionais absurdas; (b) a “paranoia”, assinalada por uma centralização anormal de tudo ao redor do eu do paciente, tendo como resultado o desenvolvimento de delírios de grandeza ou de perseguição; (c) a loucura “maníaco-depressiva”, cujos sintomas se revelam por ciclos recorrentes de explosões passionais violentas e, correlativamente, por estados de melancolia profunda e inatividade.

A influência de Wundt, com quem ele estudou quando jovem, é patente no trabalho de Kraepelin. A maneira rígida e elementar pela qual ele classificou os

sintomas psicológicos da loucura frequentemente tornaram necessário combinar diversos dos seus tipos para o diagnóstico de um único caso. Isso gerou confusões quando um número cada vez maior de sintomas de anormalidade mental foi revelado pela pesquisa médica.

*Jean Charcot* desenvolveu uma teoria da anormalidade mental a partir de estudos anteriores realizados acerca do hipnotismo. Os curiosos estados de sonolência que Mesmer havia explicado como fenômenos de magnetismo animal agora passavam a ser explicados por uma nova base clínica, e a palavra “mesmerismo” foi suplantado por um termo mais aceitável: “hipnotismo”. Por um breve período, o sono hipnótico foi utilizado em operações cirúrgicas, mas foi logo abandonado com a descoberta do éter em 1846. Charcot defendia a opinião de que a condição hipnótica era idêntica à histeria, a qual, por sua vez, era retratada como uma neurose devida à fragilidade orgânica. Para fundamentar sua teoria, ele apontou para a igualdade real de sintomas encontrada em ambos os estados: o fato de que todos os tipos de sugestões são postos em prática, a rígida condição cataléptica que domina os músculos, e assim por diante. A descrição psicológica desses estados feita por Charcot foi apresentada em termos da atividade das ideias do sujeito. Assim, numa pessoa normal, haveria um fluxo unificado de pensamento; mas, numa pessoa anormal, o fluxo se dispersa, e suas ideias se tornam dissociadas.

Em apoio a essa opinião, *Pierre Janet*, discípulo de Charcot, propôs a teoria segundo a qual, num indivíduo saudável, haveria sempre uma “tensão psíquica” normal. Através de alguma incapacitação, essa tensão seria perdida, de maneira que ocorreria ou uma dissociação de ideias, com a possibilidade de uma ou mais delas se tornarem fixas; ou o desenvolvimento de um sentimento geral de incapacidade, acompanhado por uma ansiedade mórbida. Janet tendia a duvidar da opinião de seu mestre segundo a qual hipnose e histeria seriam realmente fenômenos idênticos. Ele concordou que o paciente histérico havia sofrido alguma forma de dissociação mental. O resultado seria a fragmentação da personalidade, devida aos esforços do paciente em lançar ideias e emoções desagradáveis para fora da sua consciência.

Nos Estados Unidos, *Morton Prince* aplicou os ensinamentos de Charcot e Janet em seus estudos sobre o colapso dos padrões de personalidade. Sob a pressão de circunstâncias desagradáveis desde fora e desde dentro, um indivíduo pode

apresentar estados mentais alternados, sendo que cada um deles possuiria uma porção distinta dos sentimentos e das memórias passadas do indivíduo. Este passaria primeiramente por um e depois por outro estado; e frequentemente o que suceder em um estado será desconhecido para o indivíduo quando ele passar pelo outro estado. Prince deparou com uma amostra incomum de personalidade dissociada no caso de Sally Beauchamp. Suas pesquisas colocaram os tipos de humanidade assim chamados Dr. Jekyll e Mr. Hyde sob um enfoque novo e mais compreensível.

Charcot e seus seguidores de Salpêtrière sofreram vigorosa oposição de uma escola rival fundada em Nancy. *Ambroise Liébeault* foi um pacato médico que havia se estabelecido em Nancy, e que, por mais de vinte anos, havia utilizado o hipnotismo como medida terapêutica. Ele propôs a ideia de que a hipnose é meramente questão de sugestibilidade da parte da pessoa que deve passar por ela. A ideia não provocou grande alvoroço antes de um conterrâneo, *Hippolyte Bernheim*, se interessar por ela: os fenômenos hipnóticos não seriam nada extraordinários, mas meramente o resultado da sugestão. Bernheim também negou que a hipnose fosse um estado anormal como a histeria. O veredito do tempo favoreceu a escola de Nancy; e a controvérsia foi oportuna na medida em que descartou, de uma vez por todas, a noção de que a hipnose não é um tema adequado de investigação científica. Charcot trouxe à tona o fantasma da histeria. Janet aprimorou os usos da hipnose. Prince revelou os efeitos sobre a personalidade das ideias e emoções reprimidas. O passo subsequente seria uma investigação séria acerca do inconsciente; e o cenário estava sendo montado para um novo e comovente ato no drama da cura mental moderna. Do papel único de Sigmund Freud como mestre psicanalista, falaremos em outro capítulo.

O espírito dos grandes psicopatologistas do século XIX tem sua continuidade entre nossos estudantes contemporâneos de higiene mental. Um dos nomes excepcionais na história da psicologia médica é *Adolf Meyer*. Seu ponto de vista é interessante devido às suas implicações filosóficas. Meyer é o paladino de um novo tipo de abordagem que ele denomina “psicobiológica”. Trata-se da ciência do homem como um todo mental e físico. A ideia central surge de um equívoco que os pesquisadores têm cometido há muito tempo. Por que seria necessário pensar que, para ser científico, um pesquisador deve necessariamente fragmentar os seres humanos em incontáveis unidades, mentais e físicas? Uma tal orientação,

atomística tanto para o corpo quanto para a mente, teve origem na falsa metafísica de Descartes.

Os pensadores antigos, como Tomás de Aquino, foram mais sábios, pois consideravam o corpo e a mente como uma unidade. Mais ainda, esta é, de fato, a única maneira própria do senso comum de examinar as coisas. Se examinarmos a história da vida de um homem, do berço ao túmulo, teremos a impressão de que ele é um único ente, composto de elementos físicos e mentais combinados numa unidade. Sim, o homem é uma unidade, um composto psicobiológico. Somente quando consideramos os seres humanos sob esse enfoque podemos compreender o sentido do comportamento deles, tanto normal quanto anormal; e mesmo que não consigamos compreender perfeitamente esse sentido, ele assim ficará menos envolto em mistério do que antes. Assim é a visão de Adolf Meyer acerca do homem em sua natureza; e temos segurança em prever que o futuro da medicina clínica será amplamente moldado por conceitos como este. A amplitude e a humanidade da sua perspectiva são bem representadas nos escritos de *Gregory Zilboorg*, um dos pensadores mais claros no campo da literatura psiquiátrica.

Ao mesmo tempo que Meyer conferia uma nova direção à pesquisa em medicina psicossomática, ocorreu um acontecimento de grande importância, e que havia de repercutir em todo o percurso da higiene mental. *Clifford Beers* foi enviado a um hospital para loucos logo após se formar em Yale. O que ele passou durante seu período de confinamento e como sua cura foi alcançada foram detalhes revelados ao mundo num livro intitulado *Uma Mente que Encontrou a Si Mesma*, que é uma das mais amplamente lidas autobiografias dos tempos modernos. Beers tornou-se um cruzado da higiene mental. Ele acreditava, como resultado das suas experiências, que havia uma necessidade urgente de medidas que tanto prevenissem quanto aliviassem os sofrimentos das mentes transtornadas. Ele fundou um Comitê Nacional de Higiene Mental nos Estados Unidos e organizou um movimento que atualmente alcançou todas as partes do mundo civilizado. A sociedade tem dedicado seus esforços tanto para o avanço dos métodos científicos para tratar os loucos quanto para curar as mais temíveis doenças mentais. Seu meio de publicação é [o jornal] *Mental Hygiene*.

Uma homenagem especial deve ser prestada aos pioneiros no trabalho de cuidar dos doentes mentais. A maioria deles eram médicos. Eles trouxeram sua inspiração das cabeceiras dos leitos e das alas hospitalares, dos laboratórios médicos

e de sua ampla experiência com o mais desafortunado grupo da sociedade humana, os mentalmente alienados. O trabalho deles foi paciente e muitas vezes ingrato, uma vez que a própria natureza de seus interesses exigia dons incomuns de compreensão, quando se confrontavam com seres humanos que haviam perdido o contato com a realidade. Eles trabalharam contra gigantescas adversidades, tentando travar uma batalha de sanidade contra os pensamentos, as paixões e o comportamento insanos de seus pacientes. O desânimo foi para eles o pão de cada dia, mas eles seguiram com a labuta, na esperança de que um pequeno raio de luz alcançasse os cantos escuros da mente humana.

## O âmbito da psicometria

### *1. Os testes mentais e o método experimental*

A opinião comum de que os testes mentais não são uma forma experimental de psicologia é equivocada. O fato é que o trabalho dos psicometristas, que constitui parte do que há de melhor na pesquisa feita em psicologia, não poderia nem existir nem se desenvolver senão pelo emprego de um método experimental. Há, no entanto, a seguinte diferença que pode ser observada: enquanto aquele que efetua testes mentais tem em vista obter resultados de um amplo número de indivíduos, o psicólogo de laboratório está mais interessado em um fenômeno particular que ele possa abordar com uma maior precisão técnica do que a que é possível em psicometria.

Mais ainda, as potências mentais apresentam uma gigantesca gama de diferenças, de maneira que o material da investigação psicométrica está num nível demasiado complexo para ser satisfatoriamente manuseado pelos métodos de laboratório usuais. Isto não equivale a dizer que o trabalho dos psicometristas não foi influenciado pelos cientistas de laboratório. Ao contrário, especialmente no início, houve uma boa dose de compenetração entre ambas as esferas; e hoje não faltam sinais de que elas novamente estejam se aproximando. Com efeito, os excelentes resultados apresentados pelos testadores mentais bem podem ser interpretados como um desafio para outros psicólogos, para que realizem um trabalho igualmente significativo em prol de uma mais profunda compreensão da natureza humana e das suas propriedades.

### *2. Os pioneiros dos testes mentais*

Um dos primeiros pesquisadores a estudar as habilidades das crianças foi o médico parisiense *Edouard Séguin*, em meados do século passado. O interesse de Séguin se dirigia aos débeis mentais; e seu trabalho teve como meta principalmente

desenvolver as capacidades de controle motor desses pacientes. Ele os ensinou, em meio a outras coisas, a caminhar ao longo de linhas retas e a subir escadas. Ele também tentou aumentar o estado de alerta deles por meio do uso de vigorosos estímulos sensoriais, tais como cores brilhantes e alimentos altamente saborosos. Ele construiu uma “lousa de formas” (*form board*) de madeira, na qual havia três orifícios: um quadrangular, um circular e um triangular, e pediu às crianças que encaixassem as peças de madeira correspondentes em cada um. Séguin publicou os resultados do seu método original em 1843. Seu sucesso foi tão grande que ele foi convidado a organizar a instrução das crianças deficientes mentais em algumas das nossas primeiras instituições americanas.

O verdadeiro pai do movimento dos testes na França, contudo, foi *Alfred Binet*, cujo trabalho é comparável ao de Galton na Inglaterra. Este último, em certo sentido, é anterior a todos os outros psicometristas em virtude dos seus estudos acerca das diferenças individuais; não obstante, Binet de fato teve mais participação no desenvolvimento dos testes mentais do que Galton ou qualquer outro pesquisador. Isso se deveu em grande medida ao fato de que o psicólogo francês estava buscando uma meta definida, a saber, a mensuração da faculdade intelectual, ao passo que Galton fez experiências principalmente com simples habilidades sensitivas, esperando, evidentemente, que as informações que assim obteve com seus métodos abrangentes de testagem tivessem alguma importância para o “intelecto”. Assim também, em comparação com o trabalho de Ebbinghaus, as contribuições de Binet para a psicometria foram mais importantes. As pesquisas clássicas daquele foram concebidas antes como um teste da habilidade da memória do que como análise de consciência memorativa enquanto tal.

Em 1905, Binet recebeu a tarefa de separar as crianças em idade escolar de Paris em grupos de acordo com a inteligência delas, de maneira que uma instrução adequada para as reais capacidades delas pudesse ser elaborada. Trabalhando juntamente com *Théodore Simon*, ele preparou um conjunto de tarefas que foram dispostas em variados níveis de dificuldade. Cada nível foi padronizado com base no tipo e no montante de material complexo que podia ser dominado pela maioria dos alunos de uma dada idade. A medida da inteligência foi feita em termos de maturidade cronológica, bem como da performance média que podia ser esperada de todos os indivíduos de uma dada idade. Os testes exigiram o uso de *insights* racionais, em vez das meras diferenciações feitas na técnica de Galton.

Entre os problemas propostos por Binet, encontramos tarefas como nomear moedas, repetir uma série de dígitos ou um conjunto de frases, avaliar pesos, a compreensão de diferenças concretas e abstratas, e assim por diante. Binet efetuou uma nova revisão de seus testes, de maneira que 75% das crianças, numa determinada idade, podiam completar todas as tarefas num determinado grau de dificuldade. O interesse despertado por esse tipo de pesquisa foi tão vigoroso que a atenção dos psicometristas logo ficou quase totalmente centrada na questão da inteligência e da medição desta. Binet também é lembrado por ter fundado o primeiro jornal em francês dedicado aos problemas da psicologia: *L'Année Psychologique*, que teve início em 1894.

### 3. Os primeiros pesquisadores americanos

Os testes psicológicos encontraram uma recepção amistosa nos Estados Unidos. Com efeito, eles se tornaram tão parte do retrato da psicologia americana quanto a análise experimental da consciência era parte do retrato da psicologia alemã; ou a especulação filosófica da psicologia britânica; ou a predileção pelo anormal da psicologia francesa. Isto significa que a tendência da pesquisa em psicologia nos Estados Unidos se avalia de maneira adequada não apenas com referência ao enfoque estrutural que teve início com Wundt, mas também por suas ligações com a abordagem dinâmica e funcional que teve origem na psicologia do ato, de Brentano, e nos conceitos genéticos de Darwin.

Já mencionamos o trabalho de *James McKeen Cattell* no âmbito da psicologia da capacidade. Ele é indubitavelmente a figura mais importante dos primórdios dos testes mentais nos Estados Unidos. Mas ele trabalhou com base no pressuposto de Galton de que simples testes de potências sensitivas e motoras haviam de revelar os fatos de maior importância para a adaptação dos seres humanos à vida, e particularmente à vida na medida em que ela envolve a aquisição de uma educação. Esse pressuposto foi descartado assim que o trabalho de Binet passou a ser mais bem conhecido nos Estados Unidos, com a tradução dos testes revisados de Binet-Simon feita por *Henry Goddard* e com a adoção deles por este último em sua escola para deficientes mentais em Vineyard, Nova Jersey, em 1908. Três anos depois, Goddard apresentou sua própria revisão da escala de Binet. Nessa época, parte das excelentes pesquisas de *Wilhelm Stern*, pioneiro na Alemanha no campo

das diferenças individuais, passaram a ser conhecidas nos Estados Unidos. Stern ajudou a esclarecer melhor o conceito de inteligência, e foi o primeiro a empregar o termo “quociente mental”.

#### *4. Os testes chegam à maioridade*

Quiçá o nome mais importante no campo da psicometria americana hoje em dia seja o de *Lewis Terman*, que efetuou uma minuciosa revisão dos testes de Binet-Simon e substituiu determinados itens, que se referiam a objetos e situações francesas não familiares, por outros itens mais familiares às crianças americanas. Essa “Revisão de Stanford”, assim chamada em homenagem à Universidade da Califórnia onde Terman trabalhou por muitos anos, tornou-se o teste de inteligência mais amplamente utilizado até hoje. Terman adotou a descrição matemática da inteligência feita por Stern, a saber, o quociente entre idade mental e cronológica. Aqui, idade mental significa o nível mais elevado de idade na escala no qual um indivíduo consegue passar em todos os testes.

Terman substituiu o “quociente mental” pelo “quociente de inteligência”, hoje em dia comumente designado como “QI”. Levando em conta o quociente de inteligência, uma criação possuirá uma taxa de 1.00 se for normal, e de menos de 1.00 se for subnormal. Terman também realizou um estudo especial das crianças superdotadas, e esboçou métodos pelos quais elas podem conseguir desenvolver sua habilidade adicional por caminhos que haviam sido negligenciados na instrução escolar ordinária. Sua obra de três volumes sobre a análise genética do gênio é algo fascinante, e assinala um avanço no movimento dos testes mentais. O plano de Terman era acompanhar a história da vida dessas crianças superdotadas para verificar se, na vida adulta, elas concretizariam o potencial demonstrado na juventude. Empreendemos grandes esforços para solucionar o mistério dos meteoros e cometas que vêm ao alcance da Terra. No entanto, quão mais importantes são os “meteoros e cometas” humanos — Aristóteles, Da Vinci, Newton, Beethoven e Einstein. “Descubramos, se possível, como esses ovos dourados são gerados e nutridos”.

O valor do conceito de “idade mental” foi posto em questão por alguns testadores. Em 1914, *Robert Yerkes*, cujo trabalho de pesquisa com animais já foi descrito, e *James Bridges* buscaram substituir o conceito de idade mental por uma

“escala de pontos” de créditos fracionais pela completação bem-sucedida de qualquer parte de uma tarefa, independentemente se todas as tarefas mais simples, até este ponto, tenham sido concluídas ou não. No mesmo ano, *Rudolph Pinter*, trabalhando em cooperação com *Donald Paterson*, se declarou a favor da importância de testes sem linguagem para determinar a habilidade natural. Eles se queixaram do fato de que a aptidão de um indivíduo de expressar-se na linguagem adequada exerce grande influência em testes como os da Revisão de Stanford. Dado que o emprego da linguagem, ou poder de comunicação, depende em grande medida da qualidade do treinamento que o indivíduo recebe em casa e na escola, ele não é necessariamente uma medida de habilidade natural. Os testes sem linguagem são chamados “testes de performance”, e consistem em lousas de formas, figuras de quebra-cabeças cortadas em formatos irregulares, e assim por diante. Pinel, conforme recordamos, havia concebido testes semelhantes para seus pacientes deficientes mentais.

Durante a Primeira Guerra Mundial, diversos psicólogos americanos proeminentes trabalharam em conjunto na preparação tanto de testes grupais com linguagem quanto sem linguagem. Estes foram aplicados a cerca de dois milhões de soldados. De grande importância para essa tarefa ciclópica foi o grupo liderado por Robert Yerkes. Críticos que não compreenderam a natureza prática dos testes declararam que um método de tal modo abrangente de abordar os níveis mentais não poderia produzir senão um resultado estéril. Uma onda de indignação varreu o país quando foi dado a conhecer que o soldado americano médio tinha uma idade mental de catorze anos. Mas, gradualmente, os frutos sólidos do trabalho dos testadores ficaram patentes. Embora longe da perfeição em seus esforços, eles conseguiram obter muitas conclusões estatísticas relativas ao nível de inteligência de diferentes grupos ocupacionais e de grupos étnicos amplamente separados.

## 5. *A psicologia fatorial*

De longe, a figura mais proeminente no desenvolvimento da psicometria inglesa é *Charles Spearman*. Seu trabalho é ainda mais significativo porque foi realizado no espírito de um pesquisador aristotélico. Não havia nada de errado com o conceito tradicional de faculdades, declarou Spearman. Mas as coisas definitivamente saíram dos trilhos quando os psicólogos cientistas se propuseram a mensurar as

habilidades do homem com base no falso pressuposto de que uma única faculdade pode representar adequadamente todo o resto. Os testes mentais, de acordo com Spearman, não são medidas diretas de habilidade mental. Assim, a resolução de um problema particular de lógica apresentado num teste não constitui um critério da habilidade geral de raciocínio da pessoa testada.

Os únicos fatos que os testes apresentam são estatísticos. A inteligência, por exemplo, não é diretamente observada. O melhor que podemos fazer é mensurá-la indiretamente da mesma maneira como a temperatura física é indiretamente mensurada pela altura de uma coluna de mercúrio. Portanto, Spearman propôs que a habilidade mental fosse expressa em termos estatísticos. Poder-se-ia determinar a qualidade geral da performance de um indivíduo comparando os resultados de diferentes tipos de testes. Essa habilidade geral é conhecida como fator “g”. Ela é derivada de uma hierarquia de correlações e é considerada por Spearman como uma característica distinta da mente, característica esta que determina parcialmente a performance do indivíduo em cada uma das diferentes tarefas.

Por outro lado, os resultados dos testes separados podem diferir amplamente um do outro; e essas diferenças representam variações de qualidade entre as habilidades especiais do indivíduo, que são fatores “s”. Com base nesse tipo de medida, algumas pessoas apresentam um nível geral elevado de performance, outras um nível geral moderado, mas um nível elevado em uma ou mais habilidades especiais. O fator “p” se manifesta como uma forma ampla de inércia mental, tornando difícil ao indivíduo passar rapidamente de um tipo de atividade psicológica a outro. Na dimensão caracterológica, há um fator aparentemente independente, que foi designado como fator “w”. Os que o possuem em alto grau tendem, em regra, a agir antes com base em motivos fundamentados do que por impulso. Em relação às habilidades especiais, os pesquisadores alegam ter descoberto fatores relativamente amplos nos campos da matemática, da linguagem, da música e da mecânica.

## *6. O que é a inteligência?*

Spearman, Terman e uma legião de outras luzes menores trabalharam durante anos no aperfeiçoamento de seus testes mentais. Todos os tipos de aptidões especiais foram buscados, mensurados, discutidos e levados aos psicometristas com

fins de revisão e de restauração. Todas essas aptidões especiais — e cada uma representa algum tipo de perfeição intelectual — foi estudada da maneira mais minuciosa que é possível à ciência. Não obstante, o fator responsável por tamanho cuidado e esforço, a *pièce de résistance*<sup>[7]</sup> da análise psicométrica, permanece desconhecida. Os testadores não tiveram sucesso, até agora, em responder à simples questão: o que é a inteligência? Eles percorreram em sentido ascendente e descendente a escala na tarefa de inserir os seres humanos em grupos; calcularam os QIs de idiotas, gênios, e de todos os grupos intermediários. Não obstante, o que a inteligência é, em si mesma, ninguém parece saber. Ela foi descrita de várias maneiras, como uma habilidade de se adaptar a uma situação ou de julgá-la, ou de se ajustar a alguma circunstância, ou de ser bem-sucedido. Mas estas definições tocam apenas a superfície. De acordo com Terman, a melhor fórmula já proposta até hoje é aquela antiga e tradicional que remonta a Aristóteles, passando pelos escolásticos: a habilidade de realizar pensamento abstrato. Seja como for, a natureza precisa da inteligência ainda não foi trazida à tona por experimentos — nem sequer pelos engenhosos experimentos dos testadores mentais.

### 7. *A psicometria e a doutrina das faculdades*

A orientação do trabalho de pesquisa na psicometria para um reconhecimento implícito da teoria das faculdades é mais bem notada quando examinamos algumas das suas principais conclusões. Em resumo, os testadores modernos estão razoavelmente de acordo nos seguintes pontos: (a) que há diferenças estabelecidas na maneira como o homem opera; (b) que cada diferença representa uma tendência geral a atuar de uma maneira particular; (c) que todas essas tendências gerais são inatas, e devem ser desenvolvidas, pela prática efetiva e pela formação de hábitos, antes de alcançarem sua natureza perfeita; (d) que, em seu movimento progressivo rumo à perfeição, as tendências gerais exibem os efeitos de influências ambientais, do treinamento, e assim por diante; (e) que as tendências gerais variam de uma pessoa para outra.

Ora, o conceito aristotélico e tomista de faculdade não é nada mais que o fator amplo do psicometrista; vale dizer, uma potência de realizar determinadas operações que são agrupadas em conjunto por possuírem alguma conexão óbvia uma com a outra. Se, pois, colocarmos nas conclusões acima o termo “faculdade”

no lugar de “tendência geral”, teremos cinco proposições experimentalmente verificadas em perfeita harmonia com a noção tradicional das habilidades do homem. Pode-se acrescentar, aqui, que Tomás de Aquino preferia utilizar a palavra “potência” em vez de “faculdade” em suas análises das capacidades humanas. Mais ainda, uma vez que as potências do homem são, em sentido estritamente filosóficos, próprias à sua natureza, Tomás de Aquino a elas se refere como “propriedades”. Portanto, da mesma maneira como as potências da matéria são propriedades naturais dos entes não viventes, ou as potências do protoplasma são as propriedades naturais dos entes viventes, assim também as potências do homem são as propriedades naturais da sua alma, e os instrumentos pelos quais ele manifesta sua natureza ao mundo cósmico.

#### *8. A fecundidade da pesquisa psicométrica*

Para obter uma verdadeira ciência experimental da natureza humana é necessário, em primeiro lugar, que suas generalizações sejam verdadeiras induções a partir de evidências experimentais; em segundo, que elas realmente digam respeito à natureza humana em seus aspectos psicológicos; em terceiro, que estejam interligadas por alguns poucos conceitos simples, da mesma maneira como as generalizações da mecânica são unificadas sob noções como espaço, tempo, massa, e assim por diante. Por esses critérios, o trabalho dos psicometristas tem produzido excelentes resultados. É verdade que a mensuração de fatores ou faculdades não acrescentou muito à análise psicológica em si, uma vez que a meta dos testadores tem sido antes a compilação de dados métricos e a aplicação da matemática aos aspectos quantitativos dos atos humanos e das habilidades humanas. Não obstante, as sólidas realizações da psicometria obviamente operam com base no princípio de que o homem possui faculdades diferenciadas na base. Somente na medida em que a ciência das mensurações mentais reconheça a verdade dessa posse poderá ela proceder de maneira fértil à construção de suas fórmulas matemáticas.

---

7. Em francês, no original. Expressão idiomática próxima à nossa “a cereja do bolo” — NT.

## A psicologia behaviorista

### 1. *O espírito de rebelião*

Como outros movimentos semelhantes, a maneira behaviorista de considerar a psicologia não brotou do dia para a noite, mas foi amplamente resultado de fatores antecedentes. Ela teve suas raízes históricas nas descobertas dos reflexologistas russos, nas pesquisas comparativas com animais, e nas investigações dos funcionalistas, sendo que tudo isso participou em maior ou menor medida dos enfoques objetivos para com os dados mentais. Há mais, porém! Havia uma insatisfação positiva com os métodos da análise introspectiva, que, nas mãos de homens como Titchener, haviam definitivamente limitado o escopo da pesquisa em psicologia. Os introspeccionistas, conforme dissemos, estavam mais interessados em performances técnicas do que na experiência como os seres humanos comuns a encaram. As revelações deles eram apenas para os iniciados.

Porventura a psicologia não poderia ser considerada meramente como o estudo do comportamento humano? Este, conforme parecia a muitos pesquisadores, era um conceito amplo o suficiente para abarcar tanto o trabalho dos introspeccionistas quanto o dos pesquisadores objetivos. É certo que não pode haver antagonismo fundamental algum entre o comportamento e a consciência — como se um homem ou um animal tivessem de ser inconscientes para se comportarem. Desafortunadamente, a vivacidade da oposição contra a técnica introspectiva efetivamente resultou no desenvolvimento desse tipo de antagonismo, de maneira que, quando a posição oficial dos behavioristas foi finalmente declarada, em 1912, ela claramente significava a eliminação de toda introspecção e de toda referência à consciência.

### 2. *O pai do behaviorismo*

*John Watson* apresentou o primeiro enunciado bem cristalizado daquilo que os

behavioristas planejavam fazer em psicologia. Ele disse muito francamente que o método da introspecção era um dano contra a pesquisa em psicologia. Um tal método proporcionaria apenas uma explicação descritiva da consciência, mas não forneceria meio algum de verificar o que afirma. Há casos registrados, afirmou Watson, em que diferentes observadores relataram introspecções contraditórias, e nos quais não havia meio objetivo algum de solucionar esses desacordos. Mais ainda, a linguagem da introspecção não seria aquela na qual os fatos científicos são usualmente enunciados. Portanto, não é possível estabelecer relação direta alguma entre os dados da introspecção e os fatos científicos enquanto tais.

Haveria uma única solução para esse dilema: “a eliminação dos estados de consciência como objetos próprios de investigação em si mesmos”. Somente cortando o nó górdio e lançando fora todos os dados subjetivos poderíamos remover a barreira que impede a psicologia de assumir seu lugar legítimo na hierarquia das ciências naturais. Tal era a posição admitida do primeiro behaviorista sistemático; e não demorou muito para que Watson tivesse um amplo grupo de seguidores entusiastas nos Estados Unidos, onde a escola nasceu.

### *3. O modo exterior de considerar o interior*

Quando Watson fez sua declaração de guerra, o estudo do comportamento estava se tornando cada vez mais importante em meio à expansão geral da pesquisa em psicologia. Os experimentalistas que lidavam com animais tinham de depender por completo de um tal método; e ele era a perspectiva básica daqueles que se interessavam pelos problemas das diferenças individuais e das mensurações mentais. Nos primeiros estudos com animais feitos durante a época de Darwin, havia surgido a prática comum de fazer referência aos estados conscientes para explicar os “propósitos” e “sentimentos” da vida animal. Logo, deu-se uma série de litígios entre os pesquisadores. Um grupo acusou o outro de cometer equívocos antropomórficos; vale dizer, de ler significados humanos na vida animal, de contaminar situações objetivas com interpretações subjetivas, de fazer afirmações gerais infundadas que conferiam um falso teor aos programas de pesquisa.

As críticas que visavam os psicólogos que se ocupavam de animais logo haveriam de ser dirigidas contra os estudiosos da natureza humana. Watson, por exemplo, estava insatisfeito com os resultados do funcionalismo como enfoque

psicológico, muito embora ele mesmo tivesse sido formado nessa tradição. Ele pôs em questão o trabalho de William James, e nem sequer poupou seu próprio professor, James Rowland Angell, um dos primeiros colegas de John Dewey. O que Watson em especial reprovava nesses homens era o fato de adotarem um ponto de vista biológico, mas, ainda assim, continuarem utilizando a introspecção. Com efeito, pelos padrões de Watson, estes elementos eram inconciliáveis. A separação entre consciência e comportamento deveria ser absoluta; e a única maneira de assegurar esse objetivo seria limitando as observações do cientista a mensurações instrumentais e cálculos matemáticos do tipo daqueles aplicados nas outras ciências exatas. Os objetivos declarados do behaviorismo, portanto, significavam a entrada de um novo método na psicologia, um método que impediria os pesquisadores de fazer alusões intencionais ou não intencionais à consciência em registros que deveriam ser inteiramente objetivos.

#### *4. O princípio da ação reflexa*

Watson pensou ter encontrado no reflexo a chave para todo o comportamento humano e animal. Não haveria nada que o homem faz que não possa ser explicado como um esquema de reflexos encadeados; isto é, como uma série de respostas neurológicas conectadas. Para explicar o desenvolvimento dessas conexões, Watson inicialmente propôs os fatores quantitativos da “frequência da resposta” e da “recência da resposta” como suficientes para descrever todos os fenômenos integrantes. Posteriormente, contudo, ele ficou convencido de que, nos experimentos por ele realizados acerca do processo de aprendizagem de crianças e animais, os erros podiam ser repetidos com maior frequência do que a resposta correta que solucionava o problema.

Por conseguinte, Watson adotou o princípio do reflexo condicionado. Em virtude desse princípio, os atos corretos do agente se tornariam condicionados à situação estímulo com a qual eles coincidem. Os erros seriam eliminados porque as ações pelas quais eles são corrigidos — por exemplo, recuar diante de um beco sem saída num labirinto — são adaptadas à situação estímulo deles. Assim, quando se chega ao beco sem saída, nas tentativas subsequentes, haverá uma tendência desenvolvida a recuar.

## 5. *O comportamento intelectual*

O processo do pensamento, conforme explicado por Watson, seria meramente “uma forma de atividade corpórea geral”. Enquanto tal, ele poderia ser descrito sem referência aos estados conscientes interiores, ou a imaginações subjetivas de qualquer espécie. Ele ocorreria dentro da dimensão dos movimentos linguísticos, uma vez que a maioria dos problemas humanos seriam solucionados em termos de símbolos verbais. Dado que as convenções sociais impedem o indivíduo de falar sempre em voz alta, a atividade discursiva, na economia do pensamento, teria sido reduzida a um nível subvocal. De um ponto de vista behaviorista, portanto, os reflexos musculares da laringe e do peito são os fatores relevantes no processo de pensamento. Haveria outros movimentos externos acompanhando nossos esforços de vocalização, como o encolhimento dos ombros, o acenar com a cabeça, e possivelmente algumas ligeiras respostas viscerais.

Como resultado de uma análise puramente objetiva, Watson concluiu que poderia ser melhor renunciar ao termo “pensar” e utilizar a frase “comportamento implícito” em lugar dele. O pensamento, em resumo, não deveria mais ser considerado como um dado psicológico. Como o behaviorista o encara, ele poderia ser inteiramente explicado por meio de conceitos fisiológicos. Em linguagem aristotélica, o pensamento seria um produto da faculdade que é “cinética segundo o lugar”, vale dizer, da potência de movimento local.

## 6. *Discípulos de Watson*

Um dos primeiros entusiastas da psicologia de Watson foi *Edwin Holt*, que, em 1915, proclamou o seu fundador “o único grande astro do céu da psicologia”. A história subsequente do movimento behaviorista dificilmente pode ser denominada uma realização do sonho de grandeza de Holt. Às opiniões de Watson, ele acrescentou algo da teoria psicanalítica; e isso pode ter alguma relação com a recepção favorável que o freudismo recebeu nas mãos dos behavioristas. Teremos ocasião de fazer nova referência a Holt numa seção posterior deste capítulo.

*Albert Weiss* também logo de início jurou lealdade à causa behaviorista, com isso envolvendo-se em muitas polêmicas contra as teses tanto dos psicólogos

funcionalistas quanto dos estruturalistas. *Walter Hunter* buscou dar uma explicação behaviorista dos objetos que eram tabus para a consciência, para a sensação, para o pensamento, e assim por diante. *Edward Tolman* interpretou a organização do comportamento como um padrão abrangente e, assim, tentou fazer uma síntese entre o trabalho de Watson e o dos gestaltistas.

*Karl Lashley*, cujas esplêndidas pesquisas no campo da neurologia já foram mencionadas, deixou de lado seus trabalhos experimentais por tempo o suficiente para escrever uma defesa do sistema behaviorista. Dado que muitos desses homens estavam interessados antes de tudo em psicologia animal, era bastante natural que encontrassem seu meio de expressão na linguagem do behaviorismo. Se de algum modo estudavam a natureza humana, era antes por meio de uma análise das reações animais do que abordando o próprio homem.

## 7. *A batalha acerca dos instintos*

Em sua estrutura total, o instinto é algo bastante complicado, cuja descrição completa exige ter em conta múltiplas potências animais. Assim, na vertente cognoscitiva, há a faculdade estimativa, que é seu fundamento. Na vertente orética, há os apetites sensitivos e as respostas emocionais deles. Na vertente comportamental, há a potência locomotora, que se apresenta numa variedade de movimentos externos de acordo com as necessidades do organismo. A alegação de Watson de que os instintos, como todos os outros fenômenos animais, podem ser explicados em termos de atividade reflexa provocou diversos debates acalorados nos círculos acadêmicos. A opinião de Watson foi defendida por homens como *Charles Josey*, *Zing Kuo*, *Jacob Kantor* e *Luther Bernard*, que afirmaram que os instintos na realidade nada devem à consciência ou à experiência, que uma resposta assegurada ao animal pela posse de um equipamento inato é o suficiente para explicar todas as assim chamadas reações instintivas.

Entre os psicólogos que veementemente se opuseram a uma tal interpretação encontramos *William McDougall*, que dedicou grande espaço em seus escritos a uma discussão acerca dos instintos e do caráter finalista que eles possuem na vida animal. Para McDougall, a noção de instinto não pode ser separada da noção de esforço consciente. Seu caráter cognitivo é precisamente aquilo que o separa imediatamente da atividade reflexa. Assim, embora seja inato em tendência, ele

também é uma disposição psicológica que tende a expressar-se de variadas maneiras, de acordo com a experiência passada, as situações presentes e as necessidades futuras.

A posição de McDougall é sólida, uma vez que, obviamente, caso não se admita a consciência, então, desde um ângulo estritamente behaviorista, não pode haver fundamento algum para uma distinção entre reflexo e instinto. Todo o teor da psicologia de McDougall foi uma afronta aos ideais objetivos dos behavioristas. Não que ele negasse a importância de estudar o comportamento observável; mas ele insistiu que nenhum montante de análise dos reflexos jamais poderia substituir a experiência dos introspeccionistas. Para McDougall, a técnica dos behavioristas, baseada no pressuposto de que a consciência é apenas um subproduto da conduta exterior, foi apenas uma evasiva fácil. Para utilizar um exemplo familiar, era como dar voltas ao redor do arbusto em vez de mergulhar diretamente em direção à presa.

#### *8. Os aspectos progressistas do behaviorismo*

Podemos observar aqui que, dentro do âmbito da atividade locomotora, os behavioristas deram algumas contribuições inequívocas à psicologia. O melhor trabalho de Watson foi realizado com crianças pequenas. A partir das suas observações de recém-nascidos, ele apresentou uma explicação extremamente precisa e exaustiva do comportamento infantil. Ele notou uma predominância da atividade difusa nos primeiros meses da vida humana, bem como uma correspondente escassez de respostas coordenadas. Ele utilizou suas descobertas como evidências contra as extensas listas de instintos que haviam sido propostas pelos evolucionistas. Entre os tipos de comportamento coordenado que ele observou, Watson viu sinais de três padrões distintos de atividade emocional: (a) o medo, caracterizado pelo tremor; (b) a raiva, distinguida pela rigidez; e (c) o amor, manifestado pelo arrulho e pelo sorriso. Estas, declarou ele, são as verdadeiras emoções primitivas do homem; e que, a partir delas, como se fossem fontes, todas as manifestações emocionais posteriores derivam de um processo de condicionamento. Como exemplo, Watson apontou o fato de que uma criança não tem um medo inerente de objetos felpudos. Mas se for subitamente assustada por um barulho alto no exato momento em que recebe nas mãos um objeto desse

tipo, a resposta de medo dirigida ao som ficará associada à visão de algo felpudo. Incontáveis pavores e aversões da idade adulta têm sua origem em experiências condicionantes desse tipo.

### 9. *Omissões da técnica watsoniana*

O estudo das crianças será sempre interessante, pois nos revela *múltiplos* aspectos cruciais acerca da história inicial dos seres humanos, e porque proporciona um meio de descobrir algumas das raízes do comportamento complexo da vida adulta. A maior parte da pesquisa de Watson foi feita na Universidade John Hopkins. Clínicas logo foram fundadas em outros centros. Na Universidade de Yale, foi montado, sob a direção de *Arnold Gesell*, um *infantorium* que produziu alguns excelentes resultados. Essa clínica era particularmente bem equipada para a observação do comportamento infantil em condições naturais. Registros completos foram feitos por filmagem. A mesma técnica também foi empregada em outros centros. Então, realizou-se a interessante descoberta de que até mesmo os pais, ao assistirem a expressão emocional de seus filhos na tela, não conseguiam fazer a distinção entre raiva e medo se não soubessem quais estímulos haviam sido utilizados para provocar a emoção. Este fato parecia revelar uma omissão na metodologia de Watson; seja como for, ele foi interpretado como significando que Watson havia lido no comportamento externo das crianças determinados significados que estavam baseados em seu próprio conhecimento da situação de estímulo. Aqui estava uma omissão que ilustrou uma das críticas fundamentais suscitadas contra a posição behaviorista: a saber, a extrema dificuldade de garantir um registro que seja completamente objetivo, mesmo quando o observador fez todos os esforços para ser imparcial.

### 10. *A consciência motorizada*

Até que ponto respostas musculares podem servir para explicar dados particulares da consciência é algo que tem sido discutido por psicólogos durante um longo período de anos. Em 1900, *Hugo Münsterberg* apresentou sua “teoria da ação”, que postulava uma relação entre a consciência e a abertura das vias motoras no sistema nervoso central. Dessa maneira, ele explicou o fato de que uma pessoa pode ficar

agudamente consciente de um leve estímulo, como um assobio, em meio a estímulos intensos, tais como os múltiplos sons de uma orquestra. Em 1916, *Margaret Washburn* apresentou uma explicação um tanto diferente em sua “teoria motora” da consciência. Ela sugeriu que um determinado montante de resistência ou de bloqueio das vias motoras intensifica a consciência. Isto se nota nos estágios iniciais do aprendizado de uma nova tarefa ou na atividade conflitante que acompanha uma explosão emocional.

*Edwin Holt* tentou descrever o processo pelo qual respostas motoras determinam certas características da consciência. Ele baseou suas explicações no princípio do “círculo reflexo”, que afirma que as contrações musculares ocasionais do comportamento pré-natal se tornam condicionadas aos impulsos sensoriais suscitados por tais contrações. Dessa maneira, um impulso sensorial conduz a um impulso motor, que estimula o mesmo músculo a se contrair novamente ou a continuar sua contração anterior. O estágio seguinte ocorre quando uma contração muscular causa um novo tipo de sensação à qual passa a ser condicionada. Por exemplo, o aperto pré-natal espasmódico dos pulsos causa a estimulação das palmas, a qual, por sua vez, causa novos movimentos de fechamento, de maneira a desenvolver-se o notável “reflexo de preensão”. Depois do nascimento, pode haver alguns estímulos razoavelmente constantes no ambiente ao qual o movimento muscular é condicionado. Portanto, se uma palavra for repetida enquanto a criança estiver balbuciando determinados sons, haverá uma nova vocalização; e chegará um momento em que a criança pronunciará a palavra sempre que ela for proferida por outra pessoa. Este seria o começo da linguagem, de acordo com Holt.

### *11. A psicologia da resposta*

A noção de que a consciência está ligada a diferentes tipos de atividade muscular se desenvolveu, historicamente, até se tornar uma abordagem sistemática para analisar os fenômenos mentais. Ela é agora descrita como psicologia da resposta. Como o enfoque behaviorista, o interesse formal aqui reside nos aspectos motores da vida humana e animal. A consciência é admitida como fator psicológico, mas há aqui a clara insinuação de que sua existência depende da realização efetiva de ações externas. Este é o ponto de vista de homens como *Knight Dunlap* e *Herbert*

*Langfeld.*

Mas talvez a exposição mais sistemática da psicologia da resposta se encontre no trabalho de *Robert Woodworth*, que colaborou com *Edward Thorndike* em suas pesquisas em Columbia. Pelo menos em teoria, a meta tem sido empregar métodos tanto subjetivos como objetivos para obter fatos psicológicos, conquanto a predominância de técnicas behavioristas seja bastante óbvia, especialmente no caso de Thorndike. Como uma expedição rumo às profundezas da mente, a psicologia da resposta se propôs a explicar as mudanças que ocorrem no sistema nervoso central quando “conexões funcionais” são feitas entre estímulo e resposta, ou entre situações físicas e comportamento final. Nas palavras de Woodworth, a psicologia da resposta se interessa por “causa e efeito”, ou pelo que pode ser chamado a “dinâmica” do comportamento.

Em 1901, Woodworth e Thorndike testaram os benefícios que o treinamento em uma capacidade mental produziria em outra capacidade mental. Eles descobriram que a prática numa tarefa especial de leitura, como anotar toda palavra que contivesse as duas letras “e” e “s”, acelerava posteriormente a taxa de aprimoramento na revisão de provas. Esse fenômeno foi designado como “transferência de treinamento”, e foi explicado como resultado da atividade de elos neurais comuns às duas funções mentais. Isso implicaria a existência de elementos idênticos nas duas funções, que se auxiliam mutuamente. Curiosamente, quanto mais Thorndike e Woodworth investigavam o tema, menos valor de transferência encontravam, até mesmo nas melhores matérias. Eis um resumo das descobertas deles: a expectativa de qualquer aprimoramento amplo devido a um estudo de preferência a outro parece condenada à frustração. Mais ainda, a principal razão por que bons pensadores tiram maior proveito de matérias culturais especiais, como grego e latim, é precisamente porque são bons pensadores, mais bem dotados por natureza, e, portanto, destinados a obter maiores ganhos de uma matéria do que dela obteria um mau pensador. Para o treinamento geral da mente, os experimentos mostram que a matemática está em primeiro lugar em importância, seguida de perto pelas ciências em geral; depois, o latim e o francês, que possuem aproximadamente o mesmo mérito; depois vêm a economia e a estenografia; e, por fim, o treino manual e a arte dramática.

## *12. O fracasso do behaviorismo como sistema de psicologia*

A maior parte da pesquisa que tem sido feita em nome do behaviorismo acadêmico — e o mesmo vale em grande medida para a psicologia da resposta — pode ser reduzida seja à pura fisiologia seja à psicologia animal. Em princípio, ele representa uma reação contra o introspeccionismo. Como interpretação sistemática, ele não vê diferença alguma, exceto em grau, entre o homem e o animal. Todos os seus principais conceitos podem ser reduzidos a termos de reflexos e vínculos estímulo-resposta. Essas são as fórmulas pelas quais ele explica todo o comportamento, tanto humano quanto infra-humano. A verdade é que ele, de fato, não se ocupa com dados psicológicos enquanto tais, mas com coordenações sensório-motoras; ou, se discute tais dados, como no caso das respostas emocionais, ele está mais interessado na resposta do que na emoção.

O behaviorismo, de um ponto de vista histórico, começou como um movimento de reforma na direção certa: a saber, para controlar o emprego excessivo ou desequilibrado das técnicas introspectivas. Mas ele logo mostrou que poderia ser ele mesmo igualmente excessivo ao negar todo e qualquer valor para os procedimentos introspectivos. Ele estimulou vários tipos novos de trabalho experimental, especialmente no nível fisiológico e no âmbito do comportamento animal. Não obstante, ele não alcançou o que se propôs a obter: o estabelecimento da psicologia como ciência por direito próprio. No que diz respeito a esse ponto, ele não é melhor que a maior parte das suas escolas irmãs no campo da psicologia científica.

## A psicologia da Gestalt

### 1. *O retorno do pêndulo*

Embora haja muito em comum entre as abordagens do behaviorista e do gestaltista, há também uma diferença básica. Apesar das alegações daquele, permanece sendo verdade que a maneira fundamental de alcançar os conteúdos da consciência — e, portanto, os dados da análise psicológica — é por via da introspecção. O gestaltista se opõe, por um lado, aos métodos excessivamente refinados dos subjetivistas titchenerianos na psicologia. Por outro lado, ele não está disposto a se comprometer com as exigências ultracientíficas do objetivista watsoniano. Para ele, a consciência possui um valor oriundo do fato de que ela fornece, pelo menos em parte, o sujeito da pesquisa em psicologia, assim como a introspecção possui um valor devido ao fato de fornecer uma ferramenta natural para a investigação dessa matéria.

O behaviorismo e o gestaltismo são afins, contudo, em suas perspectivas psicofísicas. A neurologia que configura o plano básico da maior parte da interpretação behaviorista também pode ser tida como ponto de partida para a teoria gestaltista. Podemos dizer que o behaviorista alcançou um conhecimento bem desenvolvido dos fenômenos sensório-motores. O gestaltista, de maneira semelhante, promoveu avanços em nossos *insights* sobre o significado da percepção e esclareceu o tipo de solução de problemas que pode ser efetuado pelos sentidos. Ambos também possuem um interesse comum pelos fatos da psicologia comparativa.

### 2. *Antecedentes históricos*

A psicologia gestaltista dos dias atuais tem sua contrapartida em investigações anteriores acerca dos dados perceptuais. Quicá a abordagem mais próxima da perspectiva moderna da Gestalt se encontre no trabalho da Escola Austríaca. A

maior parte dos homens pertencentes a esse grupo eram associados, de um modo ou de outro, a Franz Brentano. Havia Christian Ehrenfels, por exemplo, cuja teoria das qualidades de forma já foi discutida num capítulo anterior. Essa teoria foi um desenvolvimento das pesquisas de Ernst Mach sobre as sensações de formas espaciais e temporais. Em seguida veio o trabalho de *Alexius Meinong*, que elaborou de maneira mais precisa o conceito de qualidades de forma. Meinong também teve o mérito de ser o primeiro a fundar um laboratório de psicologia na Áustria, em 1894. Seu discípulo *Vittorio Benussi* continuou os trabalhos do seu mestre e se tornou o mais vigoroso e original experimentador que a Áustria conheceu.

Não é muito exato dizer, contudo, que a psicologia contemporânea da Gestalt é descendente direta a Escola das Qualidades de Forma. Como esta última, ela se opunha ao tipo de química mental que Wundt e Titchener defendiam. Ela igualmente possuía o mesmo interesse básico pelos dados do campo perceptual. Mas o pai e fundador do sistema da Gestalt, conforme o conhecemos hoje, não estudou com nenhum dos homens que acabamos de mencionar. *Max Wertheimer* recebeu sua formação inicial inicialmente de Carl Stumpf, em Berlin, e depois de Oswald Külpe, em Würzburg. Em 1910, ele deu início aos seus famosos estudos sobre a visão do movimento, dos quais Wolfgang Koehler e Kurt Koffka, também discípulos de Stumpf, participaram como observadores. Os experimentos de Wertheimer, realizados em Frankfurt, realmente deram início ao movimento que hoje conhecemos como gestaltismo.

### 3. O fenômeno Phi

Em 1912, Wertheimer demonstrou que quando duas linhas paralelas são apresentadas de maneira alternada num intervalo de um quinze avos de segundo, parece haver um movimento entre as linhas, muito embora nenhum objeto visível esteja se movendo — uma vez que cada linha é realmente vista como uma figura “em repouso”. Ademais, do ponto de vista do observador, nunca há consciência alguma das linhas-estímulo como unidades discretas ou separadas, mas apenas uma consciência das relações espaciais e temporais entre elas quanto ao próprio movimento. Essa experiência única foi chamada “fenômeno Phi”. Wertheimer negou que ela fosse devida a movimentos do olho, uma vez que a impressão de

movimentos simultâneos em direções opostas pode ser suscitada por dois pares de estímulos. Ele sugeriu que a experiência era resultado de um processo fisiológico: a saber, o deslocamento entre dois campos separados de excitação neural no córtex cerebral.

Psicologicamente, o movimento é percebido não como um conjunto variado de sensações, como o considerariam os atomistas, mas meramente como uma experiência. Esta seria, em resumo, um fenômeno: algo que deveria ser considerado como um todo, um padrão ou uma configuração, uma Gestalt. Acima de tudo, não seria um feixe de unidades de sensação, dado que o todo percebido é realmente maior do que a soma das suas partes. Considerá-lo como composto de unidades de sensação não nos levaria a parte alguma senão de volta à perspectiva elementar e retrógrada dos psicólogos antigos.

#### *4. Desenvolvimentos ulteriores*

Como toda interpretação nova, a explicação de Wertheimer era inicialmente um tanto simples e ingênua. *Kurt Koffka* buscou realizar uma síntese mais completa dos fatores psicológicos envolvidos na experiência da Gestalt. Ele era da opinião de que as propriedades da consciência são criadas a partir de relações que surgem entre acontecimentos fisiológicos na medida em que eles ocorrem no sistema nervoso. As propriedades assim desenvolvidas seriam unitárias e indivisíveis, não meramente a somatória total das propriedades de seus casos individuais. Elas seriam “formas” no sentido psicológico do termo. Dado que o acento, na teoria da Gestalt, recai tão amplamente sobre as interconexões entre padrões físicos, neurais e mentais de atividade, os gestaltistas têm sido chamados “relativistas” em psicologia. Quanto ao enfoque, eles fundamentalmente se opõem aos conteúdos atômicos dos wundtianos, por um lado; e aos reflexos isolados dos behavioristas, pelo outro. Eles tampouco nutrem grande simpatia pelos vínculos estímulo-resposta. No lugar dos princípios elementares da experiência mental, eles colocaram a noção de todos unitários.

Koffka apresentou muitos exemplos para mostrar que não há correspondência exata entre os estímulos físicos e os dados resultantes da consciência psicológica. O que experienciamos, afirmava ele, é apenas uma consciência da mudança entre estímulos. Essa consciência ocorre de maneira análoga ao desvio de uma carga

elétrica entre dois campos quando a diferença potencial entre eles se torna suficientemente grande. Mesmo que o desvio comece num único ponto, ele afeta todo o potencial de cada campo. O aspecto significativo da descoberta de Wertheimer foi que ela mostrou como uma experiência surge a partir da relação desenvolvida entre dois estímulos, a despeito do fato de não corresponder a nenhum deles.

Koffka afirmou ainda que as primeiras experiências da infância são de caráter “configurativo”, porque as primeiras respostas perceptuais são dadas a situações complexas, por exemplo, a diferenciação entre um rosto amigável e um não amigável. A criança é consciente de tais situações muito antes de ser capaz de fazer uma diferenciação correta entre cores. Esse fato, de acordo com Koffka, significa que temos de descartar a teoria de que a aurora da consciência no início da vida consiste numa sucessão de sensações separadas. Configurações ocorreriam no âmbito do comportamento ocupacional tanto quanto na esfera perceptual. Assim, pode-se mostrar que, para tarefas não completadas, pode haver uma memória até 90% maior do que para trabalhos completados. No caso das tarefas não completadas, parece haver uma necessidade de preenchimento cuja presença é semelhante à tendência perceptual em direção ao “fechamento” quando se apresentam as linhas incompletas de uma figura.

*Wolfgang Koehler* dividiu com Koffka o fardo da liderança a fim de avançar a causa do gestaltismo. Ele apresentou diversas ilustrações do princípio da configuração a partir do comportamento dos primatas superiores. Em um experimento, ele introduziu uma cana oca de bambu na jaula de um chimpanzé. Fora da jaula havia uma vara menor, ao alcance do animal; e, mais longe, uma banana. O animal inicialmente tentou recolher a fruta utilizando a vara mais longa ou a mais curta. Posteriormente, enquanto brincava com ambas as varas, ele acidentalmente enfiou a ponta da vara menor na ponta oca da maior. Ele assim produziu uma vara articulada mais longa do que as peças tomadas separadamente. Ele imediatamente foi até as grades da jaula e puxou a banana para dentro. De acordo com Koehler, a prontidão com a qual a ação foi praticada indicava a emergência de uma nova relação entre a predisposição fisiológica do animal, por um lado, e os fatores espaciais objetivos do comprimento das varas articuladas e da distância da banana, pelo outro. Do ponto de vista psicológico, essa nova relação passou a ser conhecida, na linguagem da Gestalt, como um *insight*. Devemos notar

de imediato que o termo não deve ser confundido com a verdadeira solução intelectual de um problema, que é o que tradicionalmente chamamos de *insight*. A diferença aqui é entre a apreensão de relações concretas, tais como o animal no experimento de Koehler podia alcançar, e a apreensão de relações abstratas, que é uma função exclusiva da faculdade da razão.

Com seu novo conceito de “*insight*”, os gestaltistas começaram a desafiar o “princípio da tentativa e erro com graduais incrementos de aprimoramento” que Thorndike utilizava para explicar o processo de aprendizado. Em vez de uma simples resposta a um estímulo definido, o aprendizado passou a ser uma questão de *insight*; vale dizer, de formação das configurações que proporcionarão o conhecimento com o qual um dado problema poderá ser solucionado. O enfoque configuracional ou abrangente na técnica de aprendizagem tem tido alguma influência sobre a educação moderna, na medida em que desenvolveu uma preferência pelo estudo das matérias antes por todos do que por partes. O problema do enfoque da psicologia da resposta, pelo menos no que diz respeito ao gestaltista, é que ele se assemelha muito ao antigo modo associacionista de lidar com os enigmas da psicologia.

### 5. *Um voto de desconfiança*

O percurso da Escola da Gestalt nem sempre foi sem turbulências. Quiçá a voz mais enfática a se levantar contra as suas teses tenha sido a de *Eugenio Rignano*, que pôs em questão tanto a unicidade quanto o valor de *insight* da experiência abrangente conforme interpretada pelos gestaltistas. Suas controvérsias com Koehler chegaram a tal ponto que ficou decidido que o litígio seria submetido a uma corte de apelação externa. Charles Spearman foi o homem escolhido para atuar como juiz; e seu veredito se deu na forma de um livro bastante difundido acerca da natureza da inteligência humana. A mente do homem, disse Spearman, é essencialmente uma faculdade criativa. Ela opera de acordo com um padrão definido, que pode ser exprimido qualitativamente, em primeiro lugar, como uma apreensão da experiência; em segundo, como uma indução de relações em que estão implicadas ideias; em terceiro, como uma dedução de correlatos, na qual novas ideias vêm à tona a partir de outras já existentes. Dessa maneira, o caráter unitário que o gestaltista encontra em sua experiência dos todos há de ser

explicado pela ênfase que ele confere às relações apreendidas.

## 6. *Avaliação*

A Escola da Gestalt tem o mérito de ter prestado um grande serviço, a saber, ter redirecionado a pesquisa em psicologia para uma análise da consciência. Ademais, ela clarificou a atmosfera da investigação das percepções insistindo numa interpretação abrangente dos dados perceptuais. Ela constitui, portanto, um avanço em relação às explicações psicofísicas da sensação de que haviam sido elaboradas pelos seguidores de Wundt e de Titchener. Mas, como no caso de tantos outros movimentos, ela levou sua teoria da configuração a tal ponto que esta corre o risco de perder grande parte do seu valor e do seu significado. Assim, ela tentou incluir todo o comportamento humano e animal na perspectiva dos padrões de sentido. O homem e o animal como um todo seriam, de fato, configurações viventes da mesma natureza essencial, a qual é inútil fragmentar em aspectos parciais para fins de análise. E assim os gestaltistas chegaram a uma posição tão insustentável quanto a dos behavioristas. Assim como estes últimos, ele apagou a linha de demarcação entre os modos de ser sensitivo e intelectual.

Da mesma maneira como os behavioristas empregaram as noções de reflexo condicionado para explicar as operações humanas e animais sem distinção, os gestaltistas aplicaram sua teoria da padronização e do *insight* à percepção e ao aprendizado tanto humanos como animais. Começando como uma tentativa de explicar nossa experiência do movimento, ela terminou declarando que não há nada na natureza que não possa ser explicado como uma configuração. Em vez de proceder a partir de maneira ascendente desde o nível perceptual até uma verdadeira explicação dos fenômenos intelectuais da ideação e do juízo, ela buscou trazer essas realizações especificamente humanas para baixo, até um nível puramente fisiológico ou físico de explicação. Ela introduziu muitas novas vias de pesquisa experimental; mas certamente não podemos dizer que ela fez o que todos os pesquisadores modernos, desde a época de Wundt em diante, buscaram fazer: a saber, estabelecer a psicologia como uma ciência universalmente reconhecida pelos partidários de todas as linhas de investigação.

## A psicologia psicanalítica

### *1. Os enfoques empíricos em psicologia*

A maior parte da pesquisa até aqui mencionada no nosso estudo da psicologia moderna foi associada a algum tipo de interpretação sistemática. Do laboratório de Wundt, surgiu a escola da psicologia do conteúdo; da oficina de Titchener, veio à luz o estruturalismo; das pesquisas de Watson, o ponto de vista behaviorista ganhou fôlego; do interesse de Wertheimer na visão do movimento, nasceu a maneira gestaltista de interpretar. Podemos fazer duas observações nesse contexto: primeira, o trabalho das diversas escolas tem sido feito, em sua maior parte, de uma maneira estritamente experimental, pelo menos até onde é possível aplicar técnicas científicas a dados psicológicos; segunda, os fatos trazidos à tona como resultado dessa experimentação possuem um valor independente do significado acadêmico particular que lhes foi conferido.

Chegamos agora a uma outra maneira de considerar as questões psicológicas que — embora não seja experimental em seu método — é ainda assim empírica, no melhor sentido do termo. Com efeito, a psicologia psicanalítica definitivamente não é um tipo de ciência própria de laboratório. Talvez a melhor maneira de a descrever seria chamá-la de perspectiva “clínica”. É o divã, e não a mesa, que nos fornece uma imagem mais autêntica do seu cenário; e testes de associação mental e diagnósticos médicos — em vez de artefatos de laboratório — representam o tipo de instrumentos por ela empregados. Isto, em certo sentido, é sua força e sua fraqueza: sua força, porque ela necessariamente tem de depender de um enfoque mais psicossomático da natureza humana, um enfoque que tem obtido sucesso pela razão de se orientar ao homem na sua composição total; sua fraqueza, porque não pode recorrer às elaboradas técnicas instrumentais que os pesquisadores podem empregar em seus laboratórios para analisar determinados aspectos da natureza humana.

## 2. *A gênese da psicologia freudiana*

Para compreender a Escola Psicanalítica em seu contexto histórico próprio, temos de nos voltar, por um momento, ao trabalho dos psicopatologistas franceses. Já mencionamos as divergências que surgiram entre Charcot, em Paris, e Bernheim, em Nancy. Para aquele, conforme recordamos, a hipnose não era nada menos do que um estado completamente patológico do organismo. Para este último, a hipnose poderia ser uma condição perfeitamente normal, produzida através do poder da sugestão. Charcot era um homem de personalidade impactante e um mestre inspirador. Sua fama se difundiu para outros países, e um dos estudantes atraídos à sua clínica parisiense foi o médico *Sigmund Freud*, que havia completado sua formação médica em Viena.

Freud ficou particularmente impressionado com o uso que Charcot fazia da hipnose como método para tratar a histeria. Ele também havia de se recordar de uma observação feita por Charcot, segundo a qual, na maior parte dos casos de psiconeurose, seria possível descobrir algo de errado na vida sexual do paciente. Freud estava na França em 1885. No ano seguinte, ele retornou a Viena e começou a atender neuróticos. Ao mesmo tempo, ele deu início a uma ativa colaboração com *Josef Breuer*, que, mais do que qualquer outro homem, foi responsável pela brilhante carreira de Freud na psicologia médica. Em 1895, com o auxílio de Breuer, ele publicou suas descobertas acerca dos fenômenos histéricos. Aqui ele parecia favorecer antes a interpretação de tais estados feita por Bernheim do que a da Escola de Paris. Seja como for, ele agora adotava em definitivo a opinião de que manifestações mentais anormais podem ter início no nível das ideias; vale dizer, que elas podem ter origem puramente psicogênica.

## 3. *A função dos símbolos*

Muitas ideias, dizia Freud, são expressão de pulsões emocionais. Condições anormais se desenvolvem quando há repressão das ideias através das quais impulsos afetivos são ordinariamente expressados. Não se trata simplesmente do desaparecimento das pulsões sob a pressão da repressão psicológica. Ao contrário, se não conseguirem encontrar um ponto de saída em uma direção, elas tenderão a escapar por outra via. O resultado seria a criação de um conflito mental que

persistiria até que os sentimentos submersos ganhassem expressão através de algum outro tipo de ideias. Aqui entram em jogo as já familiares leis da associação. Assim, pela análise, descobrir-se-á que é por algum tipo de semelhança, contraste ou contiguidade que as pulsões reprimidas serão capazes de conquistar sua liberdade. Dessa maneira, todo um mundo de símbolos foi elaborado por Freud para mostrar como impulsos instintivos que não podem ser admitidos na companhia dos nossos desejos conscientes são expressos através de sonhos, atos-falhos, piadas, ansiedades, ódios de estimação, e assim por diante.

#### *4. Um caso paradigmático*

Toda essa complicada teoria do simbolismo ficou cristalizada na mente de Freud como resultado de uma análise clínica, feita por Breuer, de uma das suas pacientes mulheres. Anna O. era vítima de histeria. Ela caía em letargias frequentes durante as quais balbuciava frases desconexas. Sob a hipnose, ela repetia essas frases na ordem devida. A partir da história coerente que ela assim contou, Breuer descobriu que ela estava remoendo a doença e a morte de seu pai, a quem ela havia sido profundamente apegada. Ela também apresentou diversos sintomas de histeria, tais como visão dupla, a sensação de que as paredes de seu quarto estavam se fechando sobre ela, a incapacidade imaginada de utilizar um dos braços, e uma aversão irracional a objetos comuns, como copos. Durante os períodos em que ela voltava à normalidade, Breuer discutiu esses sintomas com ela; e logo ficou claro que a memória dos sofrimentos e da morte do pai havia se tornado insuportável para a garota, tendo sido, portanto, reprimida. Essa tristeza intensa, originalmente associada com o fim trágico do pai, buscou uma válvula de escape em ideias que eram simbolicamente conectadas com seus sentimentos reprimidos. Porque o manuseio de copos era uma recordação da doença de seu pai, todos os copos, e até mesmo o uso da mão que os havia manuseado, se tornaram símbolos da sua tristeza. Uma vez revelada a chave da dificuldade, a paciente foi então convidada a exprimir suas experiências.

Por esse processo de “catarse mental”, Anna O. percebeu que seu comportamento histérico era uma expressão indireta de suas memórias reprimidas. Sua “libertação emocional” se manifestou numa discussão normal da morte de seu pai, que então lhe proporcionou uma saída para todas as emoções reprimidas que

lhe haviam causado suas inusitadas tensões psicológicas. Breuer discutiu suas descobertas com Freud. Este último ficou fascinado e desejou que seu amigo publicasse o caso todo. Aparentemente, houve dificuldades. Ao fim e ao cabo, Freud se apoderou do relato das experiências de Anna e publicou-o em seu próprio nome e no de Breuer. Na medida em que sua prática se ampliou, ele conseguiu aprimorar o método catártico de Breuer e prosseguiu até fornecer ao mundo médico uma nova técnica de cura mental. É preciso mencionar que Breuer e Freud não foram os únicos médicos a empregar o coma hipnótico para propósitos de terapia mental. Pierre Janet, nessa época, também estava publicando alguns estudos nos quais demonstrava que a hipnose podia ser utilizada como dispositivo para explorar a memória do paciente e descobrir a origem de sintomas histéricos.

### 5. *A onipotência do sexo*

Na medida em que as pesquisas de Freud continuavam, ele ficou cada vez mais convencido da veracidade da máxima de Charcot segundo a qual os transtornos neuróticos de algum modo giravam em torno de reações sexuais anormais. Mas Freud foi ainda mais longe. Ele agora declarava que o sexo é a mais fundamental força motriz da vida humana, tanto da vida normal como da anormal. Contudo, na teoria freudiana, o conceito de sexo não se limita a funções reprodutivas. Ele também abarca todas as energias instintivas que estão por trás da preservação do ego individual. Na linguagem psicanalítica, ele é conhecido como *libido*. Coligados contra a expressão externa das tendências sexuais assim compreendidas, encontramos todos os costumes repressivos e inibitórios da sociedade civilizada. Através de um desenvolvimento adequado, evitando apegos excessivos aos membros da própria família, o indivíduo pode alcançar um compromisso bem-sucedido entre a expressão da pulsão sexual e o programa ordinário da vida civilizada. Qualquer desvio de um impulso para um canal de atividade que seja socialmente aceitável é conhecido como *sublimação*. Um tal procedimento é calculado para eliminar os conflitos que poderiam surgir entre meios e fim no ajuste das tendências emocionais.

Na medida em que seu sistema assumia uma perspectiva mais ampla, Freud fez incursões no campo da psicologia social, as quais tiveram como resultado uma

certa revisão das suas primeiras opiniões acerca do sexo. O conceito de libido foi ampliado para incluir as pulsões comunitárias sobre as quais a sociedade é fundada, bem como os instintos mais fundamentais e íntimos que contribuem para a autopreservação. Podemos aqui registrar mais um ponto. Quarenta anos depois de seus primeiros esforços de exploração para solucionar o enigma do inconsciente, Freud incluiu um outro item no esquema das pulsões instintivas do homem. O principal ponto de análise, durante todo esse tempo, foi o amor ou eros, e suas vicissitudes sob a pressão dos apelos da libido. A nova força agora acrescentada foi chamada “pulsão de morte”. Ela foi retratada como uma força agressiva, em conflito com as aspirações últimas do amor. A meta do amor é a união; a meta da morte é a separação. Para se adaptar adequadamente à vida, o homem deve combinar as forças das suas pulsões de amor e de morte. Esta seria a única situação em que ele poderia evitar a dor e assegurar alguma medida de felicidade terrena.

#### *6. O sentinela que nunca dorme*

Embora a repressão seja o resultado final de fatores sociais que determinam o curso de ação que devemos seguir, sua obra é efetivamente rematada pela presença de uma atitude geral em nosso interior que Freud denominou o “censor”. A pulsão sexual fundamental, descrita há pouco como uma combinação dos instintos de autopreservação e de preservação da espécie, estaria intimamente conectada com o censor. A fim de apresentar uma descrição mais completa dessa relação, Freud julgou necessário traçar diversas divisões entre os “níveis da mente”. Nas mais recônditas profundezas desta última, estaria o *id* — correspondente ao “subconsciente” da psicologia de Herbart — composto de um setor “pré-consciente” e de outro “inconsciente”. Em seguida, haveria o “ego”, que seria o nível da consciência racional. É nesse plano que ocorrem os conflitos, pois é aqui que testemunhamos a contínua batalha em andamento entre paixão e razão. Por fim, haveria o “superego”. Este nível, na teoria de Freud, não representa a consciência; não obstante, ele admite uma certa analogia com o conceito de moralidade. As regras que ele formula para a conduta individual são baseadas, não em normas objetivas que apontam o certo e o errado, mas, em considerações de utilidade, tais como os costumes, os hábitos e as convenções sociais que devemos observar para levar uma vida bem-sucedida.

Entre as categorias há pouco enumeradas, as diferenças mais importantes e mais abrangentes se dariam entre o *id* e o *ego*. A parte pré-consciente do *id* conteria memórias que poderiam ser revividas, tais como nomes, canções e experiências ordinárias que não possuem nenhum significado particular emocional conflitante para o indivíduo. O pré-consciente também seria a residência do censor cujo olho onividente estaria estrategicamente situado de maneira a poder olhar para cima, para o nível consciente, e para baixo, para a mente inconsciente. Quando os conteúdos inconscientes tentam abrir caminho até à superfície, eles encontram o censor, cuja severa tarefa consiste em lançá-los de volta à sua obscura e desagradável prisão. Haveria apenas uma artimanha que lhes possibilitaria “escapar” ao censor: a saber, revestir-se de formas simbólicas, de maneira que seu guardião vigilante não os reconheça. Por causa dessa capacidade de conferir expressão simbólica a pulsões inconscientes, seria inteiramente possível uma pessoa não ter consciência da verdadeira causa das suas dificuldades no nível consciente racional.

Assim como a teoria da libido, a noção freudiana de inconsciente também passou por certas mudanças e ampliações. Agora ela incluía o *id*, uma boa porção do *superego*, e determinadas áreas marginais do *ego*. Mas permanece verdadeiro que o *id*, nas intenções últimas de Freud, foi concebido para explicar a somatória total das disposições pulsionais do homem. Nesse sentido, ele se opõe às atividades da razão. Assim como o *id* está sempre alerta para fazer que o *ego* cumpra as suas ordens, assim também ele se empenha para submeter a si o instrumento do *ego*, a saber, a razão. Essa doutrina, evidentemente, não é nada nova. Os antigos sabiam que as paixões obscurecem a faculdade intelectual e tornam os juízos morais extremamente difíceis.

## 7. *A técnica psicanalítica*

Freud havia empregado o método hipnótico para explorar o inconsciente; mas ele passou a desconfiar da sua credibilidade, uma vez que tal método dependia, pelo menos em certa medida, das sugestões do hipnotista. Seria melhor deixar o paciente falar por si mesmo. Assim, ele desenvolveu uma nova abordagem, a qual denominou “psicanálise”. A livre associação seria a chave para as câmaras secretas do inconsciente. Agora Freud permitiria que o paciente falasse qualquer coisa, e

que o fizesse por quanto tempo fosse do seu agrado — contanto que ele se limitasse ao tema das suas dificuldades pessoais. Durante os longos períodos em que o paciente podia explicar-se a si mesmo, Freud permanecia alerta para detectar os tópicos aos quais o paciente se referia com muita frequência, mas que evitava logo que eram mencionados pelo analista.

Uma das fontes mais férteis de informações eram os sonhos. O paciente era encorajado a relatar todo e qualquer detalhe, por mais insignificante que fosse, que pudesse ser recordado de seus sonhos. Aqui havia uma verdadeira enxurrada de dados que apresentavam uma pista imediata para a natureza das repressões do paciente. Freud investiu uma boa dose de cuidado e energia para analisar o conteúdo dos sonhos. Ele apontou para o caráter grotesco, ou para a falta de significado deles como um dos pontos mais significativos na vida dos sonhos. Isto, declarou ele, é meramente uma maneira de acobertar desejos que, na vida consciente, seriam desagradáveis, dolorosos, ou próprios para fazer que nos sintamos envergonhados de nós mesmos. No entanto, ao nos recusarmos a falar sobre esses desejos ou ao reprimi-los deliberadamente, não eliminamos o anseio. Ele persiste ao longo das horas de inconsciência e forma o conteúdo latente dos nossos sonhos — em contraste com o conteúdo manifesto deles, que é a coisa bizarra e óbvia que recordamos. Durante o sono, a proibição é suspensa, e uma satisfação substituta é alcançada.

Ademais — e esta é a parte tipicamente freudiana da interpretação —, toda repressão representa um desejo sexual impedido; e, assim, a distorção do sonho é um símbolo do impulso sexual. A despeito do fato de o termo “sexo” ou “libido” ser utilizado por Freud com o sentido amplo de amor sensitivo de qualquer espécie, sua teoria tem sido severamente criticada neste ponto por outros psicólogos. A maior parte dos estudiosos da mente sustenta a opinião de que qualquer espécie de desejo desagradável, seja ele de natureza imediatamente sexual ou não, pode ser reprimido. No entanto, eles geralmente concordam em afirmar que desejos insatisfeitos podem motivar a maior parte dos nossos sonhos, e quiçá realmente os motivem; e, ademais, que a natureza deformada das imagens dos sonhos pode ser devida à intensidade das nossas repressões.

## 8. *Dissidentes*

Em 1903, Freud fundou a Sociedade Psicanalítica de Viena. A partir desse centro, discípulos e profissionais se difundiram para todas as partes do mundo. Um dos mais brilhantes discípulos de Freud foi Carl Jung, que entrou em conflito com seu mestre acerca de determinados pontos críticos de sua teoria. Ele rejeitou a ênfase excessiva de Freud sobre o sexo ou pulsão libidinal, reduzindo-a ao nível de outras pulsões comuns da vida, tais como o medo, a vergonha e assim por diante, sendo que cada uma delas é capaz de produzir conflitos mentais. A libido agora se tornou a somatória total de todas as nossas energias psíquicas. Jung ficou particularmente famoso por seu uso intensivo dos testes de associação-reação que haviam sido concebidos por James Cattell e Emil Kraepelin. Ele selecionou palavras-estímulo para abarcar as diferentes fases da experiência humana. Quando um paciente exibia uma timidez indevida ou hesitação em suas respostas, a palavra estímulo era interpretada como possuidora de um sentido especial para o conflito com o qual ele sofria. Dessa maneira, pistas para repressões ocultas podiam ser trazidas à tona.

Jung também se distinguiu por seu trabalho pioneiro no campo da psicologia dos tipos. Ele classificou as pessoas em duas categorias. Em um grupo, encontramos os “introvertidos”, que avaliam constantemente as coisas em termos de seus próprios pensamentos e sentimentos privados; no outro, há os “extrovertidos”, cujos pensamentos e reações sempre refletem a força de influências externas. Os psicólogos de hoje em dia geralmente concordam em dizer que a lista de Jung é antes uma figura de extremos que de meios; que o indivíduo médio é um “ambivertido”, que combina em si elementos tanto da categoria dos extrovertidos quanto dos introvertidos.

Jung também entrou em rota de colisão com seu mestre acerca das implicações religiosas da teoria freudiana. Ele se recusou a aceitar a ideia de que a religião se opõe às forças individualistas da natureza impondo um fardo insuportável sobre as exigências do sexo. Além disso, ele insistiu que nenhum tratamento que alcance a alma pode ser completo se falhar em remontar aos níveis primitivos da mente humana. Ao estudar os sonhos de seus pacientes, ele descobriu o que chamou de inconsciente “coletivo”, oposto ao inconsciente individual. Ele psicanalisou os antigos mitos da humanidade e derrubou numerosas superstições. Embora haja muitas coisas em seu sistema não recomendáveis para um psicólogo tradicional, seu enfoque geral foi saudável. Seja como for, ele serviu como um antídoto para o

conceito excessivamente animal de natureza humana que encontramos nos escritos de Freud.

Outro discípulo brilhante de Freud foi *Alfred Adler*, que, como Jung, acabou tendo divergências de base com seu mestre. Adler declarou que o sentimento de inadequação, e não a pulsão libidinal, é a principal força motriz na conduta humana e na moldagem do caráter humano. Esse sentimento de inadequação surgiria de duas fontes: a primeira seria a imaturidade orgânica; a segunda, a falta de desenvolvimento mental. A criança ficaria oprimida diante de sua própria pequenez num mundo que é maior e mais forte que ela. No entanto, por uma lei de compensação, a própria presença de tal sentimento de inadequação de fato opera no sentido de provocar um aumento da autoafirmação da criança. A vontade de poder seria compensada pelo sentimento de comunidade e por outras forças educativas. Não haveria nada de anormal, portanto, com a experiência de inadequação sentida na vida infantil.

Mas sucede eventualmente que a criança em vias de amadurecer reluta em abandonar seu mundo de fantasia e se nega a enfrentar a realidade; em resumo, sucede que ela falha em se ajustar ao mundo dos adultos rumo ao qual está se dirigindo. Esse estado de coisas pode dar origem a dois extremos bem definidos: a hipercompensação, que resulta num complexo de superioridade; e a subcompensação, que se desenvolve num complexo de inferioridade. Em certo sentido, esses dois extremos são, na realidade, um só, dado que o sentimento anormal de inferioridade pode se manifestar num modo totalmente exagerado de comportamento, no qual delírios de grandeza compensam os desapontamentos e as falhas do indivíduo na batalha pela autoexpressão.

Rupturas sérias como estas revelaram que Freud nem sempre podia conseguir o que queria. Ele tentou governar seu rebanho com mão de ferro, mas alguns dos seus seguidores estavam destinados a se apresentar com suas ideias próprias acerca das coisas. Freud se recusou a transigir, ele favoreceu aqueles que o favoreceram. Sendo ele mesmo um revolucionário, ele negou aos outros o direito de se rebelar. Ele impôs uma estrita conformidade às regras da ciência psicanalítica como ele mesmo a concebia. Não obstante, ele mesmo frequentemente violou as regras, alterou-as ou descartou-as por completo. Não é de surpreender que homens de iniciativa, como Jung e Adler, tenham julgado esse tipo de atmosfera demasiado sufocante para nela viverem. Divergências com o mestre eram inevitáveis. A

despeito da oposição, contudo, o freudismo estabeleceu raízes e se difundiu. Freud se recusou a impressionar-se pelas teorias de Jung e de Adler, mas ele deu ouvidos aos seus pacientes, e deles obteve pontos de vista que o fizeram remodelar suas próprias opiniões. No essencial, o ensinamento de Freud girou em torno de quatro princípios cardinais: (a) a repressão das tendências inconscientes; (b) a manifestação de conflitos emocionais em sintomas físicos; (c) o ressurgimento da sexualidade infantil na vida adulta; (d) a gênese de transtornos nervosos pelo represamento da libido, isto é, de energia sexual não liberada.

## 9. Avaliação

A psicanálise pode ser considerada como uma verdadeira ciência psicológica no sentido de ter avaliado adequadamente o escopo de seu sujeito, a saber, o homem. Ela representa um esforço para levar em conta a personalidade do indivíduo como um todo. Mais ainda, seu método é investigativo, com a ressalva de que sua técnica é antes clínica que estritamente experimental, conforme destacamos. Podemos inferir que essa técnica contribuiu para nosso progresso humano, pois trouxe para dentro do horizonte científico um vultoso capital de informações acerca das quais éramos até então ignorantes. O uso adequado de tal informação estabeleceu o valor bem definido do método terapêutico de Freud.

Em princípio, contudo, há múltiplos aspectos contestáveis no conceito freudiano de natureza humana. Se o sexo e o instinto são traços tão dominadores e onipenetrantes da vida humana, de fato não há espaço para o exercício da razão e da vontade na expressão da vida humana. No fundo, o ser humano não seria nada mais que um tipo superior de animal. Com a perda do *insight*, a liberdade se extinguiria; e o conflito entre razão e paixão estaria fadado a desaguar na extinção de todos os ideais humanos. Não é o suficiente dizer que o próprio Freud não tinha a intenção de negar o livre-arbítrio, e que ele tinha um profundo respeito pela razão, a qual buscou libertar das forças do instinto. Permanece verdadeiro o fato de que as próprias condições que ele estabeleceu para o exercício da conduta humana colocaram a vontade do homem na necessidade de realizar uma façanha. Na prática, Freud diria que somos livres. Certa vez, ao perguntarem se um homem poderia ser responsabilizado por seus sonhos, ele respondeu: “A quem mais você responsabilizaria?”. Mas isso não livra seu sistema das suas implicações

deterministas. Duvido que Freud, com todo o seu profundo interesse na natureza humana, tenha realmente compreendido o significado metafísico dessa natureza. É bastante certo que ele confundiu organização integrada das potências e operações humanas com a alma mesma. Ele utilizou o termo *psyche* para descrever essa organização, e eventualmente o toma como equivalente de *Seele*. Isso está certamente bem longe da noção filosófica de alma como Aristóteles a definiu.

Novamente, na ética freudiana, a moralidade significa meramente os costumes da espécie humana em ação: os sentimentos predominantes e os costumes diretores da sociedade num dado momento ou lugar. Há também a evidente sugestão de que o conhecimento pode por si só decidir todas as questões práticas. Portanto, a conversão em princípios morais, pela admissão de uma diferença objetiva entre bem e mal, é algo impossível na teoria psicanalítica. De acordo com Freud, o homem deve tudo à energia libidinal. Não há espaço para os valores superiores da vida, e, acima de tudo, não há espaço para a operação e os movimentos da graça divina. Desafortunadamente, o freudismo não é meramente uma descrição de processos psicológicos inconscientes; tampouco é meramente um ramo da psiquiatria ou um método de cura de doenças da mente. Ele também é proposto como filosofia de vida, e uma filosofia que, em seus princípios teóricos, é materialista, e, em suas regras práticas, está repleta de erros acerca da natureza moral do homem.

Mas, voltando ao nosso ponto de partida, a psicanálise também deve ser julgada como técnica, como maneira de tratar doenças mentais, como método empírico e científico, baseado em princípios causais. Como técnica, ela é fruto de uma massa de dados empíricos que trouxeram à tona o conflito natural entre razão e paixão, e que eventualmente testemunharam a transformação do amor de si do homem, em amor a outros; do hedonismo, em altruísmo. A preocupação de Freud, com dados desse tipo, mostra que ele estava, na verdade, trabalhando mais na linha da tradição de Aristóteles e Tomás de Aquino do que da herança de Demócrito e Platão. Assim, é necessário abordar seu sistema com um respeito por suas formidáveis conquistas — digamos com a mesma amplitude de visão e perspectiva imparcial que caracterizou o Doutor Angélico quando ele examinou os escritos de Aristóteles e de seus comentadores árabes. Um cuidadoso estudo da literatura freudiana é algo necessário para descobrir em que pontos as descobertas científicas de um homem incrédulo e antirreligioso são verdadeiramente científicas. Pois,

caso se tratem de verdadeiras descobertas científicas, elas não interferirão nos princípios da filosofia tradicional, simplesmente porque não podem fazê-lo, e muito menos nas verdades da revelação.

Seja-nos permitido dar um único exemplo do que queremos dizer antes de encerrarmos essa discussão da psicanálise. Em Santo Tomás, há um claro desenvolvimento da ideia de que a sensualidade é uma das principais fontes do pecado, tendo sempre como consequência abusos da razão e da vontade. As descobertas de Freud apontam para a mesma conclusão quando mostram que a sexualidade infantil, desenfreada e perpetuada até à idade adulta, provoca a doença mental e outras formas de desajuste. Com efeito, é interessantíssimo observar, nessa mesma linha, os naturais pontos de contato entre as desordens da “sensualidade”, como retratadas nos escritos do Doutor Angélico, e os excessos da “libido” na teoria de Freud.

## **Tendência atuais**

### *1. Novas terras por explorar*

As atividades da natureza humana são tão numerosas e complexas que oferecem um campo inesgotável para a investigação. Quiçá se não houvesse tantas profundidades ocultas no ser do homem, não haveria tantas escolas de psicologia. As complexidades da sua pessoa cósmica, representando em miniatura cada aspecto da criação visível, certamente indicam uma das razões para a existência de sistemas e diferenças acadêmicas no âmbito da psicologia. E não há nada mais natural do que o investigador que é absorvido por uma dessas múltiplas facetas acabe ou esquecendo as outras ou interpretando o todo em termos da parte! Foi dessa maneira limitada que os psicofisiologistas abordaram o problema da sensação; que os gestaltistas ficaram imersos na percepção visual e converteram seus conceitos de esquematização em fatos últimos da natureza humana; que os behavioristas se concentraram no comportamento motor como se este fosse o princípio último pelo qual se deve explicar o ser omniabarcante do homem; que os psicanalistas se fixaram nas pulsões libidinais como se fosse a fonte irresistível dos anseios humanos.

Evidentemente, as escolas enfatizaram pontos que mereciam ênfase, e que, de maneira relativa, serviram a um propósito útil no progresso da psicologia como um todo. Mas ainda não é o fim, e nunca será, enquanto o mistério do homem continuar a desafiar a ingenuidade do pesquisador. Novos pontos de vista estão constantemente sendo enfatizados, e novas linhas de pesquisa estão se abrindo. Quiçá, na medida em que a psicologia prossegue em sua caminhada adiante, ela adquira uma perspectiva mais holística. Seja como for, parece verdadeiro dizer que, no momento, fala-se menos em escolas do que em estudiosos. Neste capítulo, tentaremos dar uma visão panorâmica do cenário contemporâneo, unindo os fios que ainda estão soltos, e preparando-nos para uma avaliação final do trabalho dos modernos.<sup>[8]</sup>

## 2. *A investigação psíquica*

Em primeiro lugar, digamos uma palavra sobre um tipo de investigação que possui um apelo infalível para os leigos, muito embora seu valor científico esteja longe de ser solidamente estabelecido. Ela abarca um amplo espectro de fenômenos, tais como a leitura da mente e a transferência de pensamentos, a clarividência ou o sexto sentido, a produção de efeitos físicos por influências psíquicas, e assim por diante. Uma das dificuldades acerca de acontecimentos desse tipo é que nem todos podem passar por eles. O pesquisador que queira explorá-los está, logo de início, numa posição desvantajosa. Outro obstáculo é o pano de fundo peculiar, e inadequado para a experiência, diante do qual os acontecimentos psíquicos devem ocorrer. Como regra geral, eles não se dão de maneira manifesta. Não obstante, quando todas as fraudes e artimanhas forem eliminadas, quando a massa de fatos duvidosos e dados questionáveis for descartada, pode haver um núcleo de verdade que represente um novo horizonte de experiência parapsíquica, uma terra prometida na qual a ciência há de entrar em algum momento futuro. Os *Proceedings of the Society for Psychical Research* foram fundados em Londres, em 1882. Eles possuem seu homólogo numa publicação americana com o mesmo nome. Ambos os jornais publicaram artigos de numerosos cientistas de elevada reputação.

Quais são os resultados desse tipo de pesquisa? Notemos de imediato que na leitura da mente e na telepatia mental pelo menos duas pessoas devem participar: um remetente e um destinatário. O caso da leitura da mente pode ser explicado, pelo menos em parte, por uma capacidade de ler sinais motores inconscientemente exprimidos. O caso da telepatia mental é mais difícil. Aqui o remetente e o destinatário estão separados de uma maneira que exclui o uso de sinais motores. Os experimentos de *Joseph Rhine* na Universidade de Duke são tentativas de produzir provas científicas da transferência de pensamento, ou da existência de percepções extrasensoriais. De acordo com Rhine, os resultados do seu trabalho devem fazer com que o psicólogo reexamine a antiga doutrina segundo a qual “nada pode entrar na mente exceto pelos portais dos sentidos reconhecidos”. A assim chamada clarividência difere da leitura da mente ou da telepatia pelo fato de que a pessoa que possui o sexto sentido não necessita de remetente. Aqui os cientistas são mais céticos.

Quanto a fenômenos que envolvem a manipulação da matéria — como batidas

na mesa, escrever na lousa, criação de plasmas corpóreos, e assim por diante — não há muito o que dizer do ponto de vista científico. Como acontecimentos naturais, eles não são de grande interesse para o estudante da ciência da mente. Quer sejam forjados pela magia humana ou realizados através de algum outro meio, o psicólogo está obrigado a abordar acontecimentos desse tipo com cautela empírica, uma vez que dados da física e da química, bem como a ação de influências psíquicas imateriais podem estar envolvidos. Uma coisa pode ser dita com certeza: que a massa dos fenômenos agrupados sob o nome de “atividades metapsíquicas” não tem sido geralmente aceita e por enquanto não foi incorporada à ciência da psicologia. Se eles forem autênticos, é aqui que devem ser situados e onde hão de ser encontrados no futuro.

### *3. Em terras anglófonas*

Retornando às fileiras de pesquisadores mais acadêmicos, notamos o fato gratificante de que, aproximadamente, dos quarenta estudiosos que foram presidentes da American Psychological Association, desde sua fundação em 1892, apenas quinze estiveram associados com escolas particulares de psicologia. Isto indica que a tendência do momento vai na direção de um ecletismo que indubitavelmente há de provar-se mais saudável para a situação geral da ciência da mente. É impossível enumerar os nomes de todos os homens que estão se empenhando dessa maneira em prol de uma posição intermediária disposta a ver coisas boas em todos os sistemas, mas não a se comprometer com algum deles em particular. Para mencionar alguns poucos pesquisadores que trabalharam e escreveram com esse espírito eclético, temos *Edwin Boring*, em Harvard; *Walter Pillsbury*, em Michigan; *John Dashiell*, na Universidade da Carolina do Sul; *Robert Woodworth*, em Columbia; *Leonard Carmichael*, que esteve por muitos anos em Brown, e posteriormente em Tufts. Alguns dos que se propuseram a seguir essa via média nem sempre o fizeram. Woodworth, por exemplo, aparentemente tirou proveito de seus longos anos de experiência para desenvolver uma posição central, a partir da qual ele agora benignamente observa os interesses velados de todas as escolas. Seja como for, um número considerável dos nossos estudiosos contemporâneos está fazendo esforços sinceros para combinar os melhores traços das abordagens subjetivas e objetivas para os dados psicológicos. Essa atitude

certamente vai na direção correta.

Na Inglaterra, *Charles Myers* foi um líder influente durante anos. Sendo diretor do primeiro laboratório de psicologia no reino, em Cambridge, ele posteriormente dirigiu um instituto que dedicou suas energias a uma aplicação prática de princípios de psicologia. O trabalho de *Charles Spearman* continua tendo uma importância ascendente. A maioria dos estudantes são familiarizados com a longa controvérsia entre ele e *Edward Thorndike* sobre a natureza da inteligência. Este último defende a opinião de que a inteligência é um agregado de numerosas habilidades especiais que não estão relacionadas entre si, exceto na medida em que cada uma depende da facilidade de aprender. Já aquele reconhece uma aptidão especial para cada tipo de performance, mas insiste também numa habilidade geral que em alguma medida participaria de todo tipo de comportamento inteligente. Uma vez que a questão aqui envolvida está prestes a ser decidida por evidências, ela não pode ser considerada um debate entre escolas rivais de psicologia.

#### 4. *A psicologia da totalidade*

A direção do laboratório wundtiano de Leipzig passou em determinado momento às mãos de *Felix Krueger*, que, como estudante, havia se dedicado ao estudo da fonética e da psicologia dos povos. Krueger é usualmente reconhecido como o pai da psicologia da totalidade (*Ganzheits*). Embora intimamente relacionada com a teoria da Gestalt, ela representa um esforço autônomo no âmbito da psicologia da forma. Dessa maneira, ela defende: (a) que a experiência da qualidade total é anterior, na ordem genética, à experiência de qualidades parciais; (b) que a configuração experienciada em qualquer momento dado se encaixa ela mesma no pano de fundo de um sentimento total. O sentimento, com efeito, é um fato mais básico do que a figura ou a padronização perceptual.

Os dados psicológicos só poderiam ser compreendidos em termos da história de seu desenvolvimento. Assim, a Escola de Krueger fala em “totalidades emocionais principais”, a partir das quais outras formas de vida mental são produzidas. A influência de Wundt é aqui patente, embora o espírito animador da nova Escola de Leipzig seja antes o do estudioso da psicologia das raças que o do experimentador em psicopatologia. A visão de Krueger não se limita ao laboratório. Ele vê em sua psicologia uma aproximação a uma compreensão mais

profunda do significado dos fenômenos culturais e uma oportunidade para considerar de maneira prática os problemas da sociedade.

### 5. *A psicologia do entendimento*

*Eduard Spranger*, em Berlim, também tem sido o representante de um novo movimento na ciência da mente. Seu ponto de vista é chamado psicologia do entendimento (*Verständnis*). Obviamente, estamos aqui lidando com algo intimamente relacionado com a psicologia do ato. Com efeito, a influência de *Edmund Husserl*, que havia sido discípulo de Brentano, é rapidamente identificada no trabalho de Spranger. A psicologia do entendimento, como seu próprio nome sugere, se ocupa dos significados. Ora, o significado de toda e qualquer coisa é contextual; vale dizer, decorre da sua contribuição para o entendimento de um todo. Por exemplo, o significado de uma palavra numa sentença surge da sua função de comunicar, isto é, de transmitir a intenção do falante ou de quem escreve.

Para entender um indivíduo, não é suficiente dissecá-lo ou considerá-lo separadamente do ambiente em que ele se move. Devemos ademais vê-lo em suas relações sociais e vislumbrar seu presente em relação com seu passado. A teoria peculiar de Spranger dos tipos de personalidade tem sido entusiasticamente aprovada por muitos psicólogos. Também é incomum sua maneira de abordar a ciência da natureza humana — uma abordagem que depende mais da análise intuitiva do que de instrumentos de laboratório ou de métodos de teste mental.

### 6. *A psicologia eidética*

O trabalho de *Erich Jaensch* também possui afinidade com o da Escola da Gestalt, embora ele não seja um adepto desta última. Como professor em Marburgo, Jaensch foi um dos mais ativos discípulos de Georg Müller. Ele trabalhou por anos com os problemas da percepção visual, e por fim conseguiu despertar o interesse dos estudiosos por suas descobertas sobre a imaginação vívida das crianças. Jaensch cunhou o termo “eidético” para descrever o tipo peculiarmente vívido de fantasia que caracteriza o período da infância. A imagem eidética é usualmente visual, possuindo uma natureza objetiva ou perceptual, muito embora seja reconhecida

como algo puramente subjetivo. Ela se assemelha a uma alucinação em quase todos os aspectos, exceto pelo fato de que seu possuidor sabe que se trata de uma imagem. Assim, Jaensch descobriu que muitas crianças conseguiam descrever figuras que haviam visto com tanta nitidez como se tivessem a figura diante dos olhos. Aqui não estava em jogo somente a memória, mas a visão atual das imagens em questão. A predisposição eidética não deve ser considerada patológica. Ela pode persistir na vida adulta, onde se expressa em devaneios, ilusões, etc.

*Walther Jaensch*, irmão de Erich, estudou a relação entre tendências eidéticas e a constituição psicofísica como um todo. Em suas pesquisas já publicadas, os Jaensch distinguiram dois tipos eidéticos clinicamente conectados com dois tipos de doença: (a) o tipo “basedovoide”, que, embora não patológico, é uma miniatura da doença grave, uma enfermidade devida à hiperatividade da glândula tireoide; e (b) o tipo tetanoide, também em si mesmo não patológico, que se manifesta com uma semelhança distante com o tétano, uma doença devida à disfunção da glândula paratireoide. A novidade dessas classificações e o entusiasmo das comunicações feitas pelos Jaensch provocaram uma impressão considerável na psicologia atual; mas apenas o futuro dirá o quão fértil a nova maneira de considerar as diferenças individuais acabará sendo. Os fatos trazidos à tona acerca da imaginação eidética certamente permanecerão como contribuição definitiva para a psicologia. Por outro lado, a redução global dos fenômenos conscientes a efeitos imaginais é certamente uma debilidade fatal do sistema Jaenschiano. Do ponto de vista filosófico, uma tal redução não vai muito além de uma forma refinada de materialismo, em pé de igualdade com os conceitos deterministas dos gestaltistas e com o atomismo dos wundtianos.

Outro discípulo de Georg Müller que fez algumas descobertas notáveis em seu campo é *David Katz*, professor em Rostock. Katz, como os Jaensch, tem se dedicado à psicologia infantil. Ele é especialmente lembrado por sua demonstração da maneira curiosa como a percepção da cor é afetada pelas condições sob as quais a cor é vista.

Ao tecermos comentários sobre a pesquisa alemã moderna na linha das diferenças individuais, é obrigatório fazermos referência aos trabalhos do psiquiatra suíço *Hermann Rorschach*, que concebeu um teste incomum para descobrir as dificuldades de personalidade dos seus pacientes. O teste consiste em dez manchas irregulares de tinta colocadas sobre um fundo branco. Cinco das

manchas são pretas e cinzas, e cinco contêm cores. O paciente recebe um cartão de cada vez e pode olhar para a mancha por quanto tempo quiser. O examinador reúne as respostas sob títulos como forma, detalhe, totalidade, originalidade, cor, movimento, e assim por diante. As tendências dominantes da personalidade são então deduzidas. Respostas sem originalidade, e outras envolvendo animais, são interpretadas como significando inteligência inferior. Respostas abrangentes, as que enunciam boa forma e movimento significam inteligência elevada. Os introvertidos dão respostas bastante detalhadas. Os emocionalmente instáveis gostam de cores. Inicialmente, muitas críticas se levantaram contra o teste, alegando que ele carecia de normas objetivas; mas o respeito por ele cresceu na medida em que seus resultados foram confirmados por descobertas clínicas posteriores. *Insights* sobre defeitos de personalidade dos deficientes mentais e delinquentes também foram revelados pelo uso do teste. Nas mãos de um examinador experiente, ele possui indubitavelmente um grande valor diagnóstico.

## 7. *A psicologia personalista*

Já fizemos menção numa página anterior ao trabalho de *Wilhelm Stern* no âmbito das diferenças individuais. Entre os alemães, ele foi um pioneiro a tratar do problema. Stern foi discípulo de Hermann Ebbinghaus, e distinguiu-se pelas muitas linhas de atividade às quais se dedicou. Ele introduziu e desenvolveu testes de inteligência em sua terra natal. Ele também investiu muito do seu tempo e trabalho no estudo das crianças. Na esfera da psicologia aplicada, seu nome é um dos principais da Alemanha. De maneira um tanto semelhante à de William McDougall, Stern utilizou sua formação científica na psicologia como ponto de apoio para o que ele chamou uma filosofia do “personalismo”. Toda pessoa é uma multiplicidade dentro de uma unidade. Ela apresenta unidade na multiplicidade e, assim, concilia em si mesma as categorias da existência e do valor.

A orientação aqui é significativa, pois indica que, para Stern, a pessoa ocupa um lugar central tanto na ciência da mente quanto na filosofia da mente; de maneira que a psicologia, tanto científica como filosófica, deve ser reduzida, em última instância, a um estudo da natureza humana como pessoa. O sistema de Stern aceita o indivíduo como o todo primário da realidade psicológica. Ele se ocupa de maneira favorável com pontos de vista filosóficos, ao mesmo tempo que admite as

contribuições manifestas dos experimentalistas. Ele evidentemente conduziu menos pesquisas de laboratório do que a psicologia do desenvolvimento, de Krueger, ou que a abordagem eidética, de Jaensch; mas sua influência prática provavelmente acabará sendo maior do que as de qualquer um desses sistemas. Stern já possui um grupo razoavelmente numeroso de seguidores nos Estados Unidos.

#### 8. *O funcionalismo europeu*

Na Suíça, encontramos outro psicólogo de grande reputação. *Edouard Claparède* desenvolveu uma perspectiva que muito se assemelha à de Dewey em sua abordagem funcionalista quanto aos dados da consciência. A aplicação dos seus princípios aos problemas da educação torna a semelhança ainda mais patente. Claparède fundou o Instituto Rousseau para o estudo das crianças; e muitas pesquisas excelentes foram lá realizadas sob a sua direção. Como funcionalista, Claparède encontrou muitos pontos criticáveis na antiga maneira associacionista de considerar os fenômenos mentais. Ele é da opinião de que a associação por si só não explica o controle das tendências associativas, o qual é muito evidente nas atividades intelectuais da leitura, da soma, etc. O controle, de acordo com Claparède, deve surgir do fator do interesse.

O sono é uma das funções vitalmente mais importantes, e a explicação dele fornecida por Claparède é interessante. Segundo ele, o sono não pode ser explicado meramente como resultado de uma intoxicação pelos subprodutos da fadiga, mas deve também ser considerado como uma resposta positiva do organismo, o que equivale a uma forma instintiva de atividade. Por muitos anos, Claparède exerceu o cargo de secretário do Congresso Internacional de Psicologia. Um homem de hábitos pacíficos, ele acredita que os longos debates que envolveram estudiosos desde a fundação da psicologia como ciência são um desperdício de esforço. Como seria melhor fundir todas essas energias e dirigi-las para canais criativos!

#### 9. *A pesquisa na Itália*

*Vittorio Benussi* já foi descrito como membro da Escola Austríaca de psicólogos;

não obstante, ele foi professor durante muitos anos em Pádua. *Sante de Sanctis* ensinou psiquiatria e psicologia experimental em Roma. Ele foi um estudioso dedicado dos fenômenos dos sonhos antes que Freud ingressasse nesse campo. Suas principais contribuições quicá sejam na esfera da psicologia infantil. Ele elaborou uma das primeiras escalas de testes para indicar os graus de deficiência mental.

*Friedrich Kiesow* ensinou em Turim por muitos anos. Ele foi discípulo de Wundt e também cooperou com o fisiologista Mosso, conhecido dos estudantes por seus experimentos com o ergógrafo e suas pesquisas sobre a fadiga dos músculos humanos. Parte do laboratório de Mosso foi entregue a Kiesow em 1895. Depois de anos nessa sede emprestada, ele conseguiu inaugurar um laboratório maior e mais adequado por conta própria. Este último foi cenário de um programa variado de experimentos sobre as sensações do paladar, do tato e da posição física, bem como sobre diferentes tipos de imagens e sentimentos.

Em sua perspectiva teórica, Kiesow conservou a abordagem do seu mestre Wundt. Embora admita que os gestaltistas inauguraram uma importantíssima linha de estudo ao abrir caminho para um *insight* mais profundo sobre os dados perceptuais, ele afirma que tal pesquisa de maneira alguma eliminou o fato das sensações elementares, ou da necessidade de continuar a fazer uma análise dos fenômenos psicofísicos.

#### 10. *O progresso na França*

Os psicólogos franceses permaneceram sempre firmemente apegados aos modos associacionistas de explicar os dados mentais. Hoje em dia, há uma tendência crescente a combinar esse princípio com a abordagem hórmica que Henri Bergson ilustrou em seus escritos filosóficos. O gênio orientador do trabalho experimental na França tem sido *Henri Pieron*, que sucedeu a Binet na Sorbonne, assumiu o cargo de editor de *L'Année Psychologique*, e, em 1923, foi nomeado para a cátedra de Ribot no Collège de France. O fato é que o trabalho de Pieron não seguiu a linha de Binet, de testes de inteligência, tendo antes se inserido no campo da psicologia fisiológica. Ele se dedicou particularmente ao estudo das lesões cerebrais.

Até mesmo antes que Watson concebesse um behaviorismo sistemático, Pieron havia definido a psicologia como o estudo do comportamento. Seria um equívoco,

no entanto, identificar seu ponto de vista com o de Watson e seus seguidores. Pieron não vê razão alguma para que a análise das sensações e da imaginação seja excluída do âmbito total da atividade humana, como investigada pelos psicólogos cientistas. Ele insiste apenas que os dados introspectivos devem ser registrados em formas objetivas e socialmente inteligíveis antes de serem considerados como o sujeito adequado do estudo científico. A expressão das impressões em linguagem compreensível seria o suficiente para torná-las suscetíveis de investigação científica. Toda essa experiência revestida de trajes verbais seria comportamento objetivo. A única questão aqui é o grau de inteligibilidade e de fiabilidade de um dado tipo de evidência. Seja como for, não haveria uma linha nítida por traçar entre os métodos objetivo e subjetivo na psicologia.

Outro psicólogo de destaque é *Georges Dumas*, que, embora não seja um experimentalista, tem sido um escritor de interesses amplos e o editor de um grosso manual intitulado *Nouveau Traité de Psychologie*, para o qual contribuíram os melhores estudiosos franceses. Como professor da Universidade de Paris, suas próprias conferências e escritos têm se ocupado amplamente com a vida das emoções. O ponto de vista de Dumas e de seus colaboradores é basicamente introspectivo; e, a despeito das dificuldades envolvidas, o método se mostrou fértil: em primeiro lugar, em função das sugestões que ofereceu para uma abordagem objetiva; em segundo, pelo espírito de iniciativa que ele desenvolveu na realização de estudos em psicologia.

De um modo geral, os estudiosos da ciência da mente na França têm permanecido firmemente apegados a princípios biológicos em sua abordagem quanto aos fenômenos mentais. Ao mesmo tempo, eles manifestam uma predileção por contextos sociais em seus estudos das atividades do indivíduo. A preocupação deles com o anormal já foi assinalada. Desde a época de Charcot, e até mesmo desde antes, eles se dedicaram com afinho à psicopatologia. Por essa razão, os aspectos dinâmicos do sistema freudiano parecem muito menos revolucionários aos franceses do que à maioria dos psicólogos anglófonos.

### *11. A psicologia russa*

Ao encerrar este breve panorama das tendências contemporâneas, devemos dizer uma palavra acerca da psicologia oficial da Rússia Soviética. Como é bem sabido,

todo o movimento comunista da União Soviética se apoia na filosofia de *Karl Marx* e é designada academicamente como a filosofia do materialismo dialético. A influência desse modo de pensar no progresso da ciência da mente é duplamente clara: em primeiro lugar, na tentativa de esclarecer os fatos da psicologia relacionando-os com os princípios da filosofia marxista; em segundo, no emprego de conceitos marxistas como normas para a realização de novas pesquisas no campo da psicologia. Assim, o materialismo dialético afirma que a consciência ocupa o lugar de um fato novo, ou qualidade nova, que emerge quando os processos físicos da natureza alcançaram um determinado grau de complexidade. Por essa razão, os pesquisadores modernos da Rússia rejeitam tanto a abordagem exclusivamente subjetiva quanto a exclusivamente objetiva para tratar os dados da psicologia. A introspecção não deve ser excluída, mas suas descobertas sempre necessitariam da confirmação de métodos objetivos, uma vez que estes últimos se relacionariam mais de perto com os processos fundamentais da natureza física.

Ademais, o indivíduo deve ser estudado tanto do ponto de vista social quanto do biológico, na medida em que seria um produto de ambos os tipos de ambientes. Mais ainda, sua história estaria incompleta sem alguma consideração da classe econômica à qual ele pertence e ao trabalho que ele será chamado a executar no mundo. Assim, ele deverá ser analisado em termos do seu valor vocacional, vale dizer, das suas realizações relativas à sociedade como um todo. Em função deste fato, o estudo da psicologia das classes seria tanto fundamental quanto prático. Como exemplo de atitudes desse tipo no campo da psicologia, devemos mencionar o nome de *Konstantin Kornilov*, que, até onde sabemos, era diretor do departamento de psicologia experimental da Universidade de Moscou.

## 12. *O panorama de setenta anos*

A invenção da psicologia científica é meramente um esforço para aplicar a técnica do laboratório ou da clínica aos problemas do organismo psicológico. A ambição de Wundt era colocar a psicologia no mesmo patamar da física e da química. Sua meta, é triste dizer, ainda não foi alcançada. Não faltam pesquisas cuidadosas, nem fé no método experimental. Mas grandes descobertas que vitalizem a ciência da mente e inaugurem novos campos de investigação, liberando novas energias e unindo os esforços dos pesquisadores, ainda não vieram à tona. Por quê?

Talvez, em primeiro lugar, porque jamais houve grandes psicólogos que conseguissem reduzir à unidade as diversas tendências que separaram os cientistas em escolas desde os dias de Wundt. Em segundo lugar, porque há dificuldades intrínsecas ao sujeito da psicologia. Medidas exatas jamais podem ser aplicadas à mente da mesma maneira como são aplicadas à matéria. Em terceiro lugar, em função dos conflitos internos no próprio seio da ciência da mente. Dessa maneira, a psicologia, como ciência, não apenas falhou em discernir seu próprio sujeito; ela também falhou em notar que, como ciência, deve deixar de lado os problemas da filosofia.

É significativo que todos os grandes movimentos na psicologia — as investigações psicofisiológicas de Wundt, o estruturalismo introspectivo, o movimento funcionalista, o sistema da Gestalt, o behaviorismo — foram fundamentalmente movimentos filosóficos baseados em técnicas experimentais. Artigos teóricos têm sido publicados em abundância, escritos de maneira filosófica, mas por homens sem formação nas disciplinas filosóficas. O que obviamente foi esquecido é que é necessária tanta diligência e perícia na formação de um bom filósofo quanto de um bom cientista.

Num capítulo anterior, tentamos pôr em evidência qual deveria ser a relação entre conhecimento filosófico e conhecimento científico, pelo menos no que diz respeito à psicologia. Encerraremos nossa história fazendo algumas observações adicionais sobre a situação da psicologia científica hoje em dia, especialmente no tocante à sua influência sobre a filosofia da natureza humana como Aristóteles e Tomás de Aquino a conceberam.

---

8. É impossível, no momento presente, conhecer exatamente o estado de coisas na pesquisa europeia. O estudante irá compreender que todas as referências a estudiosos europeus neste capítulo são as últimas relatadas. Quando os campos de batalha da Europa forem esvaziados, é provável que alguns dos homens aqui mencionados tenham desaparecido ou se retirado de seus trabalhos acadêmicos.

## **Balanço geral desde um ponto de vista tomista**

### *1. As principais correntes*

Na medida em que refletimos sobre o percurso da psicologia desde os primórdios e através das eras, notamos que três grandes tendências de pensamento dominaram seu desenvolvimento histórico desde a época dos gregos. Essas tendências representam as três maneiras pelas quais os fatos tanto da experiência comum quanto da especial podem ser interpretados filosoficamente. Já os colocamos em evidência várias vezes nestas páginas. Elas são: a tradição de Demócrito, que é o espírito do materialismo; a tradição de Platão, de perspectiva idealista; e a tradição de Aristóteles, que é uma combinação de ambas. Sob um aspecto, essas três maneiras de considerar a natureza humana são atitudes epistemológicas: vale dizer, elas dependem da maneira pela qual interpretamos a mente humana e seu conhecimento. Contudo, em outro sentido, mais profundo, elas dependem daquilo em que transformamos a natureza humana enquanto tal. O argumento aqui se esclarece quando dizemos que o homem, em sua composição entitativa, é algo mais básico do que o homem em suas realizações cognitivas.

De acordo com a tradição de Demócrito, somente a matéria é um objeto válido de conhecimento. Em termos da filosofia da natureza, e mais particularmente, da filosofia da natureza humana, o homem seria cognoscível precisamente por ser inteiramente matéria, tanto em corpo como em alma. De acordo com a tradição platônica, apenas a mente é um objeto válido de conhecimento, porque apenas a mente é real; e, seja qual for a realidade que a matéria possui, ela somente a possui em virtude de uma essência e de um ser a ela comunicados pela mente. De acordo com a tradição aristotélica, tanto a mente como a matéria são cognoscíveis porque ambas são reais, e o homem é cognoscível porque é uma forma imersa na matéria. Se ele conhece sua alma, é através de seu corpo; e se ele conhece seu corpo, é através de sua alma. Sua alma não é um subproduto do corpo; tampouco seu corpo é um aspecto da sua alma.

Em verdade, o homem é um *synolon*, no qual corpo e alma são associados como elementos essenciais. Julgado com base nesse padrão, o cartesiano moderno equivale, de fato, ao antiquíssimo platônico. Sua psicologia é fundada em princípios psicofísicos que separa mente e matéria exatamente da mesma maneira como Platão as separou. Semelhantemente, o moderno positivista equivale ao antiquíssimo democriteano. Sua psicologia é oriunda do mesmo tipo de atomismo que caracterizou os materialistas gregos. Ele pode ser mais refinado do que eles; mas certamente não está menos enganado.

## 2. *O estudo da natureza humana*

É a tradição de Aristóteles, não a de Platão ou de Demócrito, que está emergindo hoje em dia com nova profundidade e novo vigor quando confrontada com as evidências imparciais apresentadas pelos pesquisadores. Mais do que nunca antes, percebemos agora que, para serem corretamente compreendidos, os fatos observados da consciência devem ser relacionados com a fisiologia da vida humana. Ademais, a partir de uma reflexão séria sobre o conteúdo e o significado desses mesmos dados experimentais, fica óbvio que o conceito mecanicista da alma como uma propriedade da substância cortical, ou a noção cartesiana da mesma alma como uma entidade imaterial cuja natureza como um todo é o pensar, devem ser descartadas. Ideias desse tipo simplesmente não se encaixam com as evidências. Para que haja qualquer avanço sólido no campo da análise psicofísica, ele deve proceder com base no princípio de que a alma do homem, assim como o ato primeiro de todas as outras criaturas cósmicas, é uma forma substancialmente unida com a matéria.

Sendo este o caso, a psicologia não pode limitar-se a si mesma aos fenômenos da consciência, mas deve estender sua observação técnica para o *homem como um todo*: seus atos, suas potências, seus hábitos e sua personalidade inteira. Ela deve ser uma ciência da natureza humana, se tiver alguma pretensão de efetivamente ser uma ciência. Além disso, deve ser uma ciência do homem como homem se tiver a pretensão de contribuir para o avanço do conhecimento por meio da sua investigação acerca de uma área especial da realidade. Protegida tanto contra os excessos como contra as deficiências pela precisão de seus princípios investigativos, ela não precisará impor limites à ousadia de seus planos de pesquisa. Com o seu

sujeito científico rigorosamente fixado, ela pode proceder com segurança à construção de técnicas adequadas para abordar seus problemas específicos. Adicionalmente, ela pode dividir o trabalho de pesquisa de maneira a assegurar, de todas as partes, uma verdadeira análise cooperativa, e, assim, realizar um desenvolvimento equilibrado de todos os seus problemas particulares. A partir deste ponto será tarefa da filosofia, utilizando os dados da experiência científica bem como das observações do senso comum, estabelecer a última *ratio* da natureza humana, e manifestar os princípios ontológicos fixos que subjazem ao ser móvel e sensível do homem.

### 3. *Questões modernas*

A situação presente da psicologia moderna, tanto como ciência quanto como ramo da filosofia, pode ser facilmente resumida. Ela decorre, em parte, da grande ênfase colocada sobre as ciências físicas, começando com Francis Bacon e se tornando mais forte com a descoberta de novos meios de perscrutar a natureza, até chegar ao seu ponto de saturação com o mecanicismo grosseiro do século XIX; em parte, do completo desprezo dos homens da Renascença pela cultura dos medievais e pela filosofia de tradição aristotélica e tomista; em parte, da concepção errônea de metafísica que surgiu com a dúvida crítica de Descartes e sua falsa reconstrução da realidade.

O declínio da metafísica pode ser melhor percebido no reaparecimento, nos tempos modernos, das duas tradições contra as quais Aristóteles e Tomás de Aquino se opuseram individualmente, mas que reconciliaram alcançando um meio-termo. Assim, o materialismo cresceu desenfreadamente mais uma vez quando o conhecimento sensitivo se tornou predominante; vale dizer, quando a doutrina do intelecto, como uma potência *sui generis*, radicalmente distinta dos sentidos, foi negada. Era inevitável que, com o afastamento da razão humana, os ensinamentos empiristas de filósofos como Hume, Locke, Mill e Spencer ganhassem espaço. Estes tiveram sua contrapartida no positivismo de Comte e de seus discípulos, bem como nos conceitos grosseiramente atomistas de homens como Büchner e La Mettrie.

Por outro lado, havia tendências extremamente idealistas na filosofia de Descartes que conduziram ao fim e ao cabo a uma negação da realidade como

cognoscível. Alguns dos subjetivistas, como Kant e seus discípulos, afirmaram que o intelecto do homem pode alcançar apenas as leis do sujeito pensante; o que significa que ele não poderia obter conhecimento algum dos princípios especulativos que garantiriam o valor absoluto da realidade. Outros subjetivistas, especialmente Hegel e os hegelianos, foram mais coerentes em suas conclusões e rejeitaram toda realidade para além do sujeito pensante.

No meio desses extremos, há uma doutrina e uma tradição que é a um só tempo empírica, ou objetiva, e idealista, ou subjetiva; que possui o autêntico toque do senso comum, sendo, ainda assim, profunda em sua análise da realidade. No homem, ela situa um intelecto e um poder de abstração capaz de descobrir a essência e a perfeição dos objetos da experiência sensível. Começando com algo que é exterior à mente, algo que é individual e material, essa mente é capaz de construir um mundo de inteligibilidade no qual ela caminha e investiga, analisa e infere, até alcançar as leis supremas do ser, proclamando-as com certeza metafísica. Mas, se ela é capaz de se elevar da realidade sensível à inteligível, não será por que o intelecto humano é propriedade de uma forma desprovida de matéria mas unida à matéria? Assim, o problema do que a natureza humana pode fazer em seu pensamento é, em última instância, resultado do que a natureza humana é em seu ser. A verdade epistemológica é condicionada pela verdade psicológica; de maneira que, se não conhecemos o que o homem é em sua natureza e em sua essência, como poderemos ter alguma esperança de descobrir o que o homem é em sua sabedoria e em seu conhecimento?

#### *4. Dificuldades do cientista*

A história da psicologia desde os dias de Wundt e de Fechner é em grande parte um conto da ascensão e queda de sistemas. Há algo de errado com a ciência da psicologia como um todo. Já destacamos aqui diversos erros de abordagem de pesquisadores individuais e diversos erros de interpretação da parte de determinadas escolas. Aqui, sejamos o mais genéricos possível nas observações. A raiz do problema, parece-me, reside no fracasso dos pesquisadores em compreender o escopo próprio da sua disciplina. Eles não conseguem entrar em acordo acerca do sujeito próprio da psicologia. Aparentemente, eles negligenciaram ou esqueceram o fato de que, para edificar uma verdadeira ciência

da mente, é preciso estudar, não esta ou aquela função particular da consciência excluindo outros dados, não processos somáticos como substitutos dos processos psíquicos, não tendências evolucionistas do organismo ou as respostas motoras deste aos estímulos, mas o *homem*, em todas as suas múltiplas manifestações.

Darei um passo além, e direi que o fracasso dos pesquisadores também se deve à incapacidade deles de compreender a verdadeira natureza do sujeito da pesquisa. Com base em que, por exemplo, o behaviorista procede *como se* o homem fosse meramente um animal? Ou, com base em qual evidência antecedente, o estruturalista ou o gestaltista procedem *como se* todas as atividades conscientes do homem fossem redutíveis a um complexo de sensações ou percepções? Tais princípios metodológicos podem ser perfeitamente legítimos para o fisiologista, ou até mesmo para o psicólogo que se ocupa dos animais; mas, para o estudioso da natureza humana, eles são inteiramente falsos e ilegítimos.

Caso admitamos — e penso que podemos admiti-lo — que a psicologia tem as potencialidades para se tornar uma ciência bem estabelecida, isso não significa que ela possa fazê-lo sem o auxílio da filosofia, ou a despeito desse auxílio. Aristóteles poderia ter antecipado a confusão e a polêmica da psicologia moderna se tivesse conhecido as premissas metafísicas falsas com as quais a maioria dos pesquisadores inicia seus estudos, ou as igualmente falsas conclusões metafísicas com as quais eles concluem seus trabalhos. A mera familiaridade com fatos de laboratório não afiança a emissão de pronunciamentos filosóficos sobre a natureza do homem; não obstante, a familiaridade com a natureza do homem é uma exigência incontornável se o observador dos fatos tiver a pretensão de compreendê-los adequadamente, mesmo em seus aspectos científicos, e se tiver a pretensão de inseri-los na perspectiva correta na relação que guardam com o conhecimento psicológico como um todo.

### 5. *A abordagem antropológica*

Em muitos casos, as escolas de psicologia saíram dos trilhos quando estenderam para toda a vida psicológica do homem o que é uma verdade demonstrável somente para parte dela. Já notamos como, para o behaviorista, a ação reflexa explica tudo; para o gestaltista, os esquemas perceptuais, com estruturas isomórficas no sistema nervoso, contam toda a história da vida consciente do homem; para os

discípulos de Jaensch, a imagem eidética é o fato supremo no desenvolvimento da personalidade humana; para o freudiano, a interação dos instintos é o princípio último de todas as realizações humanas. Mas reflexos, percepções, imagens e instintos são apenas problemas particulares na totalidade da vida psicológica do homem.

O que precisamos hoje, como alegaria Tomás de Aquino, é, na verdade, menos psicologia e mais antropologia, empregando o termo “antropologia” em seu sentido tradicional de estudo do homem. Pois é isto o que a psicologia deveria ser: o estudo do homem enquanto homem, não enquanto concatenação de reflexos, ou enquanto somatória de configurações perceptuais, ou enquanto série de processos imaginativos, ou enquanto complexo de respostas instintivas. Tais coisas são meramente acontecimentos isolados na história da natureza humana, e não possuem significado algum exceto em relação com a natureza como um todo. Mais ainda, o estudo do homem enquanto homem significa o estudo do homem como organismo dotado de alma, ou como criatura composta de matéria e espírito, uma criatura cujas operações se inserem nas dimensões da análise científica, mas cuja natureza fundamental é tema próprio de estudo da filosofia.

Assim como não há ideia profunda o suficiente para esgotar os conteúdos da realidade, nem termo ou proposição que a descreva completamente, assim também não há nenhuma fórmula individual capaz de exprimir, em toda a sua riqueza de significado, a noção de natureza humana. Contudo, uma representação dela é mais completa e mais exata do que outra. Se estamos em busca de uma ideia que expresse o aspecto central da psicologia filosófica, então o conceito de homem como criatura composta de corpo e alma possui o mesmo grau de perfeição que qualquer outro. Evidentemente, tal conceito é, em verdade, bastante complexo. Por conseguinte, é admissível, em benefício de uma compreensão clara, considerar suas diferentes facetas como se fossem realidades separadas.

Dessa maneira, estamos justificados em estudar os atos, as potências e os hábitos do homem, isoladamente, como se fossem propriedades discretas da natureza humana; mas todas essas entidades acidentais extraem seu significado do fato de estarem enraizadas na substância do homem. Portanto, tudo deve ser analisado e interpretado, no final das contas, em termos dessa substância central, que é, em si mesma, um composto de matéria e forma. Do princípio da união substancial entre corpo e alma, como de sua fonte, brotam todas as verdades periféricas que

completam nosso conhecimento científico do homem. Essas verdades, devido à sua posição de dependência para com o princípio central, podem atingir apenas os acidentes do nosso ser. Podemos designá-las como “verdades de ordem estrutural”, no sentido de que as potências são partes accidentais de uma natureza; ou podemos chamá-las “verdades da ordem operativa”, no sentido de que os movimentos das potências são manifestações accidentais de uma natureza.

O que queremos dizer é que estruturas e operações não constituem uma natureza, mas a pressupõem. Sendo este o caso, é de importância capital que compreendamos a constituição fundamental da essência do homem, se tivermos a pretensão de teorizar acerca do significado dos seus atributos. Compreendendo a sua essência, podemos compreender o arranjo e a distinção dos atos e potências que dela decorrem e que a tornam manifesta, fenomenicamente, tanto para o cientista quanto para o filósofo. Assim, constitui um erro tanto para o cientista quanto para o filósofo dizer ou sugerir que o homem não partilha alguns dos seus atos e das suas potências com os reinos animal e vegetal, ou que ele não é essencialmente distinto, por outros atos e outras potências, dessas duas ordens do ser.

Em termos mais concretos, eu diria que é mais conforme às exigências das evidências científicas considerar o homem como o sujeito próprio das funções vegetativas, sensitivas e racionais, e contemplar sua alma como o princípio operativo básico por meio do qual ele vive, sente e pensa, do que tentar uma solução monista ou falsamente dualista para os problemas da psicologia humana. O pesquisador que reconhece a pessoa humana como algo composto de mente e matéria não encontrará dificuldade alguma em compreender o significado dos dados que ele estuda no laboratório ou nos consultórios clínicos. Para aquele que partilha com Tomás de Aquino a visão de que o homem é uma substância singular, composta de elementos psíquicos e somáticos contrastantes, não pode haver receio idealista algum de que a psicologia acabe materializando o espírito do homem; assim como não pode haver receio positivista algum de que a psicologia acabe se dissipando no âmbito do desconhecido pela desmaterialização do corpo do homem.

## *6. Onde as coisas degingolaram*

Concluindo nosso relato histórico, eu gostaria de apresentar um breve resumo da situação presente da psicologia em seus aspectos científicos. Um tal balanço tem como objetivo principalmente corrigir atitudes equivocadas e pode ser considerado como parte do papel interpretativo do tomista.

O primeiro equívoco reside no ponto de vista de que o sujeito único da psicologia é ou a consciência e seus fenômenos, ou o comportamento e seus fenômenos. Evidentemente, a cisão cartesiana ainda está em plena atividade quando consegue dividir os pesquisadores em campos tão acentuadamente opostos. Uma dicotomia dessa espécie não apenas falha em reconhecer a diferença entre o psicológico enquanto tal e o fisiológico, mas também falha em perceber que o homem concilia ambos os aspectos nas profundidades da sua própria natureza. E até mesmo no campo isolado da consciência, ou do comportamento, há a falha adicional em traçar uma distinção entre fenômenos de tipo racional e fenômenos de caráter meramente sensitivo ou vegetativo.

O segundo equívoco reside no abandono completo de critérios filosóficos por parte do investigador quando este realiza seu trabalho. Desse abandono resulta a perda do precioso conceito de alma, e a conseqüente perda do conceito de natureza humana. Evidentemente, não pretendo dizer que é tarefa do cientista investigar a alma ou a natureza do homem, pois estes são problemas filosóficos. Mas, certamente, se o cientista não pode continuar com sucesso seu trabalho e elaborar sua ciência sem um conhecimento fidedigno acerca da natureza humana, então um tal conhecimento deve ser um pressuposto das suas investigações. Seja como for, ele não deve teorizar de uma maneira que negue a análise filosófica correta do homem.

Somos forçados a concluir, portanto, que o lamentável estado de coisas na ciência da psicologia nos dias de hoje é devido, em grande medida, a más influências filosóficas. Penso que isso pode ser demonstrado historicamente. Assim, sob a influência de Kant, por um lado, e de Comte, por outro, os cientistas têm permanecido completamente atolados em suas preferências especiais, quer isoladamente por informações da consciência subjetiva, quer isoladamente por dados do comportamento objetivo. Dessa maneira, testemunhamos uma convergência, de correntes idealistas e positivistas, entre conceitos que assinalam o pesquisador como um falso dualista, caso ele já não seja um completo monista materialista.

Com o desaparecimento da noção de substância, a noção de alma se esvaiu da realidade. Isto tornou relativamente fácil descartar a ideia de consciência em favor da ideia de comportamento. Sem uma alma, a psicologia é como um templo sem deus, ou um lar sem espírito familiar. Evidentemente, os fenômenos constituem a área de investigação própria do cientista, tanto na psicologia como em qualquer outra disciplina. Mas a concentração exclusiva nos fenômenos, como os acontecimentos têm mostrado, tende a reduzir a psicologia ao nível da fisiologia pura. Isto é verdadeiro tanto no caso dos wundtianos como no dos behavioristas, tanto no dos gestaltistas como no dos psicólogos da resposta.

Mais ainda, o preconceito criado pelo extraordinário progresso das ciências experimentais, em contraste com a esterilidade da discussão filosófica no que esta tem de pior, preencheu as mentes dos estudiosos com uma desconfiança para com a especulação. Essa atitude foi fortalecida pelo fato de que as ciências não psicológicas dependem de um método que seja estritamente objetivo, ao passo que a psicologia deve remontar aos dados da introspecção para solucionar seus maiores problemas. Esta última circunstância conduziu gradualmente os homens a pensarem que o espírito da pesquisa em psicologia está arraigadamente em desacordo com qualquer tipo de observação externa. O resultado disso é que eles ou se concentraram em demasia nos aspectos fenomenicamente conscientes do seu sujeito científico, ou se dedicaram exclusivamente ao estudo do comportamento objetivo.

## *7. O homem em verdade e em realidade*

Por fim, seja-me permitido insistir mais uma vez no ponto de que nem toda filosofia é útil para a ciência da psicologia, mas somente a análise que explica a verdade da natureza humana. Tal é — penso eu — a análise formulada há mais de dois mil anos por Aristóteles, que foi subsequentemente assumida, refinada e desenvolvida por Tomás de Aquino, e que é agora conhecida como a “psicologia tradicional”. Essa é a posição que nega o credo idealista de que a psicologia não é nada mais que uma filosofia do espírito: e, com igual vigor, nega a posição positivista de que a psicologia é meramente uma disciplina fisiológica.

Todo pesquisador, em um momento ou outro, se confronta com a tarefa de emitir um juízo sobre seu próprio trabalho. Seus programas de pesquisa podem ser

maculados e distorcidos, e suas conclusões invalidadas por premissas filosóficas incorretas, que, consciente ou inconscientemente, ele havia aceitado como base de seus procedimentos indutivos. Ora, o psicólogo é um estudioso da natureza humana; e a natureza humana suscita uma série de problemas que exigem os esforços combinados do cientista e do filósofo, caso haja a pretensão de se alcançar soluções adequadas.

É difícil ver como o pesquisador pode evitar assumir alguma atitude filosófica clara acerca do sujeito científico que ele está a estudar. Neste caso, o sujeito é o homem, em relação ao qual não pode haver senão uma única atitude satisfatória, a saber, a posição que reconhece em todo ser humano, independentemente da raça ou da idade, uma criatura possuidora de alma e de corpo; uma entidade cósmica composta de espírito e matéria; um organismo vivificado por um princípio de vida racional; uma substância corpórea que não apenas vegeta, como as plantas, e sente, como os animais, mas que também — o que é ainda mais importante — reflete sobre sua própria natureza intelectual, e se eleva, por sua faculdade do amor divino, em direção a um Criador que é sumamente perfeito.

# Bibliografia

## I. Psicologia Filosófica:

### 1. Geral:

- a. UEBERWEG, Friedrich, *History of Philosophy* (trad.), Londres, Hodder and Stoughton, 1874, 2 vol.
- b. ERDMANN, Johannes Eduard, *History of Philosophy* (trad.), Londres, Macmillan, 1890, 3 vol.
- c. TURNER, William, *History of Philosophy*, Boston, Ginn, 1903.
- d. GILSON, Etienne, *The Unity of Philosophical Experience*, Nova Iorque, Scribner, 1941.

### 2. Antiga:

- a. ROBIN, Léon, *Greek Thought* (trad.), Nova Iorque, Knopf, 1928.
- b. JAEGER, Werner Wilhelm, *Paideia: The Ideals of Greek Culture* (trad.), Nova Iorque, Oxford, 1939.
- c. BURNET, John, *Early Greek Philosophy*, Londres, A. & C. Black, 1930, 4ª ed.

### 3. Medieval:

- a. DE WULF, Maurice, *History of Mediaeval Philosophy* (trad.), Nova Iorque, Longmans, 1935, 3ª ed. inglesa, 2 Vol.
- b. Gilson, Etienne, *The Spirit of Mediaeval Philosophy* (trad.), Nova Iorque, Scribner, 1940.

### 4. Moderna:

- a. HÖFFDING, Harald, *History of Modern Philosophy* (trad.), Londres, Macmillan, 1890, 2 vol.

## II. Psicologia Científica:

### 1. Geral:

- a. BORING, Edwin G., *A History of Experimental Psychology*, Nova Iorque, Appleton, 1929.
- b. MÜLLER-FREIENFELS, Richard, *The Evolution of Modern Psychology* (trad.), New Haven, Yale University Press, 1935.
- c. SPEARMAN, Charles, *Psychology Down the Ages*, Londres, Macmillan, 1937, 2 vol.

### 2. Especial:

- a. MURCHISON, Carl (ed.), *A Handbook of General Experimental Psychology*, Worcester, Mass., Clark University Press, 1934.
- b. GARRET, Henry E., *Great Experiments in Psychology*, Nova Iorque, Appleton, 1941.



*Editor:*

Ulisses Trevisan Palhavan

*Editor-assistente:*

Lucas Gurgel

*Tradução:*

Fabio Florence

*Revisão:*

Arthur Roriz

*Preparação de texto:*

Matheus Prado da Rocha

*Capa:*

Nelson Provazi

*Diagramação:*

Virgínia Morais

*Revisão de provas:*

Fabício Rodrigues Shammass de Mancilha

Helder Henrique Viana Santos Batista

Mariane Keiko Amano

*Conselho editorial:*

Adelice Godoy

César Kyn d'Ávila

Silvio Grimaldo de Camargo

*Versão digital:*

Érico Dorea

---

A história da psicologia: uma leitura tomista

Robert Edward Brennan, O.P.

1ª edição — agosto de 2025 — CEDET

Título original: *The History of Psychology A Thomistic Reading*

Copyright © Dominican Province of St. Joseph

Grafia segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, adotado no Brasil em 2009.

Os direitos desta edição pertencem ao

CEDET — Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico

Av. Comendador Aladino Selmi, 4630,

Condomínio GR Campinas 2 — módulo 8

CEP: 13069-096 — Vila San Martin, Campinas (SP)

Telefones: (19) 3249-0580 / 3327-2257

e-mail: [livros@cedet.com.br](mailto:livros@cedet.com.br)

---

FICHA CATALOGRÁFICA

---

Brennan, Robert Edward, O.P.

História da psicologia: uma leitura tomista/ tradução de Fabio Florence — Campinas, SP:  
Editora Auster, 2025.

Dados eletrônicos (1 ePub).

Título original: *The History of Psychology A Thomistic Reading*

ISBN 978-65-5332-037-6

1. Psicologia religiosa 2. Filosofia e teoria da religião

I. Autor. II. Título.

CDD 200.19 / 210

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Psicologia religiosa — 200.19

2. Filosofia e teoria da religião — 210

---

AUSTER — [www.editoraauster.com.br](http://www.editoraauster.com.br)

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica, mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor.